

ARTHUR FORD



**O HOMEM QUE
FALAVA COM OS MORTOS**

Tradução: Amadeu António

ARTHUR FORD
O HOMEM QUE FALAVA COM OS MORTOS

por
ALLEN SPRAGGETT
com
WILLIAM V. RAUSCHER
1973

Fortes e doces serão as suas línguas, poemas
e matérias de poemas virão das suas
vidas, serão criadores e descobridores... transmissores divinos, para
transmitir evangelhos... A morte,
o futuro, a fé invisível, tudo será transmitido.

WALT WHITMAN
Médiuns

ÍNDICE

Prefácio do Autor	
Introdução, por William V. Rauscher	
• Um Enigma do Nosso Tempo	
• Os Médiuns Nascem — e Fazem-se	
• Recordar o Amanhã	
• «O Meu Nome é Fletcher»	
• Evangelista da Nova Revelação	
• O Evangelho do Espiritualismo	
• O Caso Houdini	
• Mentalistas e Médiuns	
• O Lado Negro da Lua, ou, Nunca um Médio Feliz	
• «Pergunto-me de Onde Veio Isto?»	
• O Caso do Bispo Pike	
• Crepúsculo de um Médium	
Epílogo	
Bibliografia Seleccionada	
Índice Remissivo	

PREFÁCIO DO AUTOR

Um livro, tal como uma pessoa, tem um momento de concepção, um período de gestação e um nascimento.

Este livro foi concebido, virtualmente, quando William Rauscher — que, no testamento de Arthur Ford, fora nomeado seu legatário literário — me pediu que escrevesse a biografia do maior médium da América.

O período de gestação foi passado a examinar centenas de documentos dos papéis pessoais de Ford — cartas, diários, relatórios médicos e álbuns de recortes repletos de notícias amareladas da imprensa, em várias línguas. Foram também analisadas as numerosas obras publicadas, incluindo as do próprio Ford, nas quais o médium era mencionado, quer de forma breve quer extensamente. E, finalmente, houve entrevistas com pessoas que tinham conhecido Ford, tanto as que o admiravam como algumas que eram menos entusiásticas.

Depois de todo este material ter sido peneirado, foi necessário moldá-lo num tecido literário que captasse, assim o esperamos, algo do carisma, da cor e da estranha qualidade contraditória deste homem notável, Arthur Ford.

Este livro não poderia ter sido escrito sem o meu amigo William Rauscher. Para além de ser responsável, como já sugeri, pelo próprio lançamento do projeto, reuniu a maior parte do material, forneceu pistas para entrevistas (e, em alguns casos, conduziu-as ele próprio) e, talvez o mais importante, emprestou-nos as suas valiosas perceções sobre a personalidade de Arthur Ford — perceções destiladas de quinze anos de amizade com o médium.

O meu colaborador e eu estamos gratos a todos aqueles que partilharam connosco material, memórias e impressões sobre Arthur Ford. E queremos também expressar o nosso apreço pelo trabalho da nossa editora, Katharine Kidde.

INTRODUÇÃO

ARTHUR FORD: UMA VISÃO PESSOAL

pelo

REV. CÓNEGO WILLIAM V. RAUSCHER

O Cónego Rauscher é Reitor da Igreja Episcopal de Cristo, em Woodbury, Nova Jérсия. Serviu em várias comissões da Diocese Episcopal de Nova Jérсия e é Cónego Honorário da Catedral da Santíssima Trindade, em Trenton. Antigo presidente da *Spiritual Frontiers Fellowship* (1957-1960), integrou também o seu conselho executivo e todas as suas principais comissões, sendo atualmente membro honorário vitalício. É membro das Sociedades Americana e Britânica de Investigação Psíquica e exerceu um ministério singular nos campos da religião e da parapsicologia.

Este livro é uma história de mistério. O mistério é Arthur Ford, e grande parte desse mistério desceu, sem solução, ao túmulo com ele. O enigma da sua estranha, carismática e contraditória personalidade nunca será totalmente desvendado.

Arthur Ford foi o ser humano mais enigmático que alguma vez conheci — ou que provavelmente virei a conhecer; de facto, que consigo imaginar conhecer. Era uma mistura quase incrível de céu e terra; um homem que vivia em dois mundos, mas que não se sentia em casa em nenhum deles. A única coisa que o torna credível é o facto de ele ter realmente existido.

Embora este livro trate da vida de um só homem, é, num sentido mais amplo, sobre todos os membros dessa fraternidade invulgar chamada «médiuns»; oferece visões fascinantes sobre a personalidade psíquica exemplificada pelo decano dos médiuns americanos.

Alguns que conheceram Arthur Ford dirão que este livro não deveria ter sido escrito, que revela demasiado. Outros agradecerão a existência de um documento humano honesto que lança luz sobre áreas da mediunidade até agora ocultas.

A intenção do livro não é defender nem, por outro lado, difamar, mas informar. Não é uma denúncia sensacionalista, mas uma exploração. A sua justificação para existir — se é que precisa de uma — é a de dizer a verdade.

Espera-se que este livro forneça alguns marcos orientadores para aqueles que procuram, ou virão a procurar, no mundo sombrio dos

fenómenos psíquicos. Foi durante a minha própria busca nesse mundo que conheci Arthur Ford, um entre numerosos psíquicos, médiuns, videntes, curadores e sensitivos que conheci. De todos eles, Ford foi simultaneamente o mais convincente e o mais desconcertante.

Um estudo de contrastes, era capaz de se elevar a alturas vertiginosas e de descer a profundidades abissais. Foi uma luz no caminho de muitos, mas parecia, ele próprio, frequentemente perdido num limbo pessoal.

Gracioso e rude, bondoso e amargo, gentil e áspero, encantador e chocante — ele era tudo isto. Acima de tudo, era perturbador.

Nestas páginas, creio eu, o leitor sensível e perspicaz descobrirá um ser humano notável e inesquecível, cuja tragédia residu no facto de a sua força não ter sido proporcional à responsabilidade que lhe foi imposta pelos seus dons extraordinários.

Este livro não pretende avaliar todas as sessões, *séances*, leituras e demonstrações que Arthur Ford realizou ao longo da sua vida — isso é manifestamente impossível. Em última análise, cada pessoa que conheceu Ford terá de o avaliar à luz da sua própria experiência; este livro fornecerá elementos de compreensão que ajudem a alcançar um juízo equilibrado. Aqueles que não conheceram Ford pessoalmente encontrarão nestas páginas o suficiente do homem, provas suficientes, pelo menos, para compreender as dimensões do enigma que ele representa.

Em conclusão, um juízo pessoal: se, depois de ler este livro, com o seu retrato honesto das luzes e sombras da vida deste homem, a sua investigação da identidade de «Fletcher», o seu equilíbrio entre acertos e falhas clarividentes, a sua descrição de méritos e deméritos pessoais — se, depois de tudo isto, me perguntassem:

«Acredita que Arthur Ford falava com os mortos?»

a minha resposta seria: sim.

UM ENIGMA DO NOSSO TEMPO

... uma das figuras mais enigmáticas do nosso tempo [foi]
o Rev. Arthur Ford.

William Lindsay Gresham,
biógrafo de Houdini

Arthur Ford era verdadeiramente espantoso.

Edgar Mitchell, astronauta da Apollo 14

A minha anedota pessoal favorita sobre Arthur Ford remonta a 1967, quando atuei como empresário da primeira tentativa de contactar os mortos na televisão em horário nobre — a agora célebre *séance* televisiva em que o falecido bispo James Pike afirmou acreditar ter falado, através de Ford, com o seu filho falecido.

Algumas noites antes de gravarmos essa memorável *séance* em Toronto, a minha mulher e eu fomos ao Hotel Park Plaza, onde Ford estava hospedado, para o levar a jantar. Ao sairmos do hotel no momento em que chegávamos, cruzámo-nos com a comitiva do rei Constantino da Grécia e da sua rainha, que se encontravam numa visita oficial à cidade.

Quando encontrámos Arthur, disse-lhe em tom de brincadeira:
— Devíamos ter convidado o rei para uma *séance*.

— Sim — concordou ele, acendendo um charuto. — Conheci muito bem o tio dele.

Não estava a brincar. Durante a década de 1930, quando a monarquia grega alternava entre restaurações e exílios, Arthur Ford realizou várias *séances* em Londres para Jorge, o rei no exílio.

Como clarividente da alta sociedade, equivalente moderno do astrólogo das cortes renascentistas, não se via alguém como Ford desde D. D. Home, o feiticeiro elegante de há um século, que evocava os mortos em algumas das salas mais requintadas da Europa, incluindo as das cortes francesa e russa.

Ao longo da sua carreira mediúnica de mais de quarenta anos, Arthur Ford — um «cavalheiro sulista de maneiras requintadas», como o descreveu William Lindsay Gresham, biógrafo de Houdini — conviveu com os grandes e os quase grandes.

A rainha Maud da Noruega ficou tão encantada com os transe de Ford que lhe ofereceu um sinete de diamantes, o qual ele deu à sua segunda mulher como presente de casamento.

Aldous Huxley, literato e apreciador do insólito, que já tinha visto tudo, enviou ao médium uma nota manuscrita depois de uma *séance* realizada na sua casa em Hollywood:

«A minha profunda gratidão por uma das noites mais esclarecedoras da minha vida.»

William McDougall, o distinto psicólogo então em Harvard, após uma sessão com Ford, declarou solenemente:

«Ele possui poderes supranormais.»

Upton Sinclair, o reformador social combativo e romancista vencedor do Prémio Pulitzer, chegou a grandes cuidados para manter secretas as identidades dos participantes que convidara para uma *séance* em sua casa, em Pasadena; ainda assim, Ford forneceu-lhes uma sucessão de mensagens dramaticamente evidenciais, repletas de pormenores pessoais.

Até ao fim da sua vida, Ford foi procurado pelos ricos, pelos famosos e pelos poderosos. As últimas sessões de transe que realizou — enquanto sofria intensamente de doença cardíaca, pouco antes da sua morte, em Janeiro de 1971 — foram para o senador Mendel Rivers e para o astronauta da Apollo 14, Edgar Mitchell, que pouco depois pisaria a Lua.

Sobre o seu convívio com celebridades, mais frequentemente quando estava fora, e não em transe, Ford gracejou:

«Já dormi para algumas das melhores pessoas.»

Houve um tempo em que considerei que a observação de William Lindsay Gresham, ao classificar Arthur Ford como «uma das figuras mais enigmáticas do nosso tempo», era um exagero. Se tivesse dito uma das mais enigmáticas no submundo do Espiritualismo, tudo bem; mas não seria um pouco — bem, melodramático — chamar a um médium, por mais notável que fosse, um dos enigmas de uma geração? Como se alguém fora do pequeno e fechado mundo do oculto estivesse realmente interessado.

Mas estavam interessados, como o demonstra a enorme explosão popular do oculto — estudantes universitários a consultar o *I Ching* para adivinhar o futuro, a meditação a substituir o LSD como via para o êxtase, e motivos astrológicos a surgirem em tudo, desde joalheria e vestuário até ao

design automóvel. O jovem de hoje identifica-se mais facilmente com um psíquico do que com um jogador de basebol, um herói de guerra ou mesmo com o ocupante da Casa Branca.

E, desde que comecei este livro e fui descobrindo mais sobre as verdadeiras dimensões deste homem, Ford, inclino-me a pensar que Gresham não exagerava.

Arthur Ford foi um ser humano extraordinário, sob qualquer perspectiva, e foi um enigma — tanto para aqueles que o conheceram (ou pensaram que o conheciam) como para os que apenas tiveram contacto com ele através de livros, reportagens de jornal ou *séances* televisivas.

Este livro não penetra completamente o mistério de Arthur Ford; de certo modo, aprofunda-o ainda mais. À medida que a minha investigação esclareceu certos aspetos desta personalidade complexa e multifacetada, lançou simultaneamente outros em sombras mais densas.

Seria ele realmente possuidor de poderes insondáveis? Ou seria um impostor, um mágico ou um mentalista — mais brilhante e mais encantador do que a maioria?

Há quem diga que Ford foi um impostor — o mais engenhoso e bem-sucedido poseur ocultista desde Madame Blavatsky. E poderão encontrar neste livro alguma confirmação das suas suspeitas. No entanto, Arthur Ford enfrentou diretamente essa acusação, desafiou Howard Thurston, então o decano dos mágicos americanos, para um debate público, e saiu vencedor incontestado, chegando mesmo a levar um Thurston já mais cauteloso a fazer uma confissão qualificada de fé no Espiritualismo.

No *Brooklyn Daily Eagle*, de 1 de Abril de 1931, John J. O'Neill (que viria mais tarde a tornar-se editor científico do *New York Herald Tribune* e vencedor de dois Prémios Pulitzer) descreveu uma atuação de Arthur Ford do tipo que lhe granjeou a reputação de médium admirado até pelos céticos profissionais:

Há, atualmente, uma coisa em comum entre as reuniões espiritualistas e os grandes êxitos dos teatros da Broadway: ambos estão a atrair salas cheias.

Arthur Ford, o médium de renome internacional, ao falar ontem à noite no Grande Salão do Hotel St. George, levou à colocação do aviso «Lugares apenas em pé» no corredor.

Depois de citar excertos da conferência de Ford («O Espiritualismo é uma força que cresce a proporções tão enormes que está quase a sair do controlo...»), O'Neill descreveu leituras clarividentes feitas pelo médium a cerca de trinta pessoas, numa audiência de aproximadamente mil.

O Sr. Ford forneceu nomes, datas e acontecimentos específicos da história familiar.

Uma das leituras foi feita a um homem casado três vezes. Toda a sua história conjugal foi revelada. Uma das esposas divorciara-se dele. O Sr. Ford disse-lhe que ambas as esposas falecidas eram amigas do outro lado, que pareciam dar as mãos e anunciar que o estavam a ajudar.

Um homem escolhido no fundo da sala foi informado de que era jornalista e de que fora enviado pelo seu editor para ridicularizar a reunião. Foram revelados todos os pormenores de como recebera a tarefa, seguindo-se uma descrição muito extensa da sua história familiar, incluindo uma lista com nomes e datas de familiares falecidos e as circunstâncias das suas mortes.

Embora o Sr. O'Neill não o tenha afirmado, suspeita-se que esse jornalista pudesse ser o próprio O'Neill. Se assim foi, não foi o primeiro jornalista a ver o seu ceticismo profissional abalado por Arthur Ford.

Outro jornalista que ficou profundamente abalado ao tornar-se destinatário de uma mensagem altamente pessoal de Ford foi **Joseph Carlton Beal**, membro da redação do *Boston Transcript* e autor do romance *Romances of Matilda*, que continha um ataque satírico ao Espiritualismo. Beal já tivera experiências com médiuns antes de conhecer Ford, todas elas insatisfatórias.

Durante a demonstração, Ford escolheu Beal — a quem nunca tinha conhecido — de entre uma audiência de várias centenas de pessoas e disse que tinha uma mensagem do pai do cavalheiro. A mensagem foi tão explícita quanto possível. O médium afirmou que o pai falava de uma carta que escrevera ao filho quando este era ainda um rapaz e citou dela estas três linhas:

«Deus abençoe o teu pequeno coração. Envio-te um milhão de XXXXX. Com amor para o meu rapaz. Pai.»

Surpreendido, Beal corou e recusou reconhecer perante o médium que a mensagem fosse probatória. Ford não insistiu, limitando-se a dizer-lhe que «confirmasse» — a sua resposta habitual nestas circunstâncias.

Beal procurou a carta do pai, que julgava ter sido destruída, e, quando a encontrou, ficou espantado. As três últimas linhas e a palavra final, «Pai», eram exatamente como Arthur Ford as tinha transmitido.

Embora, segundo afirmou, deplorasse a publicidade pessoal, Beal escreveu a seguinte carta:

4 de Fevereiro de 1929

19 Hemenway Street
Boston, Massachusetts

Sr. Arthur Ford
205 West 57th Street
Nova Iorque, Nova Iorque

Caro Sr. Ford,

A sua mensagem no domingo à noite, no Jordan Hall, em Boston, não foi apenas surpreendente — foi inquietantemente extraordinária! A informação que forneceu era conhecida apenas por mim e pelo meu pai falecido.

Como sabe pela minha atitude na sessão, não sou espiritualista nem jamais o serei. Foi até com prazer que escrevi um capítulo do meu livro em que trato o Espiritualismo de forma leve e o ridicularizo; contudo, acredito que, se me tivesse dado esta informação antes da publicação de *Romances of Matilda*, o capítulo sobre o Espiritualismo teria sido bastante diferente.

O facto de não ter tentado fazer de mim uma exibição pública, nem de ter divulgado a história à imprensa, é para mim prova da sua sinceridade.

Com os melhores cumprimentos,

Joseph Carlton Beal²

Ford cativava audiências — que, mais vezes do que não, incluíam representantes da imprensa — em muitos países. Em toda a parte, as suas capacidades extraordinárias frequentemente desarmavam o cético.

Durante a primeira visita de Ford a Inglaterra, quando tinha apenas trinta e um anos, um repórter de um jornal suburbano de Londres, seguramente com o nome mais comprido do género — *Hendon, Cricklewood*,

Golders Green, Mill Hill, Edgware & Hampstead Gazette — descreveu a inexplicável atuação do jovem médium americano:

Uma extraordinária demonstração de clariaudiência foi apresentada pelo Rev. Arthur Ford, que explicou ser um médium capaz de ouvir mensagens dos espíritos, embora não os pudesse ver. As condições, acrescentou, eram difíceis, pois a audiência era presumivelmente composta por não espiritualistas, e apenas um médium «falso» poderia garantir resultados todas as vezes.

Pode, no entanto, afirmar-se com segurança que, dadas as circunstâncias, os resultados obtidos foram espantosos. As luzes foram parcialmente reduzidas e o público permaneceu em silêncio reverente enquanto o Sr. Ford, um cavalheiro de voz agradável, falando em tom de conversa, identificava corretamente completos desconhecidos e lhes transmitia mensagens do além.

«Recebo o nome Julia Melliss», disse o médium (uma senhora da audiência respondeu a esse nome). «O seu pai, George, que morreu em Itália, envia-lhe o seu amor. Também um irmão, Harry, uma prima, Marguerite, e uma tia Eliza, que faleceu a 22 de Janeiro.»

Todos estes pormenores foram reconhecidos como perfeitamente corretos.

Foram apresentados outros casos notáveis, com apenas uma falha aparente. Talvez o mais surpreendente tenha sido a mensagem final, em que um cavalheiro chamado Noel Reiton recebeu cumprimentos da sua mãe e do seu pai falecidos, cujos nomes, bem como os de outros familiares e amigos, foram corretamente indicados.

A Sra. St. Clair Stobart [uma dirigente espiritualista britânica] salientou que o Sr. Ford era um visitante da América e não conhecia uma única pessoa da audiência.³

Nestas demonstrações públicas de clarividência, Arthur Ford debulhava nomes e datas com tal rapidez e em tal abundância que parecia estar a ler obituários. Foi precisamente disso que certos cétricos o acusaram. Algumas mensagens, contudo, como a dirigida a Joseph Carlton Beal, pareciam ir de forma convincente muito além do que qualquer obituário poderia fornecer. Muitas vezes, repórteres habitualmente críticos eram levados à beira da crença, pelo menos momentaneamente, pela qualidade verdadeiramente

virtuosa das atuações de Ford. (Um admirador apelidou-o de «Arturo» — o maestro dos médiuns.)

Um repórter do *London Daily Express*, que assistiu a uma das demonstrações públicas de Ford em Junho de 1928, ficou claramente impressionado:

Qualquer pessoa que fosse capaz de fazer o que o Sr. Arthur Ford, o médium americano, fez no Queen's Hall perante uma audiência de quase três mil pessoas, faria uma fortuna nos music-halls...

O Sr. Ford é um americano lúcido e pragmático, sem nada de sinistro. De pé no palco do Queen's Hall, disse a quase vinte desconhecidos na audiência que tinha mensagens para eles. Em seguida, sem um momento de hesitação, forneceu os nomes exatos — próprios e apelidos — tanto dos destinatários vivos das mensagens como daqueles que tinham falecido e as estavam a enviar.

A uma mulher, viúva de um coronel que servira na Índia, foram ditos os nomes de dois criados nativos mortos há muito, bem como o de outro homem — Terence O'Brian — que o marido conhecera e que fora morto na fronteira noroeste na mesma altura que um desses indianos.

A idade não diminuiu o poder hipnotizante de Ford nas atuações públicas. Em Junho de 1938, dez anos depois de o relato acima ter sido escrito, outro repórter do *Daily Express* cobriu uma demonstração do famoso médium americano no Grosvenor Hall, em Londres.

«Alguém aproxima-se agora com muito amor», disse o médium a certa altura. «O nome dela é Eliza Tompkins. Está preocupada com Sylvia...»

A mensagem foi imediatamente reconhecida por uma mulher, a quem foi então dito que Eliza Tompkins era a sua avó. A mulher confirmou que assim era. O médium pareceu então perplexo.

«Ela diz-me que Sylvia recebeu o nome do pai dela», afirmou. «Como pode isso ser?»

A questão ficou esclarecida quando a destinatária respondeu: — «O nome dele era Sylvane.»

Seguidamente, a mulher foi informada da presença da sua mãe, que, segundo o médium, falecera após uma doença prolongada.

«Continuo a ouvir o nome Lilly», disse Ford.

— «Esse é o meu nome», respondeu a mulher.

«Agora, há aqui alguém que chegou há pouco tempo», prosseguiu o médium. «É um homem pomposo mas bondoso. É seu irmão — embora eu não devesse dizer que o seu irmão era pomposo. De qualquer modo, era autoritário. Não era general?»

— «Sim», foi a resposta.

— «Pois bem», declarou o médium, «tem o aspeto típico de um oficial britânico reformado.»

— «Sim, isso é absolutamente verdade», veio a resposta imediata.

Ford estava longe de ser contido no palco; havia nele um vigor pouco comum, até uma vivacidade, que cativava as audiências. Ao relatar uma sessão com dois mil participantes no Queen's Hall, em Londres, a 9 de Junho de 1930, um jornalista do *Daily Herald* quase entrou em êxtase:

O Sr. Ford, um espiritualista elegante e bem-humorado, vestindo um *smoking* de corte soberbo, limitava-se a percorrer o palco e, numa espécie de comentário contínuo, pontuado por apartes humorísticos, assegurava à audiência que conseguia ver e ouvir espíritos por todo o palco bem iluminado, todos com diversas mensagens para os membros do público. O seu sucesso foi espantoso. Bastava ao Sr. Ford mencionar um nome para que uma mão se erguesse na audiência e alguém pedisse avidamente mais pormenores...

Arthur Ford não foi recebido de forma unanimemente simpática por todas as audiências. Por vezes, deparava-se com cétricos hostis que apenas admitiam, a contragosto ou nem isso, que uma mensagem lhes dissesse respeito, ou que, ocasionalmente, tentavam enganá-lo. Um incidente desse tipo, ocorrido numa reunião pública em Milwaukee em 1930, foi noticiado pela imprensa local:

Os aplausos ao médium e os apupos abafados dirigidos a um membro da audiência que aparentemente tentou enganá-lo quase afastaram os espíritos na noite passada...

Entre os envelopes selados que o Sr. Ford retirou de um monte sobre a mesa à sua frente encontrava-se um que tinha apenas uma morada escrita.

«Estou a receber uma mensagem relacionada com este envelope e o nome do espírito soa-me a Jane — Jane Schulz. Isso significa alguma coisa

para si?», perguntou ao homem que identificara o envelope como sendo o que enviara para o palco.

— «Não», foi a resposta.

Mais duas vezes o Sr. Ford tentou, e o espírito, segundo afirmou, deu-lhe o mesmo nome, explicando que tinha sido encurvada e sofrera grandes dores físicas durante os últimos dez anos da sua vida material.

«Isso não significa nada para si?», voltou o Sr. Ford a perguntar.

O homem a quem a mensagem se destinava desta vez acabou por admitir que Jane Schulz era sua mãe e que ela fora inválida. Foi então que a multidão, de cerca de 900 pessoas, manifestou a sua indignação contra o Sr. Schulz e tentou aplaudir o Sr. Ford.

Arthur Ford fazia coisas espantosas não só quando estava acordado, mas também quando dormia. De facto, dizia-se que, em transe, era ainda mais inquietantemente extraordinário.

Em 16 de Julho de 1930, Upton Sinclair assistiu a uma sessão em transe com Arthur Ford na *People's Spiritualist Church* de Los Angeles. Acompanhavam-no a sua mulher e o Professor William McDougall, de Harvard, o conhecido psicólogo e, por assim dizer, «avô» da parapsicologia. (Foi ele quem contratou e incentivou J. B. Rhine nas suas experiências pioneiras sobre percepção extrassensorial na Universidade de Duke.)

Sinclair levou consigo cinco cartas do seu arquivo, escritas por pessoas que já não estavam no plano terrestre. Uma delas era de Jack London, o romancista. Cada carta foi embrulhada numa folha grande de papel verde e selada num envelope de papel pardo.

Depois de algumas amabilidades iniciais, Ford atou um lenço de seda preta à volta dos olhos («Não consigo fazê-lo a menos que seja seda *Liberty*», costumava gracejar), respirou de forma pesada e ritmada durante alguns minutos e pareceu entrar em transe.

Fletcher, o «controlo» de Ford — a personalidade de transe que habitualmente se manifestava através do médium — falou e transmitiu a Sinclair e a McDougall mensagens que, supostamente, provinham de familiares falecidos.

Depois, Fletcher disse a Sinclair: «Está aqui uma pessoa que conheceu em vida — John, chamado Jack. Fala de escrita. O nome dele é London... diz que tem uma carta dele. É verdade?»

Para Sinclair, isto foi impressionante. Como é que o médium adivinhou — se foi adivinhação — que ele trazia consigo uma carta de London? É certo que tinha cinco envelopes, mas podiam conter qualquer coisa.

O comunicante, supostamente Jack London, continuou a dizer, através de Fletcher, que a carta específica que Sinclair trouxera era «um bilhete curto, um plano inacabado, um bilhete de circunstância, percebe, a agradecer-lhe».

A carta, de facto, continha um pedido de desculpa por não escrever, devido a doença, e dizia que London tinha encontrado um exemplar de um novo romance de Sinclair e que nisso tinha tido «sorte».

Fletcher disse então: «Há qualquer coisa sobre a squaw do Jack. Não consigo perceber. Quer ele chamar squaw à esposa? É estranho chamar isso à sua mulher. Não, não é isso. Ela usa algo apertado à volta da cabeça.»

Este pormenor não significou nada para Upton Sinclair, embora conhecesse a viúva de London. Ainda assim, escreveu-lhe a perguntar se a referência à *squaw* e a menção de ela usar algo apertado na cabeça faziam algum sentido. Ela respondeu que: «Durante a vida do Jack eu, sempre, ou quase sempre, enrolava o meu cabelo comprido à volta do crânio e prendia-o com uma faixa apertada de alguma cor que combinasse com a minha roupa... Essa faixa, como se chamava, era tão característica em mim como o meu nariz arrebitado. O Jack gostava das minhas faixas.»

Os fragmentos citados misturavam-se com muitas outras mensagens de Fletcher. Por triviais que alguns pormenores fossem, a questão para Upton Sinclair era: como é que Arthur Ford, ou Fletcher, soube da carta de Jack London e do estilo de cabelo idiossincrático da viúva de London?⁴

Arthur Ford teve boa cobertura na imprensa desde o início da sua carreira pública — muito mais do que qualquer outro médium da sua época — mas houve dois picos de publicidade. O primeiro ocorreu em 1929, quando Ford decifrou a mensagem codificada póstuma de Houdini, convencendo a sua viúva, Beatrice — pelo menos temporariamente — de que o famoso mágico, escapista e desmascarador de médiuns fraudulentos (e também de alguns genuínos, segundo os seus detratores) cumprira a promessa feita no leito de morte de a contactar do além. (O caso Houdini, que gerou enorme

controvérsia e continua a crepitar ainda hoje, é tratado com maior detalhe no Capítulo Sete.)

O segundo momento alto de publicidade na colorida e curiosa carreira de Ford deu-se quando ele atuou como médium na *séance* televisiva com o bispo James Pike e, desse modo, ajudou a desencadear mais uma controvérsia. (O caso Pike é retomado, com novos elementos relevantes para a questão de onde Ford obtinha as suas mensagens, no Capítulo Onze.)

Algumas das proezas mais impressionantes de Arthur Ford não foram realizadas para pessoas famosas, mas para pessoas comuns. Embora muitas destas histórias nunca tenham sido resgatadas do esquecimento, aqui fica um relato que veio à luz.

Diga-se, antes de mais, que, como apreciador do insólito, tive numerosas experiências pessoais com médiuns, videntes, profetas, observadores de bolas de cristal, quiromantes, leitores de chá e de cartas de Tarot e, na verdade, quase todas as formas de oráculo; e considero este feito particular de Arthur Ford uma das atuações psíquicas genuinamente mais espantosas que encontrei. Alguns leitores, francamente, ficarão incrédulos. Pela minha parte, o testemunho do homem a quem aconteceu e o de outras duas testemunhas é convincente.

Clement Tamburrino é natural da Filadélfia — do mesmo bairro do sul da cidade de Mario Lanza — e queria ser cantor de ópera. A doença e outras circunstâncias obrigaram-no a desistir desse objetivo. Atualmente trabalha, e há vários anos, como guarda num camião blindado de transporte bancário.

Tamburrino conheceu Arthur Ford em 1961, quando o procurou para uma sessão, na esperança de obter ajuda para um problema de costas que, apesar de tratamentos médicos, o mantivera afastado do trabalho durante dois anos. Através de Ford, diz Tamburrino, foi a um curador psíquico e o problema de costas resolveu-se.

Em sinal de gratidão, Clem Tamburrino tornou-se amigo fiel de Ford, seu companheiro sempre que necessário e, em mais do que uma ocasião, seu enfermeiro. Embora o admirasse — até o reverenciasse — como grande psíquico, Tamburrino conhecia também, possivelmente melhor do que qualquer outra pessoa, o lado negro da lua do médium. Estes aspetos da sua personalidade complexa e incrivelmente convoluta são explorados em capítulos posteriores deste livro. Basta dizer aqui que Tamburrino

permaneceu ao lado de Arthur Ford através de tempestades pessoais, bebedeiras, crises alternadas de euforia maníaca e desespero profundo, e doenças físicas catastróficas.

Um dia, alguns meses depois de ter começado a amizade com Ford, Clem Tamburrino teve uma sessão com Fletcher que se revelou uma das mais extraordinárias nos anais da investigação psíquica. Ele descreveu-me.

«De repente o Fletcher disse-me: “Você não tem dinheiro.”

E eu disse: “Não, não tenho. Não tenho trabalhado há algum tempo.”

E ele disse: “Então vou dar-lhe um número para jogar.”

Bem, fiquei sem reação. Eu não jogo no jogo dos números. Nunca apostei num cavalo na minha vida. Não jogo. Nem sequer jogo póquer. Não é a minha praia.

Mas o Fletcher deu-me um número para jogar no jogo dos números. Era o 217. E disse: “Aposte forte.”

Bem, eu não sabia o que ele queria dizer com “forte”, por isso decidi pôr quinze dólares nesse número. O Fletcher disse para jogar o número ao sábado.

Eu não jogo, como disse, por isso dei o número ao meu irmão. Disse-lhe: “Mete isto.”

Então ele, o meu irmão Sam, disse: “Quinze dólares. Estás maluco. Nunca jogaste um número na tua vida.”

Veja, a maior parte das pessoas joga um dólar ou dois nos números. Alguns cinco. Alguns malucos dez. E eu ia pôr quinze e não tenho dinheiro nenhum.

Então o Sam diz-me: “Mas que raio, estás doido? Tu não percebes nada disto dos números. Porque é que queres jogar?”

E eu disse: “Tenho só a sensação de que devo jogar esse número.”

Ele disse: “Bem, o dinheiro é teu. Se o queres deitar fora, força. Esse número não vale nada.”

Então, no sábado à tarde, fui para cima para fazer uma sesta. E o homem que escreve os números telefona e diz ao meu irmão: “Tem o primeiro número.”

O meu irmão Sam conta ao meu outro irmão, Frank, e eles concordam que isto já parece melhor. Pelo menos já tenho o primeiro número. Talvez tenha sorte de principiante.

Cerca de uma hora depois, o homem dos números telefona outra vez e diz ao Sam: “Tem o segundo número.” Entretanto o meu irmão Tony já lá estava e havia uma grande eletricidade em casa.

Então o Sam sobe as escadas e diz: “Estás a dormir? Como é que consegues dormir numa altura destas? Tens os dois primeiros números.”

Eu disse: “Chama-me quando vier o terceiro; eu vou ganhar”, e virei-me para voltar a dormir.

A essa altura, acho que o Sam já começava a acreditar que eu talvez fosse mesmo ganhar. Então disse-me: “Tu tens mesmo a certeza?” Eu disse: “Ah, sim. Não há dúvida.”

Ele ficou só a olhar para mim e depois desceu. Eu ouvia-o a dizer ao Frank e ao Tony: “Meu Deus, ele nem sequer está excitado com isto.”

Bem, sabe, por volta das cinco ou cinco e meia, o homem dos números telefonou e disse que eu tinha ganho.

E então os meus irmãos queriam saber: como é que eu tinha feito aquilo? Como era possível para alguém que nunca tinha jogado na vida? Eles sabiam que eu ia ver o Ford e que ele era meio maluco e falava com um fantasma, sabe, e disseram: “Vá lá, de onde é que sacaste o número?” E eu contei-lhes.»

Clem Tamburrino recusou especificar a quantia que ganhou, mas foi substancial. Estava agora muito grato a Fletcher e a Arthur Ford e queria expressar o seu agradecimento de alguma forma tangível.

«Então, na sessão seguinte que tive com o Fletcher, disse-lhe: “Quero fazer alguma coisa pelo Arthur. Vou comprar-lhe um casaco.” E o Fletcher disse: “Não. Não tem de comprar um casaco ao Ford. Ele não precisa. Ele tem um casaco. E tem dinheiro suficiente para comprar o seu próprio casaco.” E depois o Fletcher disse: “Além disso, ele não lhe deu o número. Fui eu.”»

Arthur Ford merece uma biografia porque, para além de ser uma figura fascinante e quase fantástica, as suas experiências — e as alegações feitas

por ele e sobre ele — levantam questões que tocam os temas mais profundos da vida e da morte.

Se, como numerosos testemunhos credíveis atestam, este homem conseguia colocar-se num estranho estado semelhante ao sono, uma espécie de morte temporária, e vaguear livremente na mente, sem o peso do corpo, colhendo factos de forma não normal aqui e ali, deste recanto ou daquela fresta, daquele canto obscuro, deste livro esquecido, daquele manuscrito enterrado; e se se admitir sequer a possibilidade de que, por vezes, fez mais do que isso — que, talvez, fosse capaz de falar com os mortos — então merece ser observado com grande atenção.

O Arthur Ford que emerge da minha investigação era um ser humano carismático e quimérico. Em certos estados de espírito, parecia mais Cagliostro do que cristão, mais um aventureiro psíquico do que um missionário. Noutros, era invulgarmente sábio acerca da condição humana, incluindo a sua própria, e tinha um olhar implacável, embora compassivo, para as fragilidades e tolices da humanidade.

Muitas pessoas sofisticadas consideravam Arthur Ford uma das figuras mais notáveis e, no essencial, mais espiritualmente perspicazes da sua geração. Inscrevia-se na tradição dos grandes videntes; havia nele uma aura, uma mística de génio.

Ford era um homem atormentado, um homem solitário, um indivíduo complexo e assombrado que, por vezes, parecia tão às escuras acerca de si mesmo e dos seus poderes verdadeiramente insondáveis como os outros. Havia, como alguém que o conhecia bem disse, algo nele de anjo meio caído.

Ford era um homem deste mundo e do próximo: um cosmopolita, um *bon vivant* que saboreava os prazeres dos sentidos tanto quanto os do espírito.

Era um contador de histórias maravilhoso — a maior parte demasiado tresloucadas para não serem verdade — mas algumas esticadas para além da realidade pelo seu desejo, demasiado humano, de rearrumar a própria vida de modo a que as coisas tivessem acontecido como ele gostaria que tivessem acontecido.

Se era um impostor, como alguns sustentam, era seguramente um dos maiores (e isso, por si só, já é motivo de fama) — um mestre do prodígio e da

ilusão que fazia as pessoas, até as mais astutas, ver o que ele queria que vissem e ouvir o que ele queria que ouvissem.

Mas Arthur Ford insistia que era mais do que um prestidigitador da mente; mais, até, do que um homem dotado de uma percepção extrassensorial deslumbrante. Sustentou com firmeza que, apesar de todas as suas falhas e loucuras, do seu tumulto interior, das suas perguntas sem resposta e das suas dúvidas não resolvidas, ele realmente conseguia falar com os mortos.

Talvez conseguisse. Cabe ao leitor decidir por si. As provas estão neste livro.

Este livro não pretende sepultar Arthur Ford, nem elogiá-lo, mas tentar lançar alguma luz sobre ele.

Ou, pelo menos, mostrá-lo tal como era.

OS MÉDIUNS NASCEM — E FAZEM-SE

O tempo, o lugar e a ação podem, com esforço, ser construídos; mas o génio tem de nascer e nunca pode ser ensinado.

Dryden

As alegrias fecundam; as dores dão à luz.

William Blake,

Provérbios do Céu e do Inferno

Arthur Augustus Ford, destinado a tornar-se o médium mais célebre do seu tempo, nasceu a 8 de Janeiro de 1897, em Titusville, Flórida (população: trezentos), às 10h30, hora local.

Não há registos de que um cometa tenha riscado o céu nessa manhã, mas o horóscopo de Ford — que ele guardava entre os seus papéis pessoais — mostra que o futuro médium célebre tinha o Sol em Capricórnio, Ascendente em Peixes e a Lua em Peixes. (Estas três características são os principais «pontos de poder» num mapa, segundo muitos astrólogos.)

Segundo a hipótese da «hereditariedade planetária» do cosmobiólogo francês Michel Gauquelin, a profissão de uma pessoa está estatisticamente correlacionada com o planeta — Marte, Júpiter, Saturno, Vénus ou a Lua (aqui considerada um planeta) — que estava a nascer no céu no momento do

nascimento.¹ No caso de Arthur Ford, era a Lua que se erguia, ou pairava sobre o horizonte oriental, e Gauquelin diz que isso aponta para o sacerdócio ou o ministério como profissão mais provável.²

¹ Michel Gauquelin, *Cosmic Clocks*. Chicago e Nova Iorque: Henry Regnery Co., 1967.

² Michel Gauquelin, *The Scientific Basis of Astrology*. Nova Iorque: Stein & Day, 1969.

Na realidade, Arthur Ford veio mesmo a tornar-se clérigo.

Uma astróloga minha conhecida, sem lhe ter sido dito de quem era o horóscopo que discutia, afirmou que o Ascendente em Peixes, como no mapa de Ford, «costuma indicar poderes psíquicos excepcionais. No entanto, a Lua em Peixes sugere autodestruição através desses mesmos poderes. Esta pessoa pode ser um queixoso crónico. O Sol em Capricórnio sugere que amigos importantes, pessoas proeminentes, podem desempenhar um papel importante na vida desta pessoa». (Quão pertinentes estes comentários são tornar-se-á evidente ao leitor, a seu tempo.)

A astróloga Joan Quigley diz ao indivíduo que, como Arthur Ford, tem a Lua em Peixes: «Tem inclinação para ser extraordinariamente psíquico... um visionário de primeira ordem.»³

(De acordo com a astróloga Melba Blanton, os psíquicos tendem a ter mapas dominados por Peixes: «Tanto Edgar Cayce como Croiset [o famoso “Profeta Adormecido” da América e um conhecido clarividente holandês contemporâneo, respetivamente] são piscianos pelo signo solar, além de terem outros planetas principais neste signo... Outro médium bem conhecido é fortemente Touro, mas com Ascendente em Peixes...».⁴)

A chegada de Arthur Ford ao plano terrestre, como os espiritualistas dizem, foi precedida pela de uma irmã, Annie, dois anos mais velha, e seguida pela chegada de outra irmã, Edith, e de um irmão, George.

A mãe de Ford, Henrietta Ford, de solteira Brown, era sulista de nascimento e criação, neta de um capitão do Exército Confederado. (Até ao fim da vida, Arthur Ford referia-se orgulhosamente a si próprio como um «Florida Cracker».)

Do lado do pai, Albert, Ford era de ascendência francesa; o seu trisavô chamava-se Guillame (William) Fordeaux. Este antepassado gaulês, segundo

notas nos papéis de Ford, nasceu em Versalhes e emigrou para os Estados Unidos, onde morreu em 1848.

Na sua autobiografia, *Nada Tão Estranho*,⁵ Ford afirmou que, durante a sua juventude, a história familiar paterna era obscura. Contudo, em 1937 — vinte anos antes de escrever a autobiografia — descrevera esse passado familiar nebuloso:

«Nunca vi o meu avô paterno. O meu próprio pai não se lembrava dele, porque, aos cinco anos, o meu pai ficou com a mãe e uma meia-irmã na Flórida, enquanto o meu avô tomou um navio à vela para Nova Iorque, para visitar a família. O navio perdeu-se numa tempestade e a minha avó soube que o marido estava entre os que se afogaram.

Tudo o que o meu pai sabia era que algures no Norte tinha parentes, mas nunca tentou localizá-los. O certo é que o meu avô não se perdeu e, mais tarde, regressou à Flórida para descobrir que a mulher e o filho tinham desaparecido. Nunca voltaram a encontrar-se.»

Ford dizia que o avô paterno, depois da busca infrutífera pela família na conturbada Flórida do período da Reconstrução, regressou a Nova Iorque, onde viveu até à proverbial idade avançada. Assim, as duas partes da família ficaram separadas.

Em anos posteriores, Ford contou como este capítulo obscuro da história familiar foi iluminado de forma curiosa:

«... Entrei numa reunião em Nova Iorque. A psíquica, em público, descreveu o meu pai e o meu avô e disse que eles usavam uma palavra que soava a “Neversink”. Isso não me dizia nada...
... alguns meses depois de receber esta mensagem, eu estava numa pequena cidade na parte ocidental do Estado de Nova Iorque e vi num letreiro as palavras: “Dez Milhas até NEVERSINK”.

Algo me impeliu a ir a essa localidade. Fui, e, ao chegar, perguntei se havia ali pessoas de apelido Ford. Disseram-me que havia uma senhora idosa, Lucy Hornbeck, cujo nome de solteira fora Ford. Fui visitá-la. Sem mencionar o meu nome, perguntei-lhe se alguma vez tivera um irmão. Ela respondeu: “Sim, tive um irmão chamado Albert Ford que morreu há cerca de trinta anos.” Perguntei se tinha uma fotografia dele. Ela mostrou-me então uma fotografia antiga dele com o meu pai e o meu avô — a mesma fotografia que o meu pai guardara como um tesouro durante toda a vida.»⁷

Esta é a história que Arthur Ford voltou a contar na sua autobiografia. O elemento de orientação espiritual era, naturalmente, muito adequado no caso de alguém destinado a tornar-se um grande psíquico.

³ Joan Quigley, *Astrology for Adults*. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1969.

⁴ Comunicação pessoal a Arthur Ford, Março de 1970.

⁵ Arthur Ford e Marguerite Marmon Bro, *Nada Tão Estranho*. Nova Iorque: Harper & Row, 1958.

⁷ Citado da revista australiana *Woman*, 22 de Abril de 19— (data incompleta no excerto fornecido).

No entanto, uma versão mais prosaica de como Ford encontrou os seus familiares há muito perdidos é sugerida por uma carta que escreveu à sua tia (a meia-irmã do pai), D. Florence Prevatt, de Seville, Flórida. Datada de 17 de Julho de 1925 e enviada de Port Jervis, Nova Iorque, a carta dizia:

«Lembrar-se-á de que, há vários anos, a meu pedido, me escreveu certas informações relativas à família do meu pai neste Estado. Nunca tive oportunidade de investigar o assunto, mas agora estou mesmo no local e estarei aqui durante mais dez dias. Se me escrever com o máximo de pormenor possível, prestando especial atenção aos detalhes do parágrafo seguinte, irei investigar e depois escrever-lhe os resultados.

Dê-me os nomes desses [familiares] aqui em cima, em Neversink. Por favor, não omita nenhum detalhe que ajude a estabelecer a identidade deles... É Neversink ou Neversink Flats de onde ele [o avô de Ford] vinha? Tenho ouvido falar de vários Hornbeck por aqui. Dê-me os nomes dos certos...»⁸

A tia de Ford respondeu, numa carta datada de 20 de Julho de 1925, que «o seu avô tinha uma irmã chamada D. Lucy J. Hornbeck». Deu informações sobre outros familiares e acrescentou que «viviam todos em Neversink Flats».⁷

⁷ *Woman*, 22 de Abril de 1937.

⁸ Papéis privados de Arthur Ford.

Os pais de Arthur Ford fixaram residência em Fort Pierce, Flórida, mas ele nasceu em Titusville porque a mãe estava então a viver com os seus pais. O pai de Ford, capitão de barco a vapor, passava longos períodos fora de casa, e a mãe não queria estar sozinha durante a gravidez.

Na sua autobiografia, Ford revelou pouco sobre os pais. O que escolheu mencionar pode ser significativo. Disse que a mãe era uma mulher bonita, vencedora «inadvertida» de um concurso de beleza à improvável idade de cinquenta anos (sem explicar melhor), e descreveu o pai como «um homem alto e de boa aparência».

Ford parece ter sido sempre muito consciente da aparência física. Era exigente com o seu próprio aspeto (exceto quando estava doente, física ou emocionalmente — algo que se tornou mais frequente com a idade) e tinha uma vaidade masculina viva. Contou a William Rauscher, num tom de satisfação pessoal divertida, que em jovem fora modelo vivo para artistas.

Os jornais dos primeiros anos da sua carreira pública referiam muitas vezes a sua boa figura, o seu porte cuidado e a roupa elegante. No *Cincinnati Post* de 21 de fevereiro de 1930, o escritor Foster Egner dizia: «Arthur Ford parece mais um modelo de publicidade de vestuário do que um médium. À primeira vista, dir-se-ia que ele e o presidente da câmara Jimmy Walker estão em competição para ver quem se veste com mais estilo.» Aos setenta anos, já com entradas e uma barriga considerável, Ford era sensível à idade e usava máscaras de lama no rosto.

Na autobiografia, Ford disse que o pai e o tio, **Arthur Brown**, editor do jornal local de Fort Pierce, lhe incutiram uma «dependência» vitalícia de livros. Ford era um homem culto, ainda que não propriamente bibliófilo, com uma biblioteca respeitável de cerca de três mil volumes, sobretudo sobre religião comparada, misticismo e investigação psíquica. Ao contrário do médium típico, cuja leitura séria tende a limitar-se a periódicos espiritualistas, Ford lia regularmente *Time*, *The Christian Century*, *The New York Times*, *Saturday Review*, *Playboy* e *The Atlantic*. A julgar pelos seus arquivos, recortava-os todos com zelo.

A maior realidade da infância de Arthur Ford foi a religião. A mãe, tal como ele a descreveu, devia ser excecionalmente batista, mesmo numa

sociedade em que ser batista era a norma. Apesar disso, o bebé Arthur foi «molhado», segundo o rito episcopal, como gesto para o pai, que aparentemente era um daqueles episcopalianos devotos mas não praticantes. Mal a água do batismo secou, porém, a mãe tratou de o levar para a verdadeira igreja.

Ford disse na sua autobiografia que, aos doze anos, já tocava piano com regularidade nas reuniões de jovens batistas. Um dia «converteu-se» — aparentemente sem as emoções cataclísmicas ou o sentimento de certeza interior normalmente associados a tal acontecimento — e foi batizado por imersão, segundo o costume, tornando-se um batista em pleno.

A partir daí, disse Ford, pareceu ficar mais ou menos entendido entre família e amigos que o púlpito era o seu destino — embora ele próprio tivesse algumas dúvidas.

A fé inocente do jovem crente estava diariamente em risco de se corromper. Apanhava heresias junto de colegas de escola católicos romanos que rezavam aos seus santos — um hábito que agradava a Arthur.

«Referiam-se a eles como se fossem personalidades vivas», anotou, «e muito úteis, além disso.»

Também lhe agradava a ideia do purgatório, que lhe parecia perfeitamente plausível: se não se era suficientemente bom para o céu nem suficientemente mau para o inferno (descrição em que o jovem batista vacilante, sem dúvida, se revia), ia-se para um lugar intermédio de onde, com alguma ajuda dos amigos — através de orações e esmolas — se acabava por chegar ao lugar cimeiro.

Anos depois, quando, como quase-papa do Espiritualismo americano, Ford respondia às investidas por vezes ferozes de críticos católicos, terá refletido com certa ironia sobre as diferenças pouco significativas entre católicos a invocarem os seus santos e espiritualistas a chamarem os seus «entes queridos angelicais».

Uma das famílias dos colegas católicos de Ford tinha como pai um barqueiro franco-canadiano que trabalhava numa estação da Guarda Costeira em Fort Pierce chamada House of Refuge. Muitos anos mais tarde, um membro dessa família — «um sujeito atarracado e ágil», da idade de Ford, que ele dizia nunca ter voltado a ver depois da infância — tornar-se-ia o seu companheiro mais íntimo, chegando mesmo a coabitar o mesmo corpo. Era

Fletcher, talvez o fantasma mais publicitado dos tempos modernos, que, sob um pseudónimo (para não perturbar familiares católicos que poderiam desaprovar tais tropelias póstumas), servia como personalidade de transe de Ford. Fletcher, segundo Ford, morreu em 1918 ao serviço do Exército Canadano. Contudo, esta versão autorizada das origens do seu amigo invisível e mentor — que Ford apresentou em *Nada Tão Estranho* — não foi a única que contou.

Vinte anos antes de publicar a autobiografia, Ford escrevera no semanário espiritualista londrino *Psychic News* (21 de outubro de 1934):

«Fletcher é o filho mais novo de uma família franco-canadiana abastada, residente no Quebec. Esta família costumava passar os invernos na Flórida, na mesma cidade onde eu cresci. Fletcher e eu fomos amigos e colegas de escola na infância.

Quando chegou a altura de entrar para a universidade, escolhemos a mesma. Ele inscreveu-se em Direito, enquanto eu entrei no curso clássico preparatório para o estudo da teologia... Fletcher e eu tornámo-nos membros da mesma fraternidade. No seu segundo ano, Fletcher morreu subitamente.»

Apesar — ou por causa — dos anátemas da mãe contra o romanismo (que ela juntava a esse outro grande flagelo da humanidade, o rum), o jovem batista Arthur praticava rezar pelos mortos.

Uma mulher da cidade suicidou-se — era muito popular entre as crianças por ser bonita e muitas vezes lhes comprar gelados, mas era malvista pelos mais velhos por não ir à igreja e, diziam as más-línguas, por gostar demasiado de homens — e o jovem Arthur rezou pelo seu repouso eterno.

«Lembro-me de me sentir confortado», disse, «muito mais em paz no meu mundo porque ainda a podia ajudar. Foi anos mais tarde que descobri as passagens na Bíblia que nos mandam rezar pelos mortos.»⁹

Na verdade, a única passagem bíblica que menciona, mas dificilmente prescreve, orações pelos mortos encontra-se nos livros deuterocanónicos, no Apócrifo:

«Porque, se ele não esperasse que os que tinham caído ressuscitariam, teria sido supérfluo e insensato rezar pelos mortos. Mas, se ele esperava a esplêndida recompensa reservada aos que adormecem na piedade, era um

pensamento santo e piedoso.»

— II Macabeus 12:44–45¹⁰

As heresias católicas não eram as únicas capazes de desviar o jovem crente do caminho reto da fé batista. Ford recordou que, aos quinze anos, encontrou um folheto unitarista intitulado *Evolution and Religion*, que o apresentou à ideia de que se podia ser bom cristão e, ainda assim, defender que Deus criara o mundo a prestações (como os cientistas vinham dizendo há anos) e não de uma só vez.

Ford escreveu ao editor do folheto, King's Chapel, um bastião do unitarismo em Boston, e passou a receber regularmente esse tipo de panfletos, que ele e o pai liam com culpa — com culpa porque, se a mãe lhes encontrasse o material, queimava-o de imediato.

Flertar com ideias perigosas acaba, mais cedo ou mais tarde, por conduzir a uma queda. Um dia, o jovem Ford foi chamado perante os diáconos e anciãos batistas e obrigado a prestar contas da sua fé — ou da falta dela. Terminada a inquirição, já não era batista. Fora lançado nas trevas exteriores — aos dezasseis anos. («Churched» é o termo que Ford usou para a excomunhão, mas certamente queria dizer “unchurched”.¹¹)

Embora o relato de Ford sobre a infância e a vida doméstica inicial seja muito esquemático, fica uma impressão nítida de matriarcado. Não há dúvida de que a mãe de Ford era uma mulher de pulso forte. Após a morte do pai de Arthur, entrou em negócios: comprava casas antigas, remodelava-as e vendia-as com lucro. Mais tarde, voltou a casar; o segundo marido foi Leighton Thomas, um agricultor com uma grande propriedade na Carolina do Sul.

⁹ Ford e Bro, *Nada Tão Estranho*.

¹⁰ Bruce Metzger (org.), *The Apocrypha*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1965.

¹¹ Ford e Bro, *Nada Tão Estranho*.

A amigos, Ford por vezes falava explicitamente sobre a sua situação familiar na infância. Ao que parece, o pai bebia mais do que agradava à esposa e as ausências dele de casa, ao que se depreende, não se deviam inteiramente às responsabilidades no barco a vapor.

Podemos dizer, sem exagerar esta prova indefinida, que uma situação doméstica como a que Ford sugere — uma mãe dominante e um pai comparativamente fraco ou ausente — é muito significativa no desenvolvimento psicológico de uma criança. Segundo alguns especialistas, este padrão familiar é relativamente comum entre pessoas que desenvolvem criatividade invulgar e está também frequentemente associado a perturbações da personalidade — alcoolismo, toxicodependência, sexualidade errante.¹²

Em *Nada Tão Estranho*, Arthur Ford não tentou esconder o seu próprio alcoolismo. Pelo contrário, falou dele com uma franqueza aparente que muitos críticos elogiaram. No entanto, a sua batalha pessoal com a garrafa foi ao mesmo tempo mais prolongada — nunca a venceu — e ainda mais devastadora para o seu bem-estar do que ele revelou. Isso torna-se evidente em capítulos posteriores deste livro.

E quanto ao desenvolvimento «psíquico» de Arthur Ford? Terá manifestado poderes invulgares em criança?

É natural que um biógrafo coloque esta questão, tendo em conta os relatos de muitos médiuns que, em crianças, viam «pessoas nebulosas», ou sabiam as respostas certas nos exames sem estudar, etc. Por estes padrões, a infância de Ford parece ter sido um vazio psíquico quase total.

O próprio deu a entender, no seu livro, que, se teve experiências paranormais antes dos dezanove anos, não se apercebeu delas. Contudo, logo a seguir admitiu que sempre pareceu saber o que alguém ia dizer e se uma pessoa estava ou não a dizer a verdade (neste último caso, a tal ponto, disse ele, que muitas vezes se perguntava por que razão as pessoas se davam ao trabalho de mentir — era tudo tão transparente).

Os dons psíquicos de Ford podem ter sido reprimidos na infância. Há indícios de que um clima emocional hostil inibe a percepção extrassensorial e, no meio batista sulista do jovem Arthur, tudo o que fosse «assustador» ou «sobrenatural» era, em geral, atribuído ao diabo.

Uma questão que vale a pena explorar é se, no caso de Arthur Ford, a capacidade psíquica parece estar ligada à hereditariedade ou ao trauma — dois factores que muitas vezes surgem no pano de fundo dos médiuns.

No que respeita à hereditariedade, o único facto relevante que Ford mencionou no seu livro foi que tinha uma tia Mary, em Jacksonville, considerada estranha pelo resto da família; acabou por se revelar médium.

Quanto ao trauma, há alguma evidência de que Ford, em criança, teve uma experiência fisicamente e emocionalmente chocante do tipo que por vezes parece desencadear a percepção extrassensorial.

Que o início da ESP seja precedido por um choque físico ou mental é um fenómeno curioso, mas, ainda assim, bem documentado. Edgar Cayce, em criança, ficou inconsciente após levar com uma bola de basebol e, a partir daí, deu provas dos seus notáveis poderes. O clarividente contemporâneo de origem neerlandesa Peter Hurkos caiu de uma escada aos vinte anos — «lobotomizando-se» a si próprio (sofreu lesões nas áreas da pineal, do hipotálamo e do tronco cerebral) — e acordou como leitor de mentes.¹³

D. D. Home, o feiticeiro da moda que evocava os mortos em algumas das salas mais elegantes do século XIX (incluindo as das cortes francesa e russa), teve a sua primeira visão aos treze anos, após a morte súbita do seu melhor amigo e o início da tuberculose.¹⁴ Ronald Edwin, um psíquico inglês, atribui sem hesitações a sua capacidade de ver «espíritos» a uma queda em criança, em que bateu com a cabeça.¹⁵ E, em 1967, uma estudante do liceu do Vermont chamada Lyse Savard declarou a um tribunal de Montpelier que, desde que um camião de três toneladas embatera na sua casa, passara a ver e a comunicar com os mortos; processou o condutor por a ter tornado uma médium involuntária.¹⁶

Clement Stone, mecenas de longa data e apreciador da investigação psíquica, afirmou ter conhecido muitas pessoas que aparentemente desenvolveram percepção extrassensorial após experiências traumáticas.¹⁷ Sugere-se que um golpe na cabeça, como no caso de Peter Hurkos, pode baralhar ou reorganizar os circuitos neuronais — tal como fios numa central telefónica se podem cruzar — transformando assim um indivíduo normal num clarividente; e que a febre elevadíssima que acompanha muitas doenças pode provocar no cérebro algo análogo à fusão de fios sob temperaturas extremas.

O trauma emocional, em vez do físico, pode desencadear ESP ao abrir o inconsciente — como também acontece com coisas tão diferentes como sonhos, drogas, hipnose e esquizofrenia.

Pela sua autobiografia, Arthur Ford não parece ter sofrido nenhum trauma infantil dramático. Mas pode ter esquecido, deliberadamente ou não, um incidente que certa vez descreveu ao seu amigo Clem Tamburrino.

Arthur tinha onze anos quando ele e alguns amigos estavam a nadar. Um dos rapazes — o seu melhor amigo — gritou que tinha uma cãibra. Os outros pensaram que era uma partida, até que o rapaz desapareceu e não voltou à superfície. Arthur mergulhou repetidamente, num esforço desesperado e inútil para salvar o amigo. O próprio Arthur acabou por ser arrastado para fora de água, mais morto do que vivo.

Uma experiência destas seria um choque tremendo para um rapaz da idade de Ford, sobretudo para um rapaz com a sua sensibilidade.

Foi Nandor Fodor, antigo editor do *Psychoanalytic Review*, quem me disse que considerava o estímulo mais poderoso para a experiência psíquica a emoção da angústia.

Depois de ter sido excomungado pelos batistas, o jovem Arthur, cheio de dúvidas, começou a frequentar o culto de alguns recém-chegados a Fort Pierce que se chamavam simplesmente «cristãos»; realizavam os ofícios dominicais no salão alugado da ordem *Odd Fellows*. O pastor deles, um clérigo reformado de quem Ford se lembrava como Sr. Simpson, deve ter parecido quase alarmantemente tolerante depois dos batistas. Estava disposto a admitir que até os unitários poderiam ter um lugar no plano de Deus.

Aos dezassete anos, Ford juntou-se à Igreja Cristã, ou, como também era chamada, os Discípulos de Cristo.

Nos anos de adolescência, o liceu local oferecia apenas um curso de dois anos. Ford concluiu-o e mostrou então os dons verbais que mais tarde utilizaria com tanto sucesso. Um recorte de jornal amarelado no seu álbum, sobre uma série de palestras mensais pelos melhores oradores do liceu, anunciava duas delas:

12 de Novembro — Miss Coon, «O que Está o Cristianismo a Fazer pelo Mundo?»

14 de Dezembro — Arthur Ford, «O Estudante e o Problema Racial».

Desejoso de prosseguir os estudos, Ford agarrou a oportunidade de se matricular numa escola secundária onde, garantia-lhe o Sr. Simpson, poderia

«rezar para conseguir». Com quarenta dólares no bolso, partiu para a Johnson Academy, em Kimberlin Heights, Tennessee. Aí mostrou ser, entre outras coisas, tão capaz como o próximo cristão de uma astúcia santificada.

A Johnson Academy, como Ford a descreveu, era o que se chamava uma escola «da fé», o que significava que se esperava que o corpo docente e os alunos dependessem do Senhor para suprir as necessidades materiais tanto quanto as espirituais. Por vezes, o Senhor recebia uma ajuda, como quando o diretor visitava as igrejas da região e nunca deixava de mencionar que a escola estava a confiar na providência divina. Podia contar-se com os fiéis para que uma fé tão heroica não ficasse sem recompensa.

Cada rapaz da escola, recordou Ford, recebia uma lista de potenciais doadores por quem devia rezar, para que Deus os abençoasse e lhes afrouxasse a bolsa. Ford ganhou depressa fama de ser um dos mais poderosos «rezadores» da escola, pois quase sempre os seus potenciais doadores acabavam por contribuir. A reputação, confessou, devia-se pelo menos em parte ao facto de que, sendo ele quem compilava as listas de oração, tinha o cuidado de guardar para si os melhores nomes.

Ainda assim, dizia ele, rezava com fervor e por vezes era precisamente o doador menos provável que enviava o cheque maior.

No outono de 1917, Arthur Ford recebeu uma bolsa ministerial para o Transylvania College, em Lexington, Kentucky. Foi aí que os seus lampejos psíquicos, até então ténues e erráticos, iriam incendiar-se numa claridade espetacular e relativamente sustentada, assinalando uma grande mudança na sua vida.

2

RECORDAR O AMANHÃ

Nos sonhos — e não uma única vez na vida, à sombra de algum terrível desastre, mas regularmente — podemos ver o futuro tal como vemos o passado. Como pode isto acontecer? Como funciona?

J. B. Priestley, *Man and Time*

Para o *déjà vu* não se pode oferecer uma explicação satisfatória.

Dr. Ian Hunter, *Memory*

Arthur Ford não esteve muito tempo no Transylvania College (que, caso esteja a perguntar, significa «entre as florestas» e não tem nada a ver com a

terra ancestral do Conde Drácula) antes de os seus estudos serem interrompidos pela guerra.

«A guerra é feia e degradante», disse Ford cerca de vinte anos mais tarde, «mas dela podem sair coisas belas... Foi durante a guerra que tomei consciência dos meus dons psíquicos. Como estudante de teologia, estava isento do serviço militar, mas alistei-me e fui enviado para um campo de instrução de oficiais...»¹⁸

Em 1918, quando um jovem de Fort Pierce se alistava — sobretudo se fosse sobrinho do editor — o *News-Tribune* local podia contar-se entre os que o noticiavam no tom mexeriqueiro dos jornais de pequenas cidades em toda a parte:

«O Sr. e a Sra. A. A. Ford receberam uma carta do seu filho, Arthur A., que está a frequentar a universidade em Lexington, Kentucky, informando que foi nomeado para frequentar o campo de oficiais do Exército em Sheridan, Illinois. A carta contém ainda a agradável informação de que ele é um dos três, de toda a escola, a receber esta honra.»

¹ *Woman*, 22 de Abril de 1937.

Em *Nada Tão Estranho*, Ford referiu-se a si próprio com ironia como «um daqueles prodígios de noventa dias da I Guerra Mundial, um segundo-tenente». Não lhe terá levado muito mais de noventa dias a atingir esse posto exaltado. Em 21 de Setembro de 1918, o jornal da sua terra publicou outra notícia, num tom quase familiar:

«A Sra. A. A. Ford ficou surpreendida e encantada ao receber, na manhã de domingo, o seguinte telegrama do seu filho, Arthur... “Comissionado tenente no dia 16 e destacado para Camp Grant, Illinois, regulares. Sem tempo para ir a casa...”»

Foi em Camp Grant, disse Ford, que os seus poderes psíquicos se tornaram assustadoramente evidentes.

Num relato que escreveu em 1934, Ford afirmou:

«Durante os meses em que prestei serviço militar, fiquei muitas vezes intrigado com “vozes” e “visões”. Não sabia nada de Espiritualismo. Era uma coisa em que as pessoas respeitáveis não se metiam. Por ignorância, fiquei assustado com as minhas experiências. Sentia que devia estar a perder a cabeça.

Eu sabia que os asilos estavam cheios de pessoas que ouviam vozes e viam coisas que mais ninguém conseguia ver ou ouvir. Cheguei mesmo a perguntar se tinha havido alguma vez loucura na nossa família. Não tinha. Passei por uma provação terrível.

Uma coisa que reparei, no entanto, foi que, quando ouvia um nome pronunciado por uma das “vozes”, esse nome aparecia nas listas de baixas alguns dias depois.»²

² *Psychic News*, 20 de Outubro de 1934.

Na sua autobiografia, escrita cerca de vinte e cinco anos mais tarde, Ford desenvolveu consideravelmente este relato sucinto.

Quando estava destacado em Camp Grant, em 1918, os Estados Unidos foram assolados por uma praga chamada — mais xenófoba do que cientificamente — «gripe espanhola». No total, viria a ceifar meio milhão de vidas americanas. Em Camp Grant publicava-se diariamente uma lista dos que tinham morrido do vírus nas vinte e quatro horas anteriores.

Numa manhã, segundo contou na autobiografia, Ford acordou de um sono inquieto com a lista dos mortos por gripe durante a noite gravada na mente. Tomou-a por um simples pesadelo — até que a lista publicada nesse dia se revelou igual à do sonho.

Este fenómeno perturbador — sonhar a lista de mortos do dia seguinte — repetiu-se todas as noites durante uma semana, levando Ford a duvidar da própria sanidade.

Depois, as estranhas visitas noturnas alteraram-se ligeiramente: em vez de mortes por gripe, Ford sonhou várias vezes, disse ele, com listas de baixas envolvendo membros da sua companhia que tinham seguido para o estrangeiro (o próprio Ford não foi) e morriam em combate.

Na manhã do falso armistício — poucos dias antes do verdadeiro — Ford, sozinho, presume-se, no meio da euforia generalizada, sentiu que a notícia da paz era errada.

A primeira experiência de clarividência de Ford (literalmente, «ver com clareza») com significado pessoal ocorreu no Dia do Armistício, 11 de novembro de 1918, disse ele, quando teve uma visão em vigília do seu irmão George, que também estava no Exército, destacado num campo no Sul. Embora o irmão sorrisse na visão, Ford sentiu que era um presságio sinistro.

Pouco depois, o irmão morreu de gripe. Ford relatou que veio mais tarde a saber que George adoecera no dia dessa estranha visão.

Esta é a versão autorizada de como os poderes psíquicos de Arthur Ford se manifestaram pela primeira vez de forma ostensiva, tal como a apresentou na autobiografia, quarenta anos depois dos acontecimentos relatados. Em termos gerais, coincide com relatos anteriores de Ford, embora existam variações (algumas possivelmente por ele ter sido mal citado por jornalistas).

Num tabloide publicado em 1934 pelo campo espiritualista de Lilly Dale, em Nova Iorque, onde Arthur Ford então aparecia, um entrevistador referiu-se às «experiências psíquicas nas trincheiras» de Ford e falou de ele «receber mensagens de camaradas mortos e mencionar nomes de soldados que mais tarde se veio a confirmar terem sido mortos».

Quando Ford visitou Newport para uma palestra em 1934, um repórter chamado Lonnie Hoffman — que lhe chamou «o líder incontestado de trinta milhões de espiritualistas» — passou a descrever «a tomada de consciência de um soldado americano nas trincheiras de que um poder estranho dentro dele procurava expressão... Esse homem era o Dr. Arthur Ford». Outro relato, no *Birmingham News-Age Herald* de 24 de abril de 1932, citava Ford a dizer que fora «a voz do seu camarada de guerra, clara e distinta, vinda do nada, que o convenceu de que não existe separação dos nossos amigos que atravessaram o Grande Divisor...».

Numa entrevista com Ford no *New Zealand Observer*, de 15 de julho de 1937, um tal J. Gifford Male escreveu: «Foi enquanto servia em França, diz Ford, que ele se apercebeu pela primeira vez de vozes inexplicáveis que ele, e mais ninguém, conseguia ouvir... como se fosse alguém a falar ao telefone...»

No entanto, assinando com o seu próprio nome, num número de 1937 da revista *Woman*, Ford resumiu as suas primeiras experiências psíquicas de forma simples e concisa: «Vi visões e ouvi vozes.»

A substância do relato de Ford é bastante compatível com dados conhecidos da parapsicologia. A percepção extrassensorial irrompe muitas vezes subitamente, como o sarampo, e o sujeito, apanhado de surpresa, tenta esconder os sintomas porque pensa que está a enlouquecer. Um psiquiatra também poderia pensar isso. Ouvir vozes e ver coisas que os outros não veem é geralmente considerado patológico, possivelmente

paranoide. No mínimo, a partir do tipo de sintomas que Ford descreveu («Doutor, tenho estes sonhos estranhos...»), um psiquiatra poderia suspeitar de um defeito de memória, como a paramnésia (em que a percepção de antes e depois se baralha, de modo que amanhã parece ontem e vice-versa).³

Relaciona-se com isto o *déjà vu*, reconhecimento sem recordação: a experiência estranha em que uma pessoa reconhece a situação presente mas não a consegue situar no passado. Isto ocorre tipicamente numa forma de perturbação cerebral chamada epilepsia unciforme, mas também acontece com frequência a pessoas normais.

³ Ian Hunter, *Memory*. Baltimore: Penguin Books, 1957.

• Ian Skottowe, *Clinical Psychiatry*. Londres: J. & A. Churchill, 1964.

No entanto, quando episódios precognitivos como os que Ford disse ter vivido são documentados, os parapsicólogos defendem que devem ser considerados paranormais, não anormais. O teste para distinguir entre paramnésia e aquilo a que F. W. H. Myers (um dos fundadores da Society for Psychical Research) chamou «promnésia», ou memória do futuro, é, em teoria — embora nem sempre na prática — bastante simples: o acontecimento supostamente precognoscido foi de facto descrito antecipadamente? Responder a esta pergunta, num caso concreto, é uma questão de ponderar a evidência.

O que Ford disse que lhe aconteceu aconteceu a outros. Lincoln, por exemplo, registou vários sonhos sobre ser assassinado⁵ (embora o cético possa argumentar que, sendo Lincoln um alvo provável de atentado, tais sonhos dificilmente provam precognição). Mais probatória, talvez — por ser menos inferível a partir de dados conhecidos — foi a predição que Emanuel Swedenborg fez da sua própria morte. (O cientista e vidente do século XVIII entrou no que chamou o «mundo dos Espíritos» a 29 de Março de 1772 — data que indicara um mês antes numa carta a John Wesley — depois de sucumbir à doença de Parkinson.⁶)

O que Arthur Ford não conseguiu fazer com essas primeiras experiências estranhas e devastadoras — isto é, sujeitá-las à sua vontade — os parapsicólogos, em certa medida, conseguiram fazê-lo. No laboratório de sonhos Menninger, no Maimonides Medical Center, em Brooklyn, conseguiram atrair para o laboratório sonhos precognitivos, embora elusivos e frágeis.⁷

Mas o jovem Arthur Ford, como psíquico em formação, não conhecia nenhum laboratório de parapsicologia onde pudesse encontrar as respostas de que precisava. (A própria palavra «parapsicologia» só seria inventada pelo menos dez anos mais tarde.) Em 1919, no Transylvania College, o melhor que tinha — e acabou por ser valioso — era a amizade e o aconselhamento de um dos seus professores de psicologia, o Dr. Elmer Snoddy, que admirava William McDougall, de Harvard, e partilhava algo da paixão desse grande psicólogo pela investigação psíquica.

Embora o conhecimento prático do Dr. Snoddy sobre o tema não pareça ter igualado o seu entusiasmo, conseguiu tranquilizar o jovem teólogo perturbado, dizendo-lhe que os seus sonhos estranhamente deslocados no tempo e os seus pressentimentos muitas vezes assustadoramente exatos eram prova de que era psíquico, não psicótico.

O conselho de Snoddy para Ford, na prática, foi: deixe de se preocupar e desfrute. Se tem poderes invulgares, aproveite-os; aprenda a usá-los ao máximo.

Mas como, exatamente?

No desenvolvimento da mediunidade, não havia um guião a seguir. Não era como tornar-se canalizador, polícia ou psicanalista, onde existem padrões aceites e cursos, ou, pelo menos, aprendizagem em serviço. Desenvolver a mediunidade era mais como tornar-se piloto acrobático ou trapezista; presumivelmente, era preciso talento natural e depois tratava-se de prática.

Assim, Arthur Ford e o seu mentor algo duvidoso começaram a tentar desenvolver qualquer mediunidade latente que Ford possuísse. Fizeram *table-tipping* — então um passatempo de interior muito popular — e Ford, ao que parece, tinha jeito para isso, mas as mensagens batidas pela mesa não pareciam particularmente extraordinárias. Experimentaram visão sem olhos com Ford, vendado, tentando descrever objetos que Snoddy segurava. Os resultados foram irregulares, deixou Ford entender, embora com alguns acertos impressionantes.

Uma ou duas vezes, Ford chegou mesmo a pensar que entrara em transe, ou numa imitação razoável disso, mas o seu mentor não sabia o que fazer então, e Ford acabou por «acordar» ao fim de algum tempo, como se tivesse estado a dormir uma sesta.

Entretanto, o psíquico em formação tinha ainda os estudos e outras atividades universitárias ortodoxas a que assistir, e as tentativas de comunicar com forças invisíveis tinham de ser encaixadas entre aulas de psicologia e reuniões da fraternidade.

Quando Ford esteve no Transylvania College (1919–1920), este partilhava o campus com o *College of the Bible* (hoje *Lexington Theological Seminary*), uma escola de teologia dos Discípulos de Cristo. O corpo docente de teologia considerava o Transylvania o braço universitário do seminário; já o corpo docente do Transylvania via o seminário como um simples apêndice do colégio. Os estudantes que pretendiam tornar-se ministros podiam combinar o trabalho académico em ambas as instituições e obter o grau de **B.D.** (*Bachelor of Divinity*) em cinco anos. Era este o curso em que Ford estava inscrito. Ele e os colegas teólogos eram chamados de «Bibes» pelos outros estudantes.

O aproveitamento académico de Ford não foi brilhante; a sua média era C+. (A maior parte das disciplinas de Ford era de artes liberais; a única unidade curricular com créditos que fez no *College of the Bible* chamava-se «The Apostolic Age», na qual obteve a classificação final de C.)

Havia, contudo, coisas em que Ford, ainda que estudante indiferente, se destacava. Uma delas era a sociabilidade e, em certa medida, a liderança. Era popular no campus e, evidentemente, tinha grande gosto por aderir a organizações. Os registos da universidade listam-no como secretário da sua turma do primeiro ano e como membro da *Cecropia Literary Society*, da *Volunteer Band* (centrada sobretudo em missões no estrangeiro; mais tarde Ford seria presidente da associação estadual, que representava quase todas as universidades do Kentucky) e da fraternidade académica Phi Kappa Tau. (Entre os seus irmãos de fraternidade havia vários que viriam a ter carreiras distinguidas como decanos universitários e pregadores famosos.) Ford também pertencia à Y.M.C.A. do campus, onde conviveu com um estudante chamado A. B. («Happy») Chandler, que mais tarde viria a ser governador do Kentucky.

Em que Ford realmente se destacava era na pregação. Deve ter sido excecional, porque, no seu terceiro ano, foi convidado a servir, na ausência do ministro titular, como pastor interino da Igreja de St. Matthew, perto de Louisville — uma distinção invulgar para um estudante.

Ainda como estudante universitário, Ford pregou na sua terra natal e o *Fort Pierce News* fez-lhe uma crítica entusiástica: «O Rev. Ford pregou dois sermões fortes, vigorosos e enérgicos, convencendo os que o ouviram de que está destinado a deixar marca elevada no mundo ministerial...»

No ano seguinte, o carisma de Ford no púlpito valeu-lhe um convite da Igreja Cristã de Barbourville, Kentucky. A localidade era sede de condado, a congregação era considerável e a oportunidade, para um homem tão jovem, era excepcional. Mas as exigências de um pastorado assim significavam que, se aceitasse, Ford teria de abandonar a universidade.

Consultou o Dr. Alonzo Fortune, um dos seus professores e pastor da maior igreja cristã de Lexington, que o aconselhou a aceitar o convite. Além disso, o Dr. Fortune recomendou que Ford, embora não tivesse concluído o curso, fosse ordenado. A cerimónia de ordenação teve lugar na Chestnut Street Christian Church, em Lexington, com o Dr. Fortune a presidir.

Não há indícios de que Arthur Ford tenha retomado a educação formal depois de ser ordenado, embora vários jornais dos anos 30 o descrevessem como tendo um grau de mestre pela Universidade do Kentucky, e anúncios das suas palestras o identificassem como «Arthur Ford, M.A.». Não se sabe se o grau efémero — que depressa desapareceu das notícias e anúncios — foi conferido por uma «fábrica de diplomas» ou inventado por um profissional de relações públicas. (Mais tarde, em 1967, após a *séance* televisiva do bispo Pike, o *New York Times* conferiu-lhe um doutoramento, tratando-o, como é seu costume com clérigos, por «The Rev. Dr. Ford».)

O Rev. Arthur A. Ford tinha vinte e cinco anos em 1922 quando se tornou ministro da Barbourville Christian Church. Nesse mesmo ano casou com uma bela do Kentucky chamada Sallie Stewart. O casamento terminaria em divórcio cinco anos depois, mas, na altura, o jovem noivo comentou: «O Kentucky está cheio de raparigas bonitas e eu fiquei com uma das melhores.»

O novo ministro foi um sucesso desde o início. O jornal local notou que, no seu primeiro serviço do Dia do Armistício, ele «proferiu um discurso intensamente interessante sobre a América e o seu papel em subjugar o hohenzollernismo», e atraiu «as maiores multidões de sempre para uma celebração destas, ficando centenas sem conseguir entrar no edifício».

(O jornal também relatou que, além do sermão, foi exibido um filme intitulado *The Ex-Kaiser in Exile*. A Igreja Cristã tem agora filmes «todas as

noites de domingo». O novo pastor, para além de ser um fogo de artifício no púlpito, claramente não era nada inábil a usar outros meios para aumentar a sua congregação.)

Quando Ford tinha um ano e meio de pastorado, a imprensa local felicitou-o pelos resultados: «O número de membros ativos mais do que duplicou e a escola dominical é três vezes maior do que quando ele chegou...»

A par da carreira, também as suas capacidades psíquicas floresciam. Realizou *séances* experimentais com vários grupos e a sua clarividência, dizia ele, parecia tornar-se mais forte e mais fiável. Foi hipnotizado por alguém que tinha lido que isso poderia ser útil para explorar os misteriosos poderes da mente, mas, mais uma vez, o hipnotizador não soube como prosseguir depois de ter o sujeito sob controlo.

O que era necessário para trazer ordem ao relativo caos dos dons mediúnicos emergentes de Ford era um «controlo», como dizem os espiritualistas — uma personalidade de transe que se manifestasse habitualmente através do médium e disciplinasse as suas perceções psíquicas indóceis. Com o tempo, isso haveria de acontecer. De facto, enquanto toda esta experimentação decorria, coisas pressagiosas deviam estar a agitar-se nas profundezas da psique de Ford, à espera do momento próprio para emergir. Sem dúvida que algumas experiências lhe tinham sugerido a necessidade de um guia espiritual, e é muito provável que alguém tenha colocado a questão ao Ford hipnotizado — ou, pelo menos, dissociado: «Há alguém mais aí?» Assim se chamam — ou se criam — os controlos espirituais.

No verão de 1921, Ford fez uma viagem a Nova Iorque para conhecer de perto o trabalho do mais antigo clube do país dedicado à caça a fantasmas: a American Society for Psychical Research. Nenhum cético podia descartar de ânimo leve este grupo quase suspeitosamente respeitável, que contava entre os seus fundadores o grande William James.

Em Nova Iorque, Ford conheceu uma mulher invulgar, destinada a fazer nome na investigação psíquica, que se tornou sua amiga e confidente para a vida. Era Gertrude Tubby, então secretária da A.S.P.R. e, antes disso, braço-direito do professor James Hyslop quando este dirigia o programa da instituição. «Querida Tubby», como Ford passou a chamá-la, apresentou o jovem ministro ao novo diretor da sociedade, o Dr. **Walter Franklin Prince**, um clérigo episcopal convertido em psicoterapeuta e exorcista (Prince

achava que as duas funções se sobrepunham), que ganhou grande reconhecimento com o seu estudo definitivo de Doris Fischer, um caso clássico de personalidade múltipla.⁸

Como resultado da viagem, Arthur Ford tornou-se membro da A.S.P.R. e passou a receber regularmente as suas publicações. Isso deu início à sua educação de base em investigação psíquica e permitiu-lhe compreender melhor o significado das suas próprias experiências curiosas.

No seu segundo ano em Barbourville, Ford conheceu o Dr. Paul Pearson, fundador e presidente da Swarthmore Chautauqua Association da Pensilvânia, que geria três circuitos regulares de palestras na Nova Inglaterra.

Nessa época, o Chautauqua era rádio e televisão reunidos num só. Enormes plateias pagavam para ser entretidas e, por vezes, informadas por palestrantes que falavam de tudo, desde «As minhas aventuras no Congo mais negro, levando luz aos pagãos», até às arrojadas teorias sexuais de um médico vienense chamado Freud.

Ford e Pearson entenderam-se muito bem, sobretudo quando descobriram que ambos eram fascinados pela investigação psíquica. Pearson convidou o jovem clérigo a integrar a sua equipa de conferencistas como especialista em fenómenos psíquicos.

Ford aceitou.

O *Barbourville Mountain Advocate* soube das intenções itinerantes do pastor popular e lamentou: «Se os rumores atuais forem corretos... Barbourville perderá o Rev. A. A. Ford, um ministro e cidadão cuja falta será difícil de suprir.»

Quando o jovem ministro pregou o seu sermão de despedida, o jornal local expressou um pesar que parecia ir além de meras fórmulas de cortesia:

«Desde que o Sr. Ford assumiu este trabalho, o número de membros mais do que duplicou, foi instalado um magnífico órgão de tubos, foi concluído um Departamento de Serviço Social, assegurou-se um diretor musical e fizeram-se muitas outras melhorias. A igreja está harmoniosa e unida, sem divisão nem facção de espécie alguma. Como prova da fé que a igreja deposita no Sr. Ford, foi-lhe concedido o privilégio invulgar de nomear o seu sucessor...»⁸

A ruptura de Ford com o pastorado coincidiu com a separação da esposa. Na autobiografia, atribuiu o fim do casamento a uma incompatibilidade básica — ele estava apaixonado pelo trabalho, dizia; ela estava apaixonada pelos pais. Nenhum dos dois, ao que parece, estava apaixonado pelo outro.

⁸ Walter Franklin Prince, «Doris Case of Multiple Personality», *Proceedings of the American Society for Psychical Research*, vol. 9.

Durante o verão de 1924, Arthur Ford fez uma digressão pela Nova Inglaterra, fascinando plateias com uma palestra intitulada «A Hora da Bruxaria». Teve tanto sucesso como hipnotizador de multidões que o seu empresário, Dr. Pearson, lhe pediu que percorresse o Estado de Nova Iorque.

Ao que parece, Ford eletrizou Nova Iorque tal como fizera com a Nova Inglaterra. Exclamou o *Schenectady Gazette*: «A audiência foi mantida em suspenso enquanto ele explicava mistério após mistério e abria novos domínios para o pensamento.» Em Cleveland, onde as plateias eram presumivelmente um pouco mais sofisticadas do que em Schenectady, a reação foi ainda mais entusiástica; o *Cleveland Plain Dealer* chamou a Ford «a personalidade mais fascinante e brilhante a surgir nesta temporada no circuito de palestras». E o *New York Sun* noticiou que «Arthur Ford está a atrair grandes e entusiásticas audiências para a sua série de palestras no Carnegie Hall».

Ford estava agora radicado em Nova Iorque, cidade que viria a ocupar um lugar central na sua vida — palco dos seus maiores triunfos e de algumas das suas maiores tribulações — e com a qual depressa desenvolveu a relação de amor-ódio que a maioria dos habitantes dessa megalópole no Hudson provavelmente sente. Retomou a amizade com Gertrude Tubby (que nunca foi um envolvimento romântico; a senhora, uma solteirona fumadora de charutos, parece ter-se interessado pelos homens apenas de forma mental, não matrimonial).

Outra pessoa que Ford conheceu nesta altura, e que viria a tornar-se um dos seus amigos mais firmes e apoiantes mais valiosos, foi Francis Fast, um empresário rico e mecenas das artes. (Para além de uma fascinação mútua pelo oculto, Ford e ele partilhavam o amor pela ópera; durante vários anos, Ford usou o camarote de Fast no Metropolitan.) Fast, espiritualista devoto, convenceu-se depressa de que o jovem ministro tinha potencial para ser um grande médium e instou-o a desenvolver os seus dons psíquicos.

Ford disse que, durante este período, costumava observar outros médiuns a trabalhar em público e, instintivamente, ia captando alguns dos seus métodos. Assim, descobriu que, por vezes — e cada vez mais frequentemente — conseguia colocar-se no que chamou «um estado meio hipnotizado», levantar-se perante uma audiência, descrever «pessoas invisíveis» e, muitas vezes, captar as suas mensagens. As pessoas invisíveis, supôs ele, eram espíritos de mortos — suposição reforçada sempre que alguém na sala arfava ou soluçava: «Reconheço esse nome; é a minha tia Mary.»

Ford disse que, no início da sua carreira mediúnica, aprendeu a confiar nas vozes. Se a sua mente consciente, cautelosa e racional tentava censurar o que ouvia («Essa mensagem é absurda — o homem não podia chamar-se Peter Patrick Piddle»), acabava por estar errada.

Ford descreveu o que ele, o médium, experimentava durante esta clarividência de palco:

«O próprio psíquico não tem absolutamente nada a ver com aquilo que chega sob a forma de mensagem. Também não tem qualquer controlo sobre quem irá receber uma mensagem... E eu não entro em transe no palco. Um clariaudiente [aquele que ouve com clareza, o equivalente auditivo da clarividência] é um psíquico consciente e, embora tenha de se colocar num estado recetivo e passivo, definitivamente não entra em transe. Torna-se, por momentos, um instrumento passivo que pode ser comparado a um telefone, e o seu único trabalho é transmitir ao público aquilo que ouve...»⁹

⁹ *Woman*, 15 de Abril de 1937.

Mais cedo, Arthur Ford dissera:

«Por vezes ouço a voz de forma audível; muitas vezes é puramente subjetiva; por vezes é simplesmente uma consciência interior. O meu trabalho é repetir exatamente o que ouço ou interpretar tão precisamente quanto possível aquilo que sinto ou pareço saber. Tenho de estar constantemente atento para não embelezar nem introduzir na mensagem nada que possa nascer do desejo de confortar ou convencer a pessoa a quem me dirijo. Dizem-me que pareço perfeitamente normal, mas a verdade é que estou tão concentrado no que estou a fazer que, muitas vezes, a audiência parece nem existir. Só por um esforço de vontade me forço a tomar consciência da pessoa na sala a quem estou a falar.

Ocasionalmente, a pessoa a quem me dirijo pode fazer uma pergunta ou até tentar entrar numa discussão comigo. Normalmente, é-me impossível ouvi-la ou entendê-la até que, por um esforço mental deliberado, eu tenha focado a minha mente nela e afastado a atenção da entidade [espiritual] que alega falar... »¹⁰

¹⁰ *Woman*, 11 de Março de 1937.

Nesta fase da sua evolução mediúnica, Ford ainda não alcançara o estado de transe necessário para a manifestação de um controlo espiritual. Precisava de alguém que lhe ensinasse a nadar nessas águas mais profundas. Com o tempo, encontrou o seu guru.

Em 1920, um mestre religioso hindu chamado Swami (mais tarde Paramahansa, um título espiritual mais elevado) Yogananda viera aos Estados Unidos para falar numa conferência de religiosos liberais reunidos em Boston sob os auspícios da American Unitarian Association. O visitante do Oriente seguiu depois para Nova Iorque, onde começou a dar aulas de meditação. Ford disse que conheceu Yogananda nessa altura e que se juntou a uma das suas turmas.

Foi Yogananda, sustentou Ford em anos posteriores, quem lhe ensinou como induzir um transe iogue e, igualmente importante, como manipular esse estado alterado de consciência (ou inconsciência) para fins mediúnicos. Afinal, o transe em si — que Ford descreveu como sendo, para ele, como «adormecer e acordar uma hora depois a sentir-se descansado» — é inútil para um médium, exceto enquanto meio através do qual um suposto espírito se pode manifestar. O comunicante espiritual veste, por assim dizer como um sobretudo, o corpo do médium em transe.

Ford por vezes contava uma versão mais colorida da sua relação com Yogananda do que a que apareceu no seu livro. Numa dessas versões, disse:

«Por esta altura [Ford refere-se à fase pré-transe da sua mediunidade] voltei a visitar a Europa e fui conduzido a um mestre que me aceitou como discípulo. Com ele aprendi os métodos de projeção consciente [possivelmente a chamada “projeção astral”] tal como usados pelo iogue. Durante vários meses estudei com ele e, depois, disseram-me que voltasse para o meu próprio povo...

Continuo em contacto com este grande mestre e, quando é necessário, consigo alcançá-lo. A ele devo todo o meu sucesso e, se a minha mediunidade

tem sido útil a outros, é porque tive o privilégio de me sentar aos pés de uma das almas mais puras que alguma vez vieram ao mundo. O meu único sonho é que, um dia, quando terminar o meu trabalho em público e tiver permissão para ir, me retire para a Índia, volte para junto do meu mestre e termine os meus dias na sua companhia... »¹¹

¹¹ *Woman*, 22 de Abril de 1937.

Que este excerto possa ter sido criação de alguém que não Ford (embora o seu nome nele figurasse) — um empresário ou agente de imprensa, por exemplo — é sugerido por certos comentários a lápis, na caligrafia de Ford, ao lado do recorte no seu álbum. Uma nota, junto à frase «A ele devo todo o meu sucesso», pergunta: «Tudo?!» A última frase, que professa o desejo do médium de se juntar ao seu guru para envelhecerem juntos, está riscada a lápis com traços pesados.

Na verdade, Yogananda não terminou os seus dias na mística Índia, mas noutro lugar exótico — a Califórnia. Morreu a 7 de Março de 1952, em Encinitas, onde tinha construído um centro de meditação e *ashram* (retiro) para a sua organização sem fins lucrativos, a Self-Realization Fellowship. A biografia de Yogananda não menciona Arthur Ford.¹²

¹² Paramahansa Yogananda, *Autobiography of a Yogi*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1959.

Que Yogananda possa, de facto, ter tido algo valioso para ensinar é sugerido pela curiosa carreira póstuma do seu corpo. Por instruções de Yogananda, o cadáver permaneceu, sem embalsamamento, num caixão com tampa de vidro durante vinte dias antes do enterro. O diretor da agência funerária do Forest Lawn Memorial Park, Harry T. Rowe, atestou que, quando o guru foi sepultado, «não era visível qualquer decomposição física no corpo», acrescentando que «o caso de Paramahansa Yogananda é único na nossa experiência».¹³

¹³ *Ibidem*.

O relato anterior, mais romantizado, do mestre oriental de Ford pode indicar que, quando o escreveu, atravessava um ataque agudo de teosofia. O movimento chamado Teosofia (que traça a sua linhagem moderna até essa figura extraordinária, Madame Blavatsky, a quem a Society for Psychical Research chamou «uma das mais consumadas, interessantes e engenhosas impostoras da história»¹⁴) acredita em Mestres, ou Mahatmas — humanos

altamente evoluídos, com poderes quase divinos, alegadamente em contacto telepático e, por vezes, até corporal, com pessoas escolhidas. A maioria desses Mestres vive em montanhas no Tibete e em locais semelhantes e inacessíveis. Ford era abertamente simpático às perspetivas teosóficas; quando foi pastor da Primeira Igreja Espiritualista de Nova Iorque, falou de «muitos grandes mestres [que comunicam] do outro lado, notavelmente a nossa querida H. P. Blavatsky», canonizando assim a fundadora da Teosofia como um dos guias espirituais do Espiritualismo.¹⁵

¹⁴ Gertrude Marvin Williams, *Priestess of the Occult*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1946.

¹⁵ *International Psychic Gazette*, julho de 1928.

Ford disse que, nos primeiros dias do desenvolvimento da sua mediunidade, por vezes se sentia como se a multidão de pessoas invisíveis que se acotovelava à sua volta no palco o pudesse sufocar na ânsia de comunicar. O que fazia falta era um mestre de cerimónias do outro lado, um director de trânsito astral que domasse a anarquia e a transformasse em alguma forma de ordem. Isso era, claro, precisamente a função que um controlo espiritual iria desempenhar.

E, finalmente, numa noite de 1924, esse colaborador invisível chegou.

4

«O MEU NOME É FLETCHER»

Alguns dos casos relatados de personalidade múltipla são dos mais desconcertantes de explicar e fornecem aos adeptos do espiritualismo bons argumentos.

— Leslie LeCron, *Hipnose Experimental*

Há coisas na psique que eu não produzo, mas que se produzem a si próprias e têm vida própria.

— C. G. Jung, *Memórias, Sonhos, Reflexões*

«Um dia, em 1924, quando eu estava em transe, uma personalidade invisível anunciou-se como Fletcher e disse que, dali em diante, seria o meu assistente permanente no plano invisível.»

Foi assim que Arthur Ford descreveu, em *Nada tão Estranho*, o aparecimento da sua principal personalidade de transe. O recém-chegado

não se apresentou diretamente a Ford, pois o médium encontrava-se profundamente imerso no esquecimento do transe, mas sim a um amigo de Ford que participava na sessão.

«Diz a Ford que serei o seu controlo e que uso o nome Fletcher», disse ele.

Não é de admirar que Ford tenha ficado curioso acerca de Fletcher — quem era ele e porque o teria escolhido como médium. Na sessão seguinte, quando o controlo se manifestou, o assistente perguntou a Fletcher sobre si próprio. Segundo consta, respondeu que fora um dos rapazes franco-canadianos que tinham vivido do outro lado do rio em relação a Arthur Ford, em Fort Pierce. Queria usar apenas o seu nome do meio, explicou, para evitar embarçar a família caso esta viesse a saber da sua carreira póstuma. Sendo católicos romanos, tinham certas ideias sobre o além — por exemplo, que o lugar agradável estava reservado às pessoas da sua própria fé — ideias essas que Fletcher descobrira não corresponderem à verdade.

Segundo Ford, Fletcher afirmava ter morrido em combate na Primeira Guerra Mundial enquanto servia no Exército Canadano — a família tinha regressado ao Canadá a partir da Florida quando ele ainda era rapaz — e forneceu pormenores como o nome da sua companhia e as circunstâncias da sua morte. Incluiu ainda, cuidadosamente, o endereço da família.

Ford disse que escreveu à família a pedir informações sobre os vários membros, incluindo Fletcher — mas sem mencionar que acabara de receber notícias dele — e recebeu uma resposta que confirmava a história de Fletcher sobre a forma como morrera. Ao que parece, Ford nunca revelou o apelido da família de Fletcher a ninguém, exceto possivelmente ao escritor Sherwood Eddy, que menciona num dos seus livros que conhecia o apelido de Fletcher, mas não o revelou. Uma carta existente nos papéis de Ford, escrita por uma conhecida, mencionava que a avó paterna dessa mulher, nascida no Canadá, se chamava Pelletier e perguntava: «Não é esse o apelido de Fletcher?» (Como Ford estava doente na altura, a resposta foi escrita pela sua secretária, que ignorou a pergunta.)

Nenhum dos amigos ou associados de Ford, ao que parece, alguma vez comunicou com a família de Fletcher. Quando questionado sobre o paradeiro da família, Ford respondia geralmente que viviam algures no Quebec.

Ford dizia ter uma fotografia de Fletcher, enviada pela família; mostrava um jovem bonito, de ar sério e juvenil. Onde quer que Ford vivesse, essa fotografia ficava pendurada no seu quarto.

Porque teria Fletcher escolhido Ford como seu médium? Presumivelmente, o facto de se dizer que tinham sido amigos em tempos terá tido alguma influência. Mas, aparentemente, um elemento mais importante era a questão — como se costuma dizer — das vibrações. O padrão energético de Ford harmonizava-se bem com o de Fletcher, como o médium frequentemente explicava. A química astral estava certa. A escolha de Fletcher, portanto, não foi arbitrária, já que um controlo só pode manifestar-se através de um médium cujo tom energético, para o dizer de outra forma, esteja na mesma frequência que o seu. (Até o próprio Ford admitia que todo o assunto lhe permanecia bastante esotérico.)

Em geral, quando um controlo escolhe um médium, mantém-se com ele, ou com ela, até que a morte os separe. Ocasionalmente, contudo, um controlo pode manifestar-se através de médiuns que não o seu principal. Estas peregrinações espirituais são um fenómeno curioso. «Walter», o guia da célebre médium de Boston, Margery, aparecia frequentemente nas sessões de Winnipeg do Dr. Glen Hamilton e do seu círculo, tal como «Feda», o controlo infantil da grande dama inglesa da mediunidade, Mrs. Osborne Leonard. Por vezes, um médium “empresta”, por assim dizer, o guia de outro, como se diz que a inglesa Mrs. Guppy terá emprestado o famoso fantasma «Katie King» a um médium chamado Frank Herne. Houve também casos em que, com a morte de um médium, outro herdou o seu guia espiritual.

Pelo menos numa ocasião, ocorrida em Outubro de 1927 e relatada por Nandor Fodor, Fletcher comunicou através de um médium que não Arthur Ford.

Fletcher atuou como mestre-de-cerimónias espiritual numa sessão de «voz direta» no apartamento de Ford, em Nova Iorque, tendo como protagonista um médium de trombeta chamado William Cartheuser. Fodor relatou que os tons incorpóreos de Fletcher foram ouvidos na escuridão juntamente com várias outras supostas vozes espirituais. Embora Ford estivesse presente, não se encontrava em transe; Cartheuser, descrito como um húngaro cadavérico com lábio leporino, desempenhava o papel de médium.

(Esta sessão teve uma sequência humorística. O autor Fulton Oursler, então editor da revista *Liberty*, estava entre os participantes e, escrevendo sob o nome de Samri Frikell, um dos seus muitos pseudónimos improváveis, afirmou que a sessão tinha ocorrido no apartamento de Arthur Ford e que o médium tinha lábio leporino e era um impostor. A única coisa que Oursler não mencionou foi que Ford não era o médium. Quando Ford leu o relato de Oursler, escreveu-lhe com fingida indignação: «Não me importo que me chamem impostor, mas não acontece que eu tenha lábio leporino.»)

Arthur Ford descreveu-me uma vez o processo de entrada em transe por Fletcher tal como ele, o médium, o experimentava.

«Induzo o transe por visualização», disse ele. «Vejo o rosto de Fletcher vividamente diante de mim — e, se não o vejo, sei que não consigo fazê-lo — e depois faço certos exercícios respiratórios, técnicas de ioga. O rosto de Fletcher parece aproximar-se cada vez mais até se fundir com o meu e, bem, deixa-me inconsciente, por assim dizer.

«No estado de transe fico totalmente inconsciente no que diz respeito ao mundo objetivo. Não consigo lembrar-me de nada do que acontece e tenho de depender dos relatos de outras pessoas para saber o que se passou.»

O processo de entrada em transe era um ritual que, no caso de Ford, raramente variava. O médium enrolava um lenço à volta dos olhos («apenas para impedir a entrada de luz») e acomodava-se na cadeira ou reclinava-se, se possível, para ficar mais confortável. Começava a respirar pesadamente, primeiro com expirações que soavam como suspiros altos, depois com um aprofundamento perceptível da respiração. A cabeça ia lentamente descendo até repousar sobre o peito. Poderia, para todos os efeitos, parecer que estava a dormir a sesta ou hipnotizado. Estremecia ligeiramente. (Este poderá ter sido o momento em que o rosto visualizado de Fletcher se fundiu com o seu, «deixando-o inconsciente», como ele dizia.)

A respiração profunda e rítmica continuava durante quatro minutos (por vezes mais e, nalgumas ocasiões, se havia dificuldade em o controlo assumir, muito mais — vinte minutos, até). Depois, a cabeça do médium erguia-se lentamente.

Fletcher começava geralmente de forma simples, dizendo: «Olá.»

Soava como a voz de Ford com um ligeiro sotaque franco-canadiano sobreposto. A dicção de Fletcher era diferente da de Ford e tinha certos maneirismos vocais — presumivelmente gálicos — como terminar perguntas com «não?».

Houve uma alteração física curiosa que notei em Ford durante o transe — quando falava, o maxilar inferior parecia mover-se lateralmente de forma exagerada, não como acontecia normalmente. Isto conferia à fala de Fletcher uma qualidade mecânica, quase robótica. O seu discurso era lento, deliberado, quase pesado, não muito diferente do de um sujeito hipnotizado; no seu estado normal, Ford falava rapidamente, muitas vezes arrastando as palavras.

Ford comentava com ironia as pessoas que questionavam tudo o que estava associado aos seus transe.

«Ficaria surpreendido com o número de pessoas que desconfiam deste pequeno lenço», disse uma vez, quando se preparava para vender os olhos antes de induzir o seu estado auto-hipnótico. «Já tive pessoas que insistiram em lavá-lo antes de eu o usar — não sei o que pensavam que ele tinha dentro!

«Não há muito tempo, tomei uma pastilha para a tosse mesmo antes de entrar em transe. Pois bem, houve um tipo que explicou tudo e escreveu um artigo sobre isso. Disse que Ford estava a tomar uma dessas drogas alucinogénias de que se lê por aí.»

Ford acrescentou, encolhendo os ombros: «Tudo o que faço é suspeito, por isso tenho de encarar isso com sentido de humor.»

Existem incoerências entre o relato apresentado em *Nada Tão Estranho* sobre o passado de Fletcher e relatos anteriores de Ford ou atribuídos a ele. A versão autorizada, como notámos, era a de que Fletcher e Ford não se tinham visto depois da infância. No entanto, num relato de 1937, Ford disse: «Fletcher afirma ser o espírito de um canadiano com quem frequentei a escola e a universidade há muitos anos.»

Numa entrevista de 1933, Ford disse a George Britt, do *New York World-Telegram*: «Fletcher era um colega de universidade e irmão de fraternidade meu que morreu na guerra.» (Nessa mesma entrevista, o médium, identificando Fletcher como o seu «controlo principal», disse que tinha outros dois: «John L. Jackson, que foi orador espiritualista há quarenta anos... e John Reilly, um advogado nova-iorquino que já partiu.» Reilly voltou a surgir

numa entrevista que Ford deu a H. Allen Smith, da United Press: «Comunico frequentemente com Reilly. As suas mensagens não são para mim, mas para outros advogados — membros proeminentes da ordem que o conheceram em vida...». Em anos posteriores, estes dois controlos de segunda linha foram perdendo importância e Fletcher tornou-se a figura principal.)

4 *Woman*, 11 de março de 1937.

No que poderá ser o mais antigo relato ainda existente de Ford sobre as origens de Fletcher, publicado na *International Psychic Gazette* em 1928, quatro anos depois de Fletcher ter assumido o seu papel, o médium afirmou que:

Fletcher fora um amigo de infância seu na universidade. Frequentaram juntos um curso de psicologia e achavam graça ir a sessões espíritas. Foi depois de uma dessas sessões que Fletcher lhe disse que, se partisse primeiro, regressaria de forma a provar a sua identidade. Não muito tempo depois, morreu de forma muito súbita e, por três vezes ao longo dos dezoito meses seguintes, em cidades muito distantes entre si, regressou e transmitiu, através de médiuns, em sessões públicas, uma prova absolutamente espantosa: nada menos do que a palavra-passe secreta de uma fraternidade de letras gregas a que ambos pertenciam.

Os leitores de *Nada Tão Estranho* encontrarão esta história no Capítulo Três, com a personagem central renomeada como Joe.

Algumas destas discrepâncias podem ser explicadas pelo facto de as entrevistas à imprensa frequentemente deturparem pormenores e citarem inocentemente de forma incorreta o entrevistado. (No caso de Ford, existem exemplos incontestáveis disso, um deles quando um jornal londrino o citou como tendo descrito o seu debate com «o famoso mágico Crawford», em vez de Thurston — um erro que dificilmente poderia ter sido de Ford.)

Além disso, Ford era um conversador fluente — propenso a lançar uma anedota colorida sem um cuidado excessivo com a exatidão. Um dos seus amigos mais próximos, que o conhecia há anos, confidenciou: «Era um embelezador, sejamos honestos, mas quem não é? Ele fazia-o melhor do que a maioria.» Uma antiga secretária de Ford comentou: «Cada vez que contava uma história, ela era um pouco diferente, até ao ponto de eu achar que ele próprio já não sabia exatamente o que era facto e o que não era.»

A atitude expressa de Ford em relação a Fletcher não era minimamente moralista, solene ou, aparentemente, defensiva.

«Ora, eu acredito que Fletcher é aquilo que afirma ser, um jovem franco-canadiano que partiu na Primeira Guerra Mundial», disse o médium a um grupo, antes de iniciar uma sessão de transe, numa noite de 1961, numa casa em Flossmoor, Illinois. «Mas sento-me com muitas pessoas que não acreditam que Fletcher seja aquilo que afirma ser. Pensam que ele é uma criação do subconsciente, uma personalidade secundária — que eu possa até ser esquizofrénico.

«Mas o facto é que, durante quase quarenta anos, Fletcher tem sido capaz, em todo o mundo e em todo o tipo de condições, de obter informação, muitas vezes — não sempre, mas na maioria das vezes — que eu não poderia de modo algum obter normalmente. A única coisa que posso fazer é entrar em transe e depois, quando Fletcher fala convosco, vocês falam com ele tal como falariam com qualquer pessoa.

«Seja ele o que for, quer seja aquilo que afirma ser ou uma personalidade secundária, ele comporta-se como uma pessoa. Se forem amigáveis, ele é amigável; se não forem amigáveis, provavelmente ignoravos.»

Ford, portanto, embora não fosse fanático quanto a esse ponto, falava como se acreditasse que Fletcher era uma entidade separada e distinta de si próprio. E Fletcher também falava dessa forma.

«O que significa “alter ego”?», perguntou certa vez o controlo a um participante.

«Bem, algo como outro eu», foi a resposta.

«Como eu sou para Ford?», retorquiu Fletcher.

Numa sessão numa casa em Minneapolis, onde Ford nunca antes estivera, Fletcher perguntou: «Onde está Ford agora?» Seguiu-se então esta troca reveladora:

PARTICIPANTE: Onde está Ford?

FLETCHER: Onde está o corpo agora? Quero dizer... onde...

PARTICIPANTE: Aqui em Minneapolis.

FLETCHER: Nunca estive nesta casa antes?

PARTICIPANTE: Não.

FLETCHER: Bem, eu vi a luz. Soube que Ford estava ali porque ele é como

uma luz, e a luz atraiu-me, e aqui estou.

PARTICIPANTE: Ford tem a sua própria luz?

FLETCHER: Toda a gente tem uma luz, e as pessoas daqui vêm a luz, e depressa aprendemos a associar a luz às pessoas de quem gostamos e por quem nos interessamos... a luz... é quase como uma roupa que se veste. Aqui temos roupas, mas não são roupas que vestimos. São roupas — bem, se eu decidir que quero parecer de uma determinada época ou período, penso nisso, e é como uma radiação de luz do nosso corpo que é... moldada nesse estilo de vestuário que queremos...

Muitas pessoas inteligentes passaram a acreditar que Fletcher era, de facto, quem dizia ser — ou que, pelo menos, merecia ser tratado como tal — por causa das coisas que fazia. Em centenas de sessões de transe, Fletcher comunicou informações que as pessoas reconheciam como evidenciais — por vezes tão evidenciais que ficavam convencidas de que só poderiam ter vindo do amigo ou ente querido falecido que alegadamente era a fonte.

Em Janeiro de 1937, S. Ralph Harlow, professor de filosofia no Smith College, levou a mulher e três amigos a uma sessão mais ou menos improvisada com Arthur Ford — foi marcada por telefone com apenas algumas horas de antecedência. Entre o trio que acompanhava os Harlow encontrava-se a Sra. Lou Shapiro, mulher de um médico de Nova Iorque, que tinha aparecido à última hora e fora convidada a juntar-se. O médium não sabia que a Sra. Shapiro iria comparecer.

No seu apartamento, Ford colocou um lenço de seda preta à volta dos olhos, deitou-se num sofá, respirou profundamente e de forma rítmica, e pareceu entrar em transe.

«Olá», cumprimentou Fletcher o Dr. Harlow. «Já o encontrei antes.»

Harlow admitiu que sim, que já tinha tido uma sessão anterior.

No decorrer da sessão, Fletcher disse subitamente à surpreendida participante, Sra. Shapiro: «Usa por vezes um uniforme branco? Trabalha num hospital?»

«Uso frequentemente um uniforme branco», respondeu ela, «quando trabalho na clínica do meu marido, mas não trabalho num hospital há anos.»

Mais tarde, Fletcher disse à Sra. Shapiro: «Há aqui uma jovem que diz querer falar com a mãe. O nome dela é Mary e está deste lado há vários anos. Mary diz: “Vim para aqui quando era muito nova, mas cresci e estou muito

feliz com o meu trabalho aqui. Mãe, amo-te muito e estou tão feliz por ter esta primeira oportunidade de te dizer isso e de te deixar uma breve mensagem. Diz também ao pai que estou orgulhosa do seu trabalho como médico e que ele está a fazer muito bem.”»

A Sra. Shapiro confirmou que tinha tido uma filha chamada Mary, que morrera muitos anos antes; nenhuma das pessoas que a acompanhavam sabia disso.

Depois, Fletcher disse: «Há aqui um antepassado chamado Macoski.» «Tive antepassados com esse nome», respondeu a Sra. Shapiro.

Em 1958, antes de escrever uma recensão da autobiografia de Arthur Ford, *Nada Tão Estranho*, recém-publicada, para a *Saturday Review*, Siegfried Mandel, suspeitando que o livro pertencesse à categoria da ficção, decidiu que «talvez fosse boa ideia conhecer Ford em carne e osso e Fletcher em espírito. Conheci ambos!»

Como Arthur Ford dava muitas palestras e realizava sessões privadas por todo o país, foi necessário voar cerca de 500 milhas até ao que pensei vir a ser um encontro arrepiante... Ford convidou-me amavelmente a assistir a uma sessão privada.

Algumas pessoas vão a extremos para encontrar justificação para as suas crenças, e eu esperava encontrar um conjunto de crédulos prontos a agarrar-se aos mais frágeis indícios para alimentar as suas esperanças. Não foi isso que encontrei no grupo de cerca de dezassete pessoas a que me juntei. Entre elas havia médicos, jornalistas, um presidente de câmara local que era o anfitrião da noite, uma estrela de cinema e um ministro religioso. Vários eram completos desconhecidos entre si e para Ford, o que afastava a hipótese de conluio generalizado.

A iluminação na suite do hotel era normal. Ford sentou-se numa cadeira confortável, explicou-nos brevemente o que esperar, vendou os olhos e, após quatro minutos de respiração profunda e um espasmo perceptível da cabeça, pareceu adormecer. Aparentemente, nesse momento Fletcher tomou conta da voz de Ford e, durante uma hora e meia, transmitiu mensagens entre as pessoas presentes e os seus amigos desencarnados. Foi uma troca de dois sentidos que produziu sinais de reconhecimento, perplexidade e espanto nos ouvintes.

Quando Fletcher se dirigiu a mim, cumprimentei-o educadamente e, em seguida, uma série de pessoas que eu tinha conhecido fez comentários e observações tão pessoais que me puseram os cabelos em pé. Algumas alusões, nomes e previsões não fizeram sentido de imediato, mas Fletcher disse para os anotar e verificar mais tarde.

Tentei explicar esta estranha demonstração de várias maneiras, mas tive de rejeitar hipnose, telepatia, adivinhação psicológica, truques, pesquisa e memória fotográfica.

Indiscutivelmente, isto deixa pouco em termos de explicação, exceto reconhecer uma extraordinária atuação psíquica da equipa Ford-Fletcher.

Em 27 de Fevereiro de 1963, Martin Jones, de vinte e dois anos, filho do Sr. e da Sra. David Jones, de Canton, Ohio, morreu no acidente de um avião-tanque de reabastecimento enquanto servia na Força Aérea dos Estados Unidos. O acidente ocorreu na Base Aérea de Filson, perto de Fairbanks, no Alasca.

Depois de ler nos jornais de Chicago sobre Arthur Ford, Mary Jones, mãe do falecido, escreveu-lhe a pedir uma sessão; teve o cuidado de não revelar nada sobre o filho. A data foi marcada para 27 de novembro de 1964.

Seguem-se excertos dessa sessão.

FLETCHER: Não creio que tenha tido o prazer de a conhecer, pois não?
Sra. Jones: Sou Mary Jones e este é o meu marido. É um prazer conhecê-lo.

Fletcher: E qual é o seu nome?

Sr. Jones: Sou David Jones.

FLETCHER: São bons nomes bíblicos, muito interessante, porque David é o nome que os hindus deram a Ford, sabe. Sabe o que significa o nome David, pois não?

Sr. Jones: Não, creio que não.

FLETCHER: «Porta para o céu». E é assim que os amigos hindus chamam Ford. Embora eu não ache que seja sempre o céu para onde ele abre a porta.

No plano terreno eu era católico romano. Já estive no Quebeque?

Sr. Jones: Sim, estivemos.

FLETCHER: Eu sabia; olho para uma pessoa — suponho que porque toda a minha vida vivi no Quebeque — e consigo perceber se ela lá esteve. Há qualquer coisa nela, sabe?

Já lá estive, mas não eram católicos romanos?

Sr. Jones: Não.

FLETCHER: Eu era católico romano. Eu costumava pensar que ninguém ia para o céu exceto os católicos romanos. Depois vim para aqui e há aqui todo o tipo de pessoas e eu ainda não estou no céu. Espero vir a estar um dia. Também não há ninguém no inferno. Tanta gente pensa que se vai diretamente para o céu ou para o inferno, mas não se vai para nenhum dos dois. Continua-se simplesmente a viver e, se se desenvolve um pouco de bem, fica-se livre e feliz. Mas o céu é estar com Deus e isso leva mais tempo do que apenas morrer, não é? Deixe-me ver...

Há aqui algumas pessoas, mas leva um momento até se aproximarem o suficiente...

Consigo vê-lo agora. É David?

Sr. Jones: Sou David...

FLETCHER: Tive a impressão de que este também era David. Talvez esteja apenas a chamar David... «David é o meu pai», percebe?

Sr. Jones: Exatamente.

FLETCHER: Então ele olha em volta, feliz, e diz: «Mãe, mãe, mamã, mãe.» É bem constituído, bonito. Eu diria que provavelmente está na casa dos vinte, sabe?

Neste momento ele sorri e o pensamento que me chega é que ele diz: «Estou a tentar moldar o meu pensamento de modo que este homem, Fletcher, vos possa dizer o que eu quero dizer-vos. A primeira coisa é tanto amor e entusiasmo, felicidade.» Mas ele está a tentar dizer isto: quer que saibam que não sofreu. Foi tudo muito rápido, percebe?

Sr. Jones: Hum-hum.

FLETCHER: Houve uma espécie de explosão. Ele não parece lembrar-se de nada sobre isso porque não estava à espera que acontecesse, percebe?

Sr. Jones: Sim.

FLETCHER: E ele diz que ninguém se lembra de nada sobre morrer, porque ninguém morre de facto. «Mas às vezes as pessoas têm tempo de ter medo se souberem que está a chegar; eu não estava à espera que algo corresse mal e não tive tempo de ter medo, e está tudo perfeitamente bem, percebe? Eu não soube que me tinha acontecido alguma coisa até ter encontrado aqui outras pessoas que eu sabia que deviam ser aquilo a que chamam mortas; então percebi.» Mas tenho a impressão curiosa de que ele quer deixar isto

resolvido: que não sofreu e que não foi culpa dele. Havia outras pessoas envolvidas, percebe?

Sr. Jones: A culpa é das outras pessoas?

FLETCHER: Não. Ele não estava a pilotar aquilo, pois não?

Sr. Jones: Não.

FLETCHER: Era apenas passageiro, não era? Devia haver quatro ou cinco outros.

Sr. Jones: Sete a bordo com ele.

FLETCHER: Sim, eu sei, não era um grande avião de passageiros, percebe o que quero dizer...?

Agora há uma senhora chamada Elizabeth... Teve cancro e houve uma operação e não serviu de nada. O nome «Bean» diz-lhe alguma coisa?

Sr. Jones: O nome «Bean»?

FLETCHER: Bean.

Sr. Jones: A menos que seja a mulher do Rev. Bean.

FLETCHER: Ela teve cancro? Houve uma operação.

Sr. Jones: Não tenho a certeza.

FLETCHER: Conhece um Rev. Bean?

Sr. Jones: Conheço um Rev. Bean que era o ministro da igreja presbiteriana na altura em que o nosso filho morreu.

FLETCHER: E ele está aqui agora?

Sr. Jones: Não, o Rev. Bean está cá, mas penso que a Sra. Bean está aí desse lado.

FLETCHER: O jovem diz que há alguém no plano terreno de quem ele está ansioso por falar. Julgo que disse «George»...

Sr. Jones: Pode ser.

FLETCHER: Conhece algum George que ele conhecesse?

Sr. Jones: Sim, conheço.

FLETCHER: Ele parece falar dele como se tivesse grande admiração e grande respeito por ele, percebe?

Sr. Jones: Sim. Qual seria a profissão do George, sabe, Fletcher?

FLETCHER: Tenho de ver. Ele disse que George fez algo por ele e quer agradecer-lhe. Não sei se foi antes ou depois de ele vir para aqui. Foi depois de ele vir para aqui que George ajudou com o serviço memorial ou algo do género. Ele quer agradecer-lhe o que disse. «Diz-lhe que há alguém aqui» — isto é uma coisa engraçada que o rapaz diz, sabe — «diz ao George que há alguém aqui que soa a ‘Hutchinson’.»

Sr. Jones: Hutchinson?

FLETCHER: Sim, qualquer coisa sobre Stu, Stu Hutchinson; ele está ansioso por dizer ao George que está orgulhoso dele, era amigo dele, ou algo assim. Tenho a impressão de que este Stu Hutchinson era um homem muito espiritual, e ele diz que o seu rapaz — como se chama o seu rapaz?

Sr. Jones: Martin.

FLETCHER: Eu sabia que era um M, mas não o conseguia apanhar; Mart ou Marty... Ele disse que estava a tentar provar algo dizendo-vos quem foi o primeiro a batizá-lo e quem o enterrou, percebe isso?

Sr. Jones: Quem o batizou e quem o enterrou?

FLETCHER: Ele está a falar de um pastor que o batizou, e está a falar daquele que o enterrou, é isso?

Sr. Jones: É isso mesmo.

FLETCHER: E este homem que está a falar chama-se Hutchinson e está de algum modo ligado a esse George.

Sr. Jones: Vou ter de confirmar isso com o George.

FLETCHER: Esse George, no entanto, é evidentemente um pastor e é uma pessoa muito espiritual. Não está apenas a gerir um clube social, pois não? Está a dirigir uma igreja a sério.

Sr. Jones: Está a dirigir uma igreja a sério.

FLETCHER: Está mesmo a tentar ajudar as pessoas, é isso que o Stu diz.

Consideremos agora a avaliação que o Sr. Jones fez deste material.

A forma como Martin morreu foi descrita por Fletcher e coincidiu com todos os relatórios que nos foram dados.

O Rev. James Bean (na altura não sabíamos que ele tinha morrido, pensando que a Sra. Bean é que era a falecida — mas Fletcher tinha razão) batizou Martin e George Parkinson conduziu o serviço memorial e enterrou-o, como Martin afirmou através de Fletcher.

Martin chamava o Dr. Parkinson de «George» desde que foi capaz de falar. Esta familiaridade não era mal recebida pelo Dr. Parkinson. É bastante evidencial, para nós, que ele ainda fale de «George».

Ao confirmarmos com o Dr. Parkinson, ele disse-nos que o Stu Hutchinson que falou era o ministro da East Liberty Church, em Pittsburgh, quando o Dr. Parkinson estava no seminário e lhe pedira para ser seu assistente após a graduação, mas que tinha outros planos.

Significativamente, uma das frases que o Dr. Parkinson disse à família ao longo dos anos foi: «Quando eu começar a gerir um clube social, saio da igreja.»

Se isto foi telepatia, foi bastante sofisticada, porque os Jones não sabiam da morte de Bean. Também não tinham conhecimento da existência de Stu Hutchinson nem da sua amizade, anos antes, com George Parkinson.

Na mesma sessão, Fletcher comentou, como costumava fazer, o estado dos vivos-mortos e a sua relação com as pessoas que amavam e com os amigos deixados para trás.

Fletcher observou:

Martin era e continua a ser o vosso único filho, porque não se mudou para outro planeta, não foi para outro lugar. No corpo espiritual, ele simplesmente entrou noutra dimensão, mas é um mundo que interpenetra o vosso. É como, se parar para pensar, esta sala e toda a atmosfera à vossa volta, neste exato momento, estarem cheias de pessoas e cheias de vozes tão reais como as vossas. São pessoas vivas, a viver e a falar, mas até ligarem a televisão não as conseguem ver nem ouvir, pois não? Pois bem, é assim connosco. É apenas outra dimensão, outro comprimento de onda, por assim dizer...

Esta sessão foi típica de muitas das de Ford. As comunicações eram frequentemente divagantes, desconexas, e só raramente fluíam de forma suave. Havia muita procura da frase ou expressão correta, de um nome. Muitas vezes Fletcher tentava uma vez acertar num facto evidencial, depois recuava e voltava a tentar. E, no entanto, desse processo sinuoso, por vezes aparentemente aleatório, emergiam pontos luminosos — nomes exatos, pormenores estranhos, trivialidades extremamente privadas — que atingiam o participante com uma força deslumbrante.

Toda a atuação numa sessão de transe de Ford era aquilo que se poderia esperar caso o que se afirmava estar a acontecer estivesse, de facto, a acontecer. A comunicação psíquica — quer com os mortos, quer com as mentes das outras pessoas presentes, quer com as mentes de pessoas vivas ausentes (todas as variedades possíveis de interação telepática) — terá, certamente, de ser um procedimento tortuoso e meticuloso. Um controlo queixou-se de que estava «sempre a lutar contra esta interferência da mente inconsciente do meu médium», querendo isto dizer, presumivelmente, que o

fluxo puro de pensamento vindo dos desencarnados era constantemente toldado por material que se infiltrava a partir da própria mente profunda do médium.

O processo de comunicação, tal como Fletcher o descrevia, estava cheio de possibilidades de confusão.

«As únicas pessoas por quem eu posso falar», disse ele, numa sessão a que assisti em Setembro de 1967, «são as que vêm porque vocês estão aqui. E não entram na sala como vocês entram. Eu vejo uma grande luz... uma grande massa de luz, se a luz puder ser uma massa, e observo essa luz e, de repente, ela começa a tomar forma e toma a forma de pessoas. Estão a tomar forma agora... vejo várias.

«Às vezes, se conseguem construir corpos muito definidos e aproximar-se bastante, quase consigo ler-lhes os lábios. Outras vezes tenho de depender da projeção de pensamento que eles fazem. E eu tenho de pôr isso em palavras e, por vezes, é muito difícil. Mas desenvolvi para mim próprio uma espécie de sistema pelo qual consigo obter imagens de som...»

Esta descrição do processo de comunicação, tal como era experienciado pelo controlo do médium, soa a transferência de pensamento entre pessoas vivas (tem-se sugerido que a telepatia a partir dos mortos seria a forma mais plausível de tal comunicação entre mundos) e, portanto, presumivelmente sujeita às mesmas dificuldades e caprichos.

E isto explicaria por que razão Fletcher muitas vezes tem de decifrar símbolos como imagens («Vejo um lado de madeira», disse ele numa sessão a que assisti, «ah, sim, é um nome, ‘Woodside’»), luzes e sombras («Vejo um brilho quando menciona esse nome; um futuro luminoso aguarda»), ou até uma sensação de movimento ou direção («Sinto que estou a ser levado sobre água — isto aconteceu sobre o oceano?»). Isso também explicaria algumas das distorções na comunicação mediúnica — há um factor de estática, uma deturpação mais ou menos característica da informação, na transmissão telepática.

Quanto à questão da identidade de Fletcher — se era realmente um espírito — a atitude de Ford, e de Fletcher, era pragmática: um espírito é aquilo que um espírito faz. Ford sustentava que Fletcher era um desencarnado que ajudava outros desencarnados, menos experientes, a comunicar. Mas não condenava os que consideravam Fletcher apenas uma

parte da mente do médium, desde que reconhecessem que ele era um canal através do qual a informação chegava por algum meio genuinamente supranormal.

Na primeira hipótese, se Fletcher fosse um espírito, isso significaria que o material produzido numa sessão de transe, ou pelo menos grande parte dele, emanava dos mortos. Na segunda hipótese, se Fletcher fosse parte da personalidade de Ford — o que não excluía necessariamente a hipótese espiritual (outros comunicadores poderiam ser genuinamente espíritos mesmo que Fletcher não o fosse) — a hipótese mais provável seria a de que a informação obtida de forma supranormal fosse captada telepaticamente pelo médium a partir de outras mentes, ou por via clarividente a partir de documentos ou fontes semelhantes.

Embora nem Ford nem Fletcher insistissem na questão da identidade do controlo, exigindo que os participantes decidissem de uma forma ou de outra, a verdade é que a questão é importante e os investigadores do psiquismo têm tentado resolvê-la.

Há quatro teorias principais sobre a anatomia dos controlos mediúnicos, neste caso Fletcher:

1. Fletcher era uma invenção pura de Arthur Ford — uma pose, uma representação.
2. Era uma personalidade secundária, mais ou menos patológica, do médium.
3. Era, como afirmava, um espírito.
4. Era, no sentido junguiano, um símbolo arquetípico.

Examinemos estas teorias por ordem, avaliando as provas a favor de cada uma.

Fletcher era uma criação consciente do médium?

A visão do cético simplista é: sim. É bastante claro, diz este argumento — ninguém acredita que um espírito possa regressar e tomar conta do corpo de outra pessoa; logo, toda a história tem de ser uma encenação.

Um antigo secretário de Arthur Ford, um homem de meia-idade que se desentendeu com o médium e fez várias acusações prejudiciais contra ele, opinou que Fletcher era um papel que Ford representava.

«Para mim, o transe era uma pose», disse. «Ford podia dizer fora de transe tudo o que podia dizer quando estava em transe. Sim, por vezes era genuinamente clarividente. Mas Arthur era Fletcher. Fletcher era uma invenção pura. E essa fotografia de Fletcher apareceu por acaso. Podia ter sido qualquer pessoa — um grande, grande amigo que Ford teve há muitos anos, percebe o que quero dizer?»⁷

(Esta mesma pessoa é citada num capítulo posterior sobre outros assuntos relacionados com Ford. Ao avaliar o testemunho deste homem, é relevante notar que, embora tenha trabalhado de perto com Ford durante vários meses, algumas das declarações que fez sobre a vida privada de Ford, que dizia basear no seu conhecimento pessoal, eram comprovadamente falsas.)

Alguns dos que melhor conheciam Ford, e o admiravam e amavam, admitiam que ele não estava acima de fingir um transe para servir os seus próprios fins. Mas insistiam que conseguiam distinguir entre Fletcher e Ford a imitar Fletcher.

Clement Tamburrino, que conheceu Ford durante a última década da sua vida — talvez melhor, em certos aspetos, do que qualquer outra pessoa — disse:

«Veja bem, eu conheci bem o Ford e aprendi a conhecer bem o Fletcher e eles eram, digamos, como você e eu — duas pessoas diferentes. Absolutamente duas pessoas diferentes; o Ford era uma coisa e o Fletcher era outra. Mas digo-lhe uma coisa interessante. O Arthur entrava em transe e, quando estava mesmo profundo, era o Fletcher a falar. Depois, passado algum tempo, sabe, o transe começava a aliviar e ele vinha à tona. Ainda estava em transe, mas já oscilava. E essa é uma linha ténue. Aqui está o Arthur Ford e aqui está o Fletcher, e há um conflito. Depois ele mergulhava fundo outra vez e era o Fletcher a sair, forte e claro. E então começava a oscilar de novo. Ao fim de trinta e cinco minutos, ficava cada vez mais Arthur, percebe?»

Embora Fletcher fosse o veículo habitual das mensagens psíquicas, Ford, dizia Clem Tamburrino, também era psíquico no seu estado normal.

«Dou-lhe um exemplo. Numa manhã de sábado, estávamos a preparar-nos para ir tomar o pequeno-almoço e o Ford diz: “Vamos ter uma visita.” Ele tinha acabado de fazer os exercícios de ioga e o seu período de meditação

matinal — que quase sempre fazia — e estava quase num estado de êxtase. E diz: “Vamos ter uma visita.”

E eu disse: “Ah, sim? Quem vem?”

Ele disse: “Um maluco.”

Eu disse: “Como assim?”

Ele volta a dizer: “Vamos ter uma visita.”

“Bem, sabe quem é?”

Ele disse: “Não, nunca o vi. Mas ele vem.”

Eu disse: “O que quer dizer?”

Ele disse: “Olhe, vem cá um velho sacana. E está maluco. Quero que vá lá abaixo e diga à Sra. Peacock” — era a senhora do balcão do hotel — “que, quando ele chegar, não nos ligue. Eu não estou. Fui para fora no fim-de-semana.”

Então eu fui lá abaixo e disse-lhe. E sabe que mais? Pouco depois, quando o Ford e eu estamos a sair pela porta para ir tomar o pequeno-almoço, esse velho entra mesmo, e está meio furioso. Tinha vindo de Boston e queria ver o Arthur Ford. Tinha algo para lhe dizer e isso ia endireitar o Arthur e tal. Digo-lhe: se algum homem era maluco, aquele tipo era. E o Arthur viu isso por via clarividente.»

«Noutra ocasião, e isto foi pouco depois de eu ter conhecido o Ford, eu queria gravar as conversas dele comigo porque estava tão fascinado por este tipo. Nunca tinha conhecido ninguém como ele. Eu sabia que os gravadores o incomodavam, por isso escondi um debaixo do sofá, onde ele não o pudesse ver, e aumentei o volume ao máximo para captar tudo o que fosse dito na sala.

Pois bem, o Ford entra, senta-se e, em menos de um minuto, diz: “Há qualquer coisa estranha nesta sala, está sob escuta. Esta sala está sob escuta. Alguém meteu aqui uma porcaria qualquer e pôs o sítio sob escuta. Eu sei.” Ele falava assim quando bebia um ou dois copos. “Eles” estavam a vigiar o lugar dele. Não sei quem eram “eles”, sem rosto e sem forma, sabe. De qualquer modo, o telefone tocou e ele saiu da sala para atender e, enquanto ele esteve fora, eu desliguei o gravador. Quando ele voltou, passado um pouco, disse: “Assim está melhor. A porcaria já foi.”»

Mas, embora o próprio Ford fosse psíquico, Fletcher era «outra pessoa», insistia Tamburrino.

«Fletcher não era Ford. Fletcher era, bem, basicamente mais um cavalheiro. O Ford podia ser às vezes um cavalheiro, sabe. Mas o Fletcher era sempre um cavalheiro. E era difícil fazê-lo zangar-se, a menos que o Ford estivesse bêbedo quando entrava em transe. O Fletcher detestava isso. Tenho várias gravações de sessões em que o Fletcher diz: “Estou farto, farto de verdade, de o Ford beber. Diga-lhe isso.”»

(Esta aversão de Fletcher à bebida de Ford vinha de longe. Upton Sinclair descreveu uma sessão em sua casa, em 1930, durante a qual Fletcher repreendeu o seu médium por ter bebido um copo de whisky com soda numa festa na noite anterior «em casa da mulher do diretor dos correios», quando isso era uma tolice e Ford sabia como isso arruinava sempre o seu trabalho.⁸)

Depois de Ford ter adoecido do coração, ia descer até Miami. E tivemos esta sessão na noite de Passagem de Ano. E Fletcher disse: «Diz ao Ford que eu disse que ele é melhor não dar mais do que duas sessões, porque vai ficar bem surpreendido se eu não aparecer.»

Eu disse: «Bem, devo dizer-lhe isto?»

E Fletcher disse: «Diz-lhe. Aliás, se ele não acreditar, diz-lhe para voltar a pôr a gravação. Porque ele vai ficar mesmo surpreendido se eu não aparecer.»

(Ford costumava dizer que, quando estava no auge do seu alcoolismo, Fletcher instruiu um participante: «Diz ao Ford que não volto até ele deixar de beber.» E isso, afirmava Ford, foi a última sessão de transe que deu durante dois anos. Se tentasse, não lhe saía nada. Nada de Fletcher.)

8 Bernard J. Hurwood, editor, *The Second Occult Review Reader*. Nova Iorque: Award Books, 1969.

Certa vez, recordou Clem Tamburrino, demorou vinte e oito minutos, em vez dos habituais quatro, até Fletcher se manifestar; explicou que não tinha sido nada exigente em aparecer, uma vez que Ford, recentemente, se deixara mortalmente doente ao fazer uma gula alimentar durante a qual consumiu, entre outras coisas, dois quilos e meio de doces de uma só vez. Nesses momentos, dizia Tamburrino, Ford só podia esperar e ter esperança de que um Fletcher relutante aparecesse; não tinha poder para o coagir.

É certo que Fletcher e Ford nem sempre se digladiavam, embora, como vimos, Fletcher fosse muitas vezes impaciente com aquilo que considerava as fraquezas tolas do seu médium. Havia afeto evidente entre os dois. («Eu penso mesmo que, em algum momento das suas vidas, foram amigos muito próximos», disse Clem Tamburrino.) Fletcher, no entanto, nunca falava de Ford em termos extravagantes e melosos, como alguns guias espirituais fazem com os seus médiuns. Não era para Fletcher usar epítetos sentimentais, aplicados a Ford, como «o meu amado instrumento» ou «o meu querido».

«Ele chamava ao Arthur simplesmente “Ford” na maior parte das vezes», afirmou Tamburrino.

«Ocasionalmente dizia “Arthur Ford”, mas nunca ouvi Fletcher dizer “Arthur”. Às vezes chamava-lhe “o meu instrumento”, mas nunca “o meu amado instrumento”. Isso simplesmente não era Fletcher.»

Embora o cético possa argumentar que Fletcher era uma atuação consciente de Ford e que o médium era suficientemente astuto para incluir pequenos pormenores destinados a aumentar a credibilidade, o facto é que certas coisas que Ford fazia tendiam a reforçar fortemente a impressão de que ele encarava Fletcher como um ser separado. Uma dessas ocorrências particularmente convincentes era quando Ford dava uma sessão para si próprio. Nessas ocasiões, entrava em transe enquanto outra pessoa colocava a Fletcher as perguntas a que Ford queria resposta, gravando as respostas do controlo para mais tarde Ford as ouvir.

Ruth Montgomery, na altura cronista política sindicalizada do grupo Hearst, descreveu uma ocasião em sua casa, em Washington, em que Arthur Ford lhe pediu que supervisionasse uma sessão para si próprio.

«Ford disse que gostaria que eu fizesse a Fletcher algumas perguntas em nome dele», recordou. «“Há algumas decisões que tenho de tomar”, explicou, “e como estou sempre a dormir quando o Fletcher está a falar, não tenho oportunidade de lhe perguntar eu próprio.”»⁹

William Rauscher e Robert Lewis, ambos padres episcopais, estiveram presentes noutra ocasião em St. Agathe, Quebeque, quando Ford realizou uma sessão urgente para si próprio, para perguntar a Fletcher o significado de um sonho aterrador que o perturbava profundamente. Estas testemunhas

disseram que a angústia emocional de Ford, e a sinceridade da sua pergunta a Fletcher, eram palpavelmente genuínas.

Uma outra linha de prova que indica que Fletcher não era simplesmente Ford a representar é a genuinidade do transe.

Até onde consegui apurar, nunca foram realizados testes laboratoriais a Ford em transe (ele disse-me uma vez que o Dr. Robert Laidlaw, de Nova Iorque, tinha efetuado esses testes, mas o psiquiatra negou-o, embora conhecesse Ford). No entanto, há indícios significativos que tendem a apoiar a realidade dos transe de Ford.

A prova mais dramática vem de Ruth Montgomery, que diz que, uma vez, durante uma sessão em sua casa, Arthur Ford foi atingido por uma crise cardíaca. (Nos anos finais, era sujeito a ataques recorrentes de angina, que aliviava com comprimidos de nitroglicerina.) A Sra. Montgomery conta a história:

Qualquer dúvida de que Arthur Ford estivesse realmente em transe durante as suas sessões desapareceu, quanto a mim, num dia em nossa casa em Sheridan Circle... [Ford] estendeu-se no sofá da biblioteca, amarrou um lenço de seda sobre os olhos e entrou em transe. Fletcher anunciou rapidamente a sua presença...

Quando perguntei a Fletcher se o médium deveria visitar uma clínica no Novo México para um exame físico, Fletcher respondeu secamente: «É melhor ele fazer alguma coisa. Se não fizer, já não consigo trabalhar através dele por muito mais tempo. Ele não devia estar deitado completamente esticado como está agora, e ele sabe-o. Faz-lhe mal. Está com muita dor neste exato momento e não o sabe; mas vai sabê-lo quando sair do transe.»

Alarmada, perguntei o que devia fazer por ele, e Fletcher respondeu: «Apenas ponha-o de pé assim que puder. Ele saberá o que fazer então.»... Ford parecia tão sereno como uma criança a dormir, mas pedi a Fletcher que o tirasse do transe. À medida que o controlo espiritual se retirava e a expressão familiar de consciência começava a regressar ao rosto de Ford, ele agarrou-se subitamente ao coração e gemeu em agonia. A dor não podia ter sido fingida, pois gotas de suor surgiram-lhe na testa e os seus gemidos contidos apertavam-me o coração.

Assustada, corri para ele e disse que o ajudaria a pôr-se de pé. Não foi fácil erguê-lo enquanto ele se dobrava com dor, mas, assim que ficou em pé,

pediu-me um copo de água gaseificada. Eu providenciei-o rapidamente e ele colocou na boca um comprimido que trazia para usar no caso de um ataque de angina.¹⁰

Embora não tenha sido feito um estudo médico completo de Ford em transe — ou, se foi feito, está algures enterrado — um cardiologista reputado teve oportunidade de ligar o médium a um eletrocardiógrafo (uma máquina que regista a atividade cardíaca) durante uma sessão de transe. Numa carta a Arthur Ford, datada de 6 de Março de 1968, o Dr. Edwin Boyle, Jr., de Miami (anteriormente responsável pela telemetria cardíaca da NASA), disse: «O seu eletrocardiograma tirado durante o transe é extremamente interessante.» Mais tarde, Boyle comentou publicamente:

Testei Arthur Ford em condição de transe com um ECG e encontrei resultados que ainda hoje não consigo explicar. Numa ocasião, o coração dele parou durante oito segundos. Nessa sessão ele disse-me coisas cuja verificação me demorou dois ou três meses — coisas que nem o meu pai sabia.¹¹

10 Montgomery, *A Search for the Truth*.

11 Citado num folheto publicado pela ESP Research Associates Foundation, Little Rock, Arkansas.

Parapsicólogos experientes que conheceram Arthur Ford e a sua mediunidade parecem não ter acreditado que Fletcher fosse apenas uma pose consciente do médium. O Dr. Ian Stevenson, então diretor do departamento de psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade da Virgínia, ao propor uma série de sessões experimentais com Ford, observou: «Se esta primeira série de sessões correr bem, gostaria de tentar algo um pouco mais complicado. Para isso, porém, devo discutir possibilidades com o próprio Fletcher, bem como consigo.»¹²

E quanto à teoria de que Fletcher era uma personalidade secundária, mais ou menos patológica, do médium?

A primeira coisa a dizer é que personalidades secundárias não são propriamente comuns; a maioria dos psiquiatras provavelmente não vê sequer uma ao longo de toda a prática clínica. (Um manual padrão, *Clinical Psychiatry*, de Ian Skottowe, M.D., publicado em Inglaterra em 1964, nem sequer menciona o fenómeno.) Contudo, os leigos instruídos estão mais conscientes do que é uma personalidade secundária por causa do

extraordinário sucesso — primeiro como livro e depois como filme — da curiosa história de Eve White.¹³

Eve White (um pseudônimo) tinha duas personalidades distintas a coexistir no mesmo corpo. A personalidade secundária, chamada no livro «Eve Black», tinha consciência de tudo o que a personalidade primária pensava e fazia, mas Eve White era totalmente inconsciente do seu eu-sombra. Enquanto Eve White era inibida, culpabilizada e puritana, Eve Black era o oposto: intensamente extrovertida, sem consciência moral no sentido inocente de uma criança muito pequena, e hedonista.

Os psiquiatras do caso diagnosticaram a divisão do ego de Eve White como resultante de experiências traumáticas de infância relacionadas com a morte da avó e sentimentos associados de culpa, que a levaram a reprimir certas tendências da sua personalidade. Essas tendências reprimidas e não reconhecidas ganharam vida própria e manifestaram-se como Eve Black, a antítese de Eve White.

Através da psicoterapia, as duas Eves foram integradas numa única personalidade que combinava os melhores elementos de ambas. Isto, por sua vez, acabou por se desagregar e surgiu uma quarta Eve, aparentemente mais estável e madura do que qualquer das anteriores. Neste caso, os espíritos nada tiveram a ver com o fenómeno; nem foi o exorcismo, mas sim a psiquiatria, que produziu a cura.

¹² Comunicação pessoal a Arthur Ford.

¹³ Corbett H. Thigpen e H. M. Cleckley, *The Three Faces of Eve*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., 1957. Existe também uma continuação: Evelyn Lancaster, com James Poling, *The Final Face of Eve*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., 1958.

Tecnicamente, a personalidade múltipla não é uma psicose, mas uma forma de histeria. Os fenómenos da personalidade múltipla podem ser simulados por hipnose. Sob hipnose, um bom sujeito pode ser induzido a desempenhar muitos papéis diferentes. Um caçador de caça grossa, uma personalidade famosa da televisão, até um homem de Marte — diga a personagem e o sujeito hipnotizado fará o possível por sê-la.

(A maioria dos casos do tipo *Bridey Murphy* de regressão hipnótica, em que emerge um outro eu, alegando, por vezes com convicção impressionante, ser a encarnação anterior da pessoa, são claramente casos

em que a sugestão evocou uma pseudopersonalidade. Um psicólogo fez um estudo cuidadoso da criação, por hipnose, de tais personalidades fictícias de «existências anteriores».¹⁴⁾

Muitos parapsicólogos tendem a acreditar que controlos mediúnicos como o Fletcher de Arthur Ford são personalidades secundárias. A maior parte dos representantes desta espécie é muito menos credível do que Fletcher.

Os guias espirituais são geralmente personalidades coloridas, até barrocas. Muitos observadores comentaram, de forma sardónica, a elevada proporção de índios americanos, zulus, antigos egípcios e figuras igualmente exóticas. (Os espiritualistas argumentam que estes povos antigos ou “primitivos” viviam próximos da natureza e eram poderosamente psíquicos; por isso, é natural que continuem a sê-lo depois da morte.)

Alguns controlos são ainda mais bizarros. Helene Smith, uma médium do século XIX estudada pelo Prof. Flournoy, foi possivelmente a primeira a afirmar ter um guia espiritual extraterrestre — no seu caso, um marciano — mas a ideia parece estar a ganhar força desde a chegada da Era Espacial. Já ouvi falar de vários médiuns que afirmam ser controlados em transe por venusianos, jovianos e desencarnados de outros planetas.

Mesmo os maiores sensitivos tiveram os seus controlos questionáveis. A Sra. Lenore Piper, que William James considerava a médium mental mais dotada do seu tempo, tinha o seu Dr. Phinuit, supostamente um médico de Marselha, mas incapaz de falar mais do que algumas palavras em francês.

Temos até uma noção bastante clara de como pode desenvolver-se uma pseudopersonalidade mediúnica. O famoso psicólogo G. Stanley Hall inventou uma sobrinha, batizou-a com o pouco eufónico nome «Bessie Beals», e pediu solenemente à Sra. Piper, em transe, que tentasse estabelecer contacto com ela. A Bessie apareceu, como era de esperar — inicialmente uma desculpa esquelética de personalidade, uma espécie de esqueleto psicológico à espera que lhe pusessem carne — mas, em sessões posteriores, foi crescendo de forma constante, tornando-se cada vez mais robusta, até ser tão distintiva como qualquer um dos outros comunicadores de transe da médium. E não foi difícil obter desta Miss Beals, inteiramente fictícia, o mesmo tipo de mensagens com aparência autêntica que tinham vindo dos outros supostos espíritos de Mrs. Piper.¹⁵⁾

No entanto, mesmo que se considerasse que os controlos mediúnicos representam uniformemente tendências reprimidas no inconsciente do médium, isso não provaria que não podem atuar como canais de comunicação com os mortos. Alguns parapsicólogos sustentam que, embora o controlo possa ser uma personalidade secundária, outros comunicadores através do mesmo médium poderiam ser espíritos sobreviventes dos mortos.

Há, indiscutivelmente, um forte argumento *prima facie* para interpretar um controlo mediúnico como Fletcher como uma dramatização de tendências reprimidas na personalidade do médium. Por outro lado, certas considerações sugerem que rotular todas as personalidades de transe desta forma pode ser simplista e injustificado.

Foram observados fenómenos associados a controlos espirituais que, tanto quanto se sabe, não estão associados a casos clínicos de personalidade múltipla. Um relatório notável foi preparado pelo Dr. Cornelius Traeger, um especialista de Nova Iorque em artrite e doença cardíaca, que administrou testes idênticos a uma médium e a dois dos seus controlos, respetivamente, para medir atividade cardíaca, hemograma e reações fisiológicas a vários fármacos.¹⁶

A médium era a falecida Eileen Garrett e os seus controlos eram «Uvani», um árabe (segundo ele próprio) que morreu há um século, e «Abdul Latif», um alegado médico persa que teria estado na Terra pela última vez no século XIII. Os resultados das experiências do Dr. Traeger — que incluíram eletrocardiogramas da médium no seu estado normal e, depois, em transe, de cada um dos seus guias — foram resumidos por um colega, o Dr. Elmer Lindsay: «Foram verdadeiramente espantosos. Foram tão surpreendentes que o Dr. Traeger hesitou em mostrá-los aos seus colegas. Nenhum coração humano poderia apresentar registos tão diametralmente opostos e divergentes.»

A questão é: poderão todas as alterações físicas dramáticas no corpo da médium quando era tomada em transe pelos seus controlos ter sido o resultado de autossugestão? É possível que a médium se identificasse tão fortemente com os seus guias que conseguisse alterar a sua resposta fisiológica a fármacos, o seu hemograma e até o padrão da atividade do seu coração?

A questão permanece em aberto. No entanto, dados como os do Dr. Traeger deveriam, pelo menos, levar a uma pausa o reducionista pouco

sofisticado que insiste que personalidades de transe são obviamente artefactos psicológicos. Artefactos podem ser, mas isso não é óbvio.

Uma das autoridades mais conhecedoras sobre personalidades de transe mediúnicas foi Nandor Fodor. Um psicanalista notável (foi editor da *Psychoanalytic Review*), bem como investigador profissional do psiquismo, Fodor, num livro publicado postumamente,¹⁷ examinou a genealogia destas figuras fantásticas chamadas guias espirituais. Fodor sustentava que agrupá-las arbitrariamente com casos de personalidade múltipla representava uma simplificação injustificável da evidência.

As conclusões de Fodor aplicam-se a Fletcher. Em resumo, eis os seus argumentos contra a teoria da personalidade múltipla:

1. Fletcher foi notavelmente duradouro e estável ao longo de mais de quarenta anos. A sua identidade, distinta da de Ford, manteve-se de tal forma que participantes que o conheceram durante longos períodos por vezes comentavam que Fletcher mudava menos do que Ford. Em contraste, personalidades secundárias patológicas, como Eve Black, tendem a ser instáveis e a degradar-se.
2. Fletcher, em regra, surgia apenas quando Ford o chamava. Agia como um convidado na casa do médium, não como um intruso que queria tomar conta. A personalidade secundária típica, porém, aparece e desaparece como quer, brincando às escondidas com a personalidade primária e, muitas vezes, levando o eu normal perto de um colapso psicótico.
3. Fletcher expressava sempre preocupação pelo bem-estar do seu médium e dava frequentemente conselhos, por vezes de forma mordaz, para benefício do médium. Fletcher exercia uma influência sobre Ford que só poderia ser descrita como moral e eticamente saudável. Em contraste, a personalidade secundária típica tem, na melhor das hipóteses, um desprezo bem-humorado pelo eu primário e, muitas vezes, exhibe falta de senso moral. Eve Black tinha um prazer malicioso em colocar o corpo que partilhava em situações comprometedoras — ir para um quarto de motel com um homem desconhecido e depois sair, deixando a puritana Eve White a enfrentar as consequências.

4. Fletcher era altamente psíquico, ao passo que a personalidade secundária típica não se distingue por ESP invulgar. (Claro que a personalidade primária típica também não; mas Ford era, e indiscutivelmente isso poderia ter feito a diferença.)

5. Fletcher era socialmente útil. Cumpria uma função que milhares de pessoas normais consideravam significativa e consoladora. Tinha um sentido de missão. A personalidade secundária clínica geralmente não quer saber de ninguém para além de si própria. É o egocentrismo por excelência.

6. Fletcher afirmava ter existido antes de aparecer nos transe de Ford. A muitos participantes corroborava os principais pormenores da sua história tal como Ford a contara. Dizia lembrar-se claramente de grande parte da sua vida na Terra. A personalidade do tipo Eve Black normalmente não tem memória de nada antes de emergir como sombra do eu primário; nasce de meia-idade, por assim dizer.

7. Fletcher afirmava que podia funcionar fora do médium e que existia noutro plano ou nível, em companhia de desencarnados como ele. A muitos participantes dava informação significativa sobre esse outro estado de existência. Em contraste, a personalidade secundária que os psiquiatras examinam não faz tais afirmações. Está limitada ao corpo e sabe-o, por vezes avisando o terapeuta quando o eu primário pondera suicídio, porque não quer morrer também.

Segundo Nandor Fodor, Fletcher não se enquadraria na categoria esquizofrénica de «personalidade dividida», nem em qualquer outra categoria médica. Parece enquadrar-se apenas no conceito espiritualista.

(Há muitas questões laterais exóticas nesta matéria dos controlos mediúnicos. Um psiquiatra sueco, Dr. Gerard Odencrants,¹⁸ que considera que tais controlos representam uma forma especial de dissociação da personalidade, levanta uma questão intrigante: o que acontece se se hipnotizar uma personalidade secundária? Ela também tem uma personalidade secundária? No caso de Fletcher, que tipo de informação e fenómenos poderiam ter sido obtidos se ele tivesse sido hipnotizado? Uma equipa de parapsicólogos na Universidade da Virgínia está atualmente a explorar questões deste tipo.)

¹⁴ E. S. Zolik, «An Experimental Investigation of the Psychodynamic Implications of the Hypnotic “Previous Existence” Fantasy», *Journal of Clinical Psychology*, vol. 14, 1958.

¹⁵ Hornell Hart, *The Enigma of Survival*. Springfield, Illinois: Charles C. Thomas, 1959.

¹⁶ Cornelius Traeger, *Two Worlds*. Londres: Psychic Press, Maio de 1965.

¹⁷ Nandor Fodor, *The Unaccountable*. Nova Iorque: Award Books, 1968.

¹⁸ Gerard Odenrants, «Hypnosis and Dissociative States», em Leslie M. LeCron (org.), *Experimental Hypnosis*. Nova Iorque: The Citadel Press, 1965.

Fletcher era um espírito desencarnado?

Entre os psiquiatras, de um modo geral, a hipótese dos espíritos é encarada com pouco apreço. O psiquiatra está mais consciente do que qualquer outra pessoa de como fenómenos outrora atribuídos a entidades exteriores ao indivíduo são hoje conhecidos como resultantes de causas intrapsíquicas. A epilepsia, por exemplo, era considerada pelos antigos como prova de uma possessão divina; hoje é tratada como uma tempestade elétrica no cérebro e pode ser controlada, se não curada.

O esquizofrénico também foi outrora considerado possesso — por demónios. Era normalmente açoitado para encorajar os intrusos a partir. Atualmente, o esquizofrénico por vezes tem eletricidade aplicada à cabeça (o que pode ou não representar uma melhoria). Toda a tendência do pensamento científico afasta-se da crença em entidades tão evasivas como os espíritos.

No entanto, há alguns cientistas que discordam da visão dominante. O Dr. Robert Laidlaw, antigo chefe de serviço de psiquiatria do Hospital Roosevelt de Nova Iorque, afirmou que algumas pessoas mentalmente perturbadas podem estar possuídas ou obsessivamente influenciadas por espíritos de falecidos.¹⁹

Laidlaw citou o caso de um paciente seu que era atormentado por vozes que o incitavam a saltar do telhado da sua penthouse. Um sintoma psicótico típico, diriam a maioria dos psiquiatras. Ainda assim, o Dr. Laidlaw sentiu que o caso tinha certos elementos intrigantes; teve “a sensação de que poderia haver alguma entidade possadora presente”.

Consultou a sua amiga médium, Eileen Garrett, que viu por via clarividente três espíritos à volta do paciente; estes foram reconhecidos por ele, tal como a médium os descreveu. Os três tinham sido amigos próximos do paciente e tinham morrido de forma violenta. Agora tentavam atraí-lo para que se juntasse a eles.

A médium exortou as entidades a deixarem o amigo em paz. O Dr. Laidlaw relatou que, nesse momento, os sintomas mais graves do paciente desapareceram, embora subsistissem problemas que foram tratados através de psicoterapia convencional.

Se for admitida a possibilidade de uma possessão maligna, deve também ser admitida a possibilidade de uma possessão benigna, como no controlo exercido por Fletcher sobre Arthur Ford.

Outro psicoterapeuta profissional que acreditava na possibilidade de possessão espiritual foi Walter Franklin Prince, que, em 1927, escreveu um artigo extraordinário intitulado “Duas curas de ‘paranoia’ por meio de apelos experimentais a supostos espíritos obsessores”.²⁰ Prince descreveu como conseguiu banir os sintomas em duas pessoas diagnosticadas como paranoicas, que tinham delírios de estarem possuídas por espíritos malignos. Ambos os pacientes ouviam vozes. Ambos tinham demonstrado resistência à terapia ortodoxa. Ambos tinham sido considerados por profissionais competentes como tendo um prognóstico “muito grave”.

Puramente como procedimento experimental, Prince decidiu agir como se aceitasse os delírios dos pacientes. Falou com as supostas entidades possessoras, argumentando com elas de forma calma, pedindo-lhes, pelo bem do paciente e pelo seu próprio, que deixassem de o afligir e seguissem o seu caminho. Em ambos os casos, este procedimento foi seguido por uma recuperação rápida, sem recaída dois anos depois, quando o artigo foi escrito.

A questão é: os pacientes melhoraram porque estavam de facto possuídos por espíritos que responderam aos apelos do médico e partiram? Ou funcionou esta forma invulgar de terapia porque os pacientes acreditaram que iria funcionar?

(Existe uma “técnica de participação na fantasia”, usada sobretudo por psicanalistas, na qual o terapeuta entra na psicose juntamente com o paciente para o libertar do seu domínio. O falecido Robert Lindner relatou um

caso deste tipo em que ele, o psicanalista, adotou o delírio fixo de um paciente de que conseguia projetar-se por teletransporte para galáxias distantes.²¹ O perigo, dizia Lindner, é que o psicanalista pode ser sugado para o vórtice da psicose e tornar-se tão insano como o seu paciente.)

Outro terapeuta experiente que acreditava na realidade da possessão espiritual como possível base de algumas doenças mentais foi o falecido Dr. Russell G. MacRobert, um neuropsiquiatra nova-iorquino que, em casos de diagnóstico difícil, frequentemente levava o paciente a Arthur Ford. (O diário de Ford, onde registava as suas sessões, contém, durante um período nos anos 1950, entradas semanais regulares sob o nome “Dr. MacRobert”, por vezes com a nota adicional: “trouxe paciente consigo: Fletcher foi [ou não foi] capaz de ajudar”).)

Num artigo sobre a anatomia da mente, MacRobert discutiu a hipótese da possessão:

Existem muitos enigmas da mente, não sendo os menores o que ela é e onde se encontra. A cirurgia cerebral moderna despojou a mente de uma localização anatómica. A telepatia, a clarividência e a precognição alargaram as dimensões da mente no espaço e no tempo. A psiquiatria cria vários conceitos, conforme melhor consegue, para descrever como a mente atua. Estes conceitos nunca são adequados, sendo sempre incompletos.

Como devem os fenómenos parapsicológicos ser incorporados numa conceção da mente? Estes fenómenos indicam um mundo invisível de pessoas invisíveis que comunicaram com Fletcher. Se estas pessoas invisíveis podem entrar na mente de médiuns como Arthur Ford e, através das suas comunicações, verificar a sua presença no nosso ambiente e demonstrar interesse e familiaridade com os assuntos mundanos e as atividades das pessoas vivas, devemos parar e pensar.

É possível que os estados de espírito e os pensamentos de tais comunicadores possam entrar e influenciar as mentes inconscientes de sensitivos psíquicos inconscientes e não reconhecidos.

O Dr. Carl Wickland [...] fez mais do que sugerir tal ideia. Com a ajuda da sua esposa, que era uma excelente médium, convenceu-se de que a influência e a obsessão espiritual realmente ocorriam. Publicou os seus casos num livro interessante, *Trinta Anos Entre os Mortos*.

Ele e outros, nomeadamente o Prof. Hyslop, colocaram um problema numa área da investigação psiquiátrica quase intocada pelos psiquiatras americanos.

Fletcher, durante os mais de quarenta anos em que se manifestou através de Arthur Ford, manteve discretamente que era um ser humano desencarnado que conhecera Ford na Terra. Numa sessão em Toronto, em 1967, perguntei a Fletcher porque tinha regressado para trabalhar através de Ford. A sua resposta lacónica: “Porque tenho dívidas a pagar.”

As dívidas eram presumivelmente “cármicas”, deméritos morais e espirituais acumulados em vidas terrenas anteriores — Fletcher acreditava na reencarnação — que poderiam ser apagados servindo os outros através da mediunidade de Ford.

Quando lhe perguntei o que lhe aconteceria à morte de Ford, respondeu de forma dissimulada: “Serei livre e deixarei de ter de ser entrevistado e responder a perguntas como estas.”

A última grande teoria sobre controlos mediúnicos como Fletcher é a de que são manifestações arquetípicas. Esta teoria não julga se Fletcher era ou não um espírito; deixa espaço para ambas as visões.

Carl Jung afirmou que os arquétipos, ou símbolos arquetípicos, eram imagens universais que existiram no inconsciente coletivo — o reservatório da memória racial da humanidade — desde tempos imemoriais. As mais poderosas destas manifestações arquetípicas são personalidades. Jung falou de uma figura que emergia das profundezas da sua própria psique, chamada Filemon, representando a sabedoria das eras. Embora fosse parte de Jung, era, ao mesmo tempo, “uma força que não era eu próprio... há coisas na psique que eu não produzo, mas que se produzem a si mesmas e têm a sua própria vida”.

O conceito do controlo mediúnico como manifestação arquetípica não implica qualquer patologia ou anormalidade, como acontece com o diagnóstico de personalidade múltipla. A figura arquetípica é normal, não anormal; saudável, não mórbida.

Discuti Arthur Ford e Fletcher com o Dr. Robert Clark, um psiquiatra junguiano da Filadélfia que teve uma sessão com Ford e ficou convencido de

que este possuía “um dom notável”. O Dr. Clark encaminhou um paciente perturbado para Ford, para possível ajuda, e afirmou que o médium auxiliou com sucesso esse paciente a alcançar maior paz de espírito.

“Se Fletcher for considerado uma manifestação arquetípica”, disse o Dr. Clark, “a questão é: que arquétipo representa ele?”

“Uma imagem arquetípica de que Jung fala é a do Velho Sábio, cuja característica é aparecer em sonhos e visões e falar de forma oracular, em provérbios, sabedoria popular e coisas desse gênero. Isto adequa-se a muitas personalidades mediúnicas em transe, mas não a Fletcher.

“No entanto, um junguiano britânico, P. W. Martin, fala de uma figura arquetípica chamada o Amigo, que tem aproximadamente a mesma idade e o mesmo sexo da personalidade primária. Como o nome sugere, o Amigo funciona de forma útil e aconselhadora, como um guia da pessoa. Isto parece ajustar-se muito bem a Fletcher.”

O conceito do controlo como figura arquetípica permite a possibilidade de uma possessão espiritual real?

“Há espaço para isso”, respondeu o Dr. Clark. “Jung disse que alguém podia ser possuído por um arquétipo e apresentar todos os fenómenos de estar possuído por um espírito, sendo, no entanto, uma parte da própria consciência a efetuar a possessão. Contudo, Jung também afirmou que, teoricamente, poderia existir uma ligação entre o inconsciente das pessoas vivas e espíritos desencarnados e, através deles, com o inconsciente coletivo ou mesmo com a alma do mundo.”

Por outras palavras, Fletcher, interpretado como uma figura arquetípica, poderia ser parte da consciência mais profunda de Ford e, ao mesmo tempo, um elo potencial com seres humanos num estado de existência pós-morte. Este tipo de hipótese aberta parece mais apropriado do que visões rígidas que não deixam espaço para as ambiguidades tão abundantes no estudo das personalidades mediúnicas em transe. A hipótese arquetípica é fenomenológica, e não ideológica: oferece uma forma de descrever o fenómeno — neste caso, Fletcher e as suas extraordinárias capacidades psíquicas — sem se comprometer com uma posição rígida sobre se o controlo é ou não um espírito desencarnado, um sintoma de perturbação emocional ou outra coisa.

Atualmente, não são apenas os médiuns espiritualistas e os analistas junguianos que têm “controles” ou “figuras arquetípicas”, mas também um eminente neurofisiologista como John Lilly, o homem que estabeleceu comunicação com golfinhos (*The Mind of the Dolphin*) com financiamento do governo dos Estados Unidos. Recentemente, Lilly — que domina várias disciplinas, sendo psicanalista certificado, biofísico e neurofisiologista — voltou-se para o misticismo e para a exploração de estados alterados de consciência. Ao longo desse percurso, adquiriu dois “guias” que se assemelham muito ao Fletcher de Arthur Ford e ao Amigo arquetípico do Dr. Robert Clark.

Numa entrevista, Lilly descreveu estes guias:

Cada vez que quase morri, ou pensei que ia morrer, duas personagens ou guias continuaram a aparecer. Sempre que tenho um trabalho a fazer, estas personagens surgem e dizem-me qual é o trabalho. [Numa experiência de meditação] os guias começaram a aproximar-se de mim a partir de uma vasta distância. À medida que se aproximavam, as suas presenças tornavam-se poderosas e reparei nos seus pensamentos, sentimentos e conhecimentos a fluírem para dentro de mim...

Após estes contactos iniciais, comecei a sentir a presença dos meus guias sem entrar nos seus espaços [por meditação, etc.].

O entrevistador perguntou a Lilly:

«Parece-lhe agora que estes guias são mais do que projeções poéticas da sua própria imaginação?»

Lilly respondeu:

Os dois guias podem ser aspetos do meu próprio funcionamento ao nível do super-eu. Podem ser construções ou conceitos úteis. Podem ser representantes de uma escola esotérica oculta. Podem ser membros de uma civilização cem, mil anos ou mais avançada do que a nossa. Ou posso estar a sintonizar redes de comunicação de uma civilização para além da nossa, que está a irradiar informação por toda a galáxia. Não sei...²⁵

Uma perspetiva não muito diferente da interpretação junguiana dos arquétipos é a teoria da *persona*. Esta foi proposta como explicação dos controles mediúnicos por Hornell Hart, que foi em tempos sociólogo da Universidade de Duke.²⁶ Hart desenvolveu a teoria numa tentativa de conciliar a visão sobrevivencialista (segundo a qual o ser humano continua a viver após

a morte e pode comunicar através de médiuns) com certas considerações que tendiam a enfraquecer essa visão.

Uma dessas considerações comprometedoras era o facto de comunicadores espirituais aparentemente autênticos — por exemplo, reproduzindo de forma convincente as características da pessoa falecida que afirmavam ser — aceitarem e defenderem invariavelmente a autenticidade de comunicadores que eram manifestamente espúrios. A Sra. Piper, a médium de William James, teve vários espíritos aparentemente autênticos a comunicarem através dela, mas estes lançaram dúvidas sobre a sua própria autenticidade quando defenderam a realidade do controlo duvidoso Dr. Phinuit (que, apesar de afirmar ser francês, não falava a língua) e da totalmente fictícia Bessie Beals.

Outro tipo de evidência que lança dúvidas sobre a teoria espiritual inclui casos como os de “Gordon Davis” e “John Ferguson”.

No primeiro caso, um comunicador através da médium inglesa Blanche Cooper identificou-se perante o investigador psíquico Dr. S. G. Soal como Gordon Davis, um jovem conhecido de Soal, e transmitiu uma quantidade considerável de informação pessoal que se revelou exata. Contudo, também se provou que o comunicador, que afirmava estar morto, não sabia do que falava quando Davis apareceu bem vivo.

No segundo caso, Soal recebeu comunicações de outro comunicador de aparência autêntica que se identificou como John Ferguson e que se revelou totalmente fictício. Embora a personalidade Ferguson apresentasse uma história de vida convincente, incluindo as circunstâncias da sua morte, essa pessoa nunca existiu.

O problema para o investigador psíquico é saber como distinguir entre personalidades espúrias como Gordon Davis e John Ferguson e comunicadores aparentemente autênticos. Se alguns são provavelmente falsos, sê-lo-ão todos?

A teoria da *persona* é uma tentativa engenhosa de explicar estes pseudo-espíritos, deixando ao mesmo tempo espaço para a crença em mensagens provenientes de espíritos autenticamente desencarnados. A teoria sustenta que as personalidades de transe mediúnico são construídas a partir de materiais existentes no inconsciente do médium. Mas há um factor adicional: esses materiais são manipulados e moldados por uma colaboração

telepática entre os poderes dramatizadores inconscientes do médium e os do consulente e/ou os de um espírito genuinamente desencarnado.

Uma *persona* como Fletcher é, assim, uma estrutura de personalidade que, tal como no caso de uma alucinação, pode ser fictícia, totalmente subjetiva, ou aquilo a que se chama “verídica”, possuindo uma referência objetiva. (Uma alucinação verídica, por exemplo, seria aquela em que uma aparição de uma pessoa querida surge a alguém e essa pessoa descobre que o ente querido morreu exatamente nesse momento; por outras palavras, esteve envolvido mais do que mero subjetivismo.) Se uma *persona* é verídica, isso significa que, presumivelmente, um espírito sobrevivente real se manifesta através de um fac-símile temporário da sua personalidade terrena, construído por uma colaboração entre a mente desencarnada do espírito e o inconsciente do médium, utilizando materiais disponíveis na mente deste.

Uma implicação da teoria da *persona* é que uma *persona* verídica — isto é, uma que represente um veículo para um espírito genuíno — não conseguiria distinguir se outras *personas* mediúnicas eram verídicas ou não, tal como um polícia não conseguiria dizer se um homem que parecesse, falasse e agisse exatamente como um polícia o era realmente ou apenas um impostor engenhoso; ou, mudando um pouco a analogia, tal como um sujeito mesmerizado não conseguiria distinguir entre uma laranja real e uma alucinada hipnoticamente.

Com base na teoria da *persona*, a única forma de julgar a autenticidade de um comunicador — e este seria um processo totalmente individual — é pela impressão que causava àqueles que o conheceram em vida; ou, no caso de Fletcher, em que nenhum dos consulentes de Ford o tinha conhecido, por saber se ele se comportava ou não como uma pessoa real.

Juízos deste tipo estão condenados a variar, e variaram no caso de Fletcher. Alguns dos que o conheceram saíram sem qualquer dúvida de que tinham falado com uma pessoa tão real como Arthur Ford, mas sem corpo físico, que temporariamente tomava emprestado o corpo do médium. Outros saíram não convencidos por Fletcher, exceto como um ato consciente por parte de Ford. Outros ainda ficaram impressionados com ele de muitas formas, mas permaneceram duvidosos quanto à sua alegação de ser um espírito de um falecido.

A própria atitude de Fletcher perante o cético de mente aberta era: «Julguem-me pelo que faço, pelas mensagens que trago. Esse é o único teste.»

5

EVANGELISTA DA NOVA REVELAÇÃO

Compreendam — não como uma crença ou uma fé, mas como um facto tão tangível como as ruas de Londres — que em breve avançaremos para outra vida, que aí seremos todos muito felizes, e que a única forma possível de essa felicidade ser manchada ou adiada é pela tolice e pelo egoísmo.

— Arthur Conan Doyle, *A Nova Revelação*

O Senhor está do meu lado. Não é magnífico?

— Últimas palavras de Doyle

No final da década de 1920, um grupo de admiradores nova-iorquinos de Arthur Ford, impressionados pelos seus dons psíquicos e outros talentos, instou-o a prosseguir uma série de palestras e demonstrações clarividentes que vinha apresentando no Carnegie Hall. Assim foi fundada a Primeira Igreja Espiritualista de Nova Iorque, com Ford como pastor. As reuniões realizavam-se aos domingos à noite e rapidamente passaram a encher regularmente. Ford manteve-se como pastor durante dois anos. Nesse período, as suas funções foram interrompidas ocasionalmente por viagens ao estrangeiro, a maioria delas expedições missionárias destinadas a divulgar o Espiritualismo.

Um dos mais fiéis apoiantes de Ford em Nova Iorque, e um dos principais financiadores, foi um empresário já referido, Francis Fast. Fast, que tinha uma firma de importação na Broadway, foi possivelmente o amigo mais próximo de Ford durante esses primeiros anos em Nova Iorque; durante algum tempo, o médium chegou mesmo a viver na sua casa nos subúrbios. (Fast não era médium, embora tenha desenvolvido talento como curador psíquico depois de conhecer Ford.)

Para alguém que mal tinha passado dos vinte anos, Arthur Ford tinha percorrido um longo caminho desde Barbourville, Kentucky. Agora tinha toda a cidade de Nova Iorque como congregação. À medida que a sua celebridade crescia, era perseguido por repórteres e por um número crescente de pessoas em busca de consolação espiritual (algumas delas mulheres, ricas ou famosas — ou ambas — e fatalmente atraídas pelo jovem e belo médium de charme desastroso).

Ford soube que tinha alcançado verdadeira fama no dia em que recebeu uma menção numa coluna de mexericos. A nota, publicada no *New York Telegram*, dizia respeito, entre outras coisas, ao seu divórcio.

Arthur Ford, que se tornou de um dia para o outro uma das figuras mais conhecidas dos círculos literários e teatrais ao longo do Rialto, devido à sua defesa do Espiritualismo, animou a conversa entusiasmada de certas festas de Ano Novo ao anunciar o seu divórcio de Sallie Stewart Ford, do Kentucky. Entrevistado no seu estúdio no Carnegie Hall, o Sr. Ford recusou comentar os rumores que ligaram o seu nome ao de uma famosa estrela de comédias musicais atualmente em Paris, afirmando apenas que, embora esperasse partir em breve para a Europa, não contemplava casamento.

Uma repórter que passou uma hora com o elegante jovem médium revelou aos seus leitores que “uma das nossas atrizes mais brilhantes acabara de sair, sendo seu hábito visitar regularmente a autoridade psíquica para aconselhamento e consulta”.¹

Um repórter masculino que entrevistou Ford em Cincinnati, quando este lá esteve para uma conferência, comentou o seu estilo e a atmosfera de prosperidade que o rodeava:

... sobre a cómoda do Sr. Ford há fotografias de uma dúzia de raparigas bonitas — e as raparigas parecem ser tudo menos fantasmas...
... Sabe-se que não há perigo de uma névoa branca e etérea atravessar o quarto quando este médium se ausenta para ditar vários telegramas à sua secretária.²

Na primavera de 1927, o jovem e bem-sucedido pastor da Primeira Igreja Espiritualista de Nova Iorque tirou licença do púlpito para a sua primeira viagem a Londres, “a Meca do Espiritualismo”, como Ford lhe chamou. Foi acompanhado por Francis Fast (que, sem dúvida, pagou a despesa). Ford confessou que tinha curiosidade em saber quão bom era, em testar-se contra os médiuns britânicos — reputados pelos conhecedores do mundo psíquico como os melhores do mundo.

Além disso, queria conhecer “os Graúdos de Inglaterra”, como lhes chamava — a colorida hierarquia espiritualista composta por figuras como o romancista Sir Arthur Conan Doyle, o físico de renome mundial Sir Oliver Lodge, a líder feminista e reformadora social Mrs. St. Clair Stobart, e o jornalista mais conhecido do país, Hannen Swaffer. Em termos de

inteligência, posição e glamour, o Espiritualismo americano não tinha ninguém que se lhes comparasse.

A qualidade da liderança era uma das razões pelas quais o Espiritualismo na Grã-Bretanha gozava, em geral, de um estatuto mais elevado do que na América, o país do seu nascimento. (Considera-se que o movimento espiritualista moderno teve início em Hydesville, Nova Iorque, em 1848, quando a família John D. Fox foi perturbada por pancadas “espirituais”.) Embora o Espiritualismo americano se pudesse outrora gabar de que o próprio presidente Lincoln realizava sessões espíritas na Casa Branca, na década de 1920 florescia sobretudo em igrejas de fachada e em salas traseiras mal iluminadas, onde médiuns — que demasiadas vezes eram simultaneamente ignorantes e desonestos — exerciam a sua profissão duvidosa.

Talvez parte do propósito de Arthur Ford ao ir para Inglaterra fosse a esperança de encontrar inspiração sobre como o Espiritualismo na América poderia ser reabilitado, mais ou menos à imagem britânica. Além disso, Ford queria, sem dúvida, ver até que ponto aqueles médiuns britânicos eram realmente bons.

Ford chegou a Londres a 23 de Março, com uma carta de apresentação para Sir Arthur Conan Doyle e o conselho de procurar a Sra. St. Clair Stobart, uma senhora conhecida como “a alta sacerdotisa do psíquico” que, asseguraram-lhe, poderia pô-lo em contacto com toda a gente do *Who's Who* do Espiritualismo britânico. Ford telefonou à Sra. Stobart e, ao que parece, foi amor à primeira chamada. Ela prontamente lhe chamou “o jovem feiticeiro americano” e, com o tempo, ele passou a chamar-lhe — bem, muitas coisas, todas elas elogiosas.

A Sra. Stobart era uma grande figura, com uma história pessoal notável. Nascida na riqueza e na alta sociedade — o pai era industrial e recebeu o título de baronete — cedo ganhou fama como militante pelos direitos das mulheres (uma vez acorrentou-se às portas do Parlamento pela causa do sufrágio feminino) e como autora prolífica de artigos e livros. Mais tarde, tornou-se reformadora social e, durante a Depressão, criou uma cadeia de albergues para homens, para fornecer comida e abrigo aos milhares de desempregados de Londres.

A Sra. Stobart tinha vivido uma vida variada e, de certo modo, fora dos trilhos habituais. O texto promocional na capa de um dos seus livros captava

o sabor da sua personalidade ao mencionar, entre outras coisas, a sua experiência “como emigrante atrás de um balcão numa loja de chapa ondulada, no *veldt* sul-africano, vendendo mercadorias aos nativos, alheia ao facto de estar então em curso uma pequena guerra zulu”.

A sua maior notoriedade vinha das suas ações humanitárias durante o conflito nos Balcãs, antes de 1914, onde, como líder de uma unidade hospitalar, lhe foi atribuído o salvamento de milhares de sérvios doentes e feridos. Esteve em Bruxelas durante a Primeira Guerra Mundial, quando os alemães entraram, e escapou por pouco a ser fuzilada como espiã.

A Sra. St. Clair Stobart converteu-se ao Espiritualismo pouco depois da guerra e abraçou a causa como fazia com tudo o que acreditava — de forma muito ativa. Trabalhadora incansável da nova fé — a única, insistia, fundada em provas sólidas — esta mulher invulgar produziu um caudal de artigos, livros e conferências destinados a converter outros, tal como ela própria fora convertida. Membro firme da Igreja de Inglaterra, mesmo depois de adotar o Espiritualismo — que, dizia, complementava em vez de contradizer o Cristianismo — a Sra. Stobart fundou uma organização chamada Confraternity, concebida para promover contactos entre o Anglicanismo e o Espiritualismo e, em última análise, uni-los. Para esse fim, durante um período da sua carreira, viajou por toda a Inglaterra numa espécie de caravana, acompanhada por um sacerdote anglicano com ideias afins, o Rev. Maurice Elliot, realizando reuniões de propaganda.

A Sra. Stobart, sozinha, reviu o *Book of Common Prayer* anglicano — expurgando passagens “sanguinárias” do Antigo Testamento — e produziu um hinário espiritualista, escrevendo as letras de todos os 211 hinos e, além disso, compondo 39 das 182 melodias originais do livro, a maioria das quais foi descrita como soando mais a valsas ou marchas regimentais do que a música de igreja.

Quando Arthur Ford chegou a Inglaterra, a Sra. St. Clair Stobart era a organizadora e patrona de uma série de palestras sobre Espiritualismo no Grotrian Hall, no elegante bairro de Mayfair, em Londres. Nessa mesma noite haveria uma sessão, disse ela a Ford, e o conferencista agendado era precisamente o homem que ele queria conhecer: Sir Arthur Conan Doyle. Porque não ir com ela?

O aspeto da Sra. Stobart naquela noite, tal como Ford o descreveu, era surpreendente. Parecia uma aparição em púrpura — com um longo vestido

púrpura esvoaçante e, por cima do cabelo rebelde, um chapéu cónico, também púrpura. Nos pés, trazia sapatos pretos de salto baixo com grandes fivelas prateadas, e caminhava curvada, apoiada numa bengala nodosa. Não admira, pensou Ford, que algumas pessoas dissessem que ela parecia uma bruxa — mas uma bruxa magnífica e benigna.

Quando Sir Arthur chegou ao salão, a Sra. Stobart levou Ford aos bastidores para o apresentar. Doyle, um homem grande e caloroso, com ar de urso e um bigode descaído, saudou cordialmente o jovem médium americano, disse que tinha ouvido bons relatos sobre ele e convidou-o a sentar-se no estrado durante a sessão. Lisonjeado, Ford aceitou de imediato.

Ao descrever mais tarde o seu encontro com Ford, Doyle disse:

Quando conheci Arthur Ford pela primeira vez, quase não conseguia acreditar que este fosse de facto o médium já célebre. É um jovem de rosto fresco, barbeado, cuidadosamente vestido, com toda a aparência — e até os hábitos — de um homem do mundo, que goza plenamente as coisas desta vida. É gentil, simpático, e provavelmente popular com as senhoras. O seu modo é sedoso. A sua voz é baixa. É um homem que seria bem recebido em qualquer companhia, por cosmopolita que fosse, e que se sentiria em casa nos círculos mais alegres.

No final da sua palestra, Sir Arthur — segundo Ford — lançou uma bomba, para Ford se não para a audiência.

“Temos hoje no estrado um conhecido médium americano”, anunciou Doyle. “Vou pedir-lhe que faça uma demonstração pública do seu dom clarividente.”

Como Ford o expressou: “Instantaneamente, fiquei para além da capacidade de pensar.”

Como se já estivesse em transe, provocado pelo choque e pelo medo do palco, Ford caminhou com passos deliberados para a frente do estrado. O que aconteceu a seguir foi relatado por Sir Arthur Conan Doyle no *Sunday Express* de 8 de Abril de 1927.

Uma das coisas mais espantosas que vi em quarenta e um anos de experiência psíquica foi a primeira aparição de Arthur Ford num serviço espiritualista, no domingo, 23 de Março.

Ele é o jovem pastor da Primeira Igreja Espiritualista de Nova Iorque e, tal como os mestres das primitivas igrejas cristãs, tem o poder de mostrar, bem como de explicar, as maravilhas do Mundo dos Espíritos.

Depois da minha intervenção, caminhou para a frente do estrado, de frente para as mil ou mais pessoas no salão. É jovem, barbeado, atento, com uma atitude modesta e juvenil que agrada.

“Eu não sou clarividente”, disse ele, “mas estou aqui para vos transmitir o que me é dito pelo meu velho amigo Fletcher, que tem sido meu guia desde que passou para o outro lado.”

Inclinou a cabeça como se escutasse e depois disse:

“Peter Armstrong! O Peter Armstrong está nesta sala?” Um cavalheiro, com ar bastante surpreendido, levantou a mão.

“Há aqui todo um grupo para si: a sua mãe Mary, a sua irmã Kate, dois irmãos, Robert e John, e o seu filho Ned. Reconhece-os?”

“Pois, mandam-lhe cumprimentos e amor.”

“Agora recebo outro nome, Sarah Edwards. Está presente? Por favor, levante a mão! A sua filha está aqui; diz que se chama Lucy. Está com problemas, não está?”

“Sim.”

“Ela diz para aguentar e que tudo ficará bem. É o que tenho para lhe dizer.”

“John Walker.” Outra mão levantou-se.

“O seu irmão Willie está aqui. Passou para o outro lado na guerra. É isso?”

“Ele diz que esta é a sua primeira visita a uma igreja espiritualista. É assim?”

“Sim.”

“Bem, ele espera que continue. É o que tenho para lhe dizer.”

“Há aqui alguém chamado Melton — Jane Melton?” Uma mão levantou-se. “O seu irmão Albert está aqui.”

“Não, nunca tive um irmão Albert.”

“Oh, sim, teve.”

“Não.”

“Pense de novo.”

“Oh, peço desculpa. Claro, o pequeno Bertie, que morreu novo.”

“Sim, ele está a crescer bem. Quis dizer-lhe isso. E não se preocupe com a sua mãe. Ela ficará bem. É o que tenho para lhe dizer.”

E assim continuou, sem pausa nem erro, durante vinte minutos, como mil pessoas podem testemunhar. E, no entanto, este jovem tinha chegado a Inglaterra apenas quarenta e oito horas antes e não havia, fora do estrado, uma única pessoa naquela assistência que ele conhecesse...

A reação da Sra. St. Clair Stobart à atuação de Ford foi de êxtase sem reservas. “Mágico”, chamou-lhe.

Na noite seguinte a esta estreia espetacular, Ford foi convidado de Conan Doyle para um jantar no Restaurante Belgravia. Doyle tinha convidado “alguns amigos psíquicos” e, depois do jantar, o grupo seguiu para o seu apartamento para uma sessão. Entre os presentes estavam um conhecido escritor britânico de histórias de detetives verídicas, Ashton Wolfe, e o ator americano William Gillette, que interpretou a maior criação de Conan Doyle, Sherlock Holmes, em ambos os lados do Atlântico.

“Fletcher tomou posse do médium”, disse Doyle, sobre o interlúdio mais interessante da noite, “dando a cada um de nós provas muito evidentes.” (Para que conste, não se tratou de o médium “entrar em transe pelo jantar”. Numa nota a Ford, Doyle insistiu: “Temos de pôr a sessão em moldes profissionais. O seu trabalho é este, tal como escrever é o meu. Tem de me deixar enviar-lhe um cheque adequado.”)

Arthur Ford e Sir Arthur Conan Doyle tornaram-se amigos sólidos. Nas visitas seguintes do médium a Inglaterra, até à morte de Doyle, em 1930, Ford nunca deixou de ver o famoso autor. (Se Ford viu Doyle depois da sua morte, não o relatou, embora, de facto, tenha afirmado ter ouvido a voz de Doyle.)

Foi Conan Doyle quem chamou ao Espiritualismo “A Nova Revelação”, que se tornou o título de um dos seus livros.

Em que consistia, essencialmente, essa nova revelação?

“No regresso e comunhão dos mortos”, declarou Doyle, “e é o meu único objetivo na vida que esta grande verdade seja levada a um mundo materialista que tanto dela necessita.”⁴

Doyle parece ter exercido uma influência profunda sobre Arthur Ford. Como jovem defensor do Espiritualismo, praticamente ainda por provar, o médium não podia deixar de se sentir gratificado com as atenções de uma figura tão notável. Mas havia mais: Doyle era um homem de compromisso profundo que, pela forma como Ford falava dele anos mais tarde, deve ter deixado uma impressão duradoura no psíquico em formação. Doyle instou Ford a fazer da mediunidade a obra da sua vida — algo sobre o qual o jovem psíquico ainda tinha dúvidas — e assegurou-lhe que divulgar a boa-nova da vida para além da morte, a um mundo que aparentemente temia morrer ainda mais do que viver, era o trabalho maior e mais satisfatório que um ser humano podia fazer.

A dedicação de Doyle ao Espiritualismo era tão total que, quando não conseguia encontrar editor para o fluxo de livros e folhetos que escrevia sobre o assunto, publicava-os por sua conta. Do próprio bolso, criou e manteve — chegando a trabalhar a desempacotar caixas — a *Psychic Book Shop, Library, and Museum*.

(Convenientemente, o endereço telegráfico desse estabelecimento era “Ectoplasm, Sowest, London”.)

Talvez surpreendentemente, Doyle, um católico romano afastado da fé, que passara a desprezar a intolerância dos tutores jesuítas da sua infância, tinha pouca utilidade para a fé religiosa enquanto tal. Para Doyle, a nova revelação do Espiritualismo assentava não na fé, mas em factos, e era precisamente por essa razão que podia salvar a humanidade, desfazendo o mal causado pela religião tradicional, obcecada pela fé.

«A fé», dizia ele, «é uma coisa muito perigosa, porque, se eu posso ter fé de uma maneira, o meu vizinho pode ter fé de outra, e se ambas as fés forem reais e sinceras, então temos como resultado inevitável inquisições, perseguições, guerras religiosas, querelas familiares e todos os terríveis resultados que durante tanto tempo têm atormentado a humanidade. (...) Se a fé nunca tivesse existido, então, tal como leio a História, teríamos sido muito mais unidos e felizes, assim me parece.»

A ênfase principal de Doyle era sempre a de que, ao contrário do Cristianismo dominante, com o seu apelo à autoridade — bíblica ou eclesiástica — o Espiritualismo podia invocar “provas esmagadoras” das suas pretensões sob a forma de fenómenos observáveis e testáveis, certificados por toda uma plêiade de cientistas — homens como Sir William Crookes, provavelmente o maior físico do século XIX; Charles Richet, vencedor do Prémio Nobel da Biologia; Cesare Lombroso, célebre psiquiatra e criminologista; Alfred Russell Wallace, co-descobridor com Darwin da ideia de evolução por seleção natural; e Sir Oliver Lodge, um dos poucos homens no mundo capazes de debater com Einstein (o debate foi sobre aquela entidade hipotética, o éter, em que Lodge acreditava e Einstein não; Einstein ganhou).

A visão frequentemente expressa pelos detratores de Doyle — a de que ele teria abraçado o Espiritualismo num frenesim de dor após a morte do seu filho, Kingsley — não era verdadeira. Sir Arthur já era crente quando o filho sucumbiu a ferimentos de guerra e à gripe. De facto, Doyle estava a falar numa tribuna espiritualista quando lhe entregaram a mensagem sobre a morte do filho; leu-a e depois prosseguiu com a palestra.

Isto — perguntava o biógrafo de Doyle, Pierre Nordon — soa ao tipo de homem que se atiraria para os braços da religião mais à mão por precisar de acreditar em algo, fosse o que fosse, para se consolar?

Por outro lado, os céticos tinham mais razão quando o acusavam de revelar, em geral, uma atitude pouco crítica perante médiuns. Doyle reconhecia, é certo, que existiam médiuns fraudulentos — embora isso lhe causasse obviamente grande dor admitir —, mas os críticos sustentavam que ele continuava a deixar-se enganar por truques que não iludiriam um doze anos minimamente cético. Foi particularmente criticado, sobretudo por mágicos profissionais, por atribuir poderes mediúnicos a Houdini. Doyle sugeriu solenemente que o grande escapologista era, na realidade, um médium, mas não o admitia porque — implicava-se — havia mais dinheiro a ganhar em palco como mágico.

A reputação de Conan Doyle enquanto investigador crítico não saiu reforçada quando defendeu que duas raparigas inglesas, que afirmavam ter visto e fotografado fadas — das pequeninas, com asas diáfanas — diziam a verdade. Sem dúvida, para muitos, o criador daquele mestre da lógica, Sherlock Holmes, nunca pareceu menos lógico do que quando escreveu *A Chegada das Fadas*.

Neste livro curioso, publicado em 1922, Doyle foi relativamente contido nas suas afirmações — até, para ele, cauteloso. Não alegou ter prova da existência do “povo miúdo”; a sua tese, mais modesta, era simplesmente que, após exame cuidadoso de várias fotografias de fadas tiradas pelas duas raparigas, ninguém conseguira provar que as imagens eram falsas e, por isso, a possibilidade de alguma “forma de vida sub-humana”, como as fadas, não podia ser descartada. Do interesse de Doyle nasceu uma organização improvável, que só poderia existir em Inglaterra — a *Fairies Investigation Society*.

É bem possível que Arthur Ford tenha sido inspirado por Conan Doyle a imitar o serviço missionário deste à causa espiritualista — um serviço de enorme influência.

(J. B. Rhine, o grande nome da percepção extrassensorial — foi ele quem inventou o termo — confessou uma vez que ele e a esposa estavam entre os muitos que Doyle influenciara, tendo ambos sido levados a dedicar-se à parapsicologia depois de o ouvirem discursar. O que mais o impressionou em Sir Arthur, dizia Rhine, foi a sensação de paz interior e certeza que ele irradiava.)

Em todo o caso, foi após conhecer Doyle que Ford lançou a sua carreira como evangelista do Espiritualismo, levando-o a muitos países. E não tardou que o semanário londrino *Psychic News* se lhe referisse como sucessor de Sir Arthur Conan Doyle, “o apóstolo psíquico desta era”.

Depois da brilhante estreia psíquica de Ford em Londres, sob a égide de Doyle e da Sra. St. Clair Stobart, todas as portas espiritualistas — e muitas outras também — se abriram para ele. As pessoas que ele desejara conhecer estavam agora ainda mais ansiosas por conhecê-lo. Uma delas era Sir Oliver Lodge.

Lodge falou longamente com Ford sobre o espinhoso problema de estabelecer que qualquer mensagem alegadamente vinda dos mortos era, de facto, isso — em vez de uma de várias outras possibilidades. Parte do problema, dizia Lodge, era que aspetos que poderiam parecer importantes ao destinatário, como prova da identidade do comunicador falecido, podiam muito bem ter escapado à memória do comunicador. Como exemplo, Lodge contou uma experiência lúdica sua.

Propôs um jogo aos filhos, pedindo-lhes que fingissem que ele estava morto e a comunicar através de um médium, e que lhe colocassem todas as perguntas que, no entender deles, ele seria obrigado a saber responder se fosse realmente o pai deles.

Uma a uma, as crianças de Lodge foram lançando as perguntas. Para seu desgosto, Sir Oliver descobriu que não conseguia responder a uma única. Aquilo que os filhos lembravam como importante e probatório não tinha lugar nas suas recordações. Assim, voltou-se para eles, em fingido desespero, e disse: «Isso resolve a questão. Não sou o vosso pai.»

Sem dúvida que esta lição não se perdeu para Arthur Ford, que provavelmente se esforçou por tornar as suas declarações mediúnicas ainda mais específicas, detalhadas e características do suposto comunicador do que até então.

Um repórter que assistiu a uma reunião com Ford (na *Foresters' Hall*, em Margate), pouco depois da sua aparição triunfal com Conan Doyle, ficou aparentemente impressionado quando o médium mencionou um acidente ocorrido em Outubro de 1908, com um tal Thomas Wilkins, que teria sido atropelado ou esmagado por uma carroça puxada por cavalos. O homem na audiência a quem a mensagem se destinava corroborou o incidente.

Outro luminar espiritualista que Ford conheceu foi Hannen Swaffer, que conquistara a fama como colunista idiossincrático e frontal, em vários dos grandes diários nacionais ingleses, e era conhecido em todo o país como “o Papa de Fleet Street”. Tal como a Sra. Stobart, “Swaff”, como os amigos lhe chamavam, lembrava os grandes excêntricos vitorianos.

Era uma figura dickensiana, com um estilo de vestir tão pessoal que alguém disse, certa vez, que o fazia parecer um cruzamento entre um agente funerário do século XIX e um embaixador; ou, como sugeriu outra pessoa, o Chapeleiro Louco sem chapéu. Uma das suas marcas registadas era uma permanente tempestade pessoal de cinzas de cigarro.⁹

(Quando falou numa das reuniões de Arthur Ford em Londres, a imprensa descreveu-o como “o Sr. Hannen Swaffer, algo grave no modo e pitorescamente vestido, com um grande laço ao pescoço, que percorria o estrado de um lado para o outro, agitando os braços”.)

Swaffer, que quando Ford o conheceu era diretor editorial do império jornalístico de Lord Northcliffe, tornara-se espiritualista em 1924, após a

morte de Northcliffe, um dos mais poderosos magnatas da imprensa britânica. Quando Swaffer ouviu dizer que o antigo patrão teria supostamente falado, através de um médium, com a sua antiga secretária, farejou ali uma boa história. Ao visitar a médium — ela vivia no degradado East End de Londres — Swaffer estava pronto a espalhar uma denúncia na primeira página. No entanto, nessa visita recebeu uma alegada mensagem de Northcliffe que o deixou atônito pelo seu valor probatório.

Ainda à procura do truque, voltou várias vezes. Por fim, chegou a uma conclusão: Northcliffe tinha, de facto, comunicado com ele.

O que Swaffer fez a seguir foi típico dele: alugou o Queen's Hall, em Londres, e anunciou que iria falar sobre o tema “O Regresso de Northcliffe”.¹⁰ A conversão da personalidade jornalística mais colorida de Inglaterra ao Espiritualismo causou sensação. De um dia para o outro, Swaffer tornou-se um dos missionários mais eficazes da causa.

Como muitos espiritualistas, Swaffer levou o seu radicalismo também para a política. “O socialismo”, disse uma vez, “é a expressão prática do Espiritualismo, e estes dois caminharão de mãos dadas para trazer a nova ordem social.”¹¹

Embora fosse um crente profundamente convicto na mediunidade, Swaffer não era beato quanto a isso, nem era homem para tolerar tolos — mesmo quando o tolo era um médium. Maurice Barbanell, editor do *Psychic News*, contou-me que acompanhou Swaffer a uma sessão em que a médium, uma senhora de meia-idade, entrou em transe e o seu guia espiritual começou um sermão pomposo, monótono e interminável. De repente, Swaffer levantou-se, resmungou: “Isto é uma seca do caraças”, e saiu da sala, deixando a médium a regressar do transe quando bem entendesse.

Swaffer ficou, ao que parece, profundamente impressionado com a mediunidade de Arthur Ford. Numa reunião que presidiu, Swaffer, após a demonstração de Ford, disse “que todos os presentes tinham visto ou a fraude mais estupenda alguma vez perpetrada ou um milagre”. Não deixou dúvidas sobre qual das hipóteses lhe parecia correta.

Personalidades como Doyle, a Sra. Stobart, Lodge e Swaffer tiveram um efeito entusiasmante no jovem Arthur Ford. Dinâmicos, bem-sucedidos e sofisticados, mostraram-lhe o que o Espiritualismo, no seu melhor, podia atrair.

Quando a sua primeira visita a Londres terminou, Ford era um anglófilo convicto e decidiu regressar a Inglaterra assim que pudesse. A receção que teve foi quase totalmente positiva; o tom das muitas notícias sobre ele na imprensa nacional britânica — que ainda pode ser a mais estridente do mundo — foi, de forma invulgar, sério, até respeitoso. Ficava-se com a impressão de que este jovem médium americano tinha, em certa medida, deixado Londres boquiaberta; aparentemente nunca tinham visto ninguém como ele e a sua espantosa facilidade, como observou um jornalista, “para disparar nomes, nomes próprios e apelidos, dos visitantes invisíveis com uma infalibilidade verdadeiramente assombrosa”.

Ford deixou Londres após uma estadia de seis meses, planeando uma visita de regresso no ano seguinte.

De volta aos Estados Unidos, e ainda sob o efeito dos seus êxitos em Inglaterra, Arthur Ford começou a construir reputação como o Billy Sunday do Espiritualismo, empreendendo conferências em várias cidades. Um repórter em Boston descreveu-o quando ali apareceu no outono de 1927:

O Sr. Ford fala com força, numa voz clara e audível, com uma dicção sem rival entre oradores públicos. Tem uma personalidade magnética e o seu modo de falar, juntamente com a substância do que tem para dizer, mantém a assistência enfeitiçada. Exibe também sentido de humor, arrancando por vezes risos contidos e, frequentemente, provoca aplausos que evidentemente não podem ser contidos...

Em outubro, Ford recebeu uma vaga de publicidade a nível nacional que contribuiu para a sua imagem emergente como principal porta-voz e polemista do Espiritualismo. Isto aconteceu quando o decano dos mágicos americanos, Howard Thurston, anunciou que ia pegar na espada anti-espiritualista que Houdini deixara cair. (O grande escapista, que morreu em 1926, nos seus últimos anos fizera uma segunda carreira — que gerou mais manchetes do que a sua magia — a desmascarar médiuns fraudulentos. Curiosamente, Houdini viria a figurar ainda mais proeminentemente na história do Espiritualismo moderno depois da sua morte do que durante a vida, circunstância que envolveu Arthur Ford e é descrita no Capítulo Sete.)

Thurston, considerado pelos seus pares como mestre da ilusão de palco — tal como Houdini o fora das fugas — afirmou, segundo citação do *New York Herald* de 3 de Outubro de 1927, que tinha pessoalmente desmascarado mais de trezentos médiuns falsos; que os espíritos “servidos” em salas

escuras tinham destruído mais lares do que os servidos nos antigos saloons; e que possuía um engenho semelhante a uma caixa de relógio que escondia um fantasma “ectoplásmico” capaz de ser insuflado e de reproduzir todas as cenas fantasmagóricas dos espiritualistas.

A tensão de Arthur Ford disparou quando leu as declarações de Thurston e lançou o contra-ataque. Bem, não exatamente “lançou” — avançou com a devida cautela seria mais exato.

Primeiro, Ford teve de perceber como poderia ele, ainda não particularmente digno de notícia, obter o máximo rendimento mediático (pela causa da verdade, naturalmente) a partir do incidente. Decidiu bater os mágicos no seu próprio jogo. Era costume de Houdini e de outros “caça-fantasmas” oferecerem uma recompensa a qualquer médium que conseguisse produzir fenómenos impossíveis de duplicar ou superar pela arte da prestidigitação. Agora Ford, o espiritualista indignado, enviou um telegrama a Thurston, oferecendo-lhe dez mil dólares se ele provasse as suas alegações num debate público. (O pequeno pormenor dos dez mil dólares foi resolvido por um dos amigos abastados de Ford, John Bowman, presidente da Bowman Biltmore Hotel Corporation, que depositou um cheque visado desse montante.)

Ford ligou para a United Press, que divulgou uma notícia sobre o seu desafio, incluindo a acusação de que Thurston era “um showman caçador de publicidade”. Cercado por repórteres à espera de resposta, o mágico não teve alternativa senão aceitar o desafio de Ford. Os jornais anunciaram o confronto como se fosse um duelo entre curandeiros rivais.

MAGIA NEGRA VAI MEDIR FORÇAS COM ESPIRITUALISMO, berrava uma manchete (mais pungente do que precisa) em Paterson, Nova Jérσία, e houve muitas semelhantes:

ESPIRITUALISTAS E MÁGICOS ENCONTRAM-SE EM CONCURSO ESTA NOITE (*Hendersonville Times*, Carolina do Norte);

MÁGICO E ESPIRITUALISTA VÃO ENCONTRAR-SE CARA A CARA (*Cleveland Plain Dealer*);

ESPIRITUALISTA LANÇA DESAFIO A MÁGICO QUE RIDICULARIZA FANTASMAS (*New York Telegram*);

CONFRONTO SOBRE ESPIRITUALISMO À VISTA (*Boston Traveller*).

A colisão esperada, com os dois feiticeiros a atirarem maldições um ao outro, não se materializou; nem apareceram espíritos, falsos ou outros. O

confronto acabou por ser uma vitória para Arthur Ford e para a verdadeira fé, mas Thurston tornou tudo bastante morno ao render-se praticamente sem lutar. Uma manchete do dia seguinte dizia: ****DEBATE ESPIRITUALISTA FALHA: THURSTON DIZ QUE ALGUNS MÉDIUNS NÃO SÃO FRAUDE; FORD ENTENDEU MAL.****¹²

A imprensa, em geral, divertiu-se com a sessão. O *New York World* anunciou-a como a mais colorida coleção de mágicos, mentalistas, leitores de mentes, swamis, adivinhos, clarividentes, quiromantes e médiuns na história da cidade — todos a torcer pelo seu favorito no debate.

... os mágicos vieram com os chapéus cheios de coelhos e as abas dos casacos a contorcerem-se com peixes-dourados, determinados a igualar tudo o que os espíritos pudessem mostrar. Até a Sra. Harry Houdini estava presente com documentos de vários tipos preparados pelo grande Houdini antes de morrer, e todos tentaram dificultar a vida aos médiuns, entre os quais o Sr. Ford se contava...

Ford, incorretamente chamado “Alfred”, foi descrito como “um jovem animado, pronto no discurso e bem-apegoado”.

O *New York Telegram* relatou a reunião assim:

Trezentas pessoas que encheram a Chapter Room do Carnegie Hall ontem à noite para ver o mágico Howard Thurston massacrar alguns fantasmas saíram desapontadas nas expectativas, mas muito entretidas, ainda assim.

O Rev. Arthur A. Ford, defendendo a religião espiritualista, combateu com considerável veemência, apenas para descobrir, quando acabou, que estivera a dar murros no ar contra um inimigo imaginado.

Na verdade, o único “ferido” foi o árbitro, na forma da imprensa, que levou vários golpes dispersos...

O Pastor Ford falou primeiro, insistindo que a igreja espiritualista, como um todo, não deveria ser condenada por causa de uns poucos que eram charlatões.

Thurston alegou que fora mal citado pela imprensa e disse que, embora considerasse praticamente todos os médiuns uns embusteiros, acreditava que existia uma força psíquica inteligente que podia manifestar-se a certas pessoas, sob certas condições.

Não estava, declarou, a travar qualquer guerra contra os espiritualistas, mas “a tentar ir para o céu”, como todos eles.

O seu objetivo, concluiu, era desmascarar, sempre que possível, adivinhos fraudulentos...

O *World* citou Thurston a fazer o que equivalia a uma declaração de fé no Espiritualismo:

A própria natureza da minha profissão torna difícil para mim acreditar em fenómenos sobrenaturais. Mas, há doze anos, fui forçado a mudar a minha atitude em relação aos fenómenos espíritos, principalmente por causa das demonstrações de Eusapia Palladino, da Sra. Fields, de Indianápolis, e da Sra. Stewart, de Detroit... Acredito que estamos a entrar num período de descobertas de coisas que parecem ser psíquicas ou ultra-psicológicas...

(Ao usar “ultra-psicológicas”, Thurston antecipou curiosamente o termo “parapsicologia”. A experiência com Eusapia Palladino a que se referia provavelmente ocorreu quando Hereward Carrington, o conhecido investigador psíquico, convidou Thurston a assistir a uma sessão com a famosa médium napolitana. Palladino, que parece ter sido, como muitos médiuns, uma mistura de realidade e fraude, tinha um historial de ser certificada como genuína por um comité de cientistas, apenas para ser considerada falsa por outro. Na presença de Thurston, Palladino tentou aldrabar, levantando uma mesa com o pé; depois “assentou”, como disse Carrington — que a conhecia bem — e produziu várias levitações da mesa, o que levou Thurston a lançar um desafio de mil dólares a qualquer mágico que as conseguisse duplicar nas mesmas condições.¹⁸⁾

Um repórter tornou-se fantasioso ao descrever a rotina do “vamos ser amigos” entre o mágico e o médium:

Thurston conhece e aplica aquele apotegma de Parisfal, o grande vidente romeno, de que quem contempla move-se e quem viaja não chega a lado nenhum; enquanto Ford barra a compota da imaginação sobre a carne crua da realidade. Só a notável representação da imprensa levou com anátemas em cima... No conjunto, foi um tónico para uma noite fria de domingo...¹⁴

O relato da United Press sobre a reunião, reproduzido por jornais de todo o país, foi uma vitória propagandística significativa para um Espiritualismo a cambalear sob os ataques de Houdini e de outros críticos

vocais (“sanguessugas” era um dos termos mais educados de Houdini para os médiuns) e foi também um triunfo pessoal para Arthur Ford, que emergiu como um gigante — um “matador” mediático.

O *Portland Journal* (Oregon) tituló a notícia:

MÁGICO DE RENOME ADMITE A SUA FÉ NO ESPIRITUALISMO.

Howard Thurston, o mágico, surpreendeu e deliciou uma assistência de espiritualistas numa pequena sala do Carnegie Hall, na noite de domingo, ao tirar, de um chapéu metafórico, uma crença qualificada no espiritualismo...

“É verdade que, em 35 anos a conhecer mágicos e médiuns, nunca vi nada feito regularmente por dinheiro, no domínio do espiritualismo, que não fosse feito por artifício”, disse ele... “[Mas] passei a acreditar que existe uma força psíquica inteligente...”

O confronto com Thurston estabeleceu Arthur Ford como o espiritualista com quem era preciso contar — um adversário ousado, inteligente e articulado.

Na década seguinte, a reputação de Ford, e as manchetes que atraía, cresceram de forma constante.

Em 1928, fez uma visita de regresso a Inglaterra durante três meses, incluindo uma incursão na Escócia — Edimburgo e Glasgow. Voltou a encher salas nas suas demonstrações e conquistou novos elogios, tanto da imprensa laica como da espiritualista.

Um repórter do *Daily Express* chamou a uma das demonstrações de Ford “a coisa mais espantosa e inexplicável que alguma vez vi”.

A Sra. St. Clair Stobart descreveu o jovem americano como:

... um artista em palco, que nunca aborrece o seu público. Anuncia o visitante espiritual da mesma forma que os visitantes humanos são anunciados nas nossas salas de estar — pelo nome, e não por descrições detalhadas do nariz, das orelhas e dos olhos, como tantos médiuns fazem. Depois, em confirmação, fornece algum facto probatório, muitas vezes de natureza surpreendente, deixando na mente do destinatário da mensagem e na mente do público, sem qualquer dúvida, que é Antoinette, Neal, ou quem quer que tenha sido nomeado, que se lhes dirige. Cada mensagem é nítida, curta e direta — sem rodeios nem generalidades vagas... Senta-se com familiaridade na beira da mesa do estrado e transmite a mensagem como se

estivesse a passar um telefonema de um amigo, e dá-lhes brilho com ocasionais apartes humorísticos. E porquê não? Ainda sofremos da velha ideia de que qualquer ligação ao outro mundo tem de saber a luto e solenidade? Obrigado, Arthur Ford, por nos ter dado um exemplo de génio...¹⁵

A tendência de Ford para um certo surrealismo no tratamento dos factos por vezes saía-lhe pela culatra, causando-lhe embaraço. Sob a manchete **AFIRMAÇÕES EXTRAORDINÁRIAS EM IPSWICH**, o *East Anglia Times* de 28 de Março de 1928 publicou um relato que, se Ford o releu em anos posteriores, deve tê-lo feito estremecer.

A palestrar sobre as “Maravilhas da Investigação Psíquica”, no Central Library Hall, Ipswich, o Rev. Arthur Ford, de Nova Iorque, declarou que não havia um milagre na Bíblia que não tivesse presenciado pessoalmente. Quando, no final da palestra, foi questionado sobre milagres específicos, como a ressurreição de Lázaro, o Sr. Ford citou um caso — pelo qual, no entanto, não se responsabilizou pessoalmente — de uma mulher que morreu em Inglaterra, cujo corpo começara a decompor-se e que, por ordem de um médium, mostrou sinais de vida.

Quanto ao milagre dos pães e dos peixes, o Sr. Ford declarou acreditar na possibilidade de materialização de certos objetos. Referiu um caso em que um conhecido jornalista londrino e alguns amigos estavam reunidos até tarde e se descobriu que ninguém tinha cigarros. Percebeu-se que, devido à hora tardia, não era possível obter os necessários “cigarros”, mas, por influência psíquica, seis cigarros “materializaram-se” sobre a mesa.

Evidentemente, esta experiência tornou Ford mais prudente. Quando, no ano seguinte, falou em Columbus, Ohio, como relatou o *Despatch* (19 de Abril de 1929), já tinha emendado a afirmação para: “Vi duplicar todos os milagres, exceto um, registado no Novo Testamento. Não vi um homem ressuscitar dos mortos.”

Por vezes, os espíritos comportavam-se de forma que parecia roçar a petulância. Assim, segundo noticiou o *Surrey Times*, Ford estava a fazer uma demonstração de clariaudiência em Guildford quando, contrariando as suas instruções de que todos deveriam permanecer imóveis para não perturbar as vibrações, uma mulher se levantou para sair.

“O médium pediu-lhe que se sentasse; ela explicou que tinha de apanhar o último autocarro. ‘Então a reunião acabou, no que me diz respeito’, disse o Sr. Ford, e sentou-se.”

A pobre senhora, concluía a notícia, culpada pelos outros na audiência pela retirada dos espíritos, foi alvo de gritos de “Vergonha!”

O repórter não mencionou se a senhora apanhou ou não o autocarro.

O semanário espiritualista britânico *Two Worlds* observou, com dissimulação, em 1928, que “embora seja americano, Arthur Ford é bastante modesto, mas isso, pensa ele, pode atribuir-se ao facto de o pai ser irlandês”.

Em 1928, Ford fez uma digressão pela Suécia, Dinamarca e Alemanha, onde o seu encanto e a sua clarividência aparentemente não foram diluídos por um intérprete.

Em Estocolmo, o *Svenska Dagbladet* (16 de Abril de 1928) disse:

Duas mil e quinhentas pessoas ouviram Arthur Ford falar sobre investigação psíquica e ficaram espantadas durante uma sessão pública que fez este repórter sair com vontade de saber mais sobre tudo isto.

Ford viajou de avião — um meio de transporte ainda não muito comum em 1928 — de Estocolmo para Berlim, onde foi recebido pelo seu amigo Florizel von Reuter, violinista de concerto que tinha estado com o médium em Nova Iorque.

O *Berliner Mittag* (2 de Maio de 1928) noticiou:

Seja qual for a opinião que se tenha sobre assuntos psíquicos em geral, o facto é que Arthur Ford deixou completamente boquiaberta uma grande audiência... Mais de 70 por cento das descrições do Sr. Ford foram imediatamente reconhecidas e 20 por cento acabaram por ser verificadas. Foi um registo espantoso, tendo em conta que o Sr. Ford não sabia alemão e que os nomes lhe eram bastante estrangeiros e ininteligíveis.

A atuação de Ford em Berlim foi descrita por Florizel von Reuter numa entrevista que me concedeu. (A entrevista teve lugar em 1972; o Sr. von Reuter, já reformado e a viver em Waukesha, Wisconsin, foi uma criança prodígio no violino, fez digressões pela Europa e pelas Américas enquanto jovem virtuoso e, como entusiasta de longa data da investigação psíquica, conheceu bem Ford.)

Arthur Ford tinha verdadeiros poderes paranormais. O que ele fez em Berlim foi realmente espantoso. Chegou nessa manhã e, à noite, teve uma demonstração pública. Havia um homem que entrou já depois de a sessão ter começado e se sentou na antepenúltima fila do auditório.

Ford isolou esse homem e disse: “Tenho uma mensagem para si — do seu irmão. O senhor é o Barão von Richthofen, não é?” E o homem disse que sim, que era.

“O seu irmão, Manfred, foi morto na guerra”, continuou Ford, “e quer cumprimentá-lo.”

Ora, ninguém sabia que aquele homem ali estaria. Um amigo tinha-lhe falado da demonstração de clarividência apenas nesse dia e sugerira que ele assistisse.

Houve outro episódio marcante que mostrou os poderes genuínos de Arthur Ford. Um homem estava sentado na primeira fila. Ford escolheu-o e disse: “Tem três irmãos no mundo dos espíritos que querem cumprimentá-lo.” Depois mencionou três nomes alemães — Adolf, Heinrich, Fritz, este tipo de nome.

O homem ficou completamente espantado. Disse: «Sou repórter de jornal e fui enviado para aqui com ordens para desacreditar esta demonstração. Mas, depois disto, já não consigo.»

Ford, cedendo a uma fraqueza por “dourar o lírio”, deu seguimento ao seu triunfo dizendo a outra audiência em Berlim — a Sociedade para o Ocultismo Científico (um nome tão alemão como a Sociedade para a Investigação de Fadas era inglesa) — que havia “dez milhões de espiritualistas convictos na América”, uma estimativa que não pode ser descrita como minimamente exata.

Se por “espiritualistas convictos” Ford queria dizer os formalmente identificados com o movimento, estava a exagerar de forma absurda — os números do recenseamento dos Estados Unidos, em 1936, mostravam apenas 27 352 espiritualistas confesos no país. Quanto aos “companheiros de viagem” — simpatizantes do Espiritualismo — o sociólogo George S. Lawton, em 1932, estimou que havia 700 000 nos Estados Unidos e talvez 2 000 000 no mundo.¹⁶

Após a demonstração pública em Estocolmo, Ford foi convidado a dar uma sessão privada a uma senhora que desejava manter-se anônima. A senhora revelou-se a rainha Maud que, como já foi referido, ofereceu a Ford um sinete real que ele mais tarde deu à sua segunda esposa.

A realeza europeia tem uma longa afinidade com o Espiritualismo. O rei Jorge II da Grécia e o seu irmão, o rei Paulo (a ambos Ford deu sessões), eram habitués de sessões espíritas durante a década em que passaram no exílio em Londres, até à restauração da monarquia grega em 1935. A princesa Marina da Grã-Bretanha, duquesa de Kent, era, no mínimo, uma simpatizante calorosa do Espiritualismo e convidou uma clarividente da sociedade, Nell St. John Montague, para o seu casamento. A médium londrina Lillian Bailey tem hoje em sua casa uma cadeira que pertenceu em tempos ao rei Jorge VI, que a ofereceu ao seu terapeuta da fala, Lionel Logue, um espiritualista; este, por sua vez, legou-a à Sra. Bailey em agradecimento por mensagens espirituais recebidas. Diz-se que a atual Rainha-Mãe consulta Tom Corbett, um elegante “gnomo” de charme irlandês e uma bola de cristal.¹⁷

Entre as suas excursões europeias, Arthur Ford evangelizou o Espiritualismo por todo o território dos Estados Unidos. A sua receção foi, mais vezes do que não, aquilo que o *Bridgeport Post* relatou quando ele apareceu no Connecticut: “O Sr. Ford manteve a sua grande assistência num estado próximo de animação suspensa.”

Em 1934, o antigo pastor, urbano e muito citado, da Primeira Igreja Espiritualista de Nova Iorque recebeu um convite sem precedentes para pregar e demonstrar os seus estranhos dons num edifício que Joseph Fort Newton, o conhecido clérigo, descrevera certa vez como “o mais belo santuário gótico da América”. A Igreja da Paternidade Divina, em Central Park West, uma congregação da Igreja Universalista da América (hoje fundida com o Unitarismo para formar a Associação Unitarista-Universalista), convidou Arthur Ford a falar numa série de serviços ao domingo à noite. Ford aceitou e, durante cinco meses, no inverno de 1934–35, proclamou a filosofia do Espiritualismo a congregações lotadas, a partir do púlpito de mármore ornamentado, sobre o qual se ergue um magnífico mosaico da Última Ceia. Em cada serviço, Ford terminava com uma demonstração de clariaudiência.

Não foi o Dr. Frank Oliver Hall, pastor da Paternidade Divina, o único clérigo não espiritualista impressionado com a mensagem de Ford. O Dr. Ozora S. Davis, ministro congregacional e presidente emérito e professor do

Seminário Teológico de Chicago, em 1930, endossou publicamente o Espiritualismo, dizendo que este fornecera “prova científica” de que “a personalidade sobrevive ao episódio da morte e leva consigo a memória”. Davis, cuja declaração causou agitação devido ao seu estatuto no establishment religioso, convertera-se através da mediunidade de Arthur Ford. Fez a sua confissão pública de fé no regresso dos espíritos numa tribuna que partilhou com Ford em St. Petersburg, Flórida.

Outro clérigo proeminente que se tornou defensor do Espiritualismo e de Arthur Ford foi Sherwood Eddy, autor conhecido e evangelista itinerante. Eddy escreveu: “Através de Arthur Ford recebi prova convincente da sobrevivência dos meus familiares e amigos falecidos, até chegar a ter, em princípio, a mesma prova de que nove membros da minha família viviam no mundo espiritual que tenho quanto aos três membros que ainda estão comigo no mundo material.”

Em anos posteriores, a influência de Arthur Ford sobre o clero das igrejas tradicionais viria a crescer enormemente. Não há dúvida de que persuadiu mais clérigos a adotar um espiritualismo com “s” minúsculo — isto é, a filosofia sem o movimento — do que qualquer outra pessoa. O desejo de aproximar a religião tradicional do Espiritualismo foi uma das preocupações mais profundas da sua vida. A contribuição mais significativa de Ford para essa tarefa foi o seu papel na criação da *Spiritual Frontiers Fellowship*, discutida num capítulo posterior.

Neste ponto da sua carreira, em meados da década de 1930, Arthur Ford era, segundo todos os relatos, um indivíduo de confiança consumada, que parecia mais um corretor da bolsa do que o estereótipo do médium de barba em bico e olhar penetrante. Como disse um repórter: “Parece muito mais capaz de entrar numa reunião de negócios do que num transe.”¹⁸ Embora fosse o auge da Depressão, Ford tinha uma aura de prosperidade. Um perfil do médium, no *New York World-Telegram* (20 de Junho de 1935), revelava, com entusiasmo, que “o Sr. Ford tem uma suite de dois quartos no Park Central e usa um fato castanho de gabardina no valor de pelo menos 45 dólares”.

Nos tempos livres, “o médium mais famoso da América” (como a imprensa já lhe chamava) escrevia letras de canções. Eram sobretudo baladas românticas e, a julgar por um exemplo que sobreviveu, de sentimentalismo meloso, intitulado “Henrietta”. Eis uma amostra:

Foste-te embora, e eu fiquei
A pisar o triste resto dos anos,
Só. E à minha volta há mãos
Estendidas, para trazer um frio consolo à minha alma.
Mas eu não chorarei agora. Nem sequer escutarei
Uma palavra de simpatia ou consolação vazia.
Pois ontem à noite, no céu nublado e açoitado pelo vento,
Ao atravessar a penumbra da noite que se juntava,
Levantei o rosto para encontrar a suave carícia
Deste ar quente de primavera e vi ali refletido
O essencial de Ti...

Felizmente, os guias espirituais de Ford aconselharam-no de que o seu verdadeiro talento era como médium e não como letrista — embora várias das suas canções tenham, de facto, sido publicadas — e ele acabou por abandonar, a contragosto, a ambição de chegar às tabelas de êxitos.

Em 1937, Arthur Ford era presidente da Associação Nacional de Espiritualistas, a maior organização do género nos Estados Unidos, e a imprensa espiritualista chamou-lhe “o nosso principal missionário mundial”. Nesse ano, levou a nova revelação à Austrália e à Nova Zelândia.

Foi recebido “lá em baixo” com enorme entusiasmo, por um lado, e, por outro, com violenta antipatia. Alguns órgãos de imprensa foram agressivamente a favor; outros, estridentemente contra. O semanário australiano *Woman* publicou uma série de uma dúzia de artigos de Ford sobre a sua mediunidade. O *Auckland Herald*, diário neozelandês, publicou na primeira página uma fotografia pouco lisonjeira do médium, que o fazia parecer um gangster americano, sob uma manchete enorme: **FORD CHEGA NUMA ONDA DE SUPERSTIÇÃO.**

A razão para a exposição simpática na *Woman*, a secção de revista do *Sydney Sunday Sun*, foi que o seu editor, Eric Baume, era apreciador do mundo psíquico. Teve uma sessão com Ford no dia seguinte à chegada do médium à Austrália, ficou enormemente impressionado e desencadeou uma torrente de publicidade, não só no seu jornal como também numa cadeia de estações de rádio de que era proprietário.

De facto, enquanto esteve na Austrália, Arthur Ford usou a rádio para estabelecer um precedente psíquico — a primeira sessão espírita transmitida. (É interessante que, trinta anos mais tarde, ele viria a participar numa rutura

semelhante — a primeira sessão espírita transmitida numa rede nacional de televisão, com o bispo James Pike e comigo.)

A sessão de rádio foi o culminar de uma série de quatro palestras públicas no Assembly Hall de Sydney, com capacidade para cerca de mil e quinhentas pessoas, e que esteve apinhado todas as noites. Algumas das mensagens que Ford transmitiu nessa noite foram reclamadas por pessoas presentes no auditório; outras foram especificamente dirigidas pelo médium a pessoas que escutavam pela rádio. Pedia-se aos que reclamassem estas últimas mensagens que contactassem a revista *Woman*, que verificava as alegações e publicava os resultados. Eis um relatório típico na edição de 18 de Abril de 1937.

A primeira reclamante de uma mensagem radiofónica visitada pela *Woman* foi a Sra. Edith Chapman, de Woolhara [um subúrbio de Sydney], cuja mensagem de Ford foi a seguinte:

“Há aqui um homem e ele procura a sua tia Edith. Diz que tem a certeza de que ela está a ouvir esta noite porque está acamada com membros paralisados e não podia vir a esta sala. Diz que foi morto sem dor e quer que a mãe e o pai e a tia Edith saibam que não sofreu e que não há nada para lamentar. Parece ser um homem muito forte e cheio de vida e tinha alguma ligação ao exército ou à marinha. Era oficial. Ouço o nome Edith Chapman e o nome da sua mãe é Jess Hetherington, e o nome do seu pai é William. Ele diz: ‘Deus a abençoe por tudo o que significou para mim e espero poder significar algo para si deste lado.’ Ouço-o dizer algo sobre o Avô e a Avó Hills, e ouço o nome de Ellen e o nome de John Hills.”

A Sra. Chapman disse que esta mensagem dizia respeito à morte do único filho da sua irmã, Clyde Hetherington, conhecido entre os familiares por “Clem”.

“Foi uma mensagem maravilhosa”, disse ela. “A minha irmã ficou emocionada e confortada pela prova inegável da sua veracidade... Sou uma buscadora de conhecimento e fui eu que sugeri à minha irmã que viesse ouvir, porque senti que, se alguma mensagem viesse de Clem, poderia vir através de uma pessoa recetiva, como eu.

“Quando a mensagem chegou, estávamos todos à volta do rádio com lápis e papel, mas quando a voz de Clem chegou através do Sr. Ford, largámos todos os lápis para ouvir...”

“Considero a parte da mensagem que se referiu à ‘condição inválida da tia Edith’ como a mais probatória. Voltei há pouco do hospital, depois de ter sofrido uma fratura na coxa, e ainda não consigo subir para os elétricos nem sair muito. Todos os nomes dados estavam exatamente corretos, até aos nomes dos avós de Clem, Ellen e John Hills, que foram mencionados...”

A Sra. Chapman prosseguiu, explicando com algum detalhe que o sobrinho, oficial da marinha, morreu atropelado por um comboio numa passagem de nível, pelo que a referência a ter morrido sem dor era, para os seus familiares, probatória e reconfortante.

De Sydney, onde, graças à vasta publicidade, Arthur Ford se tornara um nome conhecido em todas as casas, seguiu para Melbourne e depois para Adelaide. Aí, os seus triunfos repetiram-se. Em retrospectiva, as reuniões australianas de Ford devem contar, em termos de impacto nacional e resposta de massas, como a mais bem-sucedida cruzada espiritualista alguma vez realizada na Austrália — talvez em qualquer lugar.

Na Nova Zelândia, o domínio vizinho da Austrália “no fundo do mundo”, o acolhimento por parte da imprensa foi menos simpático. Mas, também ali, ajudado e instigado pela “onda de superstição” que um jornal deplorava, as reuniões de Ford encheram salas até à lotação máxima.

Numa entrevista a um jornal na Nova Zelândia, Ford deu uma imagem colorida das suas finanças. Perguntaram-lhe se a mediunidade era o seu meio de subsistência; respondeu que não, explicando:

“Não dependo deste trabalho... O facto de eu ser financeiramente independente deve-se a que o meu futuro está assegurado por dinheiro que me foi dado por Sir Basil Zaharoff, o grande rei das munições — um bom amigo meu. Tratou de tudo para que eu nunca tivesse de me preocupar com dinheiro enquanto viver.”

Quer isto fosse mais um exemplo da abordagem surrealista de Ford aos factos — ele contou, em diferentes momentos, várias histórias sobre as suas finanças pessoais, incluindo investimentos em imobiliário na Florida e manipulações bolsistas sob orientação espiritual, enquanto noutros momentos alegava pobreza absoluta —, é, ainda assim, um facto que ele parecia dispor de meios próprios durante a maior parte da vida adulta. Certamente, como veremos num capítulo posterior, quando morreu estava longe de estar na miséria.

Zaharoff, frequentemente retratado como figura sinistra, um aproveitador impiedoso do sangue alheio, é mencionado por Ford em *Nada Tão Estranho*. Ford falou dele com bondade; disse que Zaharoff lhe estava eternamente grato por comunicações recebidas da sua esposa falecida. É possível que essa gratidão tenha encontrado expressão tangível, embora, na sua autobiografia, Ford não tenha repetido a alegação de auxílio financeiro por parte do magnata das munições.

Em 1937, Arthur Ford estava no apogeu da sua carreira. Nenhum médium, desde D. D. Home, quase um século antes, fora tão festejado, aclamado e publicitado. Nenhum, no século XX, encontrara tantos salões da moda abertos para si. Nenhum médium moderno convencera tanta gente sofisticada da sua sinceridade e da autenticidade dos seus estranhos dons. E, pelo estilo de vida de Ford, quer Sir Basil Zaharoff fosse ou não o seu benfeitor, ele tinha, ao que parece, poucas preocupações financeiras.

E depois acrescentou-se algo mais — casou.

No final das suas reuniões na Nova Zelândia, no barco para Honolulu, Ford conheceu uma inglesa, filha de uma família proeminente, que se casara com um empresário australiano e fora viver para Sydney. O marido tinha morrido, deixando Valerie McKeown com duas filhas pequenas. Ford achou-a uma companheira encantadora e espirituosa durante a viagem e, um ano mais tarde, em Los Angeles, casaram. A cerimónia foi celebrada pelo Rev. E. Lee Howard, de Los Angeles, ministro congregacional conhecido por defender o Espiritualismo. Eileen Garrett, a célebre médium, foi testemunha.

Depois de uma viagem de lua-de-mel, o Sr. e a Sra. Ford instalaram-se em Hollywood, Califórnia — “esta adorável cidade louca”, como Ford lhe chamou — e prepararam-se para viver felizes para sempre.

O EVANGELHO DO ESPIRITUALISMO

Os fantasmas invisíveis dos investigadores psíquicos são uma pobre e errante gente, por vezes divertida, mas nunca convincente para quem não tenha já decidido.

— Editorial do *New York Times*, 9 de Julho de 1909

Certos fenómenos [que testemunhei] indicam fortemente que procedem, de facto, de espíritos de pessoas falecidas.

— Horace Greeley (1811–72), editor do *New York Tribune*

Como “embaixador internacional do Espiritualismo” (título que a imprensa lhe atribuiu após as suas digressões triunfais pela Europa e pelo mundo), Arthur Ford não pregava uma filosofia que tivesse surgido de um dia para o outro no vazio, nem uma que ele próprio inventasse à medida que avançava.

O Espiritualismo moderno tinha uma história — colorida, muitas vezes excitante — que, embora não fosse irrepreensível, comparava de forma suficientemente favorável, na maioria dos aspetos, com as histórias de movimentos religiosos concorrentes. E o evangelho do Espiritualismo cresceu a partir dessa história.

O Espiritualismo nasceu no norte do Estado de Nova Iorque, apelidado por pregadores itinerantes do século XIX de “o distrito queimado” (*burned over district*), porque os seus habitantes tinham sido tantas vezes avivados, evangelizados e prosélitos de tantas seitas que se considerava ter-se-lhes “queimado” todo o entusiasmo religioso. Esse diagnóstico, porém, revelou-se incorreto; havia, afinal, muito entusiasmo religioso por gastar — do qual o Espiritualismo viria a ser um dos rebentos.

Nova Iorque, no início do século XIX, era ainda a fronteira para onde acorriam colonos da sóbria e conservadora Nova Inglaterra, em busca de terra e de uma vida mais abundante para si e para os seus filhos. A condição religiosa da região, nas décadas imediatamente anteriores ao aparecimento do Espiritualismo, podia descrever-se como uma fermentação a roçar o frenesim.

A vaga de individualismo e independência que motivara os colonos a deslocarem-se para oeste expressou-se, religiosamente, em desvios dos

velhos caminhos familiares. As igrejas estabelecidas eram sacudidas por cismas. Os metodistas fragmentaram-se em quatro correntes entre 1814 e 1830. Os batistas transformaram-se em batistas reformados, batistas *hard-shell*, batistas do livre-arbítrio, batistas do sétimo dia e outras subespécies. Os presbiterianos estavam tão divididos por várias questões obscuras de teologia e de relações Igreja-Estado — hoje lembradas apenas por especialistas de História — que Alexander Campbell, antes de fundar os Discípulos de Cristo, achou necessário descrever-se como “um presbiteriano New Light-Antiburgher-Seceder”.

Essa levedação teológica deu origem a uma série de novas religiões.

Uma das mais tradicionais foi a já mencionada Igreja dos Discípulos de Cristo — ou “campbellitas”, como eram popularmente conhecidos, pelo nome do fundador — que, em protesto contra o divisionismo teológico e a casuística, defendia uma abordagem simplista, pan-denominacional e de regresso à Bíblia. Com os seus slogans “Onde a Bíblia fala, nós falamos” e “Não somos os únicos cristãos, mas apenas cristãos”, os Discípulos fizeram importantes incursões nas igrejas estabelecidas.

Também floresceram grupos mais exóticos. Havia seitas milenaristas que prometiam que o Reino de Deus estava iminente, como os mileritas (precursores dos atuais Adventistas do Sétimo Dia), que esperavam a segunda vinda de Cristo em Março de 1843 e vestiam túnicas brancas de ascensão para aguardar o acontecimento glorioso.

Muitas novas seitas — na sua maioria movimentos obscuros que surgiam por pouco tempo e depois desapareciam para sempre — baseavam-se em revelações pessoais aos seus fundadores, visões, profecias, transes, curas miraculosas, visitas angélicas, novas bíblias e diversões sobrenaturais semelhantes, que serviam para distrair o colono comum e a sua família da monotonia de uma vida passada, em grande parte, em trabalho incessante, pouco suavizado por quaisquer comodidades modernas.

Houve também experiências de vida comunitária e amor livre, como a Comunidade de Oneida, de John Noyes, onde o casamento era comunal e a prática sexual normal era o *coitus reservatus*, não sobretudo — se é que — como método de controlo de natalidade, mas para intensificar os arroubos da união carnal e contribuir, como Noyes acreditava, para a longevidade masculina.

Os messias autoproclamados eram legião. Ann Lee, mãe dos Shakers, que se dizia Cristo reencarnado, fundou uma cadeia de comunidades celibatárias em que homens e mulheres austeros, gentis e trabalhadores substituíam o sexo explícito por trabalho árduo, oração, falar em línguas e dança extática e convulsiva (daí o nome “Shakers”, “os que tremem”).

Uma das seitas novas mais bem-sucedidas foi a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apelidada de mórmons, que acrescentou ao cânone tradicional das Escrituras a sua própria “Bíblia de Ouro”, o Livro de Mórmon, supostamente inscrito em placas antigas descobertas numa colina perto de Palmyra, Nova Iorque, por um rapaz de quinta de dezanove anos chamado Joseph Smith. Uma das figuras mais notáveis do século XIX, Smith viria a tornar-se o profeta, vidente e revelador mais ilustre da América, construtor de templos, fundador de cidades e, eventualmente, comandante do seu próprio exército privado e, aos olhos dos inimigos que acabariam por assassiná-lo, potencial vigário-geral de Deus num império teocrático a talhar a partir dos Estados Unidos.¹

O Espiritualismo, em contraste com as seitas que irromperam através de uma revelação apocalíptica ofuscante, começou de forma enganadoramente inocente: com umas pancadas. As pancadas — batidas, toques ou estrondos, como foram descritos — ouviram-se pela primeira vez a 31 de Março de 1848, na casa de Hydesville, Nova Iorque, de John D. Fox, um ferreiro de convicção metodista, que vivia com a esposa, muitos anos mais nova, e com as duas filhas mais novas (duas outras já eram casadas): Maggie, de quinze anos, e Kate, de onze.

As pancadas, por vezes suficientemente fortes para abalar a casa, pareciam ser inteligentes, ou guiadas inteligentemente. Descobriu-se que respondiam a perguntas dirigidas pelas duas irmãs Fox a seja o que fosse — ou a quem fosse — que estava por detrás das pancadas. As raparigas, Kate e Maggie, passaram a chamar ao autor das pancadas “Mr. Splitfoot”, um epíteto popular, meio afetuoso, para o diabo.

Com o tempo, as pancadas soletraram — por um sistema moroso em que quem perguntava recitava o alfabeto, parando na letra que provocava uma batida — uma história arrepiante. O originador das pancadas afirmava ser um vendedor ambulante desgraçado que fora assassinado e enterrado na cave por um antigo proprietário da casa dos Fox. As tentativas de desenterrar os restos mortais da vítima no ponto da cave onde, segundo as pancadas, ele

fora atirado sem cerimónia após o ato infame, foram frustradas quando o buraco se enchia de água tão depressa quanto era escavado.

Os sons estranhos na casa dos Fox atraíram considerável atenção. Foram ouvidos por uma procissão de testemunhas — vizinhos dos Fox, clérigos e investigadores vindos de tão longe como Buffalo. As opiniões sobre a natureza dos ruídos misteriosos dividiram-se. Muitas testemunhas disseram que as pancadas eram obviamente sobrenaturais.

Outros ficaram indecisos. E outros ainda, sem hesitar, acusaram a família Fox — sobretudo as duas filhas — de embuste.

(As acusações de fraude contra as irmãs Fox, que viriam a tornar-se médiuns profissionais, nunca desapareceram. Muitos comités investigaram Kate e Maggie. Um deles, que incluía Horace [“Vai para Oeste, rapaz”] Greeley, concluiu que “seja qual for a origem ou causa das pancadas, as senhoras em cuja presença elas ocorrem não as produzem”. Uma teoria comum era a de que as irmãs Fox criavam os sons estranhos estalando as articulações dos dedos dos pés — uma arte que vários céticos afirmaram ter aperfeiçoado após prática assídua, embora aparentemente nenhum tivesse atingido o nível de perícia alcançado pelas duas senhoritas Fox.

Em 1888, ambas as irmãs admitiram que os fenómenos eram produzidos estalando as articulações dos dedos dos pés; mais tarde, porém, retrataram-se, alegando que tinham sido subornadas por inimigos do Espiritualismo para o dizerem. Maggie, no leito de morte em 1893, estava rodeada de fortes pancadas nas paredes, no chão e no teto do quarto, numa altura em que, como observou a médica que a assistia, “ela era tão incapaz de estalar as articulações dos dedos dos pés como eu”.²)

Em vez de ser apenas um episódio curioso que voltou a perder-se na obscuridade de onde emergira, o “síndrome” das pancadas espirituais da família Fox desencadeou uma epidemia. A “rappomania”, como os jornais da época lhe chamavam, espalhou-se pelos Estados Unidos como um contágio. Em 1851, estimava-se que só em Filadélfia existiam cinquenta ou sessenta círculos reunidos para obter pancadas dos espíritos. (Um grupo demonstrou uma paciência heroica ao sentar-se no escuro durante quatro meses antes de ouvir a primeira pancada — uma situação em que seria surpreendente se alguém não decidisse dar uma ajudinha aos espíritos, só para aliviar o tédio.) No mesmo ano, o *Cincinnati Daily Times* estimou o número de médiuns na cidade em mil e duzentos.³

Com o tempo, começaram a surgir outras manifestações para além das pancadas — mesas a inclinar-se, fala em transe, voz direta (com ou sem trombeta), leitura de bilhetes, e, por fim, materializações de fantasmas ectoplásmicos. (As modas na mediunidade, como em tudo o resto, mudam e, depois de perder a popularidade inicial, a “rappomania” nunca mais voltou.)

Sempre que surge uma nova religião, surgem também os desmistificadores. Um certo número de cruzados anti-espiritualistas — uma espécie de Houdinis precoces — percorreu o país a fazer palestras inflamadas contra esta última aberração. Um deles foi o Rev. Chauncey Burr, que expunha os truques dos espiritualistas e, ao mesmo tempo, animava as suas palestras demonstrando como conseguia produzir “pancadas” estalando as articulações dos dedos dos pés. Observadores, contudo, concordavam que as suas exibições eram extremamente amadoras quando comparadas com as dos melhores médiuns.

Outro orador anti-espiritualista proeminente, que atraía grandes multidões, chamava-se Leo Miller. Infelizmente para os inimigos do Espiritualismo, Miller entrou em transe a meio de uma das suas palestras e, enquanto dormia, fez uma afirmação apaixonada da verdade do regresso dos espíritos. Após a sua conversão dramática, Miller tornou-se médium.⁴

Em 1854, estimava-se que existiam trinta mil médiuns nos Estados Unidos e um a dois milhões de espiritualistas — um ponto máximo a partir do qual o movimento rapidamente recuou e ao qual nunca mais voltou.

As causas do rápido declínio do Espiritualismo, após o seu sucesso espetacular e quase instantâneo, são suficientemente óbvias, ainda hoje, para um estudioso objetivo do movimento.

Depressa se descobriu que algumas das declarações mediúnicas careciam de credibilidade intelectual, para dizer o mínimo; e muitos dos médiuns tendiam a ser senhoras nevrasténicas de meia-idade ou raparigas impressionáveis, propensas à histeria. Muitas vezes, era difícil decidir o que era menos impressionante — o médium ou o espírito simplório que supostamente falava através dele.

Um jornal metodista, o *Olive Branch*, embora a sua opinião dificilmente possa ser considerada desinteressada, disse provavelmente a verdade quando caracterizou os médiuns como, em muitos casos, “mulheres fracas e meio patetas”, e os espíritos como “erráticos e frequentemente loucos”.⁵

Um frequentador precoce de sessões queixou-se de que os espíritos muitas vezes assumiam os nomes de grandes homens e mulheres e tentavam impingir “versos imbecis” como obra de Shakespeare, ou “algum quadro atroz” como se fosse uma obra-prima de Miguel Ângelo.

Um crítico simpático do Espiritualismo inicial, o ministro universalista Adin Ballou (os universalistas eram, em geral, favoráveis ao novo movimento, uma vez que os espíritos confirmavam a sua tese de que o inferno era um mito e, em última análise, todos os homens eram salvos), declarou que, embora pudesse aceitar algumas comunicações espirituais como sendo aquilo que diziam ser, tinha problemas com outras.

Por exemplo, ocasionalmente um espírito comunicante, que afirmava estar morto, era descoberto vivo (um embaraço que ainda ocorre e que os espiritualistas, na tentativa de explicar, batizaram de “possessão pelos vivos”). Ballou notou também que muitas comunicações refletiam obviamente as opiniões, gostos e preconceitos do médium e que, por vezes, concentrando-se intensamente, conseguira influenciar o conteúdo da comunicação espiritual com os seus próprios pensamentos.

Apesar dessas reservas, contudo, Ballou manteve a crença de que algumas comunicações provinham, de facto, de espíritos desencarnados.

O Espiritualismo atraiu em breve, além dos inevitáveis meio-tontos, algumas pessoas de grande relevo. Entre elas contavam-se Horace Greeley, editor do *New York Tribune*; John Worth Edmonds, juiz do Tribunal de Recurso do Estado de Nova Iorque; o governador N. P. Tallmadge, de Nova Iorque; William Lloyd Garrison, o abolicionista; o poeta William Cullen Bryant; e o romancista James Fenimore Cooper (*O Último dos Moicanos*).

O movimento teve ainda maior — e, como se provou, mais duradouro — sucesso em Inglaterra, onde foi introduzido em 1852 por uma médium missionária lembrada apenas como Mrs. Hayden. Entre os primeiros convertidos britânicos incluíam-se Robert Owen, o veterano socialista; cientistas como Sir William Crookes e Alfred Russell Wallace; pares do reino como Lord Adare (que testemunhou, na sua própria casa, as extraordinárias levitações daquele gigante mediúnico, D. D. Home); e Lord Lytton. Entre os simpatizantes — “companheiros de viagem” — que, por várias razões, sobretudo por receio do ridículo, não se identificavam publicamente com o Espiritualismo, contavam-se Elizabeth Barrett Browning (cujo marido, Robert

Browning, não partilhava o entusiasmo e escreveu um poema pouco elogioso sobre Home, chamado “Mr. Sludge, the Medium”) e Anthony Trollope.

Raramente, se alguma vez, um novo movimento religioso teve um início mais auspicioso do que o Espiritualismo. No espaço de dez anos após a sua fundação, e apesar de torrentes de vituperação dos seus inimigos, a causa conquistara uma massa de seguidores, incluindo uma elite que qualquer igreja teria orgulho em reivindicar.

Um olhar objetivo sobre a influência do Espiritualismo nas suas primeiras décadas mostra também que, apesar do baixo nível de muita da sua mediunidade, o movimento teve um impacto social considerável.

Arthur Ford, fazendo um olhar retrospectivo sobre esta herança do Espiritualismo, muitas vezes esquecida, disse num discurso de 1956 à Convenção Espiritualista do Estado de Massachusetts:

Terá a mediunidade produzido algo que altere a ordem das coisas — socialmente, economicamente, progressivamente? Bem, eu poderia dizer ao crítico que afirma que os médiuns só dizem trivialidades que o sistema de escola pública gratuita foi anunciado pela primeira vez através do Espiritualismo. Robert Owen, de New Harmony, Indiana, teve a ideia através de um médium.

Poderia dizer ao crítico que a hoje famosa máquina Linotype, que revolucionou a impressão, foi transmitida através de uma médium de Baltimore a um inventor que tentara em vão aperfeiçoar um dispositivo mecânico para substituir o laborioso processo de composição manual.

Poderia dizer ao crítico que o presidente Lincoln, durante os terríveis dias da Guerra Civil, se sentou com a médium Nettie Colburn Maynard e foi efetivamente instado a anunciar a sua Proclamação de Emancipação dos escravos — quando muitos se lhe opunham, até dentro do seu próprio gabinete.⁶

Ford poderia também ter mencionado a alegada influência que o médium D. D. Home (casado com uma nobre russa) teria tido sobre o czar na decisão de libertar os servos.⁷

As fontes da teologia e da filosofia espiritualistas eram variadas. A fonte primária alegada são os próprios espíritos. As afirmações mantêm-se razoavelmente coerentes, desde que se fique pelos fundamentos (há

consenso entre os espiritualistas sobre temas como a natureza de Deus e o estado pós-morte), mas, em pontos específicos, os espíritos divergiam — e ainda divergem — de forma embaraçosa. Por exemplo: será a reencarnação verdadeira? Como veremos em breve com maior detalhe, os guias espirituais discordam. Parece haver um factor cultural: em regra, os espíritos que se manifestam através de médiuns franceses (a maioria seguidores da vertente espiritualista de Allan Kardec) sublinham a reencarnação; os que comunicam através de médiuns anglo-saxónicos não aprovam a doutrina.

Tal como os espíritos muitas vezes parecem refletir as opiniões do médium individual, também os ensinamentos coletivos do Espiritualismo, embora alegadamente derivados de entidades desencarnadas, podem, ainda assim, ser rastreados até raízes mais mundanas.

Uma dessas raízes foi a filosofia do “universalismo”: a rejeição do dogma ortodoxo do inferno, em favor da salvação de toda a humanidade. A Igreja Universalista, que institucionalizou a ideia de que Deus era demasiado humano para enviar pessoas para o inferno — ao contrário da atitude unitarista, que parecia mais sustentar que Deus era demasiado racional para fazer uma coisa tão disparatada —, tinha simpatia pelo Espiritualismo por causa da insistência dos espíritos de que o fogo do inferno, se alguma vez existira, tinha sido extinto.

A rejeição, por parte do Espiritualismo, de doutrinas tradicionais sobre Deus, como a Santíssima Trindade, foi sem dúvida influenciada pelo exemplo dos unitaristas e de outros que argumentavam que a Trindade significava, na realidade, triteísmo, ou seja, três deuses.

Havia até precedentes para o ensinamento central do Espiritualismo — a comunicação com os mortos. Um século antes de a família Fox ouvir as suas pancadas espirituais, Emanuel Swedenborg, o grande cientista e vidente sueco, afirmou ter sido arrebatado ao céu durante enormes transes e publicou relatos de testemunha ocular da vida no mundo espiritual. Essas descrições eram, em muitos aspetos, semelhantes ao que os médiuns espiritualistas relatariam cem anos depois. (Embora seja improvável que muitos dos próprios médiuns tivessem lido Swedenborg — um autor pesado cuja obra, na subavaliação de Henry James, é “singularmente desprovida de fascínio literário” —, as ideias swedenborgianas tinham alguma circulação na América do século XIX e muitas pessoas contactavam com elas de forma indireta.)

Os primeiros espiritualistas tinham uma convicção profunda de que a sua religião era a melhor esperança da humanidade para se libertar, por um lado, da superstição dogmática e, por outro, do cientismo estéril.

No seu tempo, Arthur Ford falava do Espiritualismo como “a religião do futuro”. E Nandor Fodor, que podia ser um crítico mordaz do movimento, disse que, no seu melhor, o Espiritualismo representava a forma mais elevada de religião evoluída pelo homem.

É certo que, como qualquer outro movimento humano — e até mais do que a maioria — o Espiritualismo frequentemente fica aquém do seu ideal. Certos pecados recorrentes, evidentes desde os primeiros dias, continuaram na era moderna. Um deles era o baixo nível intelectual e, por vezes, moral dos médiuns. É fácil perceber como esta situação surgiu: os médiuns são valorizados não pelos seus diplomas, mas pelo seu talento psíquico. Um grau universitário pode até ser um obstáculo para um médium, pois representa tempo gasto em aprendizagem livresca que poderia ter sido empregado de forma mais útil no desenvolvimento psíquico. Além disso, demasiada educação formal poderia ter um efeito prejudicial na vocação do médium. Uma vez que a mediunidade é uma arte em grande medida inconsciente (basta ver o transe — ou pelo menos algum grau de dissociação — que normalmente está presente), um cultivo excessivo da mente consciente pode ser imprudente. Não é por acaso que a maioria dos médiuns é composta por pessoas de desenvolvimento intelectual limitado.

George Lawton, que escreveu uma tese de doutoramento sobre o Espiritualismo americano para um Ph.D. em Sociologia na Universidade de Columbia, comentou com bastante acrimónia o baixo nível geral dos médiuns. Disse que, com poucas exceções, os médiuns são “muito invejosos uns dos outros e extremamente egoístas, cada um pensando ser supremo apesar de uma demonstração superficial de modéstia”. Lawton considerava que “praticamente todos os médiuns profissionais são mal instruídos, provêm de um estrato social baixo e são muito pobres”. Concluiu que “a maior parte dos médiuns é recrutada entre aqueles que, na vida quotidiana, se sentem mais frustrados e inferiores — geralmente com ampla justificação —; entre aqueles que mais necessitam da onnipotência e omniscência que proclamam tão levianamente para os outros”.⁸

Lawton mencionou, porém, um médium, entre os mais de trezentos que afirmou ter observado, que se destacava largamente acima dos restantes —

Arthur Ford. “Há distinções de classe dentro do grupo de médiuns. Arthur Ford não confraterniza com nenhum dos seus colegas e reduz ao mínimo o seu contacto com o lado institucional do movimento.” De todos os sermões espiritualistas que ouvira, dizia Lawton, “apenas um poderia ter apelado a pessoas intelectualmente sofisticadas”. Pregado por Arthur Ford, foi “um assunto hábil e urbano”.⁸

Embora a maioria dos espiritualistas considerasse, sem dúvida, as críticas externas demasiado severas, alguns deles, incluindo Arthur Ford, tentaram elevar os padrões de ordenação ou certificação como médium nas principais organizações espiritualistas. Já em 1939, quando Ford era presidente de um dos dois maiores grupos do género, a *International General Assembly of Spiritualists*, defendeu um regulamento — a entrar em vigor no ano seguinte — segundo o qual “nenhuma pessoa será ordenada ministro sem ter o ensino secundário completo ou equivalente” e, em cada caso, formação adicional que pudesse ser considerada aconselhável.

No que respeita à teologia, logo em 1899 a Associação Nacional de Espiritualistas, a maior entidade do género nos Estados Unidos, adotou uma Declaração oficial de Princípios que representava um credo consensual. Estes são os oito princípios:

1. Cremos numa Inteligência Infinita.
2. Cremos que os fenómenos da Natureza, tanto físicos como espirituais, são expressão da Inteligência Infinita.
3. Afirmamos que a correta compreensão dessa expressão e a vida de acordo com ela constituem a verdadeira religião.
4. Afirmamos que a existência e a identidade pessoal do indivíduo continuam após a mudança chamada morte.
5. Afirmamos que a comunicação com os chamados mortos é um facto cientificamente provado pelos fenómenos do Espiritualismo.
6. Cremos que a mais alta moral está contida na Regra de Ouro: “Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós também a eles.”

7. Afirmamos a responsabilidade moral do indivíduo e que ele faz a sua própria felicidade ou infelicidade conforme obedece ou desobedece às leis físicas e espirituais da Natureza.

8. Afirmamos que a porta da reforma nunca está fechada a qualquer alma humana, aqui ou no além.⁹

Examinemos esta filosofia espiritualista tal como foi filtrada pela mente de Arthur Ford, o evangelista internacional do novo evangelho e talvez a coisa mais próxima de um “papa” que o Espiritualismo alguma vez teve.

O Espiritualismo, na interpretação de Ford — e existem apenas interpretações pessoais, não definições *ex cathedra* como em fés mais autoritárias — dava como adquirida a existência de Deus. “A ideia de imortalidade”, disse ele uma vez, “é inseparável da ideia de Deus.”

(Esta afirmação não é totalmente válida. É possível acreditar na sobrevivência humana após a morte — o que, estritamente falando, não é idêntico a “imortalidade”, no sentido de incapacidade de morrer, ou sobrevivência sem fim — e, ao mesmo tempo, rejeitar qualquer conceito de Deus. Um exemplo notório foi o Dr. Curt Ducasse, antigo diretor do departamento de Filosofia da Universidade Brown e autor erudito sobre investigação psíquica, que era simultaneamente um sobrevivencialista convicto e um ateu convicto.)

Oficialmente, a divindade do Espiritualismo não é, como no Cristianismo tradicional, uma Pessoa Divina. O manual da Associação Nacional de Espiritualistas, provavelmente o maior grupo do género nos Estados Unidos, afirma explicitamente que a Inteligência Infinita é “impessoal, onnipresente e onipotente”.¹¹

Na prática, porém — sobretudo nas devoções privadas — muitos espiritualistas usam o familiar “Pai nosso”, ou “Deus nosso Pai”, e outros termos pessoais.

Arthur Ford defendeu a ideia de um Deus pessoal para os espiritualistas. Num livro intitulado *Why We Survive*, que publicou por conta própria em 1955, Ford ridicularizou a noção de rezar a uma divindade impessoal:

Haeckel declarou que não há Deus — apenas “éter cósmico móvel”. Consegue imaginar alguém a rezar: “Ó éter cósmico móvel — santificado seja o teu nome”? Ou: “A Ciência é o meu pastor, nada me faltará.”

Eu acredito num Deus pessoal... Mentes maduras não podem interessar-se por um Deus que não seja pessoal. Os homens têm fé em Deus porque anseiam por um mundo que não seja acaso e caos; um mundo guiado por algum tipo de propósito divino. Precisam de acreditar que Alguém se preocupa com eles; querem um amigo. Sem esse tipo de Deus, o homem sente-se, para usar a expressão de Goethe, “um viajante perturbado numa terra escurecida”.

Como todos os espiritualistas, porém, Ford repudiava a imagem de um Deus autoritário e julgador — “um venerável contabilista de barba comprida sentado a uma secretária alta, a registrar as coisas boas e más que fizemos; um Deus ciumento que tinha de ser apaziguado pelos seus filhos”.

E quanto ao lugar de Cristo?

Os espiritualistas variam nas suas atitudes perante Jesus. Alguns são abertamente cristãos, chegando mesmo (como um grupo em Inglaterra) a identificar-se como espiritualistas cristãos. Outros tendem a relativizar Jesus, vendo-o como um mestre — um mestre magnífico, sem dúvida — entre muitas almas elevadas. A atitude mais geral talvez seja a de reverenciar Cristo como um grande médium, provavelmente o maior.

Arthur Ford dizia que, para ele pessoalmente, Jesus era “o símbolo de Deus. A minha conceção simbólica de Deus, portanto, não é como a de qualquer ser humano que eu tenha conhecido — frágil, fraco, até como eu — mas sim o próprio Galileu, ‘o mais belo entre dez mil, o totalmente amável’. Assim, vejo ‘a luz do conhecimento da glória de Deus no rosto de Jesus Cristo’.”¹²

Para Arthur Ford, portanto, como para muitos espiritualistas, Jesus Cristo era um espelho de Deus; mas não era um salvador quase divino cuja morte na cruz redime o homem do pecado. O Espiritualismo nunca se inclinou para expiações de sangue.

“Os espiritualistas”, dizia Ford num sermão de 1930, “não podem depender de Cristo. Temos de estar sobre os nossos próprios pés. O espiritualista é o supremo individualista. Erradicaremos os nossos próprios pecados, mesmo que isso leve uma eternidade inteira a resolvê-los!”¹³

O Espiritualismo, tal como o Budismo, declara que o homem é o seu próprio salvador; que a única salvação é a salvação pessoal; que ser salvo por procuração é tão impossível como aprender por procuração — pois, tanto no

Budismo como no Espiritualismo, a chave para a salvação é o conhecimento correto.

Quando passamos a considerar os ensinamentos distintivos do Espiritualismo — isto é, a sua visão da vida após a morte e da comunicação entre este mundo e o próximo — verificamos que ele diverge ainda mais nitidamente do pensamento cristão tradicional; e, no entanto, não tanto quanto se poderia supor.

Arthur Ford definia um “espírito” como “nada mais do que o fluxo de consciência de uma personalidade com a qual estamos familiarizados em cada ser humano”. É isso que sobrevive à morte, mas não como uma aparição sem corpo, uma espécie de mancha oblonga. Há, dizia Ford, “um corpo espiritual, de que fala São Paulo”.

O controlo de Ford, Fletcher, falava muitas vezes desse corpo espiritual — ou “ressuscitado” (como lhe chamou outro guia espiritual) — que se assume após a morte.

“Todos vós tendes”, disse Fletcher uma vez, “um corpo físico e um corpo espiritual, mesmo agora. Quando vos livrais do físico, isso é o fim dele. Mas o corpo espiritual que já tendes, e que é o vosso corpo potencial, não sofre o processo de envelhecimento nem os defeitos físicos. Aqui, tereis o corpo perfeito, maduro. A morte é a forma mais bela de rejuvenescer e aperfeiçoar cada corpo. Os velhos tornam-se jovens e belos, e os jovens crescem até à maturidade dourada...”

“Deste lado temos roupas, mas não são roupas que vestimos. Se eu decidir que quero parecer de uma certa época ou de um certo período, penso nisso e é como que uma radiação de luz do nosso corpo que se modela na imagem que desejamos. Caminhamos num traje de luz...”¹⁴

O Espiritualismo, tradicionalmente, sublinhou que o “sobrenatural”, propriamente dito, não existe. Uma vez que todo o fenómeno — até a Inteligência Infinita — faz parte da natureza, então é perfeitamente natural. Assim, o estado pós-morte é apenas uma continuação, com algumas diferenças importantes, é certo, da vida aqui. A vida após a morte, para o espiritualista, é um simples facto biológico, como a vida após o nascimento. E as pessoas retomam “do outro lado” a partir do ponto em que ficaram aqui. Isso significa que muito poucos, se alguns, vão diretamente para o céu.

Escreveu Arthur Ford em *Why We Survive*:

A ideia ortodoxa é a de que, quando uma pessoa “salva” morre e entra na vida espiritual, passa de imediato para uma condição ou lugar onde todas as diferenças e distinções ficam para sempre apagadas... onde todos possuirão o mesmo grau de perfeição moral e espiritual, subitamente adquirida.

O assassino que, no último instante, aceita os ofícios da igreja passa da cadeira elétrica para a mesma esfera ocupada pelos santos. A única forma de conceber tal coisa é supor que o simples ato de morrer opera um milagre moral, transformando instantaneamente um assassino num santo.

A verdade é que o carácter moral tem de se desenvolver, não no ato de morrer, mas no ato de viver; e a perfeição espiritual não se alcança num só passo, tal como não se alcança a perfeição física nem a realização intelectual.

Há diferentes “esferas de experiência” no mundo espiritual, dizia Ford, e as pessoas atravessam essas esferas no seu percurso ascendente à medida que crescem e progridem em compreensão espiritual.

Céu e inferno? Existem, mas o espiritualista concorda com Milton:

A mente é o seu próprio lugar, e em si mesma
Pode fazer do Inferno um Céu, e do Céu um Inferno.¹⁵

O céu e o inferno são estados de espírito. O inferno é o estado de ser atormentado pela memória do mal feito a outros, de oportunidades perdidas para o bem. Mas, como “a porta da reforma nunca está fechada a qualquer alma”, os espiritualistas acreditam que, à medida que a pessoa espiritual cresce em compreensão, se aproxima desse estado ou condição a que chamamos céu.

Numa sessão em transe a que assisti, Fletcher disse:

“O estado pós-morte não é um lugar para onde se vai, mas diferentes dimensões da mente ou da consciência. Os que estão nos planos mais baixos não são necessariamente infelizes. Estão felizes até certo ponto porque estão livres... do sofrimento... da dor... de certas limitações... sem tempo, sem espaço. E avançam, se quiserem.

“Os das dimensões mais altas conseguem voltar facilmente aos das mais baixas, mas os das mais baixas têm de merecer o direito de subir. E alguns demoram muito tempo a aprender.

“E nós temos tanta dificuldade em convencer algumas pessoas que chegam aqui de que supostamente deviam estar mortas como temos em convencer as pessoas no plano da Terra de que nós não estamos mortos — porque não têm compreensão espiritual e ficam paradas...”

Ford tinha palavras duras, nas suas palestras, para a doutrina tradicional do castigo eterno, classificando-a como “atroz”, “blasfema e dilacerante” e “uma doutrina revoltante pregada por inúmeros clérigos que concebem Deus em termos das suas próprias frustrações e ressentimentos. Em reuniões de avivamento, ouvi coisas que teriam feito Cotton Mather ficar verde de inveja; e dizia-se de Cotton Mather que, se não conseguisse salvar os homens do inferno, ao menos lhes arrancaria o inferno a susto!”¹⁶

E quanto à reencarnação?

A ideia de que o homem passa por muitas vidas terrenas no caminho para a perfeição última, aprendendo lições que, por alguma razão insondável, só podem ser adquiridas no tempo e no espaço, é controversa entre os espiritualistas.

Antes referi um aparente enviesamento cultural na abordagem desta questão — os médiuns franceses, influenciados pelo espiritualismo de Allan Kardec, parecendo geralmente favoráveis à doutrina, enquanto os médiuns anglo-saxónicos não o são. Os espiritualistas oferecem explicações engenhosas para justificar as contradições entre os espíritos. A desculpa mais comum avançada pelos reencarnacionistas é a de que os comunicadores espirituais que se opõem à doutrina falam, evidentemente, a partir da ignorância — ainda não experimentaram a reencarnação por si próprios ou ainda não entraram em esferas (parece implícito “esferas mais altas”) onde ouviriam falar da grande verdade. Por outro lado, os anti-reencarnacionistas costumam atribuir a defesa da doutrina por comunicadores espirituais a um preconceito ou crença dogmática que o comunicador trouxe desta vida e ainda não superou.

(Houve, e ainda há, casos em que um médium e o seu guia espiritual discordam sobre a reencarnação. Assim, Maurice Barbanell, editor do *Psychic News* e durante anos médium do círculo doméstico de Hannen Swaffer, disse-me que não era favorável à doutrina, mas que o seu guia, “Silver Birch” — um dos mais venerados no Espiritualismo moderno — sempre a ensinou. Alguns espiritualistas apontam tais divergências como prova de que o guia é uma entidade independente e não meramente parte da personalidade do

médium; no entanto, sinais de contra-similaridade entre o médium e o seu guia são precisamente o que se esperaria se este representasse, como tem sido sugerido, aspetos reprimidos do eu mais profundo do médium.)

Nos últimos anos, o conceito de reencarnação parece ter ganho terreno entre espiritualistas americanos e britânicos. Arthur Ford, pela sua parte, defendia a doutrina quando ela era impopular entre os seus correligionários. De facto, em 1928, Ford foi ameaçado com um julgamento por heresia devido a alegadas “inclinações teosóficas”, incluindo, presumivelmente, a crença na reencarnação.¹⁷

“Só a reencarnação torna compreensível a justiça de Deus”, declarou Ford. “É a ideia dominante na vida de dois terços da população mundial. Foi claramente ensinada pela igreja primitiva. É fiel à natureza, já que a ciência moderna provou que tudo está constantemente a passar de uma forma de existência para outra...”

“Jesus era essénio, e os essénios acreditavam na reencarnação.

“A reencarnação não é uma lei; é um método. O karma é a lei — a lei da compensação. É a lei de causa e efeito aplicada à personalidade. A reencarnação utiliza o nascimento físico para que um espírito, um ego, possa resolver um problema cármico — isto é, um problema derivado de pensamentos ou atos errados numa vida terrena anterior.”¹⁸

Arthur Ford tinha um génio para se contradizer (presumivelmente concordaria com Emerson que “a inconsistência é o duende das mentes pequenas”) e, nesta questão da reencarnação, vacilava. Sem dúvida, há muitas pessoas que se lembram de o ouvir dizer — como alguém me contou — que não acreditava na doutrina, que, uma vez terminado o seu tempo aqui, não queria voltar para mais uma volta. Ford, em anos posteriores, parecia preocupar-se com o facto de a doutrina da reencarnação, se fosse abusada, poder ser perigosa.

Em Janeiro de 1968, numa conversa com Walter Uphoff, da Universidade do Colorado, Arthur Ford comentou: “Tenho a mente aberta quanto à reencarnação, mas penso que, antes de falarmos disso, devíamos estabelecer o facto de que temos algo que possa reencarnar.

“Há um novo tipo de charlatão por aí a dar as chamadas Leituras de Vidas Passadas, a cobrar somas fantásticas.”

Um deles distribui um cartão a dizer: “Por 35 dólares, levo-o 75 000 anos atrás.” Quem raio quer voltar setenta e cinco mil anos?

O guia espiritual de Ford, Fletcher, por seu lado, sustentou sempre que o renascimento era verdadeiro. Sem insistir no tema nem o enfatizar — o assunto surgia com relativa pouca frequência, a julgar pelos muitos registos de sessões em transe que examinei —, Fletcher dava-o mais ou menos como adquirido. Por exemplo, de vez em quando referia, de passagem, certo problema, talvez um defeito físico, como “cármico” e, por essa razão, algo com que o indivíduo teria de aprender a viver.

No entanto, Fletcher não sugeria que todos — ou sequer a maioria — dos problemas da vida fossem “resíduos” de uma encarnação anterior. Uma vez, defendendo o divórcio como algo não necessariamente mau, Fletcher disse:

“Nós, deste lado, não aprovamos que as pessoas no plano terreno sejam continuamente mártires de um erro conjugal. Se as pessoas estão mal emparelhadas e se ninguém vai sofrer com a dissolução do casamento, então deve dissolver-se. Se não há nenhum problema cármico envolvido num casamento infeliz — e muitas vezes não há —, não pensamos que as pessoas devam continuar a rastejar nos seus erros. O casamento é uma coisa espiritual e só é espiritual enquanto houver amor, fidelidade, lealdade e preocupação mútua.”¹⁹

Ocasionalmente, Fletcher fazia declarações a um consulente — tipicamente apenas sugestões — sobre uma encarnação anterior dessa pessoa.

Clement Tamburrino, que se tornou um dos amigos e confidentes de Arthur Ford, recordou que, quando conheceu o médium pela primeira vez e apertaram as mãos, houve um choque palpável, uma sensação quase física de algo entrevisto, mas a espreitar logo para lá da consciência.

“Perguntei a Fletcher, numa sessão em transe, o que aconteceu quando apertei a mão a Arthur Ford, e ele disse: ‘Foi um reconhecimento cármico.’ Perguntei o que isso significava, e Fletcher disse: ‘Ford reconheceu-o. Conhecia-o, embora não saiba exatamente de onde nem de quando. Você e ele foram monges budistas juntos, há séculos...’”²⁰

Fletcher afirmou uma vez, em resposta a uma pergunta, que Jesus era essénio, membro de uma seita mística judaica que acreditava na

reencarnação, em transe, visões, curas pela fé e comunicação com os mortos. Segundo Fletcher, Cristo estudou com o Mestre da Justiça (a autoridade espiritual suprema entre os essênios, referida nos Manuscritos do Mar Morto e interpretada por alguns estudiosos como uma espécie de figura crística em que Jesus poderá ter-se inspirado).²¹ O consulente a quem Fletcher falava perguntou pela identidade desse enigmático Mestre da Justiça. “Mas, infelizmente”, disse ele, “não consegui ouvir resposta.”²²

Em alguns transe de Ford, Fletcher — possivelmente a refletir o contexto teológico do seu médium — falava de uma “lei da graça” que se sobrepunha e, em certas circunstâncias, punha de lado a lei do karma; assim, uma pessoa podia ficar livre da necessidade de regressar para pagar dívidas cármicas. Numa sessão, Fletcher, alegadamente a falar em nome do marido falecido da consulente, disse: “Nós não reencarnamos durante muito tempo depois de chegarmos aqui, e acho que eu nem sequer vou reencarnar de novo.”

Perguntado porquê, o comunicante continuou: “Não criei quaisquer problemas cármicos na minha última passagem que tornassem necessário eu voltar.”

À pergunta da consulente sobre se ela teria de reencarnar, o comunicante respondeu: “Bem, não penso que sim. Se o fizer, não será por um período terrivelmente longo.

“Veja, você afastou-se do plano cármico para um plano de graça, e está a viver sob os raios curativos do Cristo Eterno. E o Cristo libertou-a de todas as obrigações cármicas. Sabia disso? Ao aceitar o modo de vida dele, ao perdoar os outros, é perdoada e libertada para sempre.”²³

O CASO HOUDINI

“Não sejas parvo, Rosenberg”, atirou Houdini. “Ninguém consegue ler uma mensagem selada.”

— Joseph Rinn, *Searchlight on Psychical Research*

“Lembra-te, Rosabelle, acredita... Quando ouvires estas palavras, sabe que é Houdini a falar.”

— Houdini à mulher, no leito de morte

Harry Houdini (nascido Ehrich Weiss) foi uma personalidade quase tão complexa, enigmática e contraditória como Arthur Ford. Em muitos aspetos, os dois homens eram bastante parecidos.

No tema do Espiritualismo, Houdini era um cético que tinha muito de crente dentro de si, como o atestam os pactos que tinha o hábito de fazer com pessoas, para as contactar — ou, se morressem primeiro, para elas o contactarem a ele — a partir do túmulo. Ford, por outro lado, era um crente no Espiritualismo que tinha muito de cético dentro de si, como indicava o seu desprezo mal disfarçado por muitos dos seus colegas médiuns e o seu conselho constante às pessoas, perante uma suposta mensagem espiritual, para “confirmarem”.

(Entre amigos, Ford fazia uma sátira impiedosa de um certo tipo de médium — um “caso glandular” feminino, de meia-idade — e do seu guia espiritual infantil e enjoativo, “Gladiola Dew-drop”. Como exemplo da atitude crítica de Ford em relação a outros médiuns, Lawton cita este episódio: em Lily Dale, um acampamento espiritualista, Ford anunciou durante uma reunião: “Há vários médiuns na audiência hoje; eu gostaria que os conhecessem.” Em seguida, apresentou cinco ou seis e fê-los levantar-se. “Estes médiuns eu recomendo”, declarou. “Os outros médiuns presentes eu não recomendo e não lhes direi os nomes.”¹⁾)

Nada poderia estar mais longe da verdade sobre Houdini do que a ideia de que ele era inteiramente avesso ao Espiritualismo. Pelo contrário, a sua atitude para com os espíritos parecia ser de ressentimento por eles não lhe terem concedido a mensagem consoladora da sua mãe falecida, que ele procurou durante anos.

Houdini, tal como é retratado pelos seus biógrafos e por outros que o conheceram, não era um homem desprovido de um sobrenaturalismo primitivo. William Lindsay Gresham, o seu biógrafo mais perspicaz, observa que “embora se insurgisse contra a superstição na sala de sessões, Harry tinha também várias superstições. Não começava, por exemplo, nada perigoso numa sexta-feira 13. Além disso, muitas vezes sentia que presenças invisíveis estavam a tentar ‘passar’ para ele através de sinais subtis.”²

Uma vez, segundo Gresham, ao visitar o túmulo de um amigo mágico, o Grande Lafayette, em Edimburgo, Houdini franziu o sobrolho quando um jarro vazio onde estava prestes a colocar flores tombou, mesmo sem vento. “Bess”, murmurou à mulher, “achas que é o Laf, a tentar contactar comigo?”

Outro biógrafo de Houdini, Milbourne Christopher — ele próprio mágico — conta esta história de forma diferente; contudo, a sua versão também indica que o grande desmistificador de médiuns acreditava que manifestações espirituais poderiam ser possíveis — quando ele próprio era o médium.

Na versão de Christopher, diante do túmulo de Lafayette, com Bess, Houdini pediu ao amigo morto um sinal de que estava ali. Imediatamente, dois vasos de flores tombaram como se fossem empurrados por uma mão invisível. Houdini voltou a pô-los de pé e, de novo, caíram ao chão. Houdini não ficou convencido, porém, segundo Christopher, preferindo atribuir as manifestações ao “vento forte que soprava na altura”.³

Christopher chama “racional” à interpretação de Houdini, mas o acto de invocar o espírito de Lafayette, em primeiro lugar, dificilmente seria o de um racionalista convicto.

É Christopher quem revela que Houdini, que mais tarde se tornaria o cruzado mais famoso contra médiuns farsantes, foi ele próprio, em tempos, um médium farsante, vasculhando cemitérios em busca de informação útil em lápides e afins. Embora fosse jovem na altura — tinha vinte e quatro anos quando se juntou ao espetáculo itinerante de fantasmas —, já não era um rapaz. E mesmo mais tarde, se os tempos eram difíceis, não se coibia de montar uma sessão falsa com a mulher, Bess, como cúmplice. Embora, em anos posteriores, Houdini tenha reconhecido o que fizera, atribuindo-o a ter sido jovem e imprudente, tais revelações fazem com que os seus posteriores arroubos de indignação contra a fraude mediúnica soem apenas um pouco a falso.

Christopher insiste que o seu herói nunca desceu à “chicana” de certos outros artistas do sobrenatural (como o médium que, alegadamente, materializou o espírito da esposa falecida de um cliente para que o cavalheiro pudesse passar uma hora de felicidade renovada com ela, e acabou com um cadáver nas mãos quando o marido idoso teve um ataque cardíaco e morreu em pleno êxtase).

Houdini, garante-nos Christopher, encarava as suas sessões falsas como “apenas mais uma fase do mundo do espetáculo”.

Há indícios de que, por vezes, o grande “quebra-fantasmas” deparou com um fenómeno que não conseguiu desmascarar.

O amigo de Houdini e seu autoproclamado sucessor, o mentalista Joseph Dunninger, contou o caso de uma fotografia peculiar tirada sob supervisão de Houdini numa igreja espiritualista de Los Angeles, a 11 de Abril de 1923. De dez fotografias tiradas, uma mostrava um estranho rasto luminoso com uma mancha no topo — com um pouco de imaginação, podia interpretar-se como um fac-símile de uma forma humana — para o qual nunca se encontrou explicação. Houdini afirmou ter eliminado todas as causas normais, como um risco no negativo, e ofereceu um prémio de mil dólares a quem conseguisse duplicar o fenómeno nas mesmas condições. Aparentemente, ninguém o fez.⁴

Christopher chamou a isto “uma das poucas vezes na vida em que Houdini admitiu não ter uma explicação satisfatória para um mistério”.

Após a morte da mãe, a quem Houdini era obsessivamente devotado — desmaiou ao ouvir a notícia da sua morte e, anos mais tarde, costumava reler as cartas dela vezes sem conta e acabou por mandá-las enterrar no caixão com ele, debaixo da cabeça —, o grande escapista tentou, ao que parece com sinceridade, obter uma mensagem dela. Para esse fim, frequentou salas escuras, mas tudo o que alguma vez viu foram fantasmas de musselina, nenhum dos quais sequer se assemelhava à sua mãe.

As mensagens que recebia eram ou disparates ou fragmentos de informação que suspeitava que o médium tinha reunido por espionagem. A reação de Houdini a essas tentativas de explorar a sua vulnerabilidade como filho enlutado foi primeiro de indignação e depois de fúria. Jurou que expulsaria do seu lucrativo negócio de fantasmas “as sanguessugas que se alimentam do luto”.

A cruzada de Houdini e a tremenda publicidade que recebeu — neste caso, a virtude não teve de ser a sua própria recompensa, já que as receitas de bilheteira do mágico dispararam — desencadearam uma violenta vaga de agitação anti-espiritualista.

O deputado Sol Bloom, de Nova Iorque, procurou apresentar ao Congresso um projeto de lei “para proteger os nova-iorquinos das operações de médiuns e espiritualistas falsos”, acusados de burlar o público em milhões. A acusação constava de um relatório de um comité de investigadores entregue a Bloom.

O *New York Sun* (Fevereiro de 1926) fez um resumo animado do tipo de atividades que a legislação proposta pretendia combater:

Os cultos dividem-se em nove classes. Entre as principais está o “grupo das mensagens dos espíritos”, cujos expoentes reúnem os fiéis crédulos numa sala e procedem, através de “controlos espirituais”, a estender-se para o vazio cósmico para extrair informação...

Outras classes em atividade aqui são conhecidas como “escritores automáticos”, “médiuns da trombeta”, “leitores de objetos”, “leitores de mensagens seladas”, “médiuns das flores” e o “grupo das manifestações físicas”.

Em matéria de espetáculo, os “médiuns da trombeta” disputam com o “grupo das manifestações físicas” os primeiros lugares... Os fiéis não questionam a palavra do médium de que, no escuro, as trombetas flutuam pela sala... O “grupo das manifestações físicas” faz braços e pernas reais flutuar no ar, supostamente sem estarem ligados... Também trabalham na escuridão...

Um dos investigadores foi “ordenado” quatro vezes em diferentes escolas espiritualistas. O custo foi 37,50 dólares e o curso de instrução variava de quatro horas a uma semana.

“Assim ordenado”, afirmou o investigador, “posso legalmente celebrar casamentos, officiar em funerais e batizar. De facto, gozo de todos os privilégios de um ministro de qualquer outra denominação...”

Como arqui-inimigo dos médiuns fraudulentos, Houdini montou o seu cavalo branco e entrou no Capitólio para fazer uma aparição dramática perante um comité do Congresso criado para investigar abusos espiritualistas

e possíveis remédios legais. Uma grande representação de médiuns, clarividentes, quiromantes, astrólogos e outros praticantes das artes ocultas encheu a reunião e trocou insultos com o seu némesis. Segundo o *New York Times* (19 de Maio de 1926), “a reunião esteve perto de acabar numa rixa generalizada à pancada. Gritos de ‘Mentiroso!’ ‘Fraude!’ e ‘Caluniador!’ foram trocados entre Houdini e os seus atacantes, e o barulho atingiu tal ponto que membros do comité exigiram que se chamasse a polícia.”

Além de expor fraudes flagrantes, Houdini enfrentou pelo menos uma médium que não conseguiu desmascarar (embora alegasse ter conseguido, mostrando como os fenómenos poderiam ter sido produzidos): “Margery”.

Margery — a bruxa loira de Boston, como por vezes lhe chamavam por causa da sua beleza enfeitiçante — era, na realidade, Nina Crandon, esposa de modos suaves do Dr. Le Roi Goddard Crandon, antigo professor de cirurgia em Harvard. Tornou-se o centro de uma feroz controvérsia em 1923 quando se candidatou ao prémio de 2500 dólares oferecido pela *Scientific American* “para as primeiras manifestações físicas de natureza psíquica produzidas sob controlo científico”.

Foi nomeado um comité de cinco homens, incluindo Houdini como prestidigitador residente, para avaliar os fenómenos de Margery, que iam desde voz direta e “apports” (objetos, incluindo um pombo vivo, misteriosamente trazidos para uma sala fechada), até “pseudópodes” ectoplásmicos que moviam objetos e tocavam uma campainha no escuro. Após uma série de sessões, o comité apresentou um veredicto misto. Houdini classificou Margery como fraude; Hereward Carrington, investigador psíquico conhecido e mágico amador, declarou-a genuína; o Prof. William McDougall e o Dr. Walter Franklin Prince disseram que os seus poderes supernormais não tinham sido provados; e o Dr. Daniel Comstock, físico, afirmou nunca ter visto uma manifestação enquanto a médium estivesse sob controlo adequado.

A votação foi de quatro contra um, contra a atribuição do prémio a Margery. (A senhora ainda tem, contudo, os seus campeões, que insistem que era uma médium autêntica. Ao lerem-se os relatórios das suas sessões, não se pode deixar de sentir que alguns fenómenos eram genuinamente intrigantes, embora pareça certo que ela também fazia batota. Talvez o mais curioso que Margery fez tenha sido, em resposta a um teste “definitivo” proposto por Sir Oliver Lodge, fazer com que dois anéis sólidos, cada um de

madeira diferente, ficassem entrelaçados. Tanto quanto Lodge sabia, não existia um método normal de realizar este feito.⁵⁾

Foi a propósito da mediunidade de Margery que ocorreu um incidente de que os espiritualistas se apoderaram como prova de que Houdini, o auto-nomeado desmascarador de fraudes, não estava acima de recorrer a um pouco de fraude ele próprio para ganhar um ponto. O incidente envolveu um gabinete especial que Houdini desenhara para impedir a médium de usar as mãos ou os pés para tocar campainhas e mover objetos no escuro. Quando Margery estava sentada dentro do gabinete e as luzes foram apagadas, Walter, o guia espiritual da médium, rosnou: “Houdini, és muito esperto, mas não vai resultar.”

Walter acusou o assistente de Houdini, Jim Collins, de ter colocado uma régua de carpinteiro dentro do gabinete para que o grande desmistificador pudesse alegar que a médium pretendia manipulá-la debaixo do queixo no escuro para tocar a campainha acionada por botão de pressão. Ou seja: Houdini tentara incriminar Margery.

“Houdini, seu filho da puta, sai daqui e nunca mais voltas”, berrou Walter, que tendia para uma linguagem nitidamente mais terra-a-terra do que a maioria dos guias espirituais.

Houdini jurou solenemente — sobre a campa da mãe, dizem alguns relatos; para ele, um juramento poderoso — que nada tinha a ver com a régua (que foi encontrada no gabinete da médium). No entanto, o biógrafo William Lindsay Gresham relata que, anos mais tarde, já Houdini morto, o seu assistente Jim Collins admitiu ter posto a régua no gabinete por ordem do patrão. Houdini, segundo Collins, “queria tramá-la [Margery] a sério”. E acrescentou:

“Há uma coisa de que tens de te lembrar sobre o Sr. 'Oudini nos últimos dias. Para ele, a verdade era, pura e simplesmente, aquilo que ele queria que fosse.”⁶

Seria Houdini capaz de uma armação dessas?

Bem, não há dúvida de que era um homem com uma necessidade anormalmente forte de ter as coisas à sua maneira. Muitos dos que o conheceram comentaram a sua egomania galopante. Conan Doyle jurou que, quando o escapista lhe apresentou o irmão, Hardeen, disse, sem um traço de humor: “Este é o irmão do grande Houdini.” Servais LeRoy, um mágico

conhecido que era conhecido de Houdini, observou: “O seu ego era possivelmente a coisa mais notável da sua constituição; roçava o incrível e era fonte de espanto para todos os seus amigos íntimos e, em especial, para os seus colegas artistas.” E um antigo assistente de Blackstone, o Mágico, George Johnstone, disse de Houdini: “Eu costumava ficar nos bastidores a espremer os velhos maquinistas sobre os mágicos com quem tinham trabalhado... Cheguei à conclusão de que Houdini era um showman do caracas, um grande publicista, um mágico razoável, mas não propriamente o tipo mais simpático.”

J. Malcolm Bird, que, como membro oficioso do comité da *Scientific American* que investigava Margery, teve muitos confrontos com Houdini, fez notar que as pretensões do grande desmistificador quanto ao seu próprio gabinete “à prova de fraude” não resistiam ao escrutínio.

Houdini afirmou que a caixa era tão completamente “à prova de fraude” que o elemento da fraude nem sequer precisava de ser considerado; que quaisquer fenómenos obtidos fora da caixa, enquanto Margery estivesse lá dentro, eram necessariamente genuínos. Ao longo das sessões, ele contradiz isto... Não é óbvio que jogou de forma leviana e oportunista com os seus colegas, tal como com Margery?⁸

(O biógrafo Milbourne Christopher desvaloriza a história de que Houdini teria colocado a régua, atribuindo-a a Fred Keating, um mágico que — sugere — teria sido motivado a espalhar a história pelo facto de Houdini ter feito comentários pouco lisonjeiros sobre as capacidades de Keating como investigador de fenómenos psíquicos.⁹ No entanto, Christopher não menciona que Keating tinha possivelmente uma razão maior para ser bem disposto para com Houdini: a generosidade deste para com ele quando Keating era um adolescente sem dinheiro que desejava desesperadamente assistir a um banquete da *Society of American Magicians*. Apesar de o rapaz lhe ser estranho, Houdini não só conseguiu que Keating entrasse no banquete, como lhe arranjou lugar à sua própria mesa. O leitor terá de decidir se, depois disso, era provável que Keating tivesse um preconceito contra Houdini, como Christopher sugere.

(Há um aparte pessoal divertido nesta história: durante um encontro em Junho de 1971 com Milbourne Christopher no seu apartamento em Central Park — o apartamento está encantadoramente decorado com um motivo mágico: quadros de mágicos, cartazes de espectáculos, etc. — William

Rauscher e eu levantámos esta questão de saber se Houdini tinha, de facto, armado uma cilada a Margery. Christopher, que tinha acabado de passar algum tempo a garantir-me, nos termos mais fortes possíveis, que Houdini não tinha fixação pela mãe [como sugerira Maurice Zolotow numa crítica de livro no *New York Times*], objetou: “Mas ele jurou que não o fez.”

“Não acha que ele era capaz de mentir?”, insisti.

Ao que Christopher respondeu, indignado: “Sim, mas não quando jurava sobre a campa da mãe!”)

Seja qual for a verdade absoluta do incidente — segredo conhecido, presumivelmente, apenas por Margery, Houdini e Jim Collins, todos, infelizmente, fora do alcance de entrevistas —, os espiritualistas acreditavam que Houdini fora apanhado em flagrante a tentar incriminar uma médium para sua maior glória. Isto não ajudou a torná-lo mais querido junto de pessoas que já o tinham no topo da lista de ódios.

A reação à cruzada de Houdini por parte da maioria dos espiritualistas, embora compreensível, foi extremamente hostil. Em vez de apoiarem o princípio de que os fraudulentos nas suas fileiras deviam ser expulsos — ou, melhor ainda, de lançarem eles próprios a limpeza —, os espiritualistas limitaram-se a gritar “perseguição religiosa” e a acusar Houdini, filho de um rabino, de estar ao serviço dos católicos. A filosofia espiritualista dominante parecia ser: “o meu médium, com razão ou sem ela”. Médiuns apanhados em flagrante a fraudar eram aclamados como mártires pelos seus seguidores.

O máximo que a maioria dos espiritualistas parecia disposta a conceder era que, ocasionalmente, quando um médium verdadeiro sentia os seus poderes enfraquecer, poderia, por fraqueza humana, recorrer a um pouco de artifício. A ideia de uma fraude mediúnica em larga escala, fria e calculada, era, porém, rejeitada de imediato.

Embora houvesse alguma verdade na ideia de que a fraude pode coexistir com poderes genuínos no mesmo médium, e embora, tendo em conta as pressões sob as quais a maioria dos médiuns trabalha, a batota pudesse ser vista mais como uma infirmitade do que como um vício deliberado, usado como argumento “universal” este raciocínio apenas tendia a desacreditar a mediunidade e o Espiritualismo como um todo, partindo da premissa de que quem defende uma fraude conhecida é, ele próprio, suspeito.

No entanto, nem todos os espiritualistas eram a favor de um branqueamento. Um dos que se pronunciaram contra vigaristas de sala de sessões foi Arthur Ford. Apelou aos próprios espiritualistas para “superarem” Houdini a desmascarar fraudes.

“Estamos a começar uma campanha para limpar as fileiras do Espiritualismo e colocar o nosso movimento sob a sua verdadeira luz perante o mundo”, disse Ford a uma congregação no Carnegie Hall. “Estamos satisfeitos por cooperar na exposição de fraudes, desde que a exposição seja feita por investigadores competentes e com as motivações certas.”¹⁰

Numa palestra em Cincinnati, Ford prometeu “expor os métodos de muitos médiuns falsos e caçadores de dinheiro de seguros que mantêm os olhos nas colunas de óbitos dos jornais. Chegou o momento de o Espiritualismo avançar. Estes impostores que se mascaram sob o nome da igreja devem ser expostos — e eu vou fazê-lo.”

Acrescentou: “Não serei tão popular em alguns círculos espiritualistas [depois desta palestra] como sou hoje.”¹¹

Como principal porta-voz do movimento, Ford condenou repetidamente o comportamento antiético entre espiritualistas. Atacava não só os médiuns culpados de má conduta, mas também as organizações que os acolhiam e encobriam.

“Se um médium é expulso de uma organização por conduta imprópria”, disse Ford, “acha demasiado fácil passar para um campo rival. Por alguns dólares, é equipado com um novo conjunto de credenciais que lhe permite continuar o seu trabalho nefasto.

“É com relutância que alguém acusa qualquer organização de estar mais interessada nas taxas que arrecada do que no carácter e historial da pessoa que pede ordenação. Mas há demasiadas evidências de que assim é. Existem organizações que usam o nome do Espiritualismo e que ordenam qualquer pessoa que se candidate, sem fazer perguntas.

“O Pato Donald foi ‘ordenado’ por cinco dólares. Fulton Oursler, editor da revista *Liberty*, tornou-se ‘bispo’ por vinte e cinco dólares. Sendo esta uma igreja da Califórnia a operar sob a capa do Espiritualismo, admira que o procurador do Estado tenha atuado? A vergonha é que os espiritualistas decentes não tenham atuado eles próprios. O mal ainda existe.”

Esta visão relativamente longa do Espiritualismo nos Loucos Anos Vinte — uma tentativa de captar algo do sabor de uma época tresloucada e turbulenta — foi necessária para enquadrar devidamente os acontecimentos dramáticos em torno da mensagem de Houdini, acontecimentos que lançaram Arthur Ford nas primeiras páginas de jornais de todo o mundo.

Como vimos, a época foi de enorme controvérsia em torno do Espiritualismo; a questão de saber se os mortos falavam era ferozmente debatida em jornais e em palcos públicos. E Houdini estava no centro da controvérsia. Só vistos contra este pano de fundo é que os acontecimentos associados à mensagem de Houdini — e a reação extraordinária que esses acontecimentos provocaram — podem ser realmente compreendidos.

Harry Houdini morreu a 31 de Outubro de 1926 — Halloween — num hospital de Detroit, de peritonite causada por uma apendicite rompida. Mesmo no leito de morte, diz-se que terá murmurou para a mulher: “Se acontecer alguma coisa tens de estar preparada. Lembra-te da mensagem: ‘Rosabelle, acredita.’ Quando ouvires estas palavras, sabe que é Houdini a falar.”¹²

A palavra “acredita” seria transmitida num código que os Houdini tinham usado, anos antes, num número de leitura de pensamento.

A viúva de Houdini, Bess (na verdade chamava-se Beatrice), ofereceu um prémio de dez mil dólares a qualquer pessoa, médium ou não, que conseguisse comunicar a mensagem combinada entre o marido falecido e ela. Como seria de esperar, foi inundada de cartas e telegramas. Sobre isto, Mrs. Houdini escreveu:

Os milhares de mensagens que recebi, vindas de supostos médiuns de todo o mundo, que afirmavam ser de Houdini, apenas serviram para reforçar a minha crença de que, de longe, a maioria dos que se julgam capazes de comunicar com os mortos está completamente louca...

Alguns aconselham-me a matar-me. Uma mulher aconselha-me a sentar-me no escuro à meia-noite; não só verei formas espirituais humanas, como também animais. Quase todos prescrevem as ações mais ridículas e absurdas...¹³

Dois anos após a morte de Houdini, a sua viúva cancelou a oferta permanente de dez mil dólares por uma verdadeira mensagem espiritual. Segundo a *Billboard* (1 de Dezembro de 1928), “tinha sido aconselhada por

espiritualistas de que seria mais fácil contactar o espírito de Houdini se a recompensa fosse retirada”.

Na verdade, não houve uma, mas duas mensagens de Houdini.

A primeira mensagem que impressionou Beatrice Houdini como tendo “sabor de verdade” não dizia ser do marido, mas da mãe dele, que morrera treze anos antes dele. Havia uma história significativa por detrás desta mensagem.

Desenvolvera-se um doloroso afastamento no círculo familiar de Houdini quando Sadie, esposa do irmão Nathan, o deixou por outro irmão, Leopold. Houdini rompeu com Leopold. Disse que nunca poderia perdoar o irmão, a menos que a mãe lhe dissesse para o fazer. Antes de Houdini poder falar disso com ela, ela morreu.

Aparentemente, a esperança de Houdini de poder ter essa conversa franca sobre a crise familiar com a mãe, mesmo após a morte dela, foi o que o levou à sala de sessões; e a sua fúria perante o charlatanismo que aí encontrou foi, sem dúvida, diretamente proporcional à sua desilusão.

A 8 de Fevereiro de 1928, numa sessão no apartamento de Arthur Ford em Nova Iorque, o controlo do médium, Fletcher, disse que havia ali uma mulher com ele que nunca tinha visto antes:

“Ela diz-me que é a mãe de Harry Weiss, conhecido como Houdini”, anunciou Fletcher e, em seguida, prosseguiu, falando pelo comunicante: “Durante muitos anos, o meu filho esperou por uma palavra que eu devia mandar de volta.”

Ele nunca a recebeu. Dizia sempre que, se conseguisse isso, acreditaria. O código que ele deu à esposa não pode vir de ninguém a não ser dele próprio; contudo, as condições que se desenvolveram na família tornam necessário que eu faça passar primeiro a minha palavra-código. Se a família agir de acordo com isso, ele ficará livre e capaz de falar por si mesmo. Esta é a palavra — “PERDOA”.

Escreva-a em maiúsculas e entre aspas. A esposa conhecia a palavra, e mais ninguém no mundo a conhecia. Pergunte-lhe se a palavra que eu tentei fazer chegar de volta durante todos estes anos não era “PERDOA”. Tentei dizer-lho inúmeras vezes. Agora que ele está aqui comigo, consigo fazê-la passar. Esta noite dou-lha a si, e Beatrice Houdini declarará que é verdade.¹⁴

Dois dias após a sessão, o *Brooklyn Eagle* (10 de Fevereiro de 1928) publicou esta nota:

Mrs. Harry Houdini, viúva do mágico, ficou impressionada com uma mensagem contendo a palavra “perdoa”, recebida numa sessão espiritualista na passada quarta-feira à noite, em casa de Arthur Ford, 315 W. 97th St., que os presentes afirmam ter vindo da mãe do mágico.

Mrs. Houdini disse que ninguém, além do marido e dela própria, conhecia a palavra-chave “perdoa”, combinada antes de a mãe de Houdini morrer em 1913. Declarou que, no íntimo, o mágico simpatizava com o espiritualismo e que, antes da morte da mãe, lhe pedira que comunicasse com ele depois de morrer.

Francis Fast, amigo de Arthur Ford, no seu relato *The Houdini Messages*, afirmou que “Mrs. Houdini reconheceu a inteira correção desta mensagem”. Isso não era totalmente exato. Beatrice Houdini, depois de admitir a um repórter a importância da palavra “perdoa”, acrescentou: “Além disso, há uma ou duas imprecisões triviais na mensagem — a mãe de Houdini chamava-lhe Ehrich, não Harry... [mas] esta é a primeira mensagem, entre milhares, que teve aparência de verdade.”¹⁵

A mensagem, porém, acabou por revelar-se não tão probatória como parecera inicialmente. Sir Arthur Conan Doyle, num artigo de 1930, mencionou que, um ano antes de “perdoa” ter sido comunicado, Beatrice Houdini tinha revelado a palavra a um repórter do *Brooklyn Eagle*. Embora Ford tenha afirmado que nada sabia disso e Doyle tenha dito que acreditava nele, a evidência, ainda assim, ficou muito enfraquecida pela divulgação prévia, que Mrs. Houdini aparentemente tinha esquecido.

Numa declaração manuscrita, feita após a mensagem “perdoa”, Beatrice Houdini reconheceu que a palavra era significativa para si, mas longe de conclusiva. Resumiu assim o seu estado de espírito:

... Embora ainda não tenha recebido qualquer garantia de que H. [Houdini] viva em forma espiritual, pretendo sempre manter uma mente aberta — destemida, mas com os olhos não cegos pela superstição — e a esperança de vir a comunicar com ele algum dia permanecerá sempre no meu coração. Seria verdadeiramente maravilhoso se eu pudesse acreditar que H. e eu não fomos separados para sempre — mas nada menos do que a própria mensagem de H. me convencerá.¹⁶

Na sessão em que a mãe de Houdini alegadamente falou, as suas últimas palavras foram: “Uma vez que esta mensagem passou, abrirá o canal para a outra.”

A primeira palavra da segunda mensagem surgiu numa sessão em casa de Arthur Ford no início de Novembro de 1928. Fletcher disse então que a mensagem completa viria por partes e que ele transmitiria as palavras à medida que as recebesse.

“A primeira palavra é ‘Rosabelle’”, declarou Fletcher, “e esta é a que vai destrancar o resto.”

A mensagem na sua totalidade chegou ao longo de oito sessões separadas, cobrindo um período de cerca de dez semanas.

Houve erros. Fletcher disse que uma das palavras era “agora”; depois, na sessão seguinte, confessou que não tinha a certeza e sugeriu que a palavra fosse posta entre parênteses retos; e, por fim, pediu que fosse anulada. Do mesmo modo, “vem” e “certo” foram dadas e depois descartadas.

Na penúltima sessão, as palavras-código dadas por Fletcher até então eram: “Rosabelle”, “olha”, “responde”, “reza” e “diz”.

Além das palavras em inglês, havia “cinco palavras que explicam estas em francês”, disse Fletcher, mas seriam dadas mais tarde.

Na sessão final, a 5 de Janeiro de 1929, Fletcher anunciou: “Ele [Houdini] diz-me que lhe levou três meses a trabalhar para sair da confusão e conseguir fazer passar estas palavras.”

Depois, Fletcher exclamou: “‘Diz!’ Essa é a última palavra. Agora têm dez palavras... tem sido um trabalho duro fazê-las passar, mas eu digo-vos”, acrescentou, quase a gritar, “estão certas!”

“Agora ele quer ditar a mensagem exata que têm de levar à esposa. Isto deve ser escrito à mão, sem notas.”

Francis Fast, fazendo de estenógrafo, registou o que se seguiu.

Fletcher perguntou as horas, que eram 21:23. Disse que isso devia ser anotado e que o médium estava em transe profundo, controlado por Fletcher, e que o seu pulso era naquele momento 63, pedindo que fosse verificado.

(Um pulso de sessenta e três, para um homem saudável de hábitos sedentários no início da casa dos trinta, é invulgarmente lento, segundo um médico que consultei. Disse que tal pulso “provavelmente indica um estado de sedação ou hipnose”.)

Depois, falando lenta e deliberadamente, Fletcher continuou:

“Um homem que diz ser Harry Houdini, mas cujo verdadeiro nome era Ehrich Weiss, está aqui e deseja enviar à esposa, Beatrice Houdini, o código de dez palavras que combinou transmitir, se fosse possível comunicar. Diz que devem levar esta mensagem a ela e que, após a sua aceitação, deseja que ela execute o plano que tinham acordado antes da sua passagem. Este é o código:

‘ROSABELLE... RESPONDE... DIZ...
REZA... RESPONDE... OLHA... DIZ...’”

Fletcher pediu que a mensagem para Mrs. Houdini fosse assinada pelos quatro presentes: Francis R. Fast, John W. Stafford, Mrs. Helen E. Morris e Mrs. Dorothy Stafford.

“Houdini diz que o código é conhecido apenas por ele e pela esposa”, continuou Fletcher, “e que ninguém na Terra, além destes dois, o conhece. Diz que não há perigo quanto a isso e que ela deve torná-lo público. Tem de partir dela; vocês não são mais do que agentes. Diz que, quando isto vier a público, haverá uma verdadeira tempestade, que muitos procurarão destruí-la e que ela será acusada de tudo o que não presta, mas que ela é suficientemente honesta para manter o pacto que repetiram vezes sem conta antes da morte dele. As últimas palavras que ele disse foram as que usaram ao rever isto juntos para que o entendessem claramente. ‘Eu sei’, diz ele, ‘que ela ficará feliz, porque nenhum de nós acreditava que fosse possível.’

“Ele diz que, ao receber esta mensagem, ela deve marcar uma hora, o mais depressa possível, para se sentar com este instrumento enquanto eu, Fletcher, falo com ela; e depois de ele ter repetido esta mensagem a ela, ela deve devolver-lhe um código que será entendido apenas por ela e por ele. O código que será devolvido será um suplemento a este código e os dois, juntos, soletrarão uma palavra que resume tudo, e essa palavra será a mensagem que ele quer enviar de volta. Recusa-se a dar essa palavra até a dar a ela.”¹⁷

Dois dos presentes, Francis Fast e John Stafford — ambos desconhecidos de Mrs. Houdini — entregaram a mensagem de Fletcher no dia seguinte. Encontraram-na deitada num sofá em casa, a recuperar de uma queda que sofrera uma semana antes e de uma constipação. Depois de ler a comunicação da sessão, Beatrice Houdini exclamou: “Está certo!”

Fitando os dois homens, perguntou: “Ele disse ‘Rosabelle’?”

“Sim”, responderam.

“Meu Deus!”, explodiu. “Que mais é que ele disse?”

Insistiu em mais detalhes sobre a mensagem e, em seguida, concordou em encontrar-se com Arthur Ford para uma sessão em transe, como era pedido na comunicação.

Essa sessão teve lugar em casa de Beatrice Houdini a 7 de Janeiro de 1929. Estavam presentes três dos participantes habituais das sessões de Arthur Ford e dois repórteres: Harry R. Zander, da *United Press*, e Rea Jaure, editora da secção feminina do *New York Evening Graphic*.

Ford entrou em transe e Fletcher disse: “Este homem está a chegar agora, o mesmo que veio na outra noite.

“Ele diz-me para dizer: ‘Olá, Bess, querida’, e quer repetir a mensagem e terminá-la para ti. O código, diz ele, é aquele que usavas num dos vossos números secretos de leitura de pensamento.”

Repetindo as dez palavras recebidas na sessão anterior, Fletcher disse a Beatrice Houdini: “Ele quer que lhe digas se estão certas ou não.”

“Sim”, respondeu ela, “estão.”

“Ele sorri e diz: ‘Obrigado, agora posso continuar.’ Diz-te para tirares o anel de casamento e dizeres-lhes o que ‘Rosabelle’ significa.”

Tirando o anel de casamento e segurando-o à sua frente, Beatrice Houdini cantou, no que uma das testemunhas descreveu como “uma voz pequenina”:

Rosabelle, doce Rosabelle,
Amo-te mais do que posso dizer;
Sobre mim lanças um feitiço,
Amo-te! Minha Rosabelle!

“Ele diz: ‘Obrigado, querida. A primeira vez que te ouvi cantar isso foi no nosso primeiro espetáculo juntos, há anos.’”

Mrs. Houdini anuiu com a cabeça.

“Depois”, disse Fletcher, “há algo que ele me quer dizer e que ninguém, a não ser a esposa, sabe. Ele sorri agora e mostra-me uma imagem e puxa a cortina assim, ou desta maneira.”

Evidentemente, isto era a pista para o desenrolar da parte seguinte do código. Beatrice Houdini respondeu em francês: *Je tire le rideau comme ça*. [“Eu puxo a cortina assim.”] Era uma frase que Houdini ensinara à esposa a dizer, para benefício de audiências francófonas, como parte de um famoso truque do baú que ambos executavam.

“E agora”, disse Fletcher, “as nove palavras além de ‘Rosabelle’ soletram uma palavra no nosso código.”

Depois, Fletcher, supostamente a falar pelo Houdini morto, explicou o código.

“A segunda palavra no nosso código era ‘answer’. ‘B’ é a segunda letra do alfabeto, portanto ‘answer’ soletra ‘B’. A palavra seguinte no código é ‘tell’, e a quinta letra do alfabeto é ‘E’. A décima segunda letra do alfabeto é ‘L’ e, para perfazer doze, temos de usar a primeira e a segunda palavras do código.”

Prosseguindo desta forma algo complicada por todas as palavras restantes, explicando a letra que cada uma representava, Fletcher, citando Houdini, disse: “A mensagem que quero enviar de volta à minha esposa é ‘Rosabelle believe!’ Está certo?”

“Sim”, respondeu Beatrice Houdini, evidentemente com grande emoção.

Fletcher falou por Houdini: “Ele diz: ‘Digam ao mundo inteiro que Harry Houdini ainda vive e prová-lo-á mil vezes e mais.’”

“Ele está bastante excitado”, comentou Fletcher. “Ele diz: ‘Fui perfeitamente honesto e sincero, embora tenha recorrido a truques pela simples razão de que não acreditava que fosse verdade, e não mais do que era justificável. Agora sou sincero ao enviar isto, no meu desejo de reparar. Digam a todos os que perderam a fé por causa do meu erro para voltarem a agarrar-se à esperança e a viver com o conhecimento de que a vida é

contínua. Essa é a minha mensagem ao mundo, através da minha esposa e através deste instrumento.””

Neste ponto, vejamos mais de perto o código usado na mensagem.

Relativamente simples, para os padrões dos códigos de leitura de pensamento do vaudeville, envolvia apenas dez palavras-chave ou expressões, cada uma representando um número, que por sua vez indicava a posição de uma letra no alfabeto.

A palavra “pray” correspondia ao número 1; “answer” ao 2; “now” ao 3; “tell” ao 4; “please” ao 5; “look” ao 6; “speak” ao 7; “quickly” ao 8; “look” ao 9; e “be quick” ao 10.

Para transmitir “B”, a segunda letra do alfabeto, a palavra era “answer”. Para “E”, a quinta letra, o código era “tell”. Para “L”, a décima segunda letra do alfabeto, usava-se um par de palavras, “pray-answer” (“pray” representando 1 e “answer” representando 2, perfazendo 12). E assim sucessivamente.

No dia seguinte à sessão, a Associated Press enviou uma notícia com data de Nova Iorque:

Harry Houdini, que se libertava de algemas e celas de tortura, que ficou num caixão hermético durante uma hora debaixo de água e que fez muitas coisas que não se conseguem fazer, foi creditado ontem pela viúva com o seu maior golpe de prestidigitação. Falou com ela para lá da sepultura.

Foi o que ela disse ontem, acredite-se ou não, e repetiu-o de novo ontem à noite. Quando Houdini morreu, a 31 de Outubro de 1926, deixou com a esposa uma mensagem em código. Cético toda a vida em relação ao espiritualismo, Houdini prometeu tentar enviar-lhe a mensagem depois de morrer.

A mensagem em código, palavra por palavra, foi repetida à viúva ontem à tarde — diz ela — por Arthur Ford, ministro da Primeira Igreja Espiritualista...

No mesmo dia, o *New York Times* publicou a sua própria notícia, com consideravelmente mais detalhe do que a da A.P. O *Times* citou Beatrice Houdini:

Desde a morte de Harry, há dois anos, recebi centenas e centenas de mensagens de médiuns, mas hoje, pela primeira vez, a mensagem foi

repetida exatamente por Arthur Ford, ministro da Primeira Igreja Espiritualista, enquanto estava em transe na minha casa.

São as palavras exatas que Harry deixou para mim, e estou absolutamente convencida de que o meu marido falou comigo e de que há vida para lá da sepultura...

Uma notícia da United Press, que apareceu em centenas de jornais (incluindo o *Cleveland Plain Dealer*, 9 de Janeiro de 1929), foi escrita pelo correspondente Harry Zander, que esteve presente na sessão e a descreveu em detalhe. Um excerto capta o tom algo ofegante dessa peça:

O Rev. Arthur Ford, jovem clérigo impecável, outrora ministro ordenado, sentou-se numa cadeira almofadada de espaldar alto e fechou os olhos. As persianas foram corridas a seu pedido, mas, ainda assim, a sala permaneceu suficientemente iluminada para se observar o mais pequeno detalhe.

“Por favor, mantenham ambos os pés assentes no chão”, pediu o médium. Levou as mãos às têmporas durante alguns momentos silenciosos e deixou-as cair sobre os apoios baixos da cadeira...

Houve um espasmo convulsivo da figura na cadeira, e outro, e ainda um terceiro, depois um suspiro.

Francis R. Fast, amigo íntimo e colaborador de Ford, aceitou o sinal para começar a falar com Fletcher, o “controlo” do médium...

No dia seguinte à sessão, Beatrice Houdini emitiu a seguinte declaração, devidamente testemunhada por três pessoas que estiveram presentes: Harry R. Zander, o repórter da United Press; John W. Stafford, editor associado da *Scientific American*; e Mrs. Minnie Chester, amiga de Beatrice Houdini que atuava como sua enfermeira:

Independentemente de todas as declarações em contrário, desejo declarar que a mensagem, na sua totalidade e na sequência acordada, que me foi dada por Arthur Ford, é a mensagem correta previamente combinada entre o Sr. Houdini e eu.

(assinada)

Beatrice Houdini

Testemunhado por:

Harry W. Zander

Minnie Chester
John W. Stafford

A mensagem causou sensação. Não só o “regresso” de Houdini fez primeiras páginas em jornais por todo os Estados Unidos, como vários diários importantes dedicaram editoriais à mensagem e ao seu significado.

O *New York Herald Tribune* comentou editorialmente, com ar de reprovação:

O trabalho mais útil de Harry Houdini foi expor como fraudulentos dezenas de supostos médiuns... A história de que ele comunicou agora com a família será amplamente divulgada e pode encorajar as pessoas que ele perseguiu tão implacavelmente a retomar os seus negócios.

Não há forma satisfatória de provar que tal história é digna de crédito. Houdini, o único homem que o poderia ter feito, já não está.

O *New York Telegram* concluiu um editorial sobre a mensagem de Houdini com a pergunta retórica: “É impossível supor que um código de nove palavras, ainda que conhecido apenas por três pessoas e de concepção particularmente engenhosa, pudesse ter sido decifrado sem ajuda sobrenatural?”

Um editorial no *Chicago Daily Journal*, de 14 de Janeiro de 1929, admitiu uma certa frustração:

O resultado deste teste, no que diz respeito ao público, é recolocar toda a questão exatamente onde estava quando Houdini morreu. Os que acreditam em mensagens dos espíritos verão o incidente como uma forte prova das suas opiniões. Mas os cétricos bem podem apontar que o grande mágico, ele próprio, nunca teria aceite tal mensagem como genuína, com base na evidência apresentada, se estivesse vivo hoje.

No dia seguinte a mensagem de Houdini ter rebentado nas colunas noticiosas, os cétricos lançaram um contra-ataque.

Começou com manchetes estridentes no tabloide, hoje desaparecido, *New York Evening Graphic*, proclamando que a mensagem de Houdini era uma farsa!

Hoje em dia, ninguém que se lembre dele parece ter uma palavra boa para o falecido e pouco chorado *Graphic*. O biógrafo de Houdini, William Lindsay Gresham, comentou: “Este tabloide prestou um serviço valioso aos

outros jornais de Nova Iorque — por contraste, fez os outros tabloides parecerem respeitáveis.” O *Graphic*, disse Gresham, “pouco se importava com notícias; fazia as suas próprias notícias, muitas delas criadas de fresco nas máquinas de escrever dos seus redatores.” Uma das suas contribuições para o jornalismo responsável foi o “composograph” — uma montagem fotográfica falsificada em que as cabeças de celebridades ou de pessoas nas notícias eram colocadas em corpos de modelos.

O *Graphic* entrou originalmente no caso Houdini ao cobrir a sessão de Arthur Ford e ao estampar na primeira página o título: HOUDINI QUEBRA AS CORRENTES DA MORTE, FALA DA SEPULTURA EM CÓDIGO SECRETO.

Essa história foi escrita pela editora da secção feminina do *Graphic*, Rea Jaure, a quem Gresham chamou “o tipo de ‘sob-sister’ que floresceu nos Loucos Anos Vinte e que desde então, felizmente, se tornou quase extinto no jornalismo americano”. O relato da sessão começava assim:

Das profundezas do grande desconhecido, a voz de Harry Houdini voltou hoje para aliviar o sofrimento febril da sua viúva, Beatrice, enquanto ela se agitava inquieta num leito de doença na sua casa, em 67 Payson Avenue...

A partir daí, a prosa vibrante ficou ainda mais vibrante.

Rea Jaure, pelo que consta, era uma cliente temível — Gresham diz que era conhecida no *Graphic* como uma mulher que não parava perante nada, literalmente nada, para conseguir uma história — e conseguira estar presente na sessão quase por invasão. (Ela e Beatrice Houdini já tinham tido contactos antes por causa de histórias de jornal e tinham-se separado como más amigas; na verdade, ao que parece, as duas senhoras detestavam-se cordialmente.)

Só no dia seguinte, depois de ter escrito o seu relato pulsante da voz de Houdini a falar do grande desconhecido, é que Rea Jaure lançou o seu “desmascaramento”.

MENSAGEM DE HOUDINI DA SEPULTURA É UMA FARSA!

Sob esta manchete vinha uma história sensacionalista:

O *Graphic* está hoje em posição de expor uma das mais monumentais farsas “psíquicas” alguma vez perpetradas sobre o público americano — a alegada comunicação do espírito de Harry Houdini à sua viúva, Beatrice...

A verdade do caso é que Rea Jaure, repórter do *Graphic*, preparou a sua história vinte e quatro horas antes de a sessão se realizar.

O relato prosseguia dizendo que, na noite anterior, Rea Jaure tinha convidado Arthur Ford para o seu apartamento. No decurso da conversa, o médium teria admitido que a mensagem era um golpe publicitário cozinhado entre Beatrice Houdini e ele próprio, e que os dois planeavam uma digressão de palestras em conjunto.

“Mrs. Houdini forneceu o código como a parte dela no acordo”, citava o *Graphic* Ford como tendo dito.

William Plummer, editor-chefe do *Graphic*, e o repórter “Edward Churchill” (Gresham sugere que este seria provavelmente o *nom de plume* de um redator do *Graphic* cujo verdadeiro nome era Bob Campbell) assinaram declarações juramentadas de que tinham estado escondidos noutra divisão do apartamento de Rea Jaure e que, embora não tivessem visto Ford, tinham escutado a conversa às escondidas.

O *Graphic* não explicou aos seus leitores por que razão publicara a notícia original da sessão se sabia que a sua repórter tinha escrito a história vinte e quatro horas antes de a sessão ter ocorrido (reportagem precognitiva, por assim dizer). Nem o *Graphic* apresentou qualquer razão para os leitores acreditarem mais nele agora, quando classificava tudo como uma farsa, do que no dia anterior, quando publicara, sem comentário, uma notícia que insinuava que a sessão fora genuína, apesar de saber que, na realidade, era fraudulenta.

Tanto Arthur Ford como Beatrice Houdini classificaram a “exposição” do *Graphic* como falsa em todos os pormenores.

Ford comentou que Rea Jaure o tinha convidado para o seu apartamento, mas que ele recusara, dizendo que tinha uma palestra nessa noite em Newark. Apontou um motivo para a “tentativa de chantagem” da repórter: ela pedira-lhe ajuda, disse ele, para conseguir que Beatrice Houdini lhe entregasse certas cartas — que ela julgava poderem dar uma história sensacional — nas quais Charles Chapin, antigo editor de cidade do *New York World*, explicava por que motivo assassinara a esposa, crime pelo qual cumpria então prisão perpétua em Sing Sing. Rea Jaure já tentara obter as cartas junto de Beatrice Houdini, que se recusara a entregá-las ou a colaborar na história planeada sobre o crime de Chapin.

(Mrs. Houdini recebeu as cartas de Chapin porque ela e o marido se tinham tornado amigos do condenado durante uma digressão a Sing Sing.)

Ford disse que Rea Jaure, no telefonema que lhe fizera, o ameaçara expor a sua sessão como fraude caso ele não a ajudasse a obter as cartas de Chapin. Segundo Ford, as suas últimas palavras para ela antes de desligar bruscamente foram: “Vai para o inferno!”

E quanto às declarações de que teria sido ouvido no apartamento de Rea Jaure a confessar que a mensagem de Houdini era uma farsa?

A explicação de Ford foi que alguém se fizera passar por ele. Salientou que os dois jornalistas que escutaram às escondidas não tinham visto o homem que acreditavam ser Ford; apenas o ouviram. Apresentou testemunhas que garantiram que ele estava com elas no momento em que supostamente estaria no apartamento de Rea Jaure.

Francis Fast disse que, quatro dias depois de a história do *Graphic* ter saído, “foi feita uma segunda tentativa de chantagem pela mesma repórter, desta vez a um membro do grupo de Ford. Noutros casos, ofereceu-se dinheiro por falso testemunho de que o código era conhecido por uma ou outra pessoa e que assim fora divulgado”.

Ford, para sustentar a sua alegação de que tinham usurpado a sua identidade no apartamento de Rea Jaure, apresentou um homem que, depois de lhe terem garantido que Ford não apresentaria queixa, declarou sob juramento que fora contratado para se mascarar de médium. Acrescentou que estava aborrecido porque lhe tinham prometido cem dólares pela “actuação” e só recebera uma parte.¹⁸

A 25 de Janeiro, três membros da *United Spiritualist League of New York* suspenderam arbitrariamente a filiação de Arthur Ford, com base em alegada má conduta no caso Houdini. Em seguida, foram apresentadas acusações contra Ford, pedindo a sua demissão como ministro da *First Spiritualist Church*. O conselho de administração da igreja realizou uma audiência na qual Ford e o seu advogado compareceram, e várias testemunhas declararam que o médium tinha sido incriminado nas acusações de farsa. O homem que disse ter-se feito passar por Ford prestou depoimento. Do outro lado, também depuseram Rea Jaure e os dois jornalistas que tinham escutado às escondidas.

Depois de uma audiência completa, os administradores tanto da *First Spiritualist Church* como da *United Spiritualist League of New York* aprovaram resoluções ilibando Arthur Ford de todas as acusações feitas contra ele.¹⁹

Uma semana antes de o tribunal espiritualista ilibar Arthur Ford, Beatrice Houdini escrevera uma carta a Walter Winchell, então colunista do *Graphic*, negando inequivocamente qualquer envolvimento em fraude e defendendo não só a si própria como também o médium. Em parte, a carta dizia:

Esta carta não é para publicidade. Não preciso de publicidade. Quero que os velhos amigos de Houdini saibam que eu não traí a confiança dele. Escrevo-lhe esta carta pessoalmente porque desejo dizer-lhe, com toda a ênfase, que não fui parte de qualquer fraude...

Quando a mensagem verdadeira, A mensagem — a mensagem que Houdini e eu combinámos — me chegou, e eu a aceitei como verdade, fui recebida com troças. Porquê? Os que denunciaram tudo como fraude alegam que fui eu que dei a mensagem ao Sr. A. Ford. Se o Sr. Ford disse isto, eu classifico-o de mentiroso. O Sr. Ford tem negado firmemente ter dito esta coisa feia e, conhecendo-o como conheço, prefiro acreditar no Sr. Ford. Outros dizem que a mensagem tem sido propriedade comum e que a conhecem há algum tempo. Porque me dizem isto agora, quando sabiam que o meu coração tinha fome das palavras verdadeiras do meu marido?

Recebi a mensagem pela qual esperei do meu querido; como, se não por ajuda espiritual, não sei; ...

Em conclusão, posso dizer que Deus e Houdini e eu sabemos que não traí a confiança que me foi dada. Quanto ao resto do mundo, eu não deveria importar-me minimamente, mas, de alguma forma, importo-me; por isso, esta carta...

Com os melhores cumprimentos,
Beatrice Houdini

A referência de Mrs. Houdini nesta carta a “outros que dizem que a mensagem tem sido propriedade comum e conhecida por eles há algum tempo” provavelmente era dirigida a Joseph Dunninger, um “leitor de pensamento” do vaudeville que conhecia os Houdini há vários anos. No dia seguinte a notícia da mensagem ter rebentado, Dunninger apressou-se a desacreditá-la.

(A primeira coisa que o Sr. Dunninger, e outros, assinalaram foi que o código de Houdini — não a mensagem, mas o próprio código — não era assim tão secreto, pois fora publicado no ano anterior por Harold Kellock na sua biografia de Houdini. Nas páginas 102-105 desse livro, eram apresentadas as “palavras-código para números, que os Houdini mantiveram secretas durante trinta e três anos”.²⁰

No entanto, como Francis Fast e outros defensores de Ford argumentaram em resposta, o código em si pouco ajudaria sem se saber qual era a mensagem que se pretendia transmitir com ele. E nem a palavra “Rosabelle” nem a palavra “believe” tinham sido impressas em lado nenhum em ligação com a mensagem de Houdini. Usando a lista de dez palavras, seria possível construir inúmeros termos, frases ou sentenças; ainda assim, o conjunto específico de palavras delineado por Houdini antes da sua morte foi precisamente o que Arthur Ford produziu.

Joseph Dunninger publicou recentemente a sua versão da história por detrás da mensagem de Houdini.²¹

Expressa desilusão por Mrs. Houdini, sua amiga de longa data, “não ter achado apropriado convidar-me para estar presente” na sessão da mensagem com Arthur Ford. Dunninger diz que “a notícia da sessão do meio-dia foi exclusivamente uma história do *Graphic*”, o que não é verdade, pois, como vimos, Harry Zander, da United Press, também esteve presente na sessão — testemunhou a declaração de Beatrice Houdini — e a sua notícia saiu em muitos jornais no dia seguinte.

Dunninger declara então que, “uma vez que Bessie conhecia as palavras do código que Ford proferiu, elas eram conhecidas por uma pessoa viva. Portanto, como a telepatia não pode ser excluída, as demonstrações de Ford não provavam absolutamente que as palavras vinham do espírito de Houdini.”

O ponto é pertinente, mas, vindo de um “leitor de pensamento” do vaudeville, é mera casuística — como dizer que algo não foi um milagre de Classe A, apenas de Classe B. Se Ford demonstrou “apenas” telepatia, foi um feito assombroso.

Dunninger sugere, porém, que Beatrice Houdini, “que estava doente e preocupada”, poderia ter “acidental e irrefletidamente repetido bocados de

informação” e isto “poderia ter chegado aos ouvidos de Ford”. Não apresenta qualquer prova sólida para sustentar esta cadeia de conjecturas.

Depois, Dunninger introduz uma senhora que pensa poder ser a chave para todo o enigma — Daisy White, antiga assistente de mágico que escrevera a Houdini cartas de amor escaldantes que Beatrice encontrou após a morte do marido. Daisy disse que escrevera as cartas apenas como brincadeira, para ver o que acontecia. Gresham afirma que Mrs. Houdini “fez uma grande cena” por causa das cartas, até Daisy a acalmar com a explicação de que era tudo por diversão.

21 *Fate*, Novembro de 1971.

De qualquer modo, Dunninger afirma que encontrou Daisy White “na noite anterior à sessão, quando ela me disse que, em breve, iria rebentar uma história sensacional”. Sugere que Daisy White, que conhecia Arthur Ford, estava de algum modo a par do conteúdo da mensagem de Houdini e o transmitiu ao médium. Dunninger convocou uma conferência de imprensa alguns dias após a sessão e, num episódio que, de certo modo, foi dos mais bizarros num assunto já de si bizarro, apresentou um tal Joseph Bantino, de vinte e oito anos, que declarou ter como profissão manipulador de peixe no Fulton Market. Disse que Daisy White morava no apartamento ao lado, que vira Arthur Ford visitá-la e que escutara muitas conversas entre Miss White e Ford através do telefone comum no corredor, à porta dos respetivos apartamentos.

No entanto, alguns pormenores desta história revelaram-se... móveis. Uma reportagem da United Press, de Sam Love, com data de 16 de Janeiro, citava o Sr. Bantino a dizer que não era ele, mas sim a sua namorada — “uma criatura bela, cujo nome, por motivos de delicadeza, se absteria de revelar” — quem era vizinha de Daisy White, e que ele espionara Arthur Ford a visitar Daisy enquanto ele, o manipulador de peixe, visitava a sua anónima amada. Como observou ironicamente o repórter da United Press: “A mensagem de Houdini, pelos vistos, não era mistério nenhum para um manipulador de peixe atento.”

Sobre o papel “suspeito” do Sr. Bantino no caso Houdini, Francis Fast comentou: “Houve uma nota de humor em trazer para o caso um peixeiro, com mais pressa do que prudência, por um leitor de pensamento do vaudeville local. A história ensaiada do homem... foi tratada por todos com merecida troça.”

Numa entrevista ao *New York World*, organizada por Arthur Ford, Daisy White deu a sua resposta às alegações de Dunninger:

Miss White disse que conhecia o Rev. Sr. Ford há cerca de quatro anos. Disse também que se convertera ao espiritualismo pouco depois da morte de Houdini. Negou ter conhecimento do conteúdo do bilhete secreto, embora estivesse familiarizada com o código em que estava escrito...

Miss White admitiu que o Rev. Arthur Ford a visitara não muito antes de a mensagem ser produzida, mas o facto não era significativo, insistiu, uma vez que se conheciam há muito tempo. Tinham-se correspondido enquanto Ford esteve na Europa, disse ela. As cartas de Ford foram então oferecidas para inspeção e verificou-se que não continham nada de interessante.

(Maurice Zolotow, no *New York Times Book Review* [23 de Março de 1969], diz: “Houdini amou apenas duas mulheres, a mãe e Daisy White.” Acrescenta: “O caso deles tem sido, há muito, assunto de mexerico entre mágicos.” Se o mexerico fosse verdadeiro — e mexerico não é necessariamente evangelho — será possível que Houdini tenha de facto revelado a mensagem a Daisy White e que ela a tenha passado a Arthur Ford? Poderia tê-lo feito por despeito contra Beatrice Houdini? Por outro lado, teria ela, na prática, traído a memória de Houdini ao ajudar um médium — da espécie contra a qual ele fez cruzada — a quebrar o seu código? Tudo isto é especulação e Milbourne Christopher, por seu turno, nega que Houdini tenha tido qualquer relação íntima com Daisy White.)

Entre os papéis privados de Arthur Ford encontrava-se um convite gravado:

Está cordialmente convidado(a) a assistir a uma demonstração privada, oferecida por cortesia de Miss Daisy White, para expor as virtudes comparativas da magia moderna, da leitura de pensamento e do Espiritualismo, no Carnegie Hall, Chapter Room, 8 de Abril de 1929, 20:30.

O Sr. James Wobensmith, que conheceu tanto o mágico Howard Thurston (para quem foi advogado de patentes durante vinte anos) como Houdini, disse numa entrevista em Fevereiro de 1972 que Beatrice Houdini lhe contou estar convencida de que alguma mulher tinha passado a mensagem em código a Arthur Ford. A mulher a que se referia, presumivelmente, era Daisy White, embora o Sr. Wobensmith, aos noventa e três anos, já não conseguisse lembrar-se do nome.

Joseph Rinn, vendedor de adubos e mágico amador que conheceu Houdini, apresentou a sua teoria sobre a mensagem: “Não tenho qualquer dúvida de que, enquanto Mrs. Houdini estava doente e delirante, murmurou o código, que foi transmitido aos espiritualistas.”²²

Aqui estão, então, recapitulando, as principais teorias avançadas pelos críticos de Arthur Ford para explicar a mensagem de Houdini.

1. Ford e Mrs. Houdini estavam em conluio e planejaram o caso como um golpe publicitário.
2. Mrs. Houdini balbuciou a mensagem quando estava delirante, quer a Ford, quer a alguém que a comunicou a ele.
3. Daisy White, de algum modo, obteve a mensagem e passou-a a Ford.
4. Rea Jaure, a repórter, de algum modo, obteve a mensagem e passou-a a Ford.
5. Uma enfermeira (Sophie Rosenblatt) ouviu a mensagem no leito de morte de Houdini e passou-a a alguém, que a passou a Ford.

Estas teorias são conjecturais; não há prova direta que sustente nenhuma delas. Além disso, na sua maioria, são mutuamente exclusivas.

Uma história já complicada complicou-se ainda mais com o comportamento errático de Beatrice Houdini. Em anos posteriores, vacilou na crença de que tinha ouvido o marido morto e depois negou-o categoricamente. No entanto, nunca repudiou de forma específica a sua declaração assinada de que a mensagem recebida de Arthur Ford estava correta; e manteve, até à sua morte em 1948, que, da sua parte, nunca traía a confiança de Houdini.

Porque é que Beatrice Houdini passou a negar aquilo que antes afirmara tão vigorosamente?

A resposta poderá residir na psicologia da viuvez. Numa entrevista ao *Brooklyn Eagle*, de 3 de Abril de 1930, a viúva de Houdini expressou uma amarga desilusão por não ter tido uma prova contínua, dia após dia, da presença do marido junto de si.

“Se Houdini vive num mundo espiritual, ele ter-me-ia ajudado”, lamentou-se. “Ele amava-me demasiado para me ver sofrer.”

Há relatos de que Mrs. Houdini tinha problemas com álcool, o que poderá ter contribuído para o seu estado mental confuso. A impressão que se retira das notícias da época, e das citações das suas frequentes afirmações contraditórias, é que Beatrice Houdini, fosse o que fosse, não era um modelo de lucidez intelectual nem de estabilidade emocional.

A declaração de Mrs. Houdini de que recebera de Arthur Ford a mensagem combinada com o marido e de que, tanto quanto sabia, ninguém além de Houdini e dela própria tinha conhecimento dessa mensagem, mantém-se ainda hoje.

Importa notar que a mensagem transmitida por Ford não foi apenas verbal. Uma parte importante foi o mini-ritual em que Fletcher primeiro pediu a Mrs. Houdini que tirasse o anel de casamento e explicasse o que “Rosabelle” significava e, depois, falou em puxar a cortina assim, ao que a viúva respondeu em francês: “Je tire le rideau comme ça.” A mensagem, no seu todo, foi um conjunto complexo em que o código verbal era um dos elementos; Ford transmitiu o todo.

Prova de quão consistente era a declaração juramentada de Beatrice Houdini de que recebera a verdadeira mensagem veio à tona em 1938. Mrs. Houdini, alegadamente com a promessa de ganhar um milhão de dólares, participou num filme intitulado *Religious Racketeers*. No filme, declarou categoricamente que nunca recebera qualquer comunicação espiritual do marido e prosseguiu avisando o público: “Temos de estar atentos às sanguessugas que afirmam ser capazes de trazer mensagens dos mortos.”

Esta observação indignou Ralph G. Pressing, espiritualista e então editor do *Psychic Observer*, quando viu o filme em Buffalo. Pressing contactou a produtora do filme, Fanchon Royer, e falou-lhe da declaração de 1929, em que Mrs. Houdini afirmara ter recebido a mensagem combinada do marido através de Arthur Ford. Segundo Pressing, Miss Royer ripostou: “Todos os espiritualistas, ou médiuns, ou qualquer pessoa que acredite que comunicar com os mortos é um facto, são aldrabões e impostores”, e pô-lo fora.

Pressing levou então a declaração de Mrs. Houdini a Vincent McFaul, diretor-geral dos Teatros Shea’s de Buffalo. Foi enviado um telegrama ao agente de Mrs. Houdini, Edward Saint, a pedir uma retratação. Como não chegou qualquer retratação no prazo de vinte e quatro horas, o filme, *Religious Racketeers*, foi retirado de circulação.

Aparentemente, Beatrice Houdini não se tinha apercebido de que uma declaração assinada e testemunhada se sustentaria em tribunal.

Quarenta anos depois, a mensagem de Houdini continua a gerar controvérsia. Robert Nelson, proprietário de uma das maiores casas de fornecimento de artigos de magia do país, em Columbus, Ohio, relatou uma experiência que teve com Arthur Ford.

Pouco depois de a mensagem em código de Houdini ter sido revelada pelo Rev. Arthur Ford, um cavalheiro apareceu no meu escritório e apresentou-se como um mágico inglês...

No decurso da conversa, perguntou-me a minha opinião sobre a mensagem de Houdini, e eu respondi, sem rodeios: “conluio”, e outros comentários pouco lisonjeiros. Ele apenas sorriu. Mais tarde, apresentou-se de novo com o seu verdadeiro nome — Rev. Arthur Ford!

Expliquei-lhe que ele tinha pedido a minha opinião sobre o acordo Houdini–Arthur Ford e que eu lhe tinha dado a minha opinião franca, e que não retiraria uma única palavra. Não respondeu; limitou-se a sorrir.

Tornámo-nos bastante amigos e ele convidou-me, como seu convidado especial, para uma palestra nessa noite...

É um facto público que Ford revelou a palavra-código secreta, supostamente vinda do Houdini morto, e Mrs. Houdini jurou que nunca revelara a palavra secreta a ninguém, e confirmou publicamente a mensagem de Ford... Em resposta a muitos leitores que me pediram a minha opinião — muito interessante...²³

Na sua biografia de Houdini, Milbourne Christopher menciona que encontrou Arthur Ford em Filadélfia antes de o nome deste voltar às primeiras páginas com a história da sessão televisiva do Bispo Pike. Christopher diz que Ford “não estava com disposição para falar sobre a sessão de 1929” que revelou a mensagem de Houdini. Ford autografou um exemplar do folheto de Francis Fast, *The Houdini Messages*, e, por baixo do seu nome, escreveu: “Não tive qualquer contacto com Houdini desde então.”

O homem que apresentou Milbourne Christopher a Arthur Ford, o Rev. Cónego William Rauscher, acrescenta alguns detalhes interessantes ao relato de Christopher, incluindo como Ford chegou a escrever precisamente essa inscrição.

Enquanto Christopher o visitava em Woodbury, Nova Jérsia, para ver uma coleção de objetos pessoais que tinham pertencido a um famoso ilusionista de outros tempos, Servais LeRoy, o Cónego Rauscher, que também é mágico amador, ofereceu-se para apresentar Christopher a Arthur Ford.

Liguei a Ford como ato de amizade para com Christopher [recordou Rauscher]. Ford foi cordial e disse: “Sim, se o Christopher quiser conhecer-me, traga-o consigo.”

Foi um encontro tenso e, na altura, eu não fazia ideia de que Christopher iria incluir um capítulo sobre Ford no seu livro. Ele perguntou muito pouco a Ford, e também não mostrou qualquer interesse no trabalho de Ford, nem sequer em querer ver qualquer demonstração psíquica.

Christopher não pediu uma sessão, e também não me ficou a impressão de que a tenha desejado desde então. Foi estranho que alguém que se descreve como “palestrante sobre PES para públicos universitários” não quisesse saber mais.

Christopher pediu a Ford que assinasse um exemplar do folheto original sobre a mensagem codificada de Houdini. Pediu-lhe especificamente que escrevesse no folheto: “Não tive qualquer contacto com Houdini desde então.” Pouco mais foi dito e Christopher e eu saímos.

Mais tarde, Ford perguntou-me: “Porque é que ele queria que eu escrevesse isso?” Quando voltei a visitar Christopher e ele me leu o rascunho do capítulo sobre o código no seu livro sobre Houdini, arrependi-me de ter arranjado o encontro com Ford. Ele descartou simplesmente toda a vida e contributo de Ford como famoso psíquico.²⁴

A história de Houdini e do seu amor-ódio com os espíritos está repleta de surpresas estranhas e interlúdios desconcertantes. Eis um dos episódios mais curiosos e macabros, com o qual encerraremos esta revisão do caso Houdini.

Fulton Oursler, no seu livro *Modern Parables*, conta que, num sábado, Houdini lhe telefonou, extremamente excitado.

“Escuta”, começou ele, “vou partir em digressão dentro de pouco. Provavelmente estou a falar contigo pela última vez. Vão matar-me.”

“Quem?”

“Médiuns espíritos fraudulentos. Não te rias. Todas as noites estão a fazer sessões e a rezar pela minha morte.”²⁵

Oursler relata depois vários acidentes que Houdini sofreu e diz que, no dia seguinte a receber um telegrama de Houdini a dizer que tinha partido um tornozelo, apareceu no seu escritório uma mulher chamada Mrs. Hartley.

Oursler perguntou à secretária: “Eu conheço-a?”

“Não, mas ela diz que tem uma carta de apresentação para si do Professor Hyslop.”

“Então vai lá dizer à Mrs. Hartley que o Professor Hyslop, fundador da *American Society for Psychical Research*, está morto.”

A rapariga voltou e murmurou: “A Mrs. Hartley sabe tudo sobre a morte do Professor Hyslop, mas diz que tem uma carta dele para si na mesma.”

Mrs. Hartley foi recebida e confidenciou: “Eu escrevi-a enquanto estava em transe, mas foi tudo o que tive a ver com isso. Eu era apenas um médium, um instrumento, para o espírito do Professor Hyslop, que tomou posse do meu corpo e usou a minha mão para lhe escrever esta carta.”

Oursler leu a nota, que dizia:

As águas estão turvas para Houdini. Ele pensa que apenas partiu o tornozelo, mas os seus dias de ataque ao espiritualismo acabaram.

Duas semanas depois, Houdini estava morto.

MÉDIUNS E MENTALISTAS

“Tenho o maior respeito pelos mágicos, enquanto amadores inofensivos e engenhosos que entretêm a sociedade, mas quando começam a dar-se ares de inteligência superior... assumem uma posição que é absurda.”

Arthur Conan Doyle, no *New York American*, 27 de Maio de 1923

“Há cerca de cem anos, Ward relatou um caso em que um médico realizou uma amputação sob hipnose e o doente foi acusado de colaborar com o médico!”

G. H. Estabrooks, *Hypnotism*

Depois do confronto público de Arthur Ford com o mágico Howard Thurston, do qual o médium saiu vitorioso, foi bombardeado com desafios de outros praticantes da arte taumaturgíca que queriam reivindicar a reputação da magia.

Sobre esses desafios, Ford disse:

Houve uma enxurrada de todo o género de mágicos de segunda categoria e artistas de vaudeville que parecem precisar de um pouco de publicidade. Quase todos estes desafios vêm sob a forma de cartas redigidas nos termos mais agramaticais. Quase todos apanharam algumas frases feitas do falecido Houdini... e repetem-nas com a repetição monótona de um papagaio a discorrer sobre bolachas.

Lamento não poder ajudar estes indivíduos. O maior de todos, Thurston, tendo retratado as suas afirmações e admitido abertamente que o Espiritualismo tem um fundamento que não pode ser derrubado por um simples truque, não tenho nem o tempo nem a inclinação para alimentar as manobras de publicidade de aspirantes desconhecidos a honras de primeira página.

Contudo, disse Ford, nem todos os mágicos, para além de Thurston, eram hostis às pretensões espiritualistas:

Alguns dos mais inteligentes adotaram uma atitude mais razoável.

Uma carta de Will Goldston, de Londres, informa-me de que um certo número de mágicos lá formou um círculo sob a orientação de Hannen Swaffer e está a estudar seriamente o Espiritualismo.

A menção de Will Goldston, com quem Ford se tornou amigo, é significativa. Goldston, o decano dos mágicos britânicos e o mais próximo conhecido inglês de Houdini, tornou-se um convertido ao Espiritualismo e defendeu-o vigorosamente contra a alegação, feita por alguns dos seus colegas ilusionistas, de que tudo o que se faz na sala de sessões pode ser duplicado num espetáculo de magia.

(Curiosamente, Milbourne Christopher, na sua biografia de Houdini, embora descreva a amizade de Goldston com Houdini, não menciona em parte alguma que o ilustre conjurador inglês era um Espiritualista convicto. William Lindsay Gresham, porém, menciona isso na sua biografia de Houdini.)

À luz da alegação de que nenhum médium consegue realizar um feito que um mágico, em princípio, não possa reproduzir, é essencial observar a questão da mediunidade versus mentalismo. A questão, como vimos, estava muito viva no auge de Arthur Ford e, com a crescente exposição de mentalistas profissionais — muitos dos quais desdenham das alegações mediúnicas —, a questão continua viva hoje.

Um crítico destacado da parapsicologia e da percepção extrassensorial, E. G. Hansel, afirmou que, em ocasiões em que mágicos profissionais estiveram presentes, “os médiuns foram completamente desmascarados”.² Ele referia-se especificamente aos médiuns Margery e Eusapia Palladino, mas, quer a afirmação seja entendida como aplicável apenas a estas senhoras, quer, como Hansel certamente dá a entender, a todos os médiuns, é inexata.

Já vimos que Howard Thurston, considerado sem rival como ilusionista de palco, assistiu a uma sessão privada com Palladino, na companhia de Hereward Carrington, e relatou que, em boa luz, a mesa se elevou no ar. Thurston rastejou por baixo dela à procura de fios ou outros dispositivos, mas não encontrou nenhum.

“Estou convencido”, escreveu, “de que a mesa foi levitada sem uso fraudulento das mãos, pés, joelhos, ou qualquer parte do corpo dela, nem por qualquer artifício mecânico conhecido.”³

Milbourne Christopher, que relata este incidente, reconhece que Thurston “conseguia produzir efeitos espirituais fantásticos em palco”, mas queixa-se de que, quando se tratava de investigação psíquica, era um “novato”.

No entanto, vários outros mágicos notáveis também terão sido novatos, pois eles também atestaram fenômenos psíquicos que desafiaram uma explicação normal.

Robert-Houdin, o mais célebre conjurador francês — em cuja homenagem Houdini se batizou e a quem tentou ultrapassar toda a vida — admitiu ter ficado perplexo com os feitos clarividentes de um médium chamado Alexis Didier. Houdin escreveu: “Saí desta sessão tão espantado quanto alguém pode estar e plenamente convencido de que seria bastante impossível a quem quer que fosse produzir efeitos tão surpreendentes por mera habilidade.”⁴

Houdin também assistiu a sessões conduzidas pelo lendário D. D. Home, em cuja presença se dizia que um acordeão flutuava no ar, tocando alegremente, enquanto o médium, em transe, manuseava brasas incandescentes, mergulhava nelas o rosto, era levitado e, por vezes, produzia formas espectrais. Sobre a mediunidade de Home, Robert-Houdin escreveu: “Estou persuadido de que é perfeitamente impossível, por acaso ou por destreza, produzir efeitos tão maravilhosos.”⁵

Pelo menos num caso, um médium aceitou o desafio de um mágico e venceu. O arquidiácono Thomas Colley, um clérigo anglicano e investigador psíquico, lançou um desafio de mil libras ao mágico J. N. Maskelyne, inimigo declarado do Espiritualismo, para que reproduzisse os fenômenos de materialização de um médium chamado F. W. Monck. Quando o mágico afirmou tê-lo feito e processou para receber o dinheiro, Colley ganhou. O tribunal atribuiu ao espiritualista setenta e cinco libras e custas na decisão.⁶

Will Goldston, já mencionado, que escreveu quarenta livros sobre prestidigitação, criou ilusões para muitos outros mágicos, incluindo Houdini, e foi fundador do *Magicians' Club* de Londres, disse ter presenciado fenômenos mediúnicos que “nenhum grupo de mágicos” poderia ter produzido nas mesmas condições.

Numa carta de 1923 a um mágico amador cético, Goldston escreveu: “Há alguns anos eu achava que os fenômenos [psíquicos] de que ouvia falar e que presenciei eram 100% falsos. As minhas experiências, ao longo de cerca de vinte anos, convenceram-me de que 80% das sessões cuidadosamente selecionadas são genuínas...”⁷

O ilustre mágico Harry Kellar, numa carta ao mesmo amador cético — Joe Rinn, que vendia fertilizantes quando não andava à caça de fantasmas — admitiu que, uma vez, ficara desconcertado com o médium William Eglinton, um britânico famoso pelas suas inexplicáveis levitações espontâneas.

“Admito francamente”, escreveu Kellar, “que fiquei tão perplexo com o que se passou quanto qualquer outra pessoa do grupo.”⁸

O que se passou foi descrito por Kellar nos *Proceedings of the Society for Psychical Research* (Vol. IX). Foi em Janeiro de 1882, em Calcutá, que Kellar conheceu Eglinton. Ele escreveu:

Tendo-se formado um círculo, fui colocado à esquerda do Sr. Eglinton e agarrei firmemente a sua mão esquerda com a minha direita. Imediatamente

após a extinção das luzes senti-o elevar-se lentamente no ar e, como eu mantinha uma firme pressão na sua mão, fui puxado para ficar de pé e, subsequentemente, fui obrigado a saltar para uma cadeira e depois para a mesa, para conseguir manter a minha pega nele. Que o seu corpo, nessa ocasião, subiu ao ar com um aparente desprezo total pela lei da gravidade, não pode haver dúvida. O que mais excitou a minha admiração foi o facto — e posso falar disto como um facto sem qualificação — de que o Sr. Eglinton se elevou do meu lado e, pela pega que tinha na minha mão direita, me puxou para cima atrás dele; o meu próprio corpo pareceu, por algum tempo, ter sido tornado não suscetível à gravidade.

Já examinámos provas suficientes para dizer que a alegação generalizada de que os fenómenos mediúnicos ou não ocorrem ou são expostos como truques quando há mágicos profissionais presentes não é verdadeira.

É importante olharmos mais de perto para as demonstrações dos mentalistas — artistas que executam feitos de aparente leitura de pensamento e clarividência — porque estas se aproximam do tipo de fenómenos produzidos por Arthur Ford e outros chamados médiuns “mentais” (em oposição aos “físicos”). Uma forma de avaliar se uma nota é falsa é descobrir que falhas procurar; ao avaliar fenómenos mediúnicos como os de Arthur Ford, aplica-se a mesma norma. Se examinarmos exatamente o que os mentalistas fazem quando dizem estar a duplicar feitos mediúnicos, e descobrirmos o truque, ficamos então em posição de fazer uma avaliação informada daquilo que parece ser clarividência genuína.

Foi a mediunidade de Arthur Ford que me lançou nos mistérios do mentalismo. A história de como aconteceu é instrutiva porque, entre outras coisas, evidencia a diferença crucial entre meros efeitos de mentalista — que, por mais deslumbrantes, saem de um catálogo de magia — e aquilo que parece ser percepção psíquica genuína, que não se compra por contra-reembolso.

Numa noite, pouco depois da famosa sessão televisiva do Bispo Pike com Arthur Ford — que eu organizei e moderei e que é reexaminada em detalhe no Capítulo Onze — eu estava a ver um programa de televisão quando um mentalista profissional chamado Kreskin disse: “Desafio o médium do Bispo Pike, Arthur Ford. Dou-lhe 20.000 dólares se eu não conseguir duplicar qualquer alegada mensagem espiritual dele.”⁹

A minha adrenalina começou a subir. Quem é que este Dunninger de bolso pensava que era, resmunguei, a lançar um desafio falso.

Depois vi Kreskin actuar. Ele era bom. Tão bom, de facto, que era um pouco perturbador. Seria este tipo realmente capaz de igualar o que Ford fazia, sem reivindicar poderes sobrenaturais?

Kreskin escolheu várias pessoas do público do estúdio, aparentemente ao acaso, e disse-lhes coisas em que tinham estado a pensar minutos antes. Disse a uma mulher que ela estivera preocupada, a caminho de Nova Iorque, porque o marido conduzia depressa demais; não era verdade? E, já agora, o marido chamava-se Henry e eles eram do Canadá.

A mulher, com ar de quem podia desmaiar, acenou debilmente e sentou-se.

Kreskin pediu a um homem no público que se levantasse e tirasse um punhado de moedas do bolso. Pôs as moedas todas de volta, exceto uma moeda de dez cêntimos, disse o mentalista.

“Agora”, instruiu o homem, “concentre-se nessa moeda, na data.”

O mentalista pareceu estar em profunda reflexão.

“A data”, disse ele lentamente, “é 1948 — não, estou errado, é 1947.”

O homem admitiu que essa era a data na moeda e sentou-se, com ar atordado.

Como é que Kreskin, e outros mentalistas, faziam isto?

Seria válida a afirmação dos mentalistas de que os médiuns eram exatamente iguais a eles próprios, apenas menos honestos? Seria possível que Arthur Ford pertencesse ao palco em vez de à sala de sessões?

A busca pela resposta a estas perguntas levou-me a um curso intensivo de mentalismo. Infiltei-me num clube local de mágicos, fazendo-me passar por um engolidor de espadas sem trabalho e com indigestão. Li livros sobre mentalismo, incluindo um clássico que, para os meus propósitos, era excelente, *Behind the Scenes with the Mediums*,¹⁰ uma denúncia dos métodos usados por falsos psíquicos. E frequentei lojas de magia em várias cidades (incluindo uma onde disseram ao Rev. William Rauscher e a mim que Kreskin, ou “George”, como lhe chamavam, era cliente).

Descobri a bíblia do mentalismo — o catálogo por correspondência de Robert A. Nelson.¹¹ Um folhear rápido das suas 130 páginas ensina mais sobre os métodos dos mentalistas do que uma leitura cuidada de muitos livros sobre o assunto.

No catálogo de Nelson, e nos de outros fornecedores de magia como Louis Tannen¹² e Morris¹³ (cujo cartão de visita, encantador, diz: “Mágico, mentalista, fraude”), encontrei os segredos dos mentalistas a saltarem-me de cada página.

Havia mini-equipamentos de rádio, com microfone e recetor minúsculos disfarçados de caneta de tinta permanente ou de abotoadura; com um destes, um mentalista pode captar conversas no público do estúdio, graças a um “bug” enfiado por baixo de um assento ou disfarçado como abotoadura ou caneta no bolso do colete de um cúmplice. Havia até dispositivos miniaturizados que transmitiam a mensagem de um cúmplice para o mentalista sob a forma de luz, ou pulsações, em vez de som, tornando possível uma pseudo-telepatia espantosa em que nenhuma das pessoas diz uma palavra.

Havia um “baú de previsão” que permitia ao mentalista ir a um programa de televisão e prever as manchetes do dia seguinte (um feito que Kreskin tem realizado muitas vezes). O mentalista coloca a sua “previsão” no baú, mas tem o cuidado de a esconder sob um painel deslizante trucado no fundo do baú. Depois, mais tarde, a manchete correta é escrita numa folha de papel idêntica. É introduzida no baú através da chave — um objeto grande, ornamentado, oco, equipado com um mecanismo de mola que é acionado pelo ato de rodar a chave na fechadura.

Havia químicos, fáceis de preparar por conta própria, que tornam temporariamente transparente um envelope opaco, permitindo ler o seu conteúdo (mesmo álcool simples funciona bem para isto). Havia um “lápiz radar”, que deposita alguns grãos de areia entre cartas de jogar, garantindo ao comprador a capacidade de identificar a carta previamente escolhida, com toda a justiça, de um baralho sem marcas por um voluntário do estúdio.

O que foi uma pequena desilusão foi que a maioria dos truques era absurdamente fácil de executar, uma vez adquirido o apetrecho mecânico. Sim, o talento de apresentação e a personalidade são, sem dúvida, grandes trunfos para um mentalista, mas até um principiante conseguiria deixar um público típico às escuras com o mini-rádio e o baú de previsão.

Conversas com mentalistas deram-me informação que eu não encontrara nos livros e catálogos. Soube do “bug” eletrónico que se coloca ao lado de um fio telefónico (sem estar ligado a ele) e que capta todas as chamadas de entrada e de saída. E do dispositivo ótico, não maior do que uma moeda de vinte e cinco cêntimos, que a trinta pés amplia uma moeda de dez cêntimos até ao tamanho de um tampão de roda de automóvel. Pelo caminho também aprendi truques como parar o pulso, à maneira de um iogue, sem ser iogue, enfiando uma bola de borracha debaixo da axila.

Quando tudo esteve preparado, foram feitos os arranjos para que Kreskin aparecesse em dois programas de televisão em Toronto — um em que pudesse fazer o seu número sem ser perturbado por mim, e um segundo em que eu abordaria a pequena questão do seu desafio de duplicar quaisquer feitos de Arthur Ford. O que eu estava a fazer era uma espécie de Houdini ao contrário; ele desmascarava médiuns, eu propunha-me desmascarar os desmascaradores.

Quando confrontei Kreskin no programa de televisão, depois de ele ter deslumbrado o público do estúdio com um par de demonstrações mentalistas de grande impacto, deixei claro que não tinha qualquer objeção ao mentalismo enquanto profissão ou forma de entretenimento, porque era divertido. Aquilo a que eu me opunha, disse, era a um mentalista insinuar que um clarividente genuíno, como eu considerava Arthur Ford, estaria a usar apenas truques.

Depois levantei a questão do desafio lançado a Ford.

«Disse que podia duplicar qualquer alegada mensagem espiritual produzida por Arthur Ford», disse eu. «Muito bem, aqui está uma fácil para si.

«No dia 1 de Setembro de 1967, numa sessão espírita em Toronto, Arthur Ford deu à minha mulher e a mim uma mensagem que supostamente vinha do meu falecido sogro, mencionando factos sobre a sua morte que eram desconhecidos fora do círculo da nossa família.

«Tudo o que quero que faça», disse a Kreskin, «é duplicar essa mensagem. Diga-me três factos simples: 1) o primeiro nome do meu sogro e a causa da sua morte; 2) as circunstâncias gerais da sua morte — onde, quando e quem estava presente; 3) uma circunstância especial da sua morte que me dizia respeito pessoalmente.»

Kreskin respondeu que não podia fazer o que eu pedia, nem ninguém mais!

É verdade, naturalmente, que a sua situação naquele momento não era exatamente análoga à de Arthur Ford na sessão a que me referia, porque o médium presumivelmente tivera oportunidade de investigação prévia. Além disso, Kreskin enfrentava um desafio específico, ao passo que o médium produziu a informação de forma espontânea, sem que lhe tivesse sido pedida expressamente.

Ainda assim, o que Arthur Ford fez nessa sessão é desconcertante de uma forma que parece ir para além dos feitos dos mentalistas.

O contexto necessário é que o pai da minha mulher tinha morrido, cerca de quatro anos antes da sessão, numa pequena localidade do Ontário, a cerca de cem milhas de Toronto. O seu obituário apareceu apenas no jornal semanal local e continha alguns, mas não os factos cruciais que emergiram na sessão. Nem esses factos eram conhecidos, tanto quanto sabemos, por alguém fora do círculo familiar.

Parece inconcebível que mais alguém pudesse conhecê-los. Assim, a informação em causa, não existindo em forma escrita e não sendo conhecida senão pela família imediata, aparenta ter sido impossível de investigar previamente.

Como, então, comunicou Arthur Ford essa informação?

Eis a mensagem literal da gravação em fita da sessão:

FLETCHER: Há aqui uma pessoa que dá o nome de Joe. Diz que, quando este velho bispo [um comunicador anterior] estava a falar de bowling, eu me liguei a ele.

MARION SPRAGGETT: Sim, esse seria o meu pai. Ele era um campeão de bowling.

FLETCHER: Ele deve ter passado para o outro lado... foi quase como... bem, diz que a família toda estava praticamente reunida, mas você não estava lá porque ele estava doente ou algo do género. Vocês estavam todos lá, e os netos também... E depois ele simplesmente tombou.

MARION SPRAGGETT: É verdade.

FLETCHER: Mas ele diz que é uma boa maneira de partir, e estamos muito gratos ao meu filho, ao meu genro...

MARION SPRAGGETT: Sim, esse é o Allen.

FLETCHER: Ele tentou fazer alguma coisa para o reanimar.

MARION SPRAGGETT: Sim, é verdade.

FLETCHER: (Som de engasgamento) Res... respiração...

ALLEN SPRAGGETT: É verdade.

FLETCHER: Bem, ele diz que agora está bem e feliz. E está a falar — não sei se é um homem profundamente religioso ou o quê — mas continua a usar uma palavra teológica chamada «graça», «graça»...

MARION SPRAGGETT: Esse é o nome da minha mãe.

FLETCHER: Ela ainda está aqui?

MARION SPRAGGETT: Sim, ainda está aqui.

FLETCHER: Bem, então era disso que ele estava a falar. Diz: «Dê-lhe o meu amor... e diga-lhe que não estamos num lugar diferente, mas em diferentes dimensões da mente ou da consciência...»

Ora, os factos são que o meu sogro, que aparentava boa saúde, morreu subitamente em sua casa, enquanto eu, a minha mulher e os nossos três primeiros filhos lá estávamos. Ele colapsou com uma coronária e eu tentei reanimá-lo com respiração boca-a-boca. Reanimou-se por breves instantes, mas morreu antes de o médico chegar.

Os factos que não estavam disponíveis em fontes escritas eram que «a família toda estava praticamente reunida... e os netos»; que ele «simplesmente tombou»; e que eu, o genro, tentei reanimá-lo por «respiração».

O facto de o meu sogro ter morrido subitamente («tombado») poderia presumivelmente ter sido adivinhado; muitos homens que morrem por volta dos cinquenta e poucos anos, como foi o caso dele, morrem sem aviso. O que parece mais difícil de adivinhar — se é que era de todo adivinhável — é que os netos estavam presentes e que eu tentei reanimá-lo por respiração.

Ao ler a transcrição, é evidente para mim que uma abordagem mais cautelosa, por parte da minha mulher e de mim, ao responder às afirmações de Fletcher teria sido melhor do ponto de vista da investigação psíquica. É possível que os participantes transmitam a um médium mais do que imaginam por meio de interjeições, expressando concordância ou discordância, até mesmo por sons aparentemente neutros como «hmmm» ou «uh-uh», e assim por diante. Contudo, nem sempre se assiste a uma sessão com o espírito de um investigador. E quando o ambiente é informal e

descontraído, é natural agir de modo diferente daquele que se teria num laboratório.

Se se assumir que o médium obteve pelo menos parte, senão toda, a informação da mensagem por meios supranormais, permanece a questão de saber se se tratou de comunicação com os mortos, como o médium afirmava, ou de percepção extrassensorial. Esta é uma questão considerada cuidadosamente no Capítulo Dez. Por agora, porém, a questão em causa é se existe algo para além do mentalismo — seja lá o que esse «algo» venha a revelar-se — nas manifestações mediúnicas.

Observe-se dois feitos superficialmente semelhantes — um realizado por Kreskin, o mentalista, o outro por Arthur Ford, o médium — e avaliem-se em termos de uma explicação normal versus uma explicação supranormal.

A atuação de Kreskin ocorreu durante uma aparição televisiva no «Tonight Show», em 17 de Agosto de 1971. Joan Rivers foi a apresentadora, substituindo Johnny Carson.

Kreskin pegou num exemplar do *New York Times* e abriu nas páginas da bolsa, que admitiu ter «folheado» anteriormente, uma vez que dispunha de muito pouco tempo para realizar este feito em particular.

Pegando num bloco de notas, Kreskin, fora do alcance da câmara, escreveu algo, arrancou a folha, colocou-a num envelope e entregou o envelope a Ed McMahon.

Depois, Kreskin deu a caneta a Joan Rivers e pediu-lhe que fechasse os olhos. Enquanto ela segurava a página da bolsa do *New York Times* acima da cabeça, de olhos fechados, Kreskin instruiu-a a desenhar com a caneta um pequeno círculo em qualquer ponto da página.

Kreskin baixou então a página e pediu a Joan Rivers que lesse em voz alta aquilo que tinha sido circundado ao acaso. Ela disse que era a primeira parte da palavra «Lamarr».

Esse foi o sinal para Ed McMahon abrir o envelope e confirmar que, no pedaço de papel, Kreskin tinha escrito a palavra «Lamarr».

Isto pareceu ser precognição — e, embora Kreskin negue poderes «sobrenaturais», recentemente tem sido algo equívoco — pela qual o mentalista teria sido capaz de prever que palavra Joan Rivers iria circular sem ver a página. Ou então o mentalista teria, misteriosamente, levado a

apresentadora a circular exatamente a palavra que ele desejara — presumivelmente por sugestão telepática.

Como foi realmente feito?

Há várias maneiras de o ter realizado. A mais provável é a seguinte:

Neste método, o mentalista sabia desde o início que palavra seria circundada e onde se encontrava na página, por a ter «folheado», lembrem-se, anteriormente. Escreveu essa palavra previamente selecionada no pedaço de papel que colocou no envelope e entregou à testemunha.

Depois, ainda neste método, trocou de canetas antes de entregar uma à apresentadora; essa caneta parecia-se com a que acabara de usar para escrever, mas na realidade não tinha tinta.

O ato de a apresentadora desenhar o círculo foi uma manobra de distração. O que realmente aconteceu foi que o mentalista colocou um «nail-writer» (um dispositivo padrão, consistindo numa ponta de dedo falsa, da cor da pele, com grafite na extremidade, para permitir escrever furtivamente) e, enquanto segurava a mão da apresentadora que empunhava a caneta falsa e lhe dizia para desenhar um círculo em qualquer ponto da página, foi na verdade ele quem circundou a palavra previamente selecionada com o «nail-writer».

Depois, rapidamente, guardou o «nail-writer» no bolso e trocou a caneta falsa usada pela apresentadora por uma caneta verdadeira, idêntica (para o caso de alguém, mais tarde, pedir para examinar a caneta).

O que se seguiu foi, na verdade, anticlimático. O envelope foi aberto e o pedaço de papel provou conter a palavra que supostamente tinha sido circundada ao acaso, poucos momentos antes, pela apresentadora.

Quando um feito de mentalismo é explicado — e não afirmo que este método sugerido seja necessariamente o que Kreskin utilizou; há várias possibilidades — a reação comum da pessoa que, instantes antes, estava completamente perplexa é dizer: «Ora, isso é tão simples. Quem é que alguma vez se deixaria enganar por um truque desses?»

A questão, naturalmente, é que a maioria das pessoas — incluindo o próprio sujeito — se deixa enganar por um truque desses.

Consideremos agora um feito superficialmente semelhante realizado por Arthur Ford que, ao contrário de Kreskin, afirmava fazê-lo com a ajuda «dos espíritos».

O relato desta atuação provém de duas testemunhas altamente credíveis: Upton Sinclair, romancista vencedor do Prémio Pulitzer e reformador social, e William McDougall, célebre psicólogo e investigador psíquico, que à época era professor em Harvard.

Em 1930, Sinclair e a sua esposa, juntamente com McDougall, assistiram a várias demonstrações de «leitura de bilhetes» por Arthur Ford, na People's Spiritualist Church, em Los Angeles. A leitura de bilhetes é um ritual em que as pessoas da assistência escrevem perguntas em pequenos papéis, selam-nos em envelopes e entregam-nos à frente, onde são colocados num cesto ou tabuleiro diante do médium. Depois, guiado «pelos espíritos», o médium escolhe envelopes aparentemente ao acaso, diz qual é a pergunta contida no envelope e responde-lhe. Um médium particularmente talentoso pode até acrescentar alguns pormenores pessoais sobre a pessoa que fez a pergunta.

Sejamos absolutamente claros quanto a uma coisa: Upton Sinclair e William McDougall sabiam muito bem, tal como eu, que existem, numa estimativa conservadora, mil maneiras de fazer leitura de bilhetes por meio de truques. Por vezes, o médium ou mentalista distribui pranchetas onde as pessoas escrevem as suas perguntas; as pranchetas têm uma folha de papel químico escondida e, quando são recolhidas, o médium tem acesso total às perguntas seladas nos envelopes. Outro método, tão antigo como as colinas — ou mais —, é o truque do «um à frente», em que o médium abre um envelope e lê o seu conteúdo como se fosse o do seguinte. Ou então cúmplices do médium surripiam alguns envelopes, levam-nos para uma sala próxima, abrem-nos e transmitem o conteúdo ao médium por meio de um mini-rádio que este escondeu, por exemplo, nos óculos.

No seu relato, Upton Sinclair menciona todas estas possibilidades e salienta que William McDougall tinha reputação de investigador duro e implacável que, entre outras coisas, afirmara que o «ectoplasma» da médium Margery era, na realidade, tecido pulmonar de algum animal, provavelmente de uma ovelha. Nem Sinclair nem McDougall eram ingénuos.

Sinclair descreve Ford a retirar envelopes selados ao acaso do cesto à sua frente e a debitar nomes e pormenores pessoais a um ritmo fenomenal, até ter passado por cerca de cinquenta envelopes. Normalmente, depois de

responder a uma pergunta, Ford entregava o envelope, ainda selado, a alguém da assistência e pedia-lhe que o abrisse e confirmasse que continha efetivamente a pergunta que ele acabara de mencionar. Suspeitando da existência de «figurantes», Sinclair agarrou ele próprio vários envelopes e afirmou que, em todos os casos, continham a pergunta que o médium acabara de responder.

«O que me espantou no caso de Arthur Ford», disse Sinclair, «foi a rapidez e a certeza com que trabalhava. ... Atirava o monte de envelopes para aqui e para ali, pegando nuns e largando outros, e dizia nomes e pormenores tão depressa como se atirassem bolas de basebol contra um alvo. ... Por toda a sala as pessoas levantavam-se de repente e exclamavam: “É isso mesmo!”»

Depois ocorreu um incidente que Sinclair descreve com grande cuidado e que mais tarde investigou, porque fornecia provas notáveis de que Ford estava a recorrer a fontes para além do normal.

Um jovem levantou-se na assistência e dirigiu-se à frente, vermelho de embaraço. Trazia um envelope na mão e disse ao médium que não se tinha sentido à vontade para o colocar no cesto; era importante para ele ter a certeza de que o que estava a acontecer era genuíno.

Arthur Ford repreendeu-o duramente, salientando que, se toda a gente exigisse uma atenção tão pessoal, a reunião transformar-se-ia no caos.

«Eu sei», disse o jovem, «mas isto significa tanto para mim.»

«Por outras palavras», disse Ford, «quer uma prova em que possa confiar? É isso?»

«Sim.»

«Muito bem», disse Ford, «vou dar-lhe uma. Vamos fazer uma verdadeira. Toda a gente olhe agora para este envelope e veja que está selado e não tem quaisquer marcas.»

Upton Sinclair inclinou-se para a frente, retirou o envelope das mãos de Ford e examinou-o cuidadosamente, passando-o depois de volta, enquanto observava atentamente.

Ford ergueu o envelope.

«Recebo um nome», disse ele. «Bert Baldwin — é isso?»

«Quase», disse o jovem.

«O que é que está certo?»

«Bird Baldwin.»

«Bem, isso é bastante próximo. É o seu pai, não é?»

«Sim.»

«E tem o mesmo nome?»

«Sim.»

«E colocou aqui dentro algumas perguntas para se certificar de que o seu pai está realmente presente. É isso?»

«Sim.»

«E se eu lhes responder, ficará convencido? Muito bem, quer saber onde o seu pai esteve depois da guerra. É isso?»

«Sim», disse o jovem, «mas isto significa tanto...»

«Espere — ele esteve num hospital, a fazer trabalho de reabilitação. O Reed Memorial Hospital, em Washington. É isso?»

«Exatamente.»

«E depois — espere — quer saber onde ele estava quando morreu. Estava algures no Oeste... no Iowa... na Universidade do Iowa. É isso?»

«É isso mesmo», confirmou o jovem, e a assistência rebentou numa ovação.

A confirmação dos factos fornecidos pelo médium foi também dada por William McDougall, que disse a Sinclair que Bird Baldwin tinha sido seu colega em Harvard.

Tratava-se de perceção psíquica genuína ou de truques de mentalismo?

Uma possibilidade que ocorrerá a cétricos perspicazes é a de o médium ter contratado alguém para se fazer passar por Bird Baldwin, de modo a que a mensagem fosse dada para impressionar McDougall, que, como facilmente se poderia apurar, conhecera Baldwin em Harvard.

Contudo, McDougall falou com o jovem após a reunião e convenceu-se de que ele era de facto a pessoa que dizia ser. De facto, McDougall comentou a notável semelhança física entre o jovem e o seu falecido pai.

Além disso, Upton Sinclair anotou a sua morada (Odell, Illinois) e correspondeu-se com ele mais tarde.

Parece, assim, que Arthur Ford, no seu melhor, era claramente algo mais do que um trapaceiro exceccionalmente hábil.

Outro relato das capacidades fenomenais de Ford, desta vez já nos seus últimos anos, provém de Robert Bradley, médico, de Denver. Ele descreve um feito que, se fosse um truque, era, nas palavras do próprio Ford, «um truque do caraças!». O incidente ocorreu em 1962. Diz o Dr. Bradley:

«Foi em Filadélfia, e eu estava a participar num seminário para médicos que estudavam hipnose médica. O seminário realizava-se num hotel perto do apartamento de Arthur. Desci até lá e fui calorosamente recebido. Dois estudantes de Teologia da Universidade de Yale estavam a sair precisamente quando eu cheguei. Sem que eu tivesse revelado qualquer propósito da minha visita a Arthur, em transe, Fletcher respondeu rápida e adequadamente, pela ordem correta, a vinte perguntas que eu tinha enumerado num cartão no bolso. Eu nem sequer tinha tirado o cartão do bolso!»

Um dos problemas de alguns críticos da percepção extrassensorial e da mediunidade é aquilo a que se poderia chamar a Síndrome de Houdini: a atitude segundo a qual, se algo pode ser simulado, então não é real.

Um exemplo revelador desta síndrome foi a atitude de Houdini em relação à hipnose — ele não acreditava nela. Gresham cita Dunninger dizendo que Houdini se recusava a aceitar a hipnose como um facto. Os sujeitos hipnotizados eram todos figurantes, insistia ele, a fingir estar em transe, ou então estavam a imaginá-lo, ou algo do género.

Presumivelmente, Houdini teria concordado com os médicos do século XIX que acusavam um paciente a quem fora amputada uma perna sob hipnose de estar apenas a fingir não sentir dor. E o que teria ele feito perante as provas recentes e inequívocas de dois cientistas britânicos, um deles o famoso neurofisiologista Grey Walter, de que, em alguns sujeitos, a surdez hipnótica é indistinguível da surdez neurológica e de que os padrões de

ondas cerebrais podem ser alterados hipnoticamente de uma forma impossível por esforço consciente?

(A atitude de Houdini em relação à hipnose nada tem a ver com a teoria atual de que a hipnose é uma forma de representação de papéis — um conceito totalmente diferente da sua noção simplista de fingimento consciente.)

A posição de Houdini de que a hipnose não era real porque ele conseguia realizar, pela força de vontade, muitos dos feitos dos sujeitos hipnotizados — como aparente insensibilidade à dor, força aumentada e rigidez muscular extrema — baseava-se no mesmo raciocínio que aplicava à investigação psíquica. Se um feito realizado por um médium podia ser simulado por um mágico, então o médium estava também a usar magia. Para Houdini, isto era lógica simples.

Do mesmo modo, se alguns médiuns enganavam, então todos enganavam. E se um médium fosse apanhado em fraude uma única vez, então praticava-a sempre. Houdini não tinha simpatia pela ideia de que um médium genuíno pudesse recorrer à fraude quando não era capaz de produzir o fenómeno real. E, no entanto, se fosse verdade que, porque uma pessoa às vezes mente — até mentiras inocentes ou diplomáticas —, então nunca diz a verdade, qual de nós seria alguma vez acreditado? Reconhecemos que o homem que diz estar constipado quando não está, para fugir a um compromisso social indesejado, ainda assim pode ser uma pessoa fundamentalmente verdadeira, cuja palavra seria aceite em qualquer assunto sério.

A insistência dos Houdinis deste mundo em que a investigação psíquica tem de ser toda preta ou toda branca, que ou todos os médiuns são genuínos ou todos são fraudulentos, não corresponde à vida tal como ela é, à ambiguidade que encontramos a cada passo. Os médiuns são seres humanos, com virtudes e vícios, tal como os mágicos, os investigadores psíquicos e outros.

No entanto, é preciso dizer que a fraude descarada ainda existe nos círculos espiritualistas, tal como existia no tempo de Houdini. Há médiuns que se abastecem regularmente dos mais recentes truques das lojas de artigos de magia. Dois dos maiores campos espiritualistas dos Estados Unidos, Camp Chesterfield, no Indiana, e Camp Silver Belle, em Ephrata, Pensilvânia, são verdadeiras fantasmagorias desse ocultismo crepuscular.

Em Maio de 1960, dois investigadores encontraram aquilo que consideraram prova conclusiva de fraude em Camp Chesterfield, que todos os verões acolhe cerca de cinquenta mil peregrinos espiritualistas, os quais desembolsam, segundo estimativas, quinhentos mil dólares por ano para «contactar os espíritos». Os investigadores — o falecido Tom O'Neill, editor e director do *Psychic Observer*, e o Dr. Andrija Puharich, médico respeitado e investigador psíquico — obtiveram permissão das autoridades do campo para fotografar sessões de materialização usando película infravermelha. A fotografia infravermelha revelou que as sessões eram totalmente falsas. Os «espíritos» eram vários médiuns do campo, envolvidos em gaze e musselina.

O'Neill, ele próprio espiritualista, ficou tão enojado com a descoberta que se demitiu do ministério espiritualista. Chamou a Camp Chesterfield «um gigantesco jogo de figurantes».

Não tinha mudado em Junho de 1965, quando a minha mulher e eu visitámos Camp Chesterfield e encontrámos fraude generalizada.

Camp Silver Belle, na Pensilvânia, não é melhor. Assistimos a uma sessão de «voz direta» ali no verão de 1970 e achámo-la — bem, ou divertida ou revoltante, dependendo do ponto de vista. Era divertido que as pessoas pudessem ser enganadas por uma pseudo-mediunidade incrivelmente grosseira, mas ao mesmo tempo era patético, até trágico.

E encontram-se médiuns duvidosos até em círculos mais elevados. Em 31 de Outubro de 1971, fui um dos membros de um grupo apenas por convite numa sessão em Nova Iorque com um médium britânico visitante, Leslie Flint. Diz-se que ele tem o dom de «voz direta» — a capacidade de produzir vozes de espíritos que podem ser gravadas em fita.

A sessão realizou-se no apartamento, em Manhattan, de um casal académico, e os participantes eram pessoas bem-sucedidas, até distintas.

Os resultados foram grosseiramente insatisfatórios. As vozes dos espíritos soavam todas como o médium. Os supostos comunicadores estavam quase totalmente errados nos factos — quando ofereciam factos, em vez de mero palavreado cheio de lugares-comuns — e não eram suficientemente convincentes, dir-se-ia, para impressionar uma criança de doze anos.

Fraude — fraude consciente, deliberada, fria — esta é a vergonha do Espiritualismo, a mancha que tão profundamente comprometeu o

movimento, pelo menos nos Estados Unidos, ao ponto de qualquer esperança que alguma vez tenha tido de se reabilitar aos olhos de pessoas inteligentes parecer estar perdida para sempre.

Parece que foi a esta conclusão que Arthur Ford chegou.

Nos seus últimos anos, afastou-se do movimento espiritualista, mantendo porém ligações formais (ainda em 1964 pagou a sua taxa anual de sete dólares de registo clerical à *National Association of Spiritualists*) e algumas antigas amizades. Sempre se mantivera algo distante de outros médiuns e do lado institucional do movimento. Numa carta que escreveu nos anos 1950 à sua amiga Gertrude Tubby, Ford recusou um convite para um importante campo espiritualista até que «limpassem a confusão fraudulenta que lá existe».

Em vez de se aproximar do Espiritualismo, Arthur Ford voltou-se para a corrente religiosa dominante, para as igrejas estabelecidas, nas quais esperava ver os fenómenos psíquicos integrados como parte da experiência teológica e devocional total.

O panorama dentro do Espiritualismo não é totalmente sombrio. Na Grã-Bretanha, Maurice Barbanell, o principal expoente do Espiritualismo, e ele próprio um médium célebre, tem no seu historial várias exposições de médiuns falsos. A mais espetacular foi o caso de William Roy, que, depois de Barbanell o ter denunciado como fraudulento, vendeu as suas confissões ao *London Sunday Pictorial* por uma quantia considerável, revelando como enganara pessoas durante anos com os conhecidos fantasmas de musselina e vozes eletrónicas de espíritos. Barbanell teve também um papel importante em desmascarar um médium impostor chamado John Scammel, especializado em voz direta.

Outro médium confessadamente falso, Ronald Edwin, escreveu as suas memórias, nas quais afirmou que o Espiritualismo, enquanto movimento, estava minado por «estupidez, chicana e fraude». Um juízo duro, infelizmente, mas proferido por alguém que sabia bastante do assunto.

O Lado Negro da Lua

ou

Jamais um Médium Feliz

«Todo o homem, como a lua, tem o seu lado negro.»

— Mark Twain

Os médiuns fazem-me lembrar a Rainha das Fadas de *Iolanthe* que, repreendida pela sua fraqueza em querer casar com um mortal, disse: «Sim, mas as nossas fraquezas são muito fortes.»

— Maurice Barbanell

No início de Dezembro de 1930, Arthur Ford sofreu um acidente de automóvel no qual ficou gravemente ferido e dois companheiros morreram. O acidente, segundo Ford, abriu a porta a um pesadelo pessoal do qual nunca escapou.

Ford regressava a Nova Iorque depois de uma visita à mãe e ao seu segundo marido, Leighton Thomas, em Olanta, na Carolina do Sul. No carro iam com ele a sua irmã solteira, Edith, que naqueles tempos era aquilo a que se chamava uma mulher de carreira, e uma jovem amiga e companheira dela, Grace Harrington. Ao atravessar a fronteira da Carolina do Norte, perto da localidade de Raynham, o carro de Ford foi abalroado de lado por um condutor num camião de tabaco vazio (o condutor, W. D. Bine, de Dillon, Carolina do Sul, viria mais tarde a ser considerado legalmente culpado pelo acidente).

O impacto lançou Ford para fora do carro, esmagando-lhe as costelas, infligindo graves lesões internas e estilhaçando-lhe o maxilar. (Foi a esta última lesão que o médium tendia a atribuir o seu «maxilar flutuante», um movimento lateral exagerado da mandíbula inferior que, por alguma razão, era particularmente notório quando estava em transe.) A irmã de Ford morreu instantaneamente, e Grace Harrington, gravemente ferida, morreu três horas depois.

Arthur Ford, imobilizado num gesso corporal, passou três meses deitado no Baker Sanatorium, em Lumberton, Carolina do Sul.

Devido à celebridade de Ford, as agências noticiosas difundiram uma história sobre o acidente. Em Londres, o *Psychic News* apanhou a notícia e

pediu a curadores espiritualistas que concentrassem as suas preces no médium «que está à frente e na linha da frente do Espiritualismo americano».

Por uma curiosa coincidência, o médico que assistiu Ford após o acidente tinha sido aluno, na Faculdade de Medicina de Harvard, do Dr. Le Roi Crandon, marido de Margery, a médium, também conhecida como Nina Crandon. A partir desse contacto, o médico desenvolveu um vivo interesse pela investigação psíquica. Agora, via-se com o médium mais célebre do mundo entregue nas suas mãos. A tentação de usar aquele paciente invulgar para alguma investigação psíquica não oficial poderá ter sido demasiado forte para resistir. Pelo menos, foi isto que Arthur Ford sugeriu na sua autobiografia, *Nada Tão Estranho*.

Ford disse que lhe foi dada morfina para controlar a dor devastadora. Ele e o médico ficaram surpreendidos, segundo afirmou, ao descobrir que a droga parecia intensificar os seus poderes psíquicos. Numa ocasião, quando Francis Fast o visitava vindo de Nova Iorque, Ford disse que, de repente, se encontrou no apartamento de Fast, em Manhattan, e foi capaz de descrever com precisão várias pessoas — desconhecidas para ele — que ali se tinham reunido para uma sessão regular. Ford inclinava-se a atribuir essa experiência espontânea fora do corpo ao facto de, na altura, estar entorpecido e eufórico pela morfina.

No seu livro, Ford insinuou que o médico prolongara indevidamente o uso de morfina para continuar a usá-lo, na prática, como uma cobaia psíquica. Quando Ford estava pronto para deixar o sanatório e concluir a convalescença em casa da mãe, era um dependente de morfina.

Na realidade, no passado, tal dependência involuntária por uso médico imprudente da droga não era assim tão invulgar. O método de cura do dependente criado pela medicina era o «cold turkey» — retirada abrupta e total da droga. Foi este o método aplicado pelo médico que assistiu Ford em casa da mãe (que, por coincidência, era primo do médium).

Durante vários dias, disse Ford, sofreu as agonias clássicas descritas na literatura sobre dependência. Sobre essa provação, comentou com amargura: «Até o tipo de inferno em que os meus antepassados calvinistas acreditavam parecia preferível.»

Ford recuperou tanto da dependência como da cura. Mas a experiência extenuante, somada à miséria causada pelas lesões, deixou-o devastado por insónias. Para as aliviar, voltou-se para a bebida.

(Ford afirmou na sua autobiografia que, até então, nunca tinha tocado em álcool. Contudo, em Julho, quatro meses antes do acidente de automóvel, durante uma sessão de 1930 em casa de Upton Sinclair, em Pasadena, fora repreendido por Fletcher por ter bebido um *highball* numa festa na noite anterior, porque «ele sabe que isso o perturba sempre e estraga o seu trabalho».)

Beber não foi um problema na vida de Ford durante a década que se seguiu ao acidente. Ellis Ford, um primo distante e durante anos seu secretário e “resolvedor de problemas”, disse que, nos anos 1930, o médium bebia apenas socialmente e com moderação e nunca permitiu que a bebida prejudicasse a sua carreira. No entanto, Arthur Ford era uma das muitas pessoas que têm, ou adquirem, uma sensibilidade ao álcool que conduz a uma dependência patológica. No seu caso, a progressão da doença foi lenta, mas insidiosa.

Só na primavera de 1931, vários meses após o acidente, é que o médium mais espetacular da América conseguiu retomar as aparições públicas. A sua amiga e antiga mentora, Gertrude Tubby, descreveu essa atuação de regresso, que não deixava dúvidas de que os seus poderes estavam intactos.

Eu fazia parte de uma assistência de várias centenas de pessoas a quem Arthur Ford se dirigiu no Hotel St. George, em Brooklyn, Nova Iorque. Foi a sua primeira aparição pública após o [seu] acidente. ... Eu encontrava-me numa posição em que podia observar de perto um certo número daqueles a quem o Sr. Ford transmitiu comunicações que eles reconheceram como evidenciais da memória sobrevivente e da identidade de membros falecidos dos seus círculos familiares. ... Um caso, sobre o qual tomei notas na altura, destaca-se pelo seu carácter único.

O Sr. Ford é clarividente pelo ouvido e «escuta» as suas mensagens. ... O apelido era invulgar. O Sr. Ford disse que ouvia alguém a chamar o nome Ivy Harford e perguntou se alguém presente conseguia identificar esse nome. Vi uma jovem levantar a mão e responder que sim. Ele disse, em resposta, que claro que sim, pois tinha dado o apelido da família, mas o seu primeiro nome era algo que soava a Gwan. Ela confirmou. Ele acrescentou que o nome dela era inglês e que ela não era americana, mas nascida em Inglaterra, embora

estivesse a viver aqui por enquanto. Ela confirmou. Ele perguntou se alguma vez lhe tinha dado uma mensagem ou se a tinha encontrado em Inglaterra ou na América; ela disse que não. Prosseguiu: «Tem dois irmãos no espírito que estão aqui comigo. É verdade?» «Sim, senhor.» «Na verdade, há ainda outro, perfazendo três irmãos que tem no mundo dos espíritos. É isso?» Ela confirmou. «O Jack está aqui, e alguém com o nome de Harry», continuou. «Certo», disse a Srta. Harford. «Ele diz», continuou Ford, «“essa é a minha irmã, e está sempre a perguntar e a esperar que lhe chegue algum teste, algum tipo de prova, em reuniões como esta.” É verdade?» «Sim, é.» «Pois bem, ele vai tentar dar-lhe uma prova esta noite, qualquer coisa sobre uma alcunha.

Mas primeiro quero dizer que a sua mãe está aqui no espírito com os seus irmãos. É verdade?» «Sim, senhor.» «A sua mãe veio porque diz que o seu pai está doente.» A Srta. Harford pareceu surpreendida. «Pode não saber isto, porque o seu pai está em casa, em Inglaterra.» «Sim, senhor, está.» «Não recebeu notícias dele sobre isso.» «Não, senhor.» «Pois bem, a sua mãe quer que saiba, para que não se surpreenda quando for chamada de volta para casa mais cedo do que espera. Provavelmente terá de ir este verão, para tratar de alguns assuntos da herança, devido à doença do seu pai.

«Agora o seu irmão Harry está a tentar dar-me essa pequena alcunha. Deixe-me escutar e ver se consigo ouvir claramente o que ele diz. Acho que é um diminutivo carinhoso — não sei se era o que ele lhe chamava ou o que você lhe chamava a ele.»

Após uma breve pausa, o Sr. Ford retomou:

«Vou dizer-lhe exatamente o que estou a ouvir — é muito peculiar. Suponho que deve ser um nome que você lhe chamou em alguma altura — “Bigodes Bolorentos!”»

A rapariga inglesa, contida, soltou uma gargalhada súbita e exclamativa que se ouviu por todo o grande salão, exprimindo ao mesmo tempo prazer e embaraço. «É verdade? Chamava-lhe “Bigodes Bolorentos”?» «Sim, senhor — quer dizer, eu chamava-lhe “Bigodes”, mas ele chamava-me “Bolorenta”!»

No período de 1931 a 1938, Arthur Ford viveu o auge como o «Sr. Espiritualismo» da América. Quando não andava em digressão pela Europa ou pela Austrália a espalhar a palavra, percorria, em casa, o circuito dos campos de verão espiritualistas. Eram estabelecimentos curiosos (alguns ainda

existem, embora a glória se tenha ido) onde, todos os verões, milhares de crentes no espírito regressavam para se reunirem e comungarem com o outro mundo segundo um horário regular. Viajando com Ellis Ford num Packard de turismo, o famoso médium aparecia num campo espiritualista atrás de outro. Onde quer que fosse, rapidamente se tornava a estrela, se não o fosse já quando chegava.

«As mulheres médiuns nesses campos eram grandes atrizes», recordava Ellis Ford sobre essa época tresloucada. «Usavam vestidos de cetim e xales espanhóis e agitavam sempre um lenço de chiffon. Era óbvio que gostavam de se ver como grandes damas.

«Arthur era admirado pelos outros médiuns. Era sempre sério na sua mediunidade. Queria ser o maior — e foi isso que se tornou. Onde quer que fôssemos, conhecia a elite social e intelectual. Era o evangelista reconhecido do Espiritualismo.»

Reconhecida ou não, a proeminência de Ford despertou mais do que um pouco de hostilidade entre os seus colegas médiuns.

Tal como médicos, advogados, violinistas de concerto, clérigos ou futebolistas, os médiuns têm um vivo sentido de rivalidade profissional.

No verão de 1929, havia mais de cem médiuns residentes em Lilly Dale, Nova Iorque, a cinquenta milhas de Buffalo, um dos maiores campos espiritualistas. Arthur Ford estava entre eles e, ao que parece, roubou a cena.

«A aula de desenvolvimento de Ford [uma sessão de instrução para os interessados em tornar-se médiuns] foi a maior de sempre em Dale», disse um observador, «facto que muito afligiu os outros médiuns. ... No seu terceiro e último dia, o habitual Salão da Assembleia teve de ser abandonado e a aula do Rev. Sr. Ford, então com cinco a seis centenas de pessoas, foi transferida para o Auditório.»

Os outros médiuns «foram algo antagonistas» com Arthur Ford quando ele chegou, notou este observador, «mas tão rapidamente ele subiu no favor do público que, quando chegou a altura da sua partida, previamente marcada, para um campo no Maine, foi exercida pressão para que ficasse.

«O Rev. Ford comunicou por telefone de longa distância com Horace Leaf, o médium inglês, que consentiu em tomar o seu lugar, e então Ford telegrafou ao campo do Maine a dizer que não podia ir, mas que enviaria

alguém em seu lugar. As autoridades do Maine, porém, responderam por telegrama: “Não envie substitutos”, e Ford teve de ir ele próprio.»

Este observador, George Lawton, não era um «verdadeiro crente», mas um estudante de pós-graduação em sociologia a recolher material para uma tese de doutoramento sobre o Espiritualismo enquanto fenómeno sócio-religioso. Um céptico inteligente, os seus relatos de testemunha ocular sobre as atuações de Ford em Lilly Dale são particularmente valiosos. Descreveu um serviço típico de mensagens em que Ford transmitiu à assistência supostas comunicações espirituais:

«Quero dirigir-me a um jovem... sim, a si. O seu nome é Pellico, não é?»

«Sim.»

«Henry... Henry Pellico. Está a ter problemas com o seu pai?»

«Sim.»

«Não se preocupe. O pai não o vai deserdar. Ele apenas resmunga e vocifera, mas siga o seu caminho. Ele não alterou o testamento de todo. Recebo o nome “John”, um irmão. Vejo-o ao seu lado. É verdade?»

«Sim.»

«Pois bem, estou feliz por o trazer até si esta manhã. Vejo-o de uniforme.»

«Sim.»

«Ele combateu na Grande Guerra; esteve em serviço ativo.»

«Sim.»

«Porque o vejo na linha da frente, a cair em combate. O seu irmão diz-lhe para se manter firme na sua fé e nas suas crenças. Como é que eu soube isso? Li-lhe a mente!

«E agora recebo o nome Schleming.»

«Sim.»

«A Lucy vem ter comigo. Parece que ela foi sua amiga — uma namorada — porque vos vejo muito próximos. Ela morreu num acidente a 13 de Fevereiro.»

«13 de Janeiro.»

«13 de Janeiro, sim. Foi um acidente de automóvel.»

«Sim.»

«Você estava com ela.»

«Sim.»

«Ela diz-me para lhe dizer que o ouviu, embora não pudesse responder. Você pegou nela e segurou-a nos braços e disse: “É o Bill, Lucy, responde-me, só uma palavra!” Não foi assim?»

«Sim, cada palavra.»

«Ela diz-me para dizer que está à sua espera; que, embora não se tenham podido casar, ela é sua esposa e juntar-se-á a si quando passar para lá. Ela foi enterrada num pequeno monte em Hackensack.»

«Era um montículo, sim, mas não em Hackensack — em Nyack.»

«Eu sabia que era em Nova Jérсия.» [Ford está errado aqui; Nyack é em Nova Iorque, embora não longe de Nova Jérсия.]

«Você foi e colocou flores no túmulo dela, a 22 de Março, e veio aqui para comunicar com ela.»

«Sim.»

«Você quase saiu da estrada ao vir para cá, mesmo para dentro de uma vala.»

«Sim.»

«Ela diz-me que estava ao volante e ajudou-o a endireitar o carro; caso contrário, teria capotado e ido parar à vala. Ela está sempre a ajudar-lhe...»

«Recebo Herbert... Herbert Windom.»

Uma mulher levantou-se — uma das médiuns profissionais do recinto — e exclamou: «Meu Deus, não me diga que esse é o meu Herbert, que deixei em casa perfeitamente bem e saudável?»

(Pausa)

«Isto é da Anna para o Herbert. Quem é a Anna?»

«A minha filha.»

«Anna diz-me para dizer ao Herbert que foi a irmã da Irene que o fez. Ela tocou piano nessa tarde. Entende isso?»

(Muito deliberadamente e de forma dramática)

«Nunca o vi antes, nem você me viu a mim, mas esta é a prova mais maravilhosa que eu poderia alguma vez receber. Perguntei isto a outro médium famoso, mas ele disse que não podia responder. O Herbert tem sido cético, mas isto vai convencê-lo quando eu lhe escrever. Quisemos saber quem tocou nessa tarde, e agora sabemos. Esta é a evidência mais maravilhosa que eu poderia ter obtido. Obrigada, Sr. Ford, obrigada!»

«Agora quero dirigir-me a si, Baxter — esse é o seu nome, não é?»

«Sim.»

«Recebo os nomes de dois homens, Holloway e Levintritt, e de uma mulher, Sterling.»

«Sim?»

«Havia um grupo de doze pessoas em duas montanhas-russas num parque de diversões. Você estava na de trás.»

«Sim.»

«A primeira descarrilou e três pessoas nela morreram, enquanto as outras ficaram feridas. Uma morreu depois — não como resultado do acidente, contudo. O seu próprio carro descarrilou.»

«Sim.»

«Você é médium.»

«Sim. Estou a desenvolver-me.»

«Continue, vai ser um sucesso. Já alguma vez lhe disse isto?»

«Sim, e... quer dizer, não!»

(Houve uma gargalhada estrondosa. Alguém na assistência sussurrou: «Oh, isso foi porque ele estava sempre a dizer que sim!»)

O Sr. Ford juntou-se ao riso geral e depois disse, muito alegremente: «Quase estragou o espetáculo.»

(O cético poderá salientar que, embora esta atuação soe impressionante, não dispomos de informação suficiente para fazer um juízo

ponderado sobre ela — por exemplo, se o médium tinha meios normais de descobrir os factos mencionados. Alega-se que, em certos campos espiritualistas, se mantêm ficheiros sobre todas as pessoas que têm uma sessão e que os médiuns recorrem a esse manancial de informação. Tenho razões pessoais para acreditar que esta acusação é verdadeira. Quando a minha mulher e eu visitámos Camp Chesterfield em 1965, certos factos falsos que eu forneci ao primeiro médium com quem nos sentámos — incluindo nomes exatos, todos inventados — apareceram em todas as sessões posteriores que lá tivemos.)

Lawton sublinha que, de todos os médiuns em Lilly Dale, Arthur Ford era de longe o mais impressionante, tanto em termos de estilo intelectual como de nível de desempenho mediúnico.

Ford conduzia aquilo a que se chama uma Aula de Desenvolvimento para aspirantes a médium. Nela, dava instruções práticas sobre métodos para desenvolver o próprio potencial psíquico.

«Para desenvolver os seus poderes mediúnicos tem de aprender a visualizar», disse Ford à turma. «Isto não é difícil. Toda a gente é psíquica em algum grau e a clarividência é o mais universal dos poderes psíquicos. É assim que se faz — aprendi isto no British College of Psychic Science.

Feche os olhos, evoque a imagem de alguém querido cujo rosto conhece muito bem. Comece por tentar ver o espírito que melhor conhece, a sua mãe, ou o seu irmão, ou o seu pai, ou a sua irmã, porque os conheceu toda a vida. Estas visualizações acontecem e os espíritos vêm, mesmo antes de adormecer à noite ou quando está a acordar de manhã, mas ficam apenas um instante. Se quer que fiquem mais tempo, respire fundo e devagar e sustenha a respiração, e o espírito ficará. Quando ofega de surpresa, expulsa o ar e perde a imagem. Controle a emoção e não tenha medo nem fique demasiado ansioso se quer manter consigo os seus entes queridos. Inspire e a imagem mantém-se; e, à medida que a sustém, a imagem aproxima-se e fica mais nítida. À medida que pratica isto, conseguirá mantê-los consigo por períodos cada vez mais longos. Quero que todos façam este exercício de visualização nos próximos dias e depois me digam como correu...»

Lawton acrescenta a esta citação de Ford o comentário de que «numa psicologia académica muito pedestre e pouco imaginativa, isto chama-se “fenómenos hipnagógicos”. Longe vai da mente do médium pensar numa explicação naturalista.»

Contudo, Ford poderá não ter sido tão ingénuo como Lawton pensava. Um dos seus amigos próximos, Clement Tamburrino, disse que o médium era um hipnotizador perito, a quem vira demonstrar a sua habilidade com mais do que um sujeito. Provavelmente Ford estava bastante consciente da explicação naturalista das alucinações hipnagógicas, mas acreditava que esse estado crepuscular — que ocorre espontaneamente na orla do sono — podia ser usado para fins mediúnicos. Que talvez não estivesse errado é sugerido pela experiência de um clérigo que conheço e que, durante vários anos, teve aparentes lampejos precognitivos durante devaneios hipnagógicos. E o psicólogo da Universidade da Califórnia, Charles Tart, sugeriu recentemente que o devaneio hipnagógico pode ser uma porta para diversos estados alterados de consciência significativos.

Nas palestras da sua Aula de Desenvolvimento, Arthur Ford exibiu o iconoclasmo irreverente que o fazia sobressair entre os médiuns; desprezava abertamente os grandiosos guias espirituais, tão em voga em certos círculos espiritualistas:

«Não tenho qualquer utilidade para guias elevados, porque não são verificáveis. Isaías não consegue provar que é Isaías. O facto de falar num tom muito elevado não prova nada a ninguém. Ele não está interessado em ninguém aqui. Porque haveria de voltar? O que sabe ele sobre si? Um médium deve trazer a uma mãe o seu filho, provando a identidade de forma clara, em vez de trazer Sócrates, como fez um médium, pronunciando “So-crates”. Uma vez eu estava a dar uma mensagem em qualquer sítio e, depois do serviço, uma médium aproximou-se e disse que a razão por que eu tinha ido tão bem era porque o guia dela me estava a ajudar. “E quem é o seu guia?”, perguntei. “Era um grande filósofo grego — Pluto.”»

Ford também mostrou a sua aversão à impostura e à hipocrisia ao comentar, com franqueza, sobre a vida pessoal de alguns médiuns.

«A mediunidade não depende do carácter. Homens imorais, até degenerados, podem ser bons médiuns, bons psíquicos. O melhor médium em Inglaterra está agora no penitenciário por roubo. Não somos nós os juizes de um médium. Eu venho aos outros e o bem que trago vai para os outros e não para mim. Deve julgar um médium não pela sua personalidade, mas pelos fenómenos que produz. A música de Paderewski é independente da sua vida privada.

Um médium é um tolo se as suas dissipações resultarem em interferência com as suas sessões. Se um médium bebe dia e noite e produz uma boa sessão, toda a crítica é descabida.

Eu bebo, mas nunca antes de uma sessão, porque isso me incapacita para o trabalho.»

As fraquezas pessoais dos médiuns eram um tema a que Ford voltava com frequência, com uma franqueza pouco comum entre essa fraternidade. Num artigo em que chamou à mediunidade «um dom perigoso», discutiu algumas das suas armadilhas:

«Nós, médiuns, temos de admitir que muitos dos problemas que encontramos são culpa nossa. Como todos os outros humanos, tornamo-nos ambiciosos por fama e reconhecimento e perdemos de vista o que realmente importa. Muitos médiuns são pessoas de cultura limitada, e gente ignorante é sempre mesquinha nos seus juízos. Tornámo-nos notórios pelos nossos métodos de “cortar a garganta”.

Em alguns meios, é quase impossível conseguir que um médium fale bem de um colega. A inveja e o comercialismo infiltram-se nas nossas fileiras. Quantas vezes ouvimos um médium conhecido dizer a uma assistência que ele é o único médium genuíno e que os outros são fraudes...»

E quanto ao aspeto financeiro dos campos de verão espiritualistas?

Lawton estimou que um médium «razoável» ganhava duzentos a trezentos dólares por mês com consultas, e um médium excecional podia ganhar até mil dólares por mês — uma soma considerável em 1929. Dizia-se que Arthur Ford admitira ter recebido mil dólares em duas semanas por consultas privadas em Camp Chesterfield, Indiana, antes de ir para Lilly Dale.

Durante as suas turnés triunfais pelo mundo dos campos espiritualistas, Arthur Ford era um homem em quem a semente do alcoolismo estava a germinar, embora a flor maligna ainda não tivesse desabrochado. As descrições dele neste período retratam um homem no auge e muito senhor de si — bonito, impecavelmente cuidado, encantador, urbano, a alma de todas as festas. Um íntimo dessa época caracterizou-o como «o tipo de pessoa com uma atração fatal para muitos — as pessoas estavam sempre a apaixonar-se por ele, homens e mulheres».

Quando Ford voltou a casar em 1938, ele e a sua mulher foram viver para Hollywood, «esta adorável cidade louca», como ele lhe chamou. Aí o médium voltou-se para algo que há muito o atraía — a criação de uma fundação para patrocinar investigação séria e fazer a ponte entre cientistas e psíquicos. Chamava-se *Institute for Psychical Research* e tinha sede em 674 South Lafayette Park Place, Los Angeles. O seu conselho consultivo incluía o Dr. E. Lee Howard, um notável ministro congregacional em Los Angeles, e o Honorável Lester L. Hardy, membro da administração do estado da Califórnia.

O programa do *Institute for Psychical Research* para Junho de 1940 listava cinco reuniões semanais, incluindo palestras e demonstrações de clarividência por Arthur Ford e por outra médium residente chamada Felicie Crossley Peterson. Em Março de 1941, o instituto patrocinou uma palestra sobre «Religião e Investigação Psíquica» por Gerald Heard, um distinto filósofo inglês, antigo editor da *British Encyclopedia of Science*, que viera para os Estados Unidos para ocupar uma cátedra de antropologia na Universidade de Duke.

Ellis Ford recordou que Arthur, durante este período em Los Angeles, estava no auge. Circulava em meios que incluíam eruditos como Heard, personalidades do cinema como Mae West e Ramon Novarro, e escritores como Upton Sinclair, Hamlin Garland e Aldous Huxley (estes três últimos tornaram-se, em especial, grandes amigos e admiradores de Ford — Huxley dedicou-lhe um exemplar do seu livro *The Perennial Philosophy*: «Ao Arthur Ford, com profunda apreciação por uma noite iluminadora»).

O quão eletrizantes eram as atuações psíquicas de Arthur Ford nesta fase da sua carreira é captado por Marguerite Harmon Bro num relato de uma reunião a que assistiu em Pasadena, em Janeiro de 1940. Após uma palestra de Gerald Heard, Ford demonstrou clarividência.

Um homem bastante aprumado, mas modesto, subiu ao estrado — estatura média, corpulência média, cabelo castanho médio. Poder-se-ia tê-lo cruzado no meio de uma multidão. Mas, quando começou a sua demonstração de clarividência, parecia emanar dele uma descarga. Já não era um homem comum. Entrecerrou os olhos e, em poucos instantes, disse: «Há aqui um homem em completa agonia de espírito, a estender-se na direção da sua esposa e filha, que ele diz estarem na assistência.» Depois descreveu o homem. Duas mulheres na fila à minha frente suspiraram, levaram-se para a frente.

Ford prosseguiu, dizendo que o homem queria dizer-lhes que sabia ter-lhes feito grande mal; que nunca compreendera realmente quão grande fora esse mal até morrer e ter de se ver a si próprio como realmente era. Disse que tentara chegar até elas de todas as formas possíveis para lhes pedir perdão, porque não podia prosseguir até o obter.

A mulher mais velha, aparentemente alheia à assistência, disse que nunca o perdoaria; a filha repetiu, «Nunca, nunca.»

Ford descreveu a agonia do homem, a sua condição presa à Terra, explicou como as almas dos que morreram ainda estão ligadas às pessoas vivas com quem as suas vidas ficaram inextricavelmente entrelaçadas. Exortou as mulheres a perdoarem.

Durante alguns minutos, as mulheres continuaram a expressar a sua recusa absoluta em perdoar. Então, quando Ford explicou que outros estavam à espera de falar, mas não podiam até que aquele homem torturado recebesse perdão, a filha disse em voz alta: «Oh, mãe, vamos perdoar-lhe!» A mãe, ainda aparentemente alheia à assistência, concordou. As duas desataram a soluçar.

Ford descreveu o alívio choroso do homem e passou ao próximo hóspede invisível...

O orador invisível seguinte era um homem que dizia ter morrido de infecção sanguínea após um acidente numa fábrica, que ele e a família acreditavam ter sido provocado deliberadamente por um encarregado ressentido. O homem queria dizer à esposa, ao filho e à família do filho que estavam todos enganados; o acidente tinha sido realmente uma lesão não planeada. Além disso, disse que, embora gostasse de ter vivido, agora conseguia ver que o filho estava a desenvolver-se como um grande homem — algo que provavelmente não teria acontecido se ele tivesse vivido. Estava muito feliz por eles.

As pessoas a quem ele se dirigia estavam exatamente do outro lado do corredor, em frente de nós. A esposa expressou, em lágrimas, a sua gratidão. O filho levantou-se por um momento e disse que tinha vergonha do ressentimento que alimentara; agradeceu ao Sr. Ford de coração. ...

Depois da reunião, Aldous Huxley comentou a alguns de nós que a demonstração do Sr. Ford era a melhor que tinha visto de um e do outro lado

do Atlântico, embora fosse há muito membro da *British Society for Psychical Research*.

Embora passasse a maior parte do tempo em Los Angeles, Ford fazia aparições ocasionais como conferencista noutros locais e continuava, ainda que menos ativamente, o seu papel em organizações espiritualistas.

Em Junho de 1941, como orador principal na quinquagésima convenção anual da *International General Assembly of Spiritualists*, em Detroit, previu um fim relativamente cedo da Segunda Guerra Mundial e a derrota total de Hitler, que caracterizou como um mágico negro, a encarnação do mal. Um repórter, que descreveu Ford como «vital, de olhos azuis e com um ar jovem», observou que vários médiuns na convenção tinham reunido as suas impressões e decidido que a guerra terminaria entre 1943 e 1945, «mas o Sr. Ford declarou que seria mais cedo do que isso.

“A guerra não vai acabar por uma paz negociada — vai ser levada até ao fim”, afirmou. “Hitler tem de ser derrubado. Ele é uma força do mal — também ele é um psíquico, sabe, mas do lado de baixo, do lado mau. Até o símbolo sagrado da suástica, representando magia branca, se torna magia negra quando ele o usa ao contrário.”»

Numa altura em que os Estados Unidos ainda eram neutros e os vocais *America Firsters*, entre outros, queriam mantê-los assim, as palavras de Arthur Ford, proferidas na própria cidadela de uma das figuras mais militantes dos não-intervencionistas, o padre Charles Coughlin, marcavam-no como um firme amigo da Grã-Bretanha e inimigo do nazismo.

Durante o período em Los Angeles, Arthur Ford foi amigo de Upton Sinclair, embora não de forma íntima. Os dois homens tinham-se conhecido em 1930, quando o célebre romancista assistiu a uma demonstração de clarividência de Ford e depois convidou o médium a realizar várias sessões em sua casa, em Pasadena. Sinclair pediu a ajuda de Ford ao escrever *Between Two Worlds*, um dos romances da série Lanny Budd que lhe viria a valer o Prémio Pulitzer. Numa carta datada de 12 de Março de 1941, escreveu:

«Meu caro Arthur Ford:

... Notará no novo livro que introduzi um médium espiritualista. No início do Volume Três, que estou agora a escrever, levo-a a uma sessão com Zaharoff e gostava muito de lhe pedir que lesse cerca de 150 páginas do meu manuscrito, agora concluído, e me desse o seu conselho e as suas críticas...»

Entre os papéis de Ford deste período havia duas cartas de referência — de Upton Sinclair e de Sherwood Eddy — que levantam questões a que não consegui responder. As referências parecem ter sido solicitadas por Ford para o ajudar a desempenhar algum papel no esforço de guerra do país; a formulação sugere que procurava, ou antecipava, algum tipo de nomeação em que trabalharia com grandes grupos de pessoas. Talvez esperasse fazer palestras a favor de obrigações de guerra, ou algo semelhante. A sugestão de um amigo de que Ford imaginava ser chamado a Washington para trabalhar como uma arma secreta psíquica para a espionagem dos EUA pode, creio, ser posta de parte com segurança. Seja como for, as referências, ambas datadas de Março de 1942, são significativas.

Sherwood Eddy escreveu:

«Dá-me verdadeiro prazer testemunhar o bom carácter de Arthur Ford em tudo quanto o conheço, ao longo de vários anos na América e em Inglaterra. O Sr. Ford é um cavalheiro por nascimento e educação, à vontade nos melhores círculos sociais em Inglaterra. A sua esposa é uma senhora inglesa em todos os sentidos da palavra. O Sr. Ford é tato, com boa presença; conhece os homens, pelas suas experiências nos campos militares na última guerra e em todos os sectores da vida em tempo de paz. É um homem de honra, em quem se pode confiar para prestar valioso serviço ao seu país em muitas capacidades nesta hora crítica.»

Upton Sinclair escreveu:

«Certamente fico satisfeito por dizer que sei que o seu [de Ford] conhecimento de psicologia, a sua bondade inata e o seu dom para lidar com pessoas o tornam admiravelmente apto para trabalho de grupo em que tais qualidades são necessárias, bem como para compreender e avaliar indivíduos.

Nos anos em que eu e a minha mulher o conhecemos, vimos todas as provas da sua própria nobreza de carácter, e consideramo-lo uma pessoa honrada e amável, bem como extremamente inteligente.»

Em *Nada Tão Estranho*, Arthur Ford disse que o início da década de 1940 foi, para ele pessoalmente, uma época muito feliz, embora a tempestade da guerra lavrasse sobre metade do mundo. Ele e a sua esposa tinham um casamento compatível; ela era uma mulher educada e encantadora que partilhava os seus interesses psíquicos. Não faltavam vida social, amigos

estimulantes ou dinheiro. E o clima da Califórnia fazia-lhe bem. No conjunto, foi possivelmente o período mais feliz da sua vida.

Mas a sombra do alcoolismo avançava inexoravelmente sobre a vida de Ford. O alcoólico médio demora dez anos a passar do consumo social para a fase terminal. Foi o que aconteceu no caso de Ford.

Nas fases iniciais, teve uma série de doenças desencadeadas, ou agravadas, pelo consumo progressivamente mais pesado. Passou por períodos de mau humor e irritabilidade extrema. A carreira começou a sofrer — aumentava o número de datas de conferências falhadas devido à embriaguez. O casamento desfez-se.

A esposa de Ford pediu uma separação, que conduziu ao divórcio, após um episódio traumático em que ele acordou na Florida sem qualquer memória de como lá chegara. Não conseguia recordar-se de sair de casa, na Califórnia, de embarcar no comboio, nem de quaisquer detalhes da viagem. O revisor disse-lhe que ele ficara no compartimento durante toda a viagem, pedira muito álcool mas pouca comida e parecera muito bêbedo e muito distraído.

Esta foi a primeira — embora não a última — experiência de Ford com esse sintoma aterrador do alcoolismo avançado: o apagão. (Ao contrário dos estados de amnésia de origem psicológica, o apagão alcoólico tem base bioquímica — resulta de «uma falha em registar acontecimentos na memória. Alterações físicas na atividade cerebral são responsáveis por este fenómeno extraordinário».)

Ao longo dos anos 1940, a bebida levou Ford por um percurso de altos e baixos em que a próxima descida era sempre mais profunda do que a anterior. Teve repetidas estadias em hospitais, sofrendo de males causados ou agravados pela lenta inanição que muitas vezes acompanha o alcoolismo. Intervalos de duração crescente separavam as suas aparições públicas. E, por vezes, aparecia em público embriagado, com resultados previsivelmente desastrosos. Os seus poderes psíquicos, dizia, tornaram-se erráticos e, por fim, abandonaram-no por completo.

Ainda assim, Ford, como muitos alcoólicos, mesmo bebendo muito, conseguiu funcionar notavelmente bem durante um período relativamente longo. Em 1946, com o casamento morto e muitos dos seus amigos de Nova Iorque a evitá-lo por causa da bebida, Ford regressou à Florida. Em Miami,

fundou uma congregação espiritualista, a *Church of Metaphysical Science*, que começou por reunir-se em casas particulares e depois no Vasa Hall, na 38th Street com a Second Avenue N.E. Ford foi pastor desta congregação durante cerca de dois anos.

Apesar das batalhas pessoais que travava, deixou a impressão de ser um homem extraordinário e um líder espiritual, algo que alguns dos seus fiéis nunca esqueceram.

A Sra. Stella Garrett, de Miami, hoje uma senhora idosa, recorda Arthur Ford como um pastor sábio, altruísta, compassivo e carismático.

«Arthur Ford deu aulas em nossa casa durante 1946 e 1947. Converteu muitos; as pessoas iam lá... Ele teve uma grande influência para o bem no Mims (o meu marido). Levou-o a deixar de beber. Oh, sim! Foi uma grande influência para o bem na minha casa. Que diferença fez! Ele era bom. Eu só conheci o bem dele. Ele era só bom à minha volta.

O Mims esteve uma vez no hospital, terrivelmente doente. Chamaram o Arthur. Ele estava registado como nosso pastor e ia e vinha do hospital o tempo todo em que o Mims esteve doente. Disseram ao Arthur que o Mims estava a morrer. Ele veio buscar-me naquele instante e nós fomos, mas quando chegámos disseram-nos que já era tarde demais. “Foi-se”, foi o que disseram. Disseram que o Mims já se tinha “ido”. O Arthur não aceitou isso. Empurrou-se para dentro e eu fui atrás dele. Fez respiração boca-a-boca ao Mims e trouxe-o de volta. Eu estava ali e vi isso. O Mims viveu muito tempo depois; devem ter sido cinco anos.

Antes disso, eu estava uma noite na igreja, a fazer o jantar, e cortei a mão — muito mal. Havia tanto sangue que não conseguíamos estancar e estávamos a preparar-nos para ir ao hospital, às Urgências. O Arthur entrou por acaso nessa altura e disse: “Stella, você sabe que Deus trata disso.” Depois tocou-me no braço e fechou os olhos. Eu percebi que estava a dizer uma pequena oração... Pois bem, a hemorragia parou imediatamente; parou mesmo.

Quando eu estive no hospital com cancro, o Arthur Ford foi lá. Eu tinha estado a sangrar de forma terrível durante três semanas, ao ponto de não me conseguirem tratar, nem sequer examinar, porque cada vez que tentavam eu tinha uma hemorragia.

O Arthur e mais duas ou três pessoas da igreja foram ao hospital. Ele disse algumas palavras e então eu disse: “Arthur, você conhece-me tão bem como qualquer pessoa. O que é que eu fiz, ou deixei por fazer, para Deus deixar que isto me acontecesse?”

E o Arthur disse: “Stella, lembre-se de que Deus diz que nada lhe acontecerá que Deus não trate. Você sabe isso. E tem de acreditar que Deus está nisto também e que vai tratar disso. Não, não é porque você pecou. Mas tem de ter fé.” E citou umas passagens — algo como: “Quando estiver em tribulação e estas coisas vierem sobre si, obedeça à voz de Deus e Ele não a falhará.”

Até então eu tinha essa ideia antiga de que o cancro e a tísica eram castigos pelo pecado. Isso fez-me duvidar da minha religião quando isto me aconteceu. Mas o Arthur fez-me ver que os cristãos também têm de sofrer. E a partir desse minuto deixei de tremer. Eu soube que ia ficar tudo bem. Eu tinha estado a chorar e a tremer porque queriam inserir rádio e eu tinha medo.

Pois bem, a hemorragia parou ali mesmo, durante cinco dias, para poderem examinar-me. Inseriram o rádio duas semanas depois — e nunca mais tive problemas desde então. Isso foi em 1957.

Arthur Ford foi um homem maravilhoso. Ele irradiava o conhecimento e o poder do Deus vivo, e isto é a verdade.»

Enquanto Arthur Ford ajudava outros a exorcizar os seus demónios pessoais, estava a travar uma batalha perdida com os seus próprios.

Em 1949, regressou a Nova Iorque e foi hospitalizado num estado de colapso físico completo, resultado de malnutrição prolongada. Quando teve alta, com o aviso de que continuar a beber em excesso arruinaria o seu fígado, decidiu manter-se sóbrio aplicando a si próprio os princípios mais exigentes da vida espiritual que Fletcher estabelecera para os outros. Até então, confessou Ford na sua autobiografia, contentara-se em praticar mediunidade de forma impessoal. Entrava e saía de transe, geralmente quando alguém lhe pagava para isso, com praticamente nenhum efeito na sua própria vida. Bem poderia ter sido um gravador, ligado e desligado, tal era a ausência de envolvimento pessoal que sentia na sua mediunidade.

Agora era diferente — o fígado, e a vida, estavam em jogo. Praticando ioga e tentando seguir os conselhos que Fletcher lhe dera, Ford conseguiu manter-se sóbrio durante quase cinco meses.

Depois caiu do carro. E a sério.

Acordou num quarto de hotel estranho em Nova Iorque, com uma semana perdida da sua vida. Foi mais um apagão. Culpa, vergonha e desespero envolveram-no. Ficou deitado a tremer, desejando desesperadamente uma bebida e, com igual desespero, a lutar contra esse desejo. O desejo venceu.

Com uma frieza deliberada, disse Ford, decidiu desta vez beber até entrar num apagão permanente. A ideia de que a sua mediunidade indicava que esse desejo de extinção era uma esperança vã incomodou-o apenas por um instante; pegou no telefone para chamar o serviço de quartos e pedir mais bebida.

Foi então que aconteceu o que Ford considerou um evento providencial.

A sua mão derrubou a inevitável Bíblia dos Gideões da mesa do telefone e, ao apanhá-la, ocorreu-lhe algo que muitas vezes fizera em criança. Agora, como então, deixou a Bíblia abrir-se ao acaso e, às cegas, espetou o dedo numa página. Descobriu que apontava para o versículo sétimo do primeiro capítulo da Segunda Epístola a Timóteo: «... porque Deus não nos deu espírito de medo, mas de poder, e de amor, e de uma mente sã.»

Arthur Ford disse que, naquele momento, teve a certeza de que Deus lhe falara.

A bibliomancia — adivinhação pela Bíblia ou por outro livro — também produziu resultados com significado para outras pessoas. Nesses casos, a justificação psicológica é que a escolha da passagem não foi aleatória, mas determinada pelo que Jung chamou a «teleologia do inconsciente». Jung por vezes usava bibliomancia, tal como horóscopos, para iluminar diagnósticos difíceis na sua prática psiquiátrica. Para este fim, Jung preferia o antigo oráculo chinês *I Ching* ou *Livro das Mutações* (consultado lançando três moedas) — para cuja tradução escreveu um prefácio entusiástico.

No quarto, Ford encontrou, além da Bíblia, um folheto dos Alcoólicos Anónimos, lembrança de uma visita que fizera algumas semanas antes a uma reunião dos A.A. na casa paroquial da Church of the Heavenly Rest, na Fifth

Avenue. Ford marcou o número do folheto. Vinte minutos depois, dois homens dos A.A. entraram no seu quarto. Sem moralismos nem recriminações, garantiram a Ford que sabiam pelo que ele estava a passar, porque já tinham estado ali. Prometeram que não o deixariam sozinho até a crise imediata passar e, depois, lhe mostrariam o caminho que os levaria de volta à sobriedade. Antes de os dois homens saírem, apareceram mais dois no hotel. E assim continuou, em turnos, durante três dias e três noites.

Ford juntou-se aos A.A. e atribuiu-lhes o mérito de o terem ajudado a recuperar a sobriedade e a voltar a viver uma vida normal.

Como membro dos Alcoólicos Anónimos, tornou-se amigo próximo de Bill Wilson (o antigo corretor de Wall Street William G. Wilson), o falecido cofundador do movimento. Este homem notável desenvolveu grande admiração pelo médium. Numa carta que escreveu a Ford em Dezembro de 1960, Bill disse: «Deves saber, Art, o quanto és estimado entre todos os meus amigos. O que fizeste por mim e o que demonstraste com os teus dons é algo que nunca será esquecido.»

Jerome Ellison, professor de inglês e humanidades na Universidade de New Haven e autor de *The Life Beyond Death* (o relato “contado a” de Arthur Ford sobre o estado pós-morte), disse que, numa conversa que teve com Bill sobre fenómenos psíquicos, este aconselhou: «Se estás mesmo interessado nestas coisas, devias conhecer o Art Ford.»

No entanto, embora os A.A. tenham sido uma influência enormemente benéfica na vida de Arthur Ford e pareçam ter inspirado uma mudança genuína na sua perspetiva (que Ford descreveu como uma segunda conversão), a sua vitória sobre a garrafa não foi total. A verdade é que Ford bebeu às escondidas até ao fim da vida. Conhecidos ocasionais teriam, em geral, dificuldade em acreditar que o homem polido e impecavelmente cuidado que conheciam tivesse um problema com a bebida — a menos que tropeçassem numa das suas bebedeiras — porque Ford procurava manter a ficção de que tinha renunciado ao álcool para sempre.

Recordou um amigo e confidente:

«Quando comecei a conhecer o Arthur, disse-lhe: “Então, ainda bebe?”

E ele disse: “Oh não, já deixei isso... Eu disse a verdade naquele livro com a Marguerite Harmon Bro, mesmo que fosse pouco bonito. Disse a verdade absoluta.”

Demorei algum tempo a perceber que ele ainda bebia. Quando eu estava no apartamento dele, ele estava sempre a desculpar-se. Dizia: “Bem, tenho de ir à farmácia. Esqueci-me de uma coisa.”

À segunda ou terceira vez, voltava com uma lista. E eu disse para mim: “Ele está a beber. Tem de ser.”»

Mais tarde, este amigo — que viria a cuidar de Ford durante algumas das suas piores bebedeiras e crises de *delirium tremens* — descobriu que ele não só continuava a beber, como tinha álcool suficiente armazenado no apartamento para tornar bastante animado um grupo numeroso.

«O Ford mantinha este armário cheio de bebida. Tinha um cadeado na porta e, lá dentro, havia baús que também estavam trancados. Os baús tinham garrafas de bebida lá dentro.»

Inevitavelmente, os amigos de Ford aperceberam-se do seu consumo, mas tendiam a formar uma conspiração protetora à sua volta. Quando ele pedia para ser dispensado de um compromisso de conferência, ou mandava dizer que não aparecera para uma sessão marcada por estar doente, eles sorriam com um ar conhecedor e triste, mas não diziam nada. Ford estava doente — mas era uma doença que, sabiam eles, não se curava com uma injeção de penicilina. Ford, com raras exceções, controlava-se em público.

Com o seu apurado sentido de decoro e bom gosto, a memória dos seus lapsos públicos ocasionais deve ter-lhe sido dolorosa. Certa vez, quando jantava num exclusivo clube da Filadélfia, a máscara caiu e os seus companheiros de mesa foram sujeitos a uma diatribe etílica, notável pela inventividade da sua linguagem obscena.

O padrão particular de alcoolismo de Ford parece ter sido aquilo a que alguns especialistas chamam “bebedeiras episódicas”. Bebia com moderação quase todo o tempo, sem que isso afetasse de forma perceptível o seu funcionamento quotidiano. Na verdade, apenas aqueles que conheciam o seu problema suspeitariam que ele não estivesse perfeitamente sóbrio. Contudo, de três em três meses, aproximadamente, começava subitamente a beber de forma compulsiva e obsessiva, dia e noite, negligenciando tudo o resto. Dias ou semanas depois, parava com a mesma brusquidão. Nessa altura encontrava-se, em geral, entorpecido, semi-faminto e atormentado por horríveis sonhos em estado de vigília.

As autoridades médicas mais antigas costumavam chamar a este tipo de consumo patológico periódico, com intervalos de normalidade, dipsomania.

O que leva um homem como Arthur Ford — educado, idealista, urbano — ao alcoolismo?

As causas desta condição são incertas, havendo considerável divergência entre os especialistas. Existe, no entanto, alguma área de consenso.

É largamente aceite que, embora o alcoolismo apresente um padrão familiar — sendo frequente que a vítima tenha um dos pais, ou mesmo ambos, afetados — não é hereditário, ainda que um factor genético possa estar envolvido.

À medida que o consumo de álcool do alcoólico aumenta, ocorrem alterações insidiosas da personalidade. A sua autoconfiança é corroída. Torna-se morbidamente irritável, instável e desconfiado. Quando embriagado, pode cometer atos de violência, crueldade ou brutalidade que normalmente lhe seriam repugnantes. Em casos extremos, desenvolve-se uma psicose alcoólica, com alucinações bizarras semelhantes às da esquizofrenia e paranoia manifesta. (Os médicos de antigamente chamavam a isto, com um nome pitoresco, *mania a potu*.)

O alcoolismo de Arthur Ford não era invulgar num médium. Muitos estudiosos da mediunidade citaram Sócrates — «As nossas maiores bênçãos chegam-nos pela via da loucura» — ao comentarem a prevalência, entre esse grupo invulgar, daquilo a que os psiquiatras chamam perturbações da personalidade. Para além do alcoolismo e da toxicodependência, excessos ou aberrações sexuais parecem ser comuns entre médiuns. O psicanalista Nandor Fodor, que investigou a psique de muitos sensitivos, afirmou: «Existe uma ligação forte e cientificamente estabelecida entre a mediunidade e o sexo.»

(Será isto, afinal, muito mais do que dizer que existe uma ligação entre a mediunidade e a comida?)

A mediunidade cobra um preço em sofrimento humano. Henry Slade, o célebre médium do século XIX conhecido pela escrita em ardósia, morreu sem dinheiro e alcoólico num sanatório do Michigan. Stainton Moses, um médium erudito que era padre anglicano, degradou-se num alcoolismo abjeto. Um erotismo velado espreitava na sala de sessões de Eusapia Palladino; os relatos das suas sessões aludiam frequentemente às suas reações orgásmicas inconfundíveis e à sua propensão para se sentir atraída

por participantes masculinos. Fodor cita uma médium britânica, Mrs. Bullock, que dizia que, quando o seu espírito-guia masculino assumia o controlo, «sentia como se uma mão lhe estivesse a massajar o útero». Nos seus últimos anos, a célebre médium Margery, cuja beleza fora notável, decaiu e caiu no alcoolismo. Kate e Maggie Fox, fundadoras do Espiritualismo moderno, morreram presas ao alcoolismo.

Muitos médiuns do sexo masculino foram homossexuais ou bissexuais. Alguns investigadores do fenómeno psíquico chegam a sugerir que uma certa ambiguidade sexual faz parte do temperamento mediúnico. Dizer, contudo, como fez um investigador, que todos os médiuns são sexualmente desviantes é um exagero. Pessoalmente, consigo citar meia dúzia de médiuns que aparentam ter casamentos felizes e vidas privadas perfeitamente respeitáveis.

Uma certa instabilidade pessoal, no entanto, pode ser o preço a pagar pela mediunidade. Tal como o talento artístico, que muitas vezes parece exigir um preço semelhante, os dons mediúnicos podem ser uma aflição magnífica, uma espécie de loucura adorável. Outras pessoas sensíveis, para além dos artistas, parecem especialmente vulneráveis a conflitos pessoais. Os psiquiatras, por exemplo, apresentam a taxa de suicídio mais elevada de qualquer grupo profissional (estimada pelo psicólogo clínico Ralph Metzner como sendo seis vezes superior à média nacional). Segundo o psiquiatra Ian Stevenson, sete dos doze membros do círculo íntimo de Freud cometeram suicídio.

O clero também parece ter uma propensão invulgar para problemas pessoais. O bispo católico Stephen A. Leven, de San Antonio, estimou que, nos Estados Unidos, um em cada doze padres tinha alguma perturbação comportamental grave. Existem quatro sanatórios nos Estados Unidos exclusivamente destinados a padres alcoólicos. Os pastores protestantes não estão isentos; a psicanalista Margaretta K. Bowers especializou-se no tratamento de clérigos protestantes perturbados e encontrou material suficiente para pelo menos um livro.

Tradicionalmente, existe uma ligação entre magia, feitiçaria e uma certa heterodoxia na orientação sexual. Havelock Ellis observou: «Pessoas em quem os temperamentos masculino e feminino se combinavam eram, em muitos casos, consideradas indivíduos de intuição e mente

complexa, superiores aos seus pares, e por isso capazes de exercer a adivinhação e a profecia num sentido muito real e natural.»

Num estudo sobre o xamanismo — o equivalente primitivo da mediunidade — o antropólogo britânico I. M. Lewis descreveu certas características do feiticeiro tribal bem-sucedido que se aplicam, em maior ou menor grau, ao seu equivalente moderno. «O xamã é um “curador ferido” — quase sempre precipitado para o seu papel profético por um choque físico ou psicológico grave, a que Lewis chama “trauma profissional”.

Revela uma certa indefinição sexual. Em algumas culturas, embora nem sempre, assume as vestes e os modos do sexo oposto. Demonstra um elevado grau de astúcia, até de manha, ao avaliar e manipular as pessoas. E evidencia uma autêntica capacidade extática ou de possessão, passando para estados indistinguíveis, em todos os aspetos importantes, do transe mediúnico, nos quais se torna porta-voz dos deuses ou dos espíritos, conforme o caso.»

Lewis observa que, curiosamente, a psicose manifesta parece ser rara entre os xamãs, possivelmente porque a sua esquizofrenia ritualizada os imuniza contra a verdadeira. A minha suposição é que, apesar dos problemas pessoais que parecem acompanhar a mediunidade, a psicose clínica propriamente dita é bastante rara entre os seus praticantes.

Na nossa época mais descontraída, em que as pessoas, de um modo geral, adotam uma visão mais desapaixorada e objetiva do comportamento humano, deveria ser possível considerar as neuroses dos médiuns sem ser — ou parecer — nem moralista nem condescendente. Com cada vez mais figuras públicas a admitirem, e até a ostentarem, o seu não-conformismo sexual, quem se atreveria a julgar os médiuns nesse aspeto?

Além disso, como sugeri, é possível defender que existe algo de intrínseco ao génio ou ao elevado talento criativo — e a verdadeira capacidade psíquica insere-se nesta categoria — que exige a instabilidade pessoal como preço necessário. Esta é, de facto, a tese do psicanalista Matthew Besdine, da Universidade Adelphi.

Depois de estudar as histórias de vida de cerca de oitenta génios, Besdine concluiu que o génio parece resultar de uma dotação genética associada a uma configuração psicológica particular, caracterizada por um pai fraco ou ausente e uma mãe dominante e possessiva. Ele designa este amor

sufocante por parte da mãe como “complexo de Jocasta” (Jocasta sendo a mãe de Édipo). Um concomitante do génio parece ser a perturbação da personalidade — a toxicodependência de De Quincey e Poe; a asma que aprisionou Proust; a esquizofrenia de Van Gogh; a rutura psicótica de Goethe aos dezasseis anos; a saída de Einstein do liceu no último ano; a homossexualidade de Marlowe e Walt Whitman; a bissexualidade de Shakespeare. Besdine sugere ainda que até Freud revelou homossexualidade latente na sua relação com o seu mentor, Wilhelm Fleiss — correspondência que, pelo menos da parte de Freud, tinha «o sabor de cartas de amor».

Besdine resume:

Os génios parecem, de facto, possuir uma personalidade específica. As suas características salientes são um complexo de Édipo não resolvido, medo do amor, um sentimento subjacente de culpa, fortes tendências masoquistas, um componente homossexual significativo, inclinações paranoides, uma egocentricidade extraordinária, uma busca exorbitante de reconhecimento e um narcisismo global.

Muitas destas características surgem nas vidas de médiuns dotados.

Embora os Alcoólicos Anónimos não tenham permitido a Arthur Ford ultrapassar totalmente o seu problema com a bebida, a sua ligação ao grupo marcou o início de uma nova fase em que, apesar de continuar atormentado pelos seus demónios alcoólicos, conseguiu, na maior parte do tempo, levar uma vida produtiva. Em muitos aspetos, foi uma fase surpreendentemente produtiva. Ford retomou a sua atividade mediúnica. Há quem diga que nunca voltou a atingir os píncaros de capacidade mediúnica alcançados nos seus anos de juventude, mas continuava a ser capaz de verdadeiros *tours de force* que faziam a maioria dos outros psíquicos parecerem principiantes. Quando se encontrava no auge do seu ciclo, nem mesmo os provocadores cétricos o desconcertavam.

Em Dezembro de 1952, Ford realizou uma demonstração de clarividência no Carnegie Hall. Entre os presentes encontrava-se um jornalista assumidamente crítico, Dan Wakefield, cujo cepticismo foi desarmado pela atuação do médium.

«Não acredito em nada do que disse!», gritou um membro cétrico da assistência no Carnegie Hall, onde Arthur Ford se encontrava recentemente a

demonstrar.

A audiência ficou tensa. Era um desafio que não podia ser ignorado.

A grande sala estava repleta. Como iria Ford lidar com a situação?

Ficou em silêncio por um momento e depois riu, uma gargalhada contagiante que a audiência acompanhou. Disse: «O ceticismo é normal e saudável até que se tenha prova. Um cético honesto não inibe os fenómenos psíquicos. Se o fizesse, nenhum de nós estaria aqui, pois todos fomos céticos no início. Aliás, temos ainda o direito de ser céticos em relação a muito do que passa por fenómeno psíquico.»

Em seguida, começou a falar a esse homem sobre um parente com um nome estrangeiro estranho. Esse parente fora materialista em vida. Um ataque cardíaco precipitara-o para o outro mundo, onde teve de enfrentar a realidade. Ford deu vários pormenores identificativos invulgares e depois disse ao cético que ele sofria de uma doença grave, de que provavelmente não tinha conhecimento, descreveu os sintomas e instou-o a consultar imediatamente um médico. O homem admitiu, a contragosto, que tudo aquilo era correto.

Fiz questão de verificar esta mensagem depois da reunião. Era tudo verdade.

Um médico presente na audiência disse-me que a afirmação de Ford estava correta no que respeitava à doença. Trata-se de uma condição do baço que faz com que a vítima se torne um «hemorrágico». O cético confessou-me que tudo o que Ford dissera era verdadeiro e que agora não sabia o que pensar de tudo aquilo. Disse ainda que nunca tinha ouvido falar de Ford antes de vir a esta reunião e que nunca na vida tinha consultado um psíquico. Como ele próprio não sabia qual era a natureza da sua doença, sabia que ninguém poderia ter contado isso a Ford.

Esse foi apenas um dos muitos recados surpreendentes e complexos que Ford transmitiu. Fiz questão de abordar o maior número possível das pessoas que receberam mensagens. Sem exceção, todas declararam que não conheciam Ford e que aquilo que ele lhes disse era verdade.

Sou jornalista, antigo e calejado neste ofício de relatar todo o tipo de acontecimentos. Já nada me surpreende no que vejo ou ouço. Mas a demonstração de Arthur Ford entusiasmou-me como poucas coisas o fizeram.

A primeira mensagem que deu pareceu-me invulgarmente probatória. Foi dirigida a uma mulher na galeria. A mãe deu um nome, depois vários outros, todos reconhecidos. Seguiu-se a afirmação de que, muitos anos antes, essa mulher tinha dado um concerto no Carnegie Hall e que a mãe, agora falecida, estivera presente. A mãe disse que estava feliz por voltar a estar na sala com a filha, mesmo estando supostamente «morta».

Pedi uma declaração a essa mulher. Tenho diante de mim uma carta dela. Cito: «Nunca tendo tido o privilégio de conhecer o Sr. Ford, a minha noite foi de expectativa. A sua palestra foi esplêndida, muito clara e direta. Fui a primeira pessoa a quem ele chegou por clarividência. A mensagem foi absolutamente correta. Cantei no Carnegie Hall. Os nomes dos meus entes queridos foram específicos, incluindo os dos netos. Estes foram dados por ordem de idade: Susan, 8 anos; Patricia, 5; Peter, 6 meses. Foi, no conjunto, uma noite inesquecível.»

A carta está assinada por uma cantora famosa, há muito retirada. Verifiquei e constatei que, em tudo o que foi publicado sobre ela durante a sua carreira, não há nada que pudesse ter fornecido a Ford as informações que ele lhe deu.

De certa forma, o período que se seguiu à recuperação parcial de Arthur Ford do alcoolismo foi o mais produtivo e significativo da sua vida. As décadas de 1950 e 1960 trouxeram-lhe um tipo de reconhecimento que até então lhe escapara. As igrejas tradicionais tinham-no praticamente ignorado quando ele era o «Sr. Espiritualismo» da América. Mas o clima estava a mudar. À medida que a consciência da realidade e da importância da experiência psíquica penetrava nas igrejas, estas descobriram tardiamente esse homem extraordinário, um profeta e vidente moderno que, tendo outrora oficiado em altares ortodoxos, nunca perdera por completo esse primeiro amor.

O ponto de viragem parece ter ocorrido em 1955. Marguerite Harmon Bro, uma senhora muito culta, antiga missionária na China (cujo marido, Albin, viria mais tarde a tornar-se presidente de uma universidade) e amiga de longa data de Ford, entrou numa colaboração com o médium para escrever a sua autobiografia. Foi acordado que Ford daria uma série de sessões a editores da futura editora, Harper Bros. (actual Harper & Row), presumivelmente para estabelecer a credibilidade da sua mediunidade. As sessões foram consideradas satisfatórias e iniciou-se o trabalho na biografia-autobiografia projetada.

Nessa altura, Ford realizou uma sessão interessante em que o suposto comunicante era Peter Fleming, um de vários jovens missionários americanos assassinados no Equador por índios Auca, que tentavam evangelizar. Os participantes na sessão eram Marguerite Harmon Bro e Eugene Exman, editor da Harper's e velho amigo do médium, que se encontrava então envolvido num livro sobre a morte dos missionários, escrito por Elisabeth Elliot, viúva de um dos homens assassinados (o livro foi publicado em 1957 com o título *Through Gates of Splendor*).

Ninguém sabia exactamente porque tinham morrido os missionários. No momento em que foram mortos à lança, com pontas envenenadas, tentavam conquistar a confiança dos desconfiados Auca com ofertas. Na sessão de Ford, a 28 de Dezembro de 1956, o desencarnado Peter Fleming descreveu supostamente as circunstâncias do massacre:

«Primeiro, eles [os Auca] enviaram uma delegação para nos observar num acampamento. Mas os índios, como viemos agora a descobrir, estavam ressentidos porque, anteriormente, tinham sido amistosos para com os conquistadores, que depois os roubaram e escravizaram. Fizemos um gesto em relação a nós de acordo com a sua formação religiosa, mas nós não o compreendemos e assim ofendemo-los. [O gesto] era a prática comum entre povos primitivos de oferecer uma jovem mulher. Naturalmente, não considerámos tal ideia e a nossa recusa foi uma afronta para eles, um insulto aos seus deuses, pois oferecer-nos uma mulher era um rito religioso.»

Foram mencionados outros pormenores, incluindo caracterizações de si próprio e dos seus companheiros por parte do suposto comunicante, Peter Fleming, que soavam verdadeiras. Por exemplo, Fleming disse acerca de si mesmo: «Aquele última noite foi muito bela — havia uma lua brilhante — mas tive um pressentimento do que iria acontecer. Toda a minha vida pensei — e agora sei — que era clarividente. Sempre pensei que fosse a orientação de Deus. Não pensava em como as respostas me surgiam, simplesmente... »

Eugene Exman comentou: «Esta comunicação impressionou-nos, a Marguerite Bro e a mim, na altura, como autêntica. Mais tarde vim a saber que Peter tinha algo de místico.»

Graças aos bons ofícios da Sra. Bro e de outros, Arthur Ford foi convidado a falar na Wainright House, um centro de retiros em Rye, no

estado de Nova Iorque, patrocinado pelo movimento interdenominacional Laymen's Movement for a Christian World.

«A abordagem direta de Arthur», recordou a Sra. Bro, «a sua modéstia, o seu vasto conhecimento na sua área, desarmaram completamente alguns que eram críticos do convite que lhe fora feito. A partir daí, as igrejas 'ortodoxas' abriram-lhe as portas e os convites para falar foram muito além da capacidade de um só homem.»

Ford iniciou uma agenda de conferências intensa, por vezes frenética, que cruzava o país, levando-o a igrejas de todas as principais denominações, incluindo um mosteiro católico romano no Ohio, e a campus universitários de Nova Iorque à Califórnia.

Proeminentes líderes religiosos procuravam-no, geralmente vindo, como Nicodemos no Novo Testamento, de forma discreta, se não mesmo à noite. Pelo menos um bispo episcopal teve uma sessão com ele (isto muito antes de o caso do Bispo Pike chegar às primeiras páginas) e um futuro bispo, sem saber da sua iminente promoção à púrpura, ouviu-a pela primeira vez ser-lhe predita por Fletcher.

Ford tinha geralmente um efeito eletrizante nas audiências universitárias, em parte porque gostava de jovens e em parte porque estes já estavam sintonizados com o seu comprimento de onda. A lista de campus que visitou é imensa: Penn State, Yale, Harvard, a Universidade da Carolina do Norte, Mount Holyoke, Franklin and Marshall, a Universidade de Stetson, o Clarion State College e muitos outros, incluindo numerosas faculdades de teologia.

Em 1956, Arthur Ford foi a principal inspiração para o lançamento de uma organização que veio a considerar a sua contribuição mais significativa para a causa da renovação espiritual e psíquica do nosso tempo. Tratava-se da *Spiritual Frontiers Fellowship*, um movimento de orientação eclesial e interdenominacional (abrangendo desde o catolicismo romano até ao unitarismo), dedicado, nas palavras do seu manifesto, «a encorajar e interpretar para as Igrejas — e a receber interpretação das Igrejas — a maré crescente de interesse na experiência mística, psíquica e paranormal».

«O movimento começou com um almoço informal num restaurante de Nova Iorque, com a presença do Rev. Paul L. Higgins, metodista; do falecido Albin Bro, missionário e educador dos *Disciples of Christ*; de Alson J. Smith,

clérigo metodista e autor; e de Arthur Ford. A primeira reunião oficial da SFF realizou-se em 1956, em Chicago, com cerca de setenta e cinco clérigos e leigos presentes. Em 1972, quase dois mil participantes estiveram na conferência anual da SFF, que contou com oradores como o astronauta da Apollo 14 Edgar Mitchell e o Honorável Harold E. Hughes, senador pelo Iowa.

Houve cinco presidentes da SFF: o Rev. Paul Higgins, o Rev. George H. Wright, o Rev. Canon William Rauscher, o Rev. Ross K. Sweeny e o Rev. Lawrence Althouse.

Embora Arthur Ford fosse o grande ancião da SFF — a sua presença impregnava as sessões mesmo quando não estava fisicamente presente — a organização nunca o canonizou, nem ele a procurou. Ford preferia manter-se nos bastidores, salvo ocasionais acessos de mau génio em que ligava para algum desditoso membro executivo da SFF e o fustigava por uma decisão política com a qual o médium discordava.

Os líderes da organização tinham todo o gosto em manter Ford firmemente em segundo plano. Reconheciam que a SFF devia a Arthur Ford uma dívida incalculável — na verdade, que sem ele não existiria. Mas reconheciam também que, apesar da sua estatura enquanto psíquico e das suas notáveis qualidades humanas, Ford era altamente controverso e que uma identificação demasiado estreita da SFF com ele poderia ser menos do que satisfatória. Além disso, todo o ethos do movimento era orientado para a Igreja, não para a personalidade.

O próprio Ford insistia em que as igrejas deviam permanecer centrais para a SFF. Mesmo quando alguns grupos locais da SFF concluíam que conseguiam atrair maiores públicos para seminários realizados noutros locais do que nas igrejas, Ford insistia em que as reuniões se realizassem em igrejas. «Ele tinha uma grande esperança», disse o seu amigo, o Rev. Theodore Tiemeyer, de Miami, «de que no futuro a Igreja abrisse a mente e as portas ao psíquico.»

Para o membro médio da SFF, Arthur Ford tinha uma mística incomparável. Sempre que aparecia em eventos patrocinados pela SFF, recebia uma receção ruidosa e afetuosa e era rodeado por bem-querentes e verdadeiros fãs.

Ford, com uma qualidade de fria urbanidade que parecia fundamental no seu carácter, aparentemente nunca levou tal adulação a sério — pelo menos, nos seus melhores momentos.

«Eu podia ter causado um impacto maior do que aquele que causei», costumava dizer, «se o tivesse querido.» Ninguém que o conhecesse bem duvidava disso.

Quando a autobiografia de Arthur Ford, *Nada Tão Estranho*, escrita com Marguerite Bro, foi publicada em Junho de 1958, foi o prenúncio do boom editorial do psíquico. Permanece, no conteúdo e no estilo, um dos melhores livros do género. Recebeu críticas, na sua maioria respeitadas, em círculos que ainda hoje raramente se dignam notar tratados sobre o psíquico. Na *Saturday Review*, como já foi referido, Siegfried Mandel escreveu que ele, um crítico cético, assistiu a uma sessão de Ford e achou-a desconfortavelmente, estranhamente convincente. Até a *Time*, apesar da sua atitude de superioridade, admitiu que «a apologia autobiográfica do espiritualista Ford não exige concordância do leitor; tanto o batedor de mesas como o “batedor de espíritos” podem apreciá-la como o registo de um homem invulgar».

Nada Tão Estranho teve uma influência ampla. Um homem de Arlington, Virgínia, escreveu a Ford confidenciando que «uma das experiências mais felizes que a minha mulher e eu tivemos em doze anos de casamento foi ler o seu livro em voz alta um ao outro, presos pela neve num motel em Nova Jérсия». Um psiquiatra em Miami, cuja esposa tinha morrido recentemente, disse que o livro reacendera um interesse juvenil na questão da sobrevivência após a morte e perguntou se poderia ter uma sessão com Ford. Uma dona de casa em Salem, Ohio, escreveu: «Comprei recentemente o seu livro e estou a lê-lo até o gastar.» E uma finalista do ensino secundário em Sault Ste. Marie, Ontário, começou a carta com uma franqueza: «Acabei de ler o seu livro espantoso e não acredito em tudo — mas estou a manter a mente aberta.»

Houve uma enxurrada de cartas de clérigos. Um ministro unitário em Athol, Massachusetts, expressou agradecimento pelo «seu livro caloroso e fascinante» e perguntou se os unitários estavam impedidos de participar na SFF. Um pastor congregacionalista e a sua esposa, em Berwyn, Illinois, que conheceram a SFF através do livro de Ford e tinham marcado uma futura sessão com Ford, exclamaram: «Estamos entusiasmados com a perspectiva de o conhecer a si e a Fletcher!» Um padre episcopal em Nova Iorque disse que

ler *Nada Tão Estranho* «me iniciou na mais excitante busca espiritual da minha vida — uma procura da certeza interior que durante muito tempo me faltou».

O clero protestante não era o único admirador do exemplo de Ford e da filosofia expressa no seu livro. Um padre dominicano em Oakland, chamando ao livro «imensamente interessante e à prova que oferece de uma vida para além da morte quase esmagadora», sugeriu que «Fletcher e outros desencarnados fossem convidados a lançar luz sobre o problema do sofrimento humano, do sofrimento severo e prolongado, que é precisamente a razão por que tantos não acreditam em Deus».

Um padre católico em Pasadena escreveu que estava «a reler o seu livro muitas vezes», para pedir ajuda a «encontrar orientação espiritual para a minha vida, pois estou num estado de total confusão». Um pároco em Memphis disse que o livro de Ford o levava a desempenhar um papel ativo na *Spiritual Frontiers Fellowship* e na investigação psíquica em geral. E uma freira, professora numa escola secundária católica em Gary, Indiana, confessou que o livro de Ford a convencera «de que o futuro da teologia e a unidade das fés estarão no campo do paranormal».

Houve também os apelos urgentes de ajuda. A mãe de uma adolescente em Dartmouth, Massachusetts, depois de ler sobre os feitos espantosos do «Dr. Fletcher», perguntou se ele poderia diagnosticar a condição enigmática da rapariga; já tinham recorrido a «Unity, Oral Roberts, Kathryn Kuhlman, Billy Graham, ministros locais, espiritualistas, médiuns, psiquiatras, médicos, neurologistas, quiropráticos, optometristas, especialistas de olhos, dentistas e outros».

Uma médica envolvida em investigação sobre doenças degenerativas, intrigada pelos relatos da habilidade diagnóstica de Fletcher, escreveu a pedir uma sessão em que pudesse obter conselhos sobre um beco sem saída com que se deparara nas suas experiências.

Estudantes também escreveram. Uma finalista do ensino secundário em Morgantown, Nova Iorque, disse que o livro de Ford fora discutido na aula. Um rapaz de dezassete anos em Elmhurst, Illinois, pediu ajuda para um trabalho de investigação escolar sobre fenómenos psíquicos inspirado pelo livro de Ford. Um estudante de pós-graduação em sociologia na Universidade do Kansas escreveu sobre a sua falta de identidade e perguntou se poderia falar com Fletcher; o dinheiro era pouco, mas faria boleia até Filadélfia se Ford o recebesse.

Houve cartas de outros tipos. Uma senhora solteira, escrevendo em papel de carta caro, pediu ajuda a Fletcher para superar «ataques de magia negra contra mim por pessoa ou pessoas desconhecidas, que me mantêm sob stress físico constante». Um jovem, com letra cuidada, pediu conselhos sobre como se livrar de «clarividência involuntária induzida pela mais insidiosa forma de escuta eletrónica do meu cérebro pelo Federal Bureau of Investigation». Um homem escreveu uma carta longa e detalhada sobre as calúnias de que fora alvo por parte da esposa, dos filhos, dos vizinhos, do padre, do patrão e dos colegas de trabalho, e concluiu: «Acredite em mim, Sr. Ford: quando digo que o meu carácter é impecável, é exatamente isso que quero dizer.» E, certamente o apelo máximo por ajuda, uma mulher de meia-idade quis saber como se proteger contra a «violação astral».

À luz dos dados apresentados neste livro, é claro que *Nada Tão Estranho*, como a maioria das autobiografias, envolveu algum relato altamente seletivo. É quase um romance histórico, propaganda, no mesmo sentido em que essa palavra é usada por muitos estudiosos acerca dos Evangelhos — descrevendo acontecimentos vistos pelo olhar da fé com o propósito de criar fé.

Arthur Ford pode ter estado a exprimir aquilo que, consciente ou inconscientemente, tentou fazer em *Nada Tão Estranho* quando, numa carta, comentou outro livro que ponderava escrever: «Um acontecimento é mais do que um facto. É um facto significativo. Um que vale a pena recordar. Estou certo de que a palavra alemã *Geschichte* quase explica o que quero dizer — isto é, história viva. É história em que o historiador encontra significado para si. Os factos não se integram por si mesmos. Devem ser vistos contra um vasto pano de fundo de acontecimentos significativos...»

Nada Tão Estranho, então, foi a história da vida de Ford tal como ele a interpretou como tendo acontecido. E, se certas passagens, sob análise mais atenta, mostram sinais de cirurgia cosmética, porque esperaríamos nós que um médium fosse menos vaidoso, menos humano, do que um político, um general ou qualquer outro autobiografista?

Ford era possessivo em relação ao livro. Quando, em 1968, *Nada Tão Estranho* foi publicado em edição de bolso, Hugh Lynn Cayce, filho do famoso clarividente Edgar Cayce, foi convidado a escrever uma introdução; ele e Ford divergiram em relação a ela. O tom da introdução de Cayce era apreciativo de Ford enquanto psíquico notável, mas era redigido em termos científicos, algo

cautelosos, sublinhando a necessidade, na parapsicologia, de investigação sob controlos rigorosos. Ford interpretou o tom cauteloso como um reparo a seu respeito; reagiu com veemência ao uso, por Cayce, de palavras como «suposto» e à alusão ao facto de a evidência da mediunidade de Ford, embora impressionante, não ter sido recolhida em condições científicas.

Ford exigiu que as palavras qualificativas consideradas objetáveis fossem removidas para dar à introdução uma nota mais «positiva». Cayce acedeu, e a introdução, com um pequeno *lifting* de face, foi publicada — embora ainda mais cautelosa do que Ford provavelmente desejaria.

Enquanto ser humano, a pessoa por detrás do famoso médium, Arthur Ford, tinha qualidades que atraíam as pessoas e faziam amigos para a vida. Podia ser extremamente encantador quando queria. Era, se o estado de espírito fosse o adequado, espirituoso, um *bon vivant*, um contador de histórias incomparável, um companheiro brilhante. Se o estado de espírito fosse o errado — bem, isso era outra história.

Alguns teriam chamado hipocondríaco a Ford; as suas cartas estão cheias de descrições da mais recente crise médica. Mas as crises eram reais, não imaginárias (quer tenham ou não sido induzidas por alguma vontade inconsciente de estar doente, ou por alguma necessidade semelhante de cometer suicídio em prestações, que possivelmente motivava o seu consumo de álcool). Sofria de exaustão, hipotireoidismo, pneumonias repetidas, ataques de angina de peito, viroses, problemas de ouvido, hipertensão arterial e insuficiência cardíaca.

Podia ser irónico acerca das suas doenças. «Tenho bursite», escreveu a Gertrude Tubby quando estava em pleno esforço literário com *Nada Tão Estranho*, «e não consigo dactilografar. Eu devia ter um escritor-fantasma — seria o mais apropriado para alguém como eu.» Em 1964, depois de ter sido assaltado por dois jovens rufias numa rua da Filadélfia, tranquilizou um amigo ansioso: «Estou bem, embora tenha tido de ser operado outra vez — parece que uma lasca de osso ficou encravada no que passa por cérebro.» A outro amigo escreveu, depois de faltar a um compromisso de palestra:

«Tenho a doença diplomática — a gripe. Mas tenho mesmo.»

Ford era, à sua maneira contraditória, alguém que bebia demais e, ao mesmo tempo, obsessivamente preocupado com a saúde. Todas as manhãs, mesmo já nos seus setenta anos, fazia uma hora de exercícios de ioga «para

pôr o sangue a mexer». Era também, como um amigo disse, «um engolidor de comprimidos como você nem imagina». Ao que parece, tomava cerca de trinta comprimidos por dia — vitaminas de A a Z e, além disso, farinha de osso, cálcio, potássio e cápsulas de proteína. «Engolia-os aos punhados», disse o amigo. «Não sei como é que não se engasgava.»

Periodicamente, Ford descobria uma nova dieta milagrosa. Uma vez foi o ananás, cuja certa enzima supostamente resistia a infecções e prolongava indefinidamente a vida. Depois foram o coco e os amendoins — uma dieta completa constituída apenas por essas iguarias “glamorosas”. Outra vez, viveu à base de gérmen de trigo e mel, persuadido de que guardavam o segredo da juventude eterna, ou pelo menos de uma meia-idade prolongada indefinidamente.

Curiosamente, embora se suponha que os médiuns tenham afinidade por salas escuras, Arthur Ford tinha — pelo menos na sua última década — um medo pronunciado do escuro. «Nunca dormia sem uma luz acesa», disse um amigo que o conhecia. «Costumava ter pesadelos.»

Ford tinha um repertório do que chamava piadas de púlpito, bem como piadas para outras ocasiões. «Depois das minhas palestras», costumava dizer, «as pessoas continuam confusas, mas a um nível mais elevado.» Noutro registo, era capaz de gracejar: «Ando mais ocupado do que uma prostituta com duas camas.»

Recebia a sua quota-parte dos inevitáveis telefonemas de malucos e, em geral, lidava com eles com bom humor.

«Uma noite», recordou um amigo, «uma mulher de Pasadena ou de algum sítio ligou para o Ford em Filadélfia. Era a meio da noite. E ela disse: “Sr. Ford, é a única pessoa de quem eu sei que me pode ajudar. Estou a ser atacada por espíritos malignos. É preciso fazer alguma coisa.” “E alguma coisa será feita, minha senhora”, diz Ford. “Ligou ao homem certo. Vá dormir e esqueça isso. O Ford está no caso.” A mulher desligou, feliz, e o Arthur voltou para a cama e estava a risonhar em dois minutos.»

Ford tinha uma relação peculiar com o dinheiro. Como vimos, a certa altura da sua carreira, nos anos 1930, afirmava ser financeiramente independente graças à generosidade de Sir Basil Zaharoff, o fabricante de armamento. Nos seus últimos anos, por vezes dizia às pessoas que tinha investido em imobiliário na Florida e que isso lhe proporcionava meios

suficientes. Mas noutras ocasiões lamentava pobreza. Numa carta (Maio de 1969) a um amigo para quem tinha dado uma palestra, Ford perguntou: «Poderia enviar-me o saldo dos 600 dólares que me deve? Preciso muito dele agora para pagar as minhas contas do médico e do hospital.»

Certamente, Ford não enriqueceu com os honorários que cobrava por sessões privadas ou palestras. No verão de 1963, recebeu do Camp Lilly Dale, por um compromisso de dez dias, uma garantia de mil dólares mais 50% de quaisquer receitas das *Development Classes* que viesse a conduzir; estas poderiam totalizar mais algumas centenas de dólares, mas dificilmente mais do que isso. O maior cachet de palestra que Ford alguma vez recebeu foi provavelmente de quinhentos dólares, e isso foi em 1968, depois de o caso do bispo Pike o ter devolvido às primeiras páginas. O seu honorário habitual por palestra era de duzentos dólares ou menos e, com grupos da SFF, muitas vezes aceitava apenas as despesas.

Durante anos, o preço de Ford por uma sessão privada foi um modesto valor de quinze dólares, e, em geral, fazia no máximo duas sessões por dia. Ocasionalmente, se se sentisse bem, fazia mais; por vezes, um consulente dava mais do que a quantia habitual. Os diários de Ford indicam que, em 21 de Setembro de 1963, por exemplo, realizou quatro sessões privadas e ganhou setenta e cinco dólares. (Dois consulentes deram-lhe os quinze dólares habituais; os outros, vinte e vinte e cinco dólares, respetivamente.) E, em 5 de Abril de 1966, fez cinco sessões; uma foi gratuita, uma foi por dez dólares e as restantes foram a vinte e cinco dólares cada, totalizando oitenta e cinco dólares.

Raramente, Ford recebia muito mais de um consulente agradecido — possivelmente até quinhentos dólares por uma sessão espírita. Ao longo dos anos, houve alguns legados em que pessoas lhe deixaram somas de dinheiro que iam de algumas centenas a, pelo menos num caso, vários milhares de dólares. Dizia-se que recebeu um legado muito avultado cerca de um ano antes de morrer. Deixou um património superior a cem mil dólares.

Ford era generoso com os amigos e com aqueles de quem gostava. Marguerite Bro conta que ele recebeu um cheque de mil dólares do património de um cliente agradecido. Ford endossou-o de imediato a Gertrude Tubby, então idosa e doente. Lembrava-se das pessoas no Natal, dando sempre gorjetas aos empregados do hotel onde vivia em Filadélfia.

«Pergunto-me de onde é que isto veio»

«Acho que Ford obtinha estes factos de “espíritos”? Não sei como os obtinha e não me iludo fingindo que sei.»

— Upton Sinclair

A percepção extrassensorial é um mistério profundo e maravilhoso.

— James A. Pike

Quando alguma comunicação particularmente probatória se manifestava através da sua mediunidade, Arthur Ford, a puxar de um charuto, tinha o hábito de dizer: «Pergunto-me de onde é que isto veio.»

Havia opiniões variadas. Os céticos suspeitavam de que havia mais do mundano do que do místico nos feitos de Ford; mais de *Who's Who* do que de comunicação com espíritos ou de percepção extrassensorial.

Ao longo dos anos, porém, Ford sentou-se com muitas pessoas que eram pensadores impressionantes. Alguns eram investigadores muito críticos, que não apreciavam a possibilidade de ser enganados mais do que qualquer outra pessoa. Muitas vezes, tomavam medidas consideráveis — por vezes extraordinárias — para se assegurarem de que o médium não recebia qualquer ajuda ulterior na transmissão de mensagens probatórias.

Upton Sinclair, algumas das cujas sessões com Arthur Ford foram descritas anteriormente, fez uma verificação cuidadosa de possíveis fontes normais de informação após uma sessão que ele, a sua esposa e o Prof. William McDougall tiveram com o médium. Um exemplo:

Ford mencionara os primeiros nomes dos pais de McDougall — Isaac e Rebecca. O famoso psicólogo não ficou especialmente impressionado, observando que era uma pessoa de algum relevo e que o médium, com dois dias de antecedência relativamente à sessão, tivera ampla oportunidade de consultar fontes biográficas. Sinclair descobriu, no entanto, que nenhum livro de referência conhecido de bibliotecários indicava os primeiros nomes dos pais de William McDougall. O *Who's Who in America* dava apenas as iniciais, enquanto o *Who's Who* britânico não dava nada. De onde, então, perguntou Sinclair, obteve Ford os nomes?

Para excluir qualquer hipótese concebível de pesquisa prévia por parte do médium, Upton Sinclair e a sua esposa organizaram uma sessão em que nenhum dos participantes fosse conhecido antecipadamente por Ford. Tão determinada estava a Sra. Sinclair em fazer dela um verdadeiro teste aos poderes do médium que não deixou o marido convidar os participantes por

telefone — as linhas poderiam estar sob escuta! Ou, pelo menos, os céticos poderiam alegar que estavam. Em vez disso, os participantes, que incluíam o romancista Theodore Dreiser, foram convidados por carta.

Haveria sete participantes além do casal Sinclair — três casais, incluindo Dreiser e a esposa, e uma mulher. A sessão ocorreu na casa de Sinclair, em Pasadena, na noite de 18 de Julho de 1930. Arthur Ford chegou primeiro e Sinclair, explicando que Ford não deveria encontrar-se com os convidados antes da sessão, levou-o para o jardim e manteve-o ali a conversar até que o grupo se reunisse. Uma convidada não apareceu — a mulher desacompanhada, chamada Mrs. Kate Gartz. Os restantes decidiram prosseguir sem ela.

Sinclair então trouxe Ford para dentro; o médium sentou-se na cadeira disponibilizada, colocou o habitual lenço de seda sobre os olhos e pareceu entrar em transe.

Nessa sessão, Fletcher comunicou mensagens — incluindo nomes — aos participantes que Ford nunca tinha visto antes e acerca dos quais não poderia, de forma concebível, ter sabido antecipadamente, que foram notavelmente probatórias.

A um dos participantes, Rob Wagner, Fletcher Renale... «Continuo a ouvir o nome Groves ou Graves.» Wagner, que era pintor de retratos, respondeu: «O nome da minha avó era Graves.»

«Você não está no *Who's Who*, pois não?», perguntou Fletcher. Wagner respondeu: «Já estive, uma vez.»

«Eu já ouvi o que dizem», disse Fletcher, «que eu o procuro no *Who's Who*.» «Isto», disse Wagner, «não foi procurado lá.»

Depois, Fletcher pediu a Wagner três envelopes selados que ele tinha na mão. Continham perguntas escritas imediatamente antes da sessão. Segurando os envelopes, o médium murmurou: «A impressão que estou a receber do Clarence é esta — você não o chamava “Clarence”.» «Eu chamava-lhe “Kid”», disse Wagner. «Bem, ele diz que você nunca o chamava “Clarence”», continuou Fletcher. «A sua pergunta era qualquer coisa sobre como... sobre outra coisa... como se você esperasse que alguma coisa pudesse ser feita, ou que alguma coisa que

foi feita não foi feita como devia. Ele está a tentar dizer isto: “Não te preocupes comigo. Eu não trocaria de lugar contigo.”»

Depois da sessão, o envelope foi aberto. Rob Wagner tinha colocado uma pergunta destinada ao seu irmão falecido, Clarence, mas o nome não estava escrito. O texto completo era: «Alguma vez estiveste consciente depois de caíres no convés e soubeste que eu estava contigo?»

O contexto da pergunta era que o irmão de Rob Wagner, Clarence, sofrera uma rotura no tímpano enquanto servia na reserva naval durante a Guerra Hispano-Americana e morreu subitamente, algum tempo depois, de um abcesso no ouvido. A resposta dada por Fletcher, embora vaga, era pertinente.

O que foi impressionante, porém, foi o uso do nome «Clarence», que nem sequer era mencionado na pergunta. (E isto, recorde-se, sem Ford saber antecipadamente quem seriam os participantes.)

A outro participante, Robert Irwin, cunhado de Sinclair, Fletcher mencionou um espírito chamado Will Irwin e disse: «Morreu bastante novo. Tragédia aí — qualquer coisa no peito — um acidente. Parece que estou a cair.»

O rapaz mencionado morrera num acidente estranho: a correr no escuro, chocou contra uma viga que saía da traseira de um camião e caiu sobre ela, perfurando-lhe o peito.

No total, Arthur Ford citou dezassete nomes na sessão, a maioria conhecida apenas por um ou dois participantes, e nenhum dos quais, presumivelmente, poderia ter sido conhecido por Ford através de pesquisa, uma vez que, tendo sido mantido na ignorância quanto às identidades dos participantes, não tinha qualquer forma concebível de saber o que pesquisar.

Houve ainda dois pormenores adicionais sobre esta sessão que lhe acrescentam interesse.

Fletcher citou o nome de um jornalista, disse que tinha trabalhado em tempos com Theodore Dreiser e descreveu vários episódios como prova da sua identidade. Dreiser negou conhecer o homem ou qualquer coisa sobre os episódios alegados. No entanto, dois dias depois, Helen Dreiser, esposa do escritor, escreveu à Sra. Sinclair dizendo que estava embaraçada porque Theodore tinha estado a beber, adormecera durante a sessão e ouvira quase

nada do que o médium disse. Quando ela lhe repetiu as várias afirmações, ele reconheceu que conhecia o homem referido e confirmou os episódios.

Durante a sessão, a Sra. Gartz, a convidada atrasada, chegou e trouxe consigo um sobrinho não convidado. Fletcher disse ao sobrinho inesperado: «Há aqui uma forte influência católica, mas haverá um divórcio.» O jovem respondeu que era católico, mas que certamente não haveria divórcio. No entanto, dois meses depois, a esposa divorciou-se dele.

Nos seus relatos destes acontecimentos, Upton Sinclair conclui admitindo que não sabe — nem finge saber — qual foi a fonte da informação de Arthur Ford. Se vinha de desencarnados, ou de alguma reserva cósmica de memória, ou das mentes consciente e inconsciente de pessoas vivas, eram questões em aberto.

«Uma coisa apenas sei», disse Sinclair. «Há uma outra forma, supernormal, de obter conhecimento.»

Uma última mensagem curiosa veio de Ford para Upton Sinclair. Foi após a morte da esposa de Sinclair, em 1961. Sinclair relatou:

«Durante o último ano dela, ela [a minha esposa] teve três quedas terríveis num chão duro de pedra e eu tomei-as por desmaios. Alguns dias após a sua morte, recebi uma carta de um desconhecido no Centro-Oeste a dizer-me que acabara de ter uma sessão com Arthur Ford e que recebera uma comunicação de Mary Craig Sinclair, pedindo-lhe que me informasse de que os supostos desmaios tinham sido pequenos AVC. Liguei ao médico que, com outros dois médicos, tinha realizado a autópsia: não mencionei a carta, mas perguntei-lhe os resultados, e ele disse-me que as lesões cerebrais mostravam que ela tivera três pequenos AVC.»

Upton Sinclair enviou a Arthur Ford um exemplar da sua autobiografia quando esta foi publicada, em 1962. Na folha de rosto, pela mão do médium, está anotado:

«Ford senta-se novamente — pp. 245-47.»

A pergunta que Ford colocava acerca das mensagens que chegavam através da sua mediunidade — «Pergunto-me de onde é que isto veio?» — ocupou a mente de muitas pessoas que tiveram longa experiência dos seus poderes invulgares. Uma delas, o Rev. Theodore Tiemeyer, ministro da Christ Congregational Church, em Miami, conheceu Ford pela primeira vez em 1933. Tiemeyer, então estudante no Eden Theological Seminary, em St. Louis,

descreveu o jovem Ford de que se lembrava como «uma figura muito atraente na tribuna — casaco azul-escuro, calças claras, um tipo arrojado. Fez alguma leitura de bilhetes, bastante surpreendente, que me impressionou muito.»

Ouvir Ford estimulou o interesse nascente de Tiemeyer pela investigação psíquica e ele fez a sua tese de teologia sobre o tema «O Ministério da Cura na Igreja».

Tiemeyer não voltou a encontrar Ford até 1960, pouco depois de o ministro ter assumido o seu pastorado em Miami. Em 1961, Ford falou na igreja de Tiemeyer e perguntou-lhe se estaria disposto a assumir a liderança do núcleo do Sul da Florida da *Spiritual Frontiers Fellowship*. Por causa do seu trabalho com a SFF, Tiemeyer participou em muitas sessões com Ford, tanto privadas como em grupo. Dessa experiência vasta, destilou algumas conclusões ponderadas sobre as fontes das mensagens que chegavam através de Ford/Fletcher.

«Penso que o material nas mensagens pode ser classificado sob quatro rubricas», disse Tiemeyer.

Em primeiro lugar, havia material proveniente da própria mente dos participantes.

«Houve várias vezes, em sessões, em que Fletcher me deu as próprias ideias, os padrões de pensamento, a sequência de pensamentos, até as mesmas frases que tinham estado na minha mente recentemente. Algumas mensagens eram obviamente leitura de pensamento — uma devolução verbal daquilo que estivera na minha mente, geralmente nas vinte e quatro horas anteriores.»

Numerosos participantes relataram este fenómeno. Por vezes, a aparente telepatia de Fletcher era por ele reconhecida como tal («Agora vou dizer-lhe o que está a pensar»); noutras ocasiões, a informação afirmava vir de um desencarnado mas, de facto, parecia resultar de Fletcher, sem o querer, estar a captar a mente do participante.

Um exemplo de leitura de pensamento consciente ou deliberada por parte de Fletcher foi o caso em que disse a uma mulher, numa sessão em casa de Upton Sinclair, que ela também era psíquica, acrescentando: «É por isso que está agora a sentir essa sensação estranha nas pernas.» A mulher confirmou que, de facto, estava a sentir essa sensação.

Noutras ocasiões, os participantes ficavam espantados ao descobrir — como Theodore Tiemeyer disse ter acontecido com ele muitas vezes — que uma mensagem supostamente proveniente de um desencarnado era, na verdade, um reflexo estranhamente exato do que lhes passava pela mente, por vezes praticamente palavra por palavra. É provável que este tipo de “fuga” telepática ocorresse quando o participante tinha algum assunto muito presente, estava preocupado com ele, consciente ou inconscientemente, ou estava sob a influência de um estado de espírito ou emoção profundos.

Numa sessão a que assisti, em Setembro de 1967, Fletcher descreveu a mãe de um dos participantes de um modo quase idêntico ao que o próprio participante me tinha contado sobre ela. A natureza da sua morte, o facto de ter sido «roída pelo cancro», como Fletcher disse — isso soou-me a uma repetição palavra por palavra do que o homem me dissera alguns meses antes. Fletcher parecia estar a “ligar-se” aos pensamentos do homem sobre a mãe.

A possibilidade de o médium captar a mente do participante, deliberadamente ou sem o querer, torna-se ainda mais complexa pelo facto de, num estado de maior sensibilidade, ele poder também captar impressões emocionais aleatórias da própria sala. Esta clarividência involuntária, por assim dizer, pode soar descabida, mas há indícios a favor.

Certa noite, Arthur Ford foi convidado na casa de Nova Iorque do Sr. e da Sra. David Kahn, na East 80th Street. Um ano antes, ocorrera um episódio invulgar na sala onde Ford se encontrava sentado. Nessa ocasião anterior, um bispo, um ministro e um editor, convidados dos Kahn, discutiam o trabalho de Edgar Cayce quando, de repente, o editor entrou em choque insulinémico. Enquanto Lucille Kahn correu à cozinha para buscar um copo de sumo de laranja para contrariar o excesso de insulina no corpo do editor, ele tombou para o chão numa convulsão violenta.

O corpo contorcia-se, a cabeça batia no chão, os braços e as pernas agitavam-se. Um jorro de obscenidades horríveis saía dos lábios de um homem que, normalmente, era gentil, culto e refinado. O ataque passou em poucos minutos e o editor, agora enjoado de vergonha, foi para a varanda com vista para o jardim para recuperar a compostura.

Um ano depois desse incidente invulgar, Arthur Ford estava sentado no sofá onde o editor se sentara quando, subitamente, pareceu reencenar a crise do homem. O corpo deu solavancos incontroláveis, sentiu-se

inexplicavelmente doente, angustiado, embaraçado. Num instante, o estranho espasmo cessou.

Ford, perplexo, perguntou a Lucille Kahn se ela conseguia explicar aquilo, e então ela contou-lhe o episódio de um ano antes.

Uma vez que, em transe, o inconsciente do médium está completamente aberto a influências que o atingem de múltiplas fontes — não só as mentes dos participantes mas, como se vê pelo incidente acima, possivelmente resíduos emocionais de acontecimentos passados — não surpreende que as comunicações de Fletcher fossem muitas vezes desconexas, aleatórias, uma mistura do conhecido e do desconhecido, do identificável e do não identificável.

«Uma segunda fonte de material nas sessões de Ford», disse Theodore Tiemeyer, «era o próprio Arthur Ford.»

«Havia certas coisas de que ele gostava de falar — atitudes, posições, opiniões — e, numa palestra ou sermão, ele acabava quase sempre por ir dar a esses temas; e alguém que o conhecesse bem podia antecipar o seu argumento, as suas principais teses, até os exemplos que usaria. Vez após vez, também Fletcher se desviava para essas mesmas ideias.

Por exemplo, Arthur ressentia-se da Igreja organizada que, de certa forma, o rejeitara. Repetidamente, mencionava nas conversas o quão limitada era a Igreja. Sugeriria que ministros insatisfeitos abandonassem o pastorado e fizessem outra coisa. Pois bem: em mensagens em transe dirigidas a ministros, havia invariavelmente conselhos para deixarem o ministério e seguirem outro tipo de trabalho. Disse-mo repetidamente em sessões, embora eu ainda esteja no ministério.

Da mesma forma, certa noite um grupo estava sentado na nossa cozinha a conversar e falámos de igrejas na Florida. Eu mencionei St. Petersburg — havia lá uma igreja grande e o ministro tinha-me perguntado, em tempos, se eu estaria interessado em ser seu sucessor. Ford disse: “É um sítio agradável, St. Petersburg. Ia gostar muito.” O assunto ficou por aí.

Mais tarde, nesse mesmo dia, numa sessão com três outros ministros, veio através de Fletcher a mensagem de que eu não ficaria sempre na mesma zona, mas viria a servir uma grande igreja na costa oeste da Florida, a norte de Miami. Disseram-me que a igreja me contactaria em breve.

Não fui contactado por essa igreja. A mim parece-me que essa mensagem estava diretamente ligada à conversa anterior nesse dia. Era algo na mente de Arthur Ford projetado através dos lábios de Fletcher.»

O facto de Fletcher muitas vezes parecer funcionar como porta-voz dos entusiasmos intelectuais de Ford foi notado por muitos participantes inteligentes. Se Ford estivesse a atravessar uma fase em que estava obcecado com o aborto — e esteve — Fletcher fazia longos discursos sobre a moralidade do aborto, como se estivesse a ler um guião escrito pelo médium. Se Ford estivesse exaltado com as implicações éticas da evolução, Fletcher dedicava grande atenção a esse tema. Curiosamente, na maior parte dos casos, Ford e Fletcher concordavam, embora Fletcher por vezes pudesse divergir acentuadamente de Ford. (Uma vez, por exemplo, um participante perguntou a Fletcher o que ele achava da falta de entusiasmo pela doutrina da reencarnação que Ford vinha então a expressar. Fletcher retorquiu: «Oh, o Ford sabe melhor do que isso; ele sabe que a reencarnação é verdadeira!»)

«Uma terceira fonte de material nas sessões de Ford», disse Theodore Tiemeyer, «era o próprio Fletcher — os seus pensamentos e opiniões. Ele muitas vezes interpretava o material, quer com base no seu próprio conhecimento quer no seu enquadramento.»

Frequentemente, Fletcher introduzia ou rematava as suas intervenções claramente interpretativas com: «Pode não concordar comigo, mas é assim que eu vejo.» As suas opiniões não eram apresentadas como lei. Nunca afirmou, nem sugeriu, que as suas ideias fossem sinónimas das de Deus.

Na perspetiva do Rev. Tiemeyer, o aspeto mais importante da mediunidade de Ford era a **quarta** fonte de material.

«Esta fonte consiste em entidades — humanos desencarnados — do outro lado da vida. Até que ponto estas mensagens chegavam sem serem coloridas pela mente de Ford ou de Fletcher não podemos ter a certeza. É nesta área que é necessária mais investigação.»

O Rev. Tiemeyer citou algumas experiências pessoais que, no seu juízo experiente, poderiam ser interpretadas de forma mais plausível como comunicações de espíritos falecidos.

«Quando eu era estudante no Eden Seminary, assistia muitas vezes à First Congregational Church de Webster Grove, no Missouri. O ministro de lá

por vezes dava palestras no seminário. Fora desses contactos, eu não sabia nada sobre ele. Chamava-se Irvine E. Inglis, pronunciado “Ing-les”. A informação que recebi sobre ele, anos mais tarde, foi que a sua primeira esposa tinha morrido de cancro e que, depois, ele se tinha voltado a casar, desta vez com uma mulher que tinha trabalhado com ele como secretária a tempo parcial.

Em 1966, recebi uma mensagem, numa sessão com Ford, vinda deste homem. Fletcher disse: “Este homem” — deu o nome, “Inglis”, e pronunciou-o das duas maneiras — “diz que o primeiro nome dele era Peter.”»

Eu disse que conhecia um Dr. Inglis, mas não chamado Peter. Ainda assim, Fletcher disse que o nome dele era Peter. Disse que ele tinha dado palestras na escola que eu frequentei e que a primeira esposa dele estava com ele do outro lado. Segundo Fletcher, ele interessara-se pela comunicação com espíritos antes de falecer. Mencionou que lera o livro *A Life After Death*, de Ralph Harlow, e um livro de um canadiano cujo nome não conseguia recordar, mas que lhe parecia ser «Alfred».

Disse também que tinha assinalado algo nesse segundo livro: um poema que significava alguma coisa para ele. Além disso, disse que tinha “passado” de forma bastante súbita e queria comunicar com a segunda esposa para lhe dizer que estava tudo bem.

Bem, eu não sabia se isto era correto, mas fui verificar. Contactei um antigo professor do Eden Seminary que eu conhecia, e ele contactou a segunda Mrs. Inglis, a viúva do ministro.

Ela disse que também se tinha interessado pelo campo psíquico. Disse que não se lembrava de existir na biblioteca do marido um livro de Ralph Harlow, mas que havia um de capa vermelha, de um canadiano chamado Albert — não Alfred — Cliffe.

Nesse livro, o Dr. Inglis não só sublinhara muitas passagens como também assinalara um poema e escrevera por baixo: «Este sou eu.» O poema era sobre o discípulo Pedro.

Esse poema foi republicado numa publicação memorial emitida pela igreja de Webster Grove. Ao que parece, o Dr. Inglis queria ser identificado com Pedro.

Mais tarde, descobri que o filho do Dr. Inglis, também ministro, se chamava Peter. Ele disse que a mensagem era inteiramente coerente com o pai tal como o conhecera. Disse que era um traço de família pronunciar o apelido das duas maneiras — como o comunicante fizera através de Fletcher — porque as pessoas supunham que a pronúncia mais comum era a correta. Além disso, disse que era costume os amigos íntimos do pai o tratarem por Peter.

Nesta mensagem, pareceu ao Rev. Tiemeyer — e parecerá a muitos outros estudantes das experiências psíquicas — que o suposto comunicante tinha conseguido imprimir a marca da sua personalidade. O que chegou não foi apenas uma referência muito específica a um determinado livro e a um poema dentro desse livro — com o nome do autor meio esquecido, o que é típico do modo como a memória aqui, e presumivelmente no além, funciona — mas, mais importante, o “tom” de um ser humano identificável, incluindo a sua predileção por um nome diferente do oficial.

Pormenores como alcunhas ou nomes carinhosos usados apenas no seio da família ou por amigos próximos — aquilo a que Arthur Ford chamava «tremendas ninharias» — podem ser extremamente probatórios para o destinatário de uma comunicação mediúnica.

A associação correta, por parte do médium, de dois ou mais factos que não parecem relacionados também pode ser extremamente probatória para um consulente. Certa vez, Fletcher disse a Jerome Ellison que um homem chamado Burch se interessava por ele. Ellison respondeu que, em criança, tivera um professor da escola dominical chamado Burch. Depois, Fletcher mencionou um coelho, mas Ellison não conseguiu relacionar o coelho com o Sr. Burch. Só um ano mais tarde, isto é, quando visitou a família, contou o episódio à mãe e ela exclamou: «Queres dizer que não te lembras? O coelho branco foi um presente de Páscoa que o Sr. Burch te deu num ano.»

Do mesmo modo, relações humanas desconhecidas do médium mas corretamente expressas por um comunicante podem ser de uma evidência surpreendente. Um exemplo disto ocorreu numa sessão com Arthur Ford a que assistiram Sherwood Eddy e Gerald Heard. A data foi 2 de Novembro de 1940 e o local, Los Angeles. Eddy, que já se sentara com Ford uma vez, nunca conhecera Heard; nem o médium. Nessa sessão, Havelock Ellis, o famoso sexólogo, comunicou supostamente.

«Vocês estiveram ambos na minha casa», disse Ellis a Eddy e a Heard. Foi uma afirmação direta do médium, feita sem qualquer “pesca”.

E era verdade. Ambos os homens, em momentos diferentes, tinham visitado o grande homem para discutir as suas ideias sobre sexo e moralidade. Contudo, nem Eddy nem Heard sabiam que o outro tinha conhecido Ellis e estado na sua casa em Londres. Nem parecia concebível que o médium soubesse isso. Para ambos os participantes, ali estava uma indicação notavelmente probatória de que estavam, de facto, em contacto com a mente sobrevivente de Havelock Ellis. De que outra fonte poderia Arthur Ford ter sabido da familiaridade de ambos com Ellis?

«Se o leitor considerar a afirmação de Havelock Ellis, “Vocês estiveram ambos na minha casa”, perceberá que a única mente humana no universo que sabia esse facto era o próprio Ellis», concluiu Sherwood Eddy. «No meu entender, a telepatia e a clarividência por parte do médium não o poderiam explicar. Não será a explicação mais simples a de que Havelock Ellis estava vivo e em contacto com ambos, reconhecendo-nos como pessoas que tinham estado em sua casa?»

Por vezes, a informação transmitida por Fletcher parecia, superficialmente, acessível a investigação normal, mas, sob análise mais atenta, mostrava não o ser, ou pelo menos não o ser de modo evidente.

Num caso, o Rev. Theodore Tiemeyer recebeu de Fletcher uma mensagem em que um suposto suicida — filho de um antigo presidente da Universidade de Miami — negava ter tirado a própria vida, insistindo, em vez disso, que morrera acidentalmente enquanto experimentava uma droga alucinogénica. De súbito, Fletcher desviou-se para dizer que tinha uma mensagem para um paroquiano de Tiemeyer, um professor de matemática reformado, Dr. Elton Moulton. O suposto comunicante era um irmão do Dr. Moulton que tinha morrido recentemente; identificou-se como «Harry».

Informado da mensagem, o Dr. Moulton foi inicialmente cético, observando que a morte do irmão fora noticiada nos jornais, onde qualquer pessoa, incluindo o médium, poderia tê-la visto. Contudo, uma verificação rigorosa revelou que as notícias davam apenas as iniciais do irmão, não o nome. Além disso, o primeiro nome dele era, na verdade, Harold, não Harry, como o comunicante se identificara. Mas Harry era como a família sempre lhe chamara.

Uma comunicação particularmente convincente foi relatada pela Sra. Edwin F. Samuels, de Severna Park, Maryland — conhecida por Kate. À primeira vista, o incidente representa a ligação de vários factos obscuros por um comunicante desencarnado num padrão que pareceu à destinatária da mensagem assombrosamente probatório.

«O seguinte incidente ocorreu na primavera de 1936 e o encontro com Arthur Ford, uma sessão pública, teve lugar muitos anos depois no Camp Silver Belle, aproximadamente no ano em que a hipoteca foi queimada [disse a Sra. Samuels].

Quase três dias após a chegada do primeiro relato de um acidente de avião no Texas, fatal para dois jovens aviadores — um deles o nosso filho — chegou um segundo relato dizendo que estava definitivamente estabelecido que o nosso filho não tinha estado aos comandos do avião nesse dia; a sua função na missão era fotografar e cartografar o terreno.

Completamente exausta pelo choque, pelos telefonemas, pelos telegramas, pelas visitas, atirei-me para um sofá. Com a palavra oficial de que o nosso filho era vítima e não a causa do acidente, um peso enorme saiu-me de cima.

Eu sabia que o Nelson, o nosso filho, nunca se perdoaria se a sua negligência ou incapacidade tivesse matado o companheiro. Estava tão aliviada que quase me reconciliei com o apagamento, aos 23 anos, do orgulho e alegria da nossa família — um rapaz muito acima da média, mental e fisicamente.

Então, de repente, ocorreu-me o pensamento: “Oh, aquela outra mãe, que agora sabe que o filho foi o responsável — como ela deve estar a sofrer.”

O cansaço esquecido, corri para a secretária e escrevi-lhe rapidamente uma carta. Do conteúdo, não tenho lembrança. Nunca veio qualquer resposta. Pensei que a minha carta devia ter sido muito má. Ninguém, nem sequer o meu marido ou a minha filha, soube da carta — não até à experiência que se seguiu.

Anos mais tarde, no Camp Silver Belle, em Ephrata, Pensilvânia, a partir da tribuna, com talvez duzentas pessoas na audiência, Arthur Ford disse: “Dois jovens em uniforme — com os braços pelos ombros um do outro, como rapazes amigos costumam fazer — estão aqui a pedir pela Kate.”

Imediatamente várias mãos se ergueram. Eu era a Kate escolhida pelo médium.

Depois vieram os nomes “Nelson” e “Chuck” (nome verdadeiro, Charles). Chuck disse: “Há muito que queria falar consigo. A senhora uma vez escreveu à minha mãe — uma carta muito bonita — e ela nunca respondeu. Não porque não a tenha apreciado, mas porque não soube como. Criada numa pequena cidade do Sul, teve poucas oportunidades de estudo. Ainda hoje pensa na carta e pergunta-se como deveria, ou poderia, ter-lhe agradecido.

“E por isso quero agradecer-lhe por não guardar ressentimento contra mim pelo que fiz ao seu filho.”

Se isto não era prova, então o que poderia ser?»

Terão os alegados poderes de Arthur Ford sido alguma vez submetidos a escrutínio científico formal?

Havia, entre alguns amigos e admiradores de Ford, a impressão de que ele era o médium mais bem atestado do mundo em termos de investigação científica. Jerome Ellison, por exemplo, afirmou: «Ele [Ford] foi submetido a todos os testes que uma ciência altamente desenvolvida de investigação psíquica podia conceber e passou em todos.»

Os factos, porém, não sustentam essa afirmação.

A verdade é que, embora Arthur Ford contasse vários parapsicólogos entre os seus conhecidos e estes admirassem a sua mediunidade, ele exprimia frequentemente uma aversão pronunciada a tornar-se objeto de investigação. Nas raras ocasiões em que foi atraído para o laboratório, os resultados foram relativamente pouco espetaculares.

Em 1953, foi montada, sob os auspícios da *American Society for Psychological Research*, uma experiência em que Arthur Ford, em transe, recebia um objeto pessoal pertencente a alguém ausente e era-lhe pedido que desse informações sobre essa pessoa. Houve cinco sessões deste tipo. As transcrições foram decompostas em itens de informação, que depois foram verificados quanto à exatidão e pontuados. De um total de 153 itens mencionados pelo médium, 30 afirmações corretas — “acertos” — seriam esperáveis por mero acaso. Na realidade, Ford obteve apenas 26 acertos. Concluiu-se que a experiência não fornecera evidência do funcionamento de

um *psi* (um termo genérico que abrange todas as formas de percepção extrassensorial).

No entanto, a parapsicóloga Dra. Gertrude Schmeidler salientou que, embora a pontuação global estivesse ao nível do acaso, Ford obteve, com um dos cinco participantes “intermediários”, uma pontuação acima do esperado. As probabilidades contra o acaso, neste caso particular, eram muito elevadas — mil para um. Porque razão Ford se saiu tão bem nesta sessão e não nas outras faz parte do mistério do homem e da mediunidade em geral.

Mais do que um parapsicólogo quis voltar a atrair Ford para o laboratório. O Dr. Ian Stevenson, professor de psiquiatria (e antigo diretor do departamento de psiquiatria e neurologia) da Universidade da Virgínia, tentou organizar uma série de sessões de teste com ele em 1964 e 1965. Houve muita correspondência, mas as sessões nunca se concretizaram — ostensivamente por causa da saúde debilitada de Ford. No entanto, Stevenson, um dos principais parapsicólogos americanos, falava positivamente, em privado, sobre a capacidade psíquica de Ford e recomendava-o a pessoas inteligentes que procuravam evidência mediúnica. A mim, Stevenson admitiu que acreditava que Ford tinha poderes paranormais. Mas, acrescentou, tinha ouvido relatos de artimanhas da parte de Ford, e isso tornava-o cauteloso quanto a um juízo final.

Vol. 48, n.º 2, Abril de 1954.
Hart, *The Enigma of Survival*.

William Roll, director de projecto da *Psychical Research Foundation, Inc.*, em Durham, Carolina do Norte, teve uma sessão com Ford no seu apartamento da Filadélfia, a 26 de Junho de 1965. Mais tarde, disse a Ford que tinha sido «uma ocasião muito interessante e bem-sucedida». Um dos itens mais probatórios, afirmou Roll, foi uma referência de Fletcher a alguém chamado «Milly» ou «Tilly» e a uma pintura a óleo «como uma pessoa» associada a ela. Roll pensou na tia Tilly, que tinha morrido dois anos antes, mas não conseguiu identificar a pintura. Contudo, dois meses após a sessão, o pai de Roll veio visitá-lo trazendo uma grande pintura que mostrava duas mulheres diante de um espelho e que tinha pertencido à tia Tilly.

«Agora está pendurada na nossa sala de jantar», disse Roll.

Roll propôs uma série de sessões experimentais concebidas não para testar o médium («Nós já sabemos que você tem a coisa verdadeira», disse a

Ford), mas os participantes — isto é, para perceber que relação, se alguma, existia entre as personalidades dos participantes e o tipo de êxito que tinham com o médium. Porque é que algumas pessoas obtinham melhores resultados do que outras com o mesmo médium?

«Teria sido interessante fazer experiências como as que sugere», respondeu Ford numa carta a Roll. «Pergunto-me porque é que nenhum investigador pensou em testar os participantes. É a primeira ideia original que aparece há muito tempo.»

Contudo, essas experiências nunca chegaram a realizar-se.

Arthur Ford não tinha a melhor das disposições em relação aos investigadores, em geral. Queixou-se a Ian Stevenson de que um investigador, certa vez, lhe queimou a pele com um cigarro enquanto ele estava em transe, para ver se o transe era real.

Embora Ford não apreciasse realizar sessões em laboratórios estéreis, deu inúmeras sessões a cientistas em contextos mais informais. Houve sessões de grupo para médicos em que Fletcher respondia a questões médicas técnicas. Numa sessão em Nova Iorque, em Março de 1954, Fletcher discorreu sobre a imensidão vazia do espaço para uma dúzia de cientistas, incluindo um astrónomo, vários físicos, um neurologista, um bioquímico e um biólogo.

Sobre a vastidão do espaço interestelar, Fletcher, alegadamente interpretando para um cosmólogo desencarnado, disse:

«É impossível explicar-vos a vastidão de tudo isto. Se, na Grand Central Station, encontrassem três grãos de areia — digamos que cada um medisse um cinco milésimo de polegada, e que fossem três desses grãos na grande sala abobadada da Grand Central — assim de “cheio” é o espaço. O vosso planeta corresponderia a esses três grãos de pó. Vejam como são insignificantes.»

Embora, tanto quanto se sabe, Arthur Ford não tenha demonstrado a sua aptidão para o diagnóstico médico em condições de teste — e, na verdade, a maioria das pessoas, mesmo os seus admiradores mais convictos, provavelmente nem se apercebia de que ele possuía esta forma de capacidade psíquica — demonstrou-a informalmente, com um sucesso impressionante.

Marguerite Harmon Bro relata uma sessão em Chicago em que estiveram presentes, além dela própria, o seu filho Harmon, um psicoterapeuta distinto, e a esposa dele, June; a sua filha Alice e o marido, ambos médicos. O comunicante era supostamente um «Dr. Tucker», que continuava a exercer as suas competências médicas do outro lado.

«Pedi ao Dr. Tucker que desse uma vista de olhos ao bebé da minha filha, a 40 milhas de distância, num subúrbio [disse a Sra. Bro], sem mencionar que, na recente consulta dos três meses, o pediatra tinha notado que uma das ancas estava ligeiramente rodada. Em não mais do que um minuto, o Dr. Tucker comentou a anca, disse que achava que se endireitaria, mas que, se não, o pai poderia levá-la a Boston. (Havia então em Boston um ortopedista particularmente famoso.)»

A este relato, a Sra. Bro acrescentou: «Sempre me perguntei se ele [Ford em transe] diagnosticou “viajando” realmente até ao subúrbio para “ver” o bebé, ou se captou uma impressão dela a partir da mente dos pais.»

Um episódio semelhante é relatado por William Rauscher. Certa vez, durante uma sessão com Arthur Ford, perguntou a Fletcher se seria possível “espreitar” a sua mãe (a de Rauscher), que na altura vivia a cerca de cem milhas de distância. Fletcher respondeu que enviaria o Dr. Peterson numa visita astral.

Num instante, Fletcher, em fraseologia invulgarmente bíblica, murmurou: «Ele vai...»

Depois, num tom de surpresa misturada com preocupação, disse: «Ela caiu. Mas está bem.»

Bill Rauscher verificou e constatou que, de facto, a mãe tinha caído nesse dia, durante uma caminhada.

A questão de saber de onde vinham as comunicações de Ford não está resolvida; provavelmente é irresolúvel. Há quem defenda que, pelo menos em algumas comunicações, a marca, o “toque” da individualidade do suposto comunicante é tão forte — não apenas em termos de informação precisa, mas também de idiossincrasias como modos de dizer, um tipo de humor característico, uma qualidade impalpável que faz com que uma pessoa seja quem é e não outra — que a conclusão mais razoável é a de que os mortos falam.

Outros, porém, defenderão que, embora Ford apresentasse prova impressionante (ou convincente, ou irrefutável, consoante o juízo individual) de poderes supernormais, não há justificação para invocar a hipótese dos espíritos; tudo o que Ford dizia numa sessão poderia ser atribuído à percepção extrassensorial, seja ela simples ou elaborada. Nesta teoria, o médium recolhia alguns factos a partir da mente dos participantes, outros a partir de fontes escritas por clarividência e ainda outros por precognição.

E Fletcher? E os outros supostos mensageiros espirituais?

Seriam construções psicológicas, dirão os defensores da hipótese da PES — facetas do eu profundo do médium, expressões dramatizadas do seu próprio inconsciente. Seriam os veículos através dos quais fluíam as percepções psíquicas do médium.

Qual destas duas perspetivas está certa — ou se ambas o estão — é uma questão que cada investigador tem de ponderar por si. O meu juízo ponderado é que, seja como for e de onde quer que fosse, o conhecimento de Arthur Ford era, em alguns casos, obtido por vias supernormais. A partir daí, saímos do domínio dos dados empíricos e entramos no domínio da filosofia (a interpretação dos dados) e da fé (uma estrutura de crenças assente nessa filosofia).

11

O CASO DO BISPO PIKE

«Não era com o seu filho que estava a falar, Bispo Pike.»
— Revista adventista do sétimo dia, após a sessão Ford–Pike.

Quando há «acertos» na mediunidade, é difícil avaliar, na maior parte dos casos, que processo ou processos poderão estar envolvidos: boa capacidade de dedução... PES... clariaudiência de uma pessoa falecida.
— James A. Pike, *The Other Side*

Quando, em Setembro de 1967, eu fui o impresário da primeira sessão em televisão de rede, juntando duas personalidades notáveis — o Bispo James Pike, o mais conhecido dissidente religioso do mundo, e Arthur Ford, o maior médium vivo — o locutor proferiu palavras que se revelariam proféticas.

«O que vai ver», disse aos milhões de espectadores, «pode ser histórico...»

Essa sessão televisiva desencadeou ondas de choque que correram mundo e ecoaram em primeiras páginas, em revistas e livros, e em sabe Deus quantos debates à lareira. A sessão Ford–Pike, como passou a ser conhecida, estava destinada a ser discutida, denunciada, defendida, elogiada, ridicularizada e proclamada um marco psíquico. A controvérsia em torno dela ainda continua.

Nenhum de nós os três envolvidos — pelo menos nem James Pike nem eu — suspeitava do impacto tremendo que aquela hora diante das câmaras de televisão de Toronto teria na consciência pública. Arthur Ford? Talvez tivesse suspeitado; com aquele homem impenetrável nunca se podia ter a certeza. Se ele soubesse de antemão que a sessão se tornaria uma *cause célèbre*, isso ajudaria a explicar algumas das revelações — dolorosas — neste capítulo.

A minha intenção original era passar muito por alto o episódio Ford–Pike neste livro, simplesmente porque a história, fascinante quanto me parece, já tinha sido contada e recontada muitas vezes. Que mais se poderia dizer sobre ele do que já tinha sido dito — por Arthur Ford, pelo Bispo Pike (no seu livro *The Other Side*), e por mim (nomeadamente no meu livro *The Bishop Pike Story*)? Além disso, inúmeros comentadores, críticos e todo o tipo de “analistas retrospectivos” tinham contribuído com artigos e livros.

Aconteceu, no entanto, algo que me fez mudar de ideias sobre este capítulo — algo que tornou imperativa uma reavaliação radical e exigente do caso do Bispo Pike.

William Rauscher e eu, a pesquisar esta biografia, estávamos a vasculhar os papéis privados de Arthur Ford. Várias caixas transbordavam de objetos pessoais do médium — cartas, diários, livros, recortes de jornais e revistas, álbuns de recortes, até as suas declarações de impostos e um relatório médico sobre o colesterol no sangue numa determinada data. Sabíamos que não tínhamos herdado todos os papéis de Ford; uma quantidade desconhecida de material pessoal fora destruída por uma antiga secretária pouco depois da morte do médium, presumivelmente por instruções dele. Ainda assim, o amontoado de recordações que tínhamos parecia suficiente para o nosso propósito: captar o eu privado do médium, bem como a sua persona pública.

Bill Rauscher tinha na mão um recorte de jornal e, à medida que o lia, o seu rosto toldou-se.

«O que se passa?», perguntei.

Sem dizer palavra, passou-me o recorte.

Era um obituário, sem data, do *New York Times*. O título dizia-me por que razão Bill Rauscher estava perturbado; lia-se: **BISHOP BLOCK, 71, IS DEAD ON COAST.**

Na sessão Ford–Pike, um dos supostos desencarnados que comunicou na televisão — de um modo que James Pike considerou particularmente convincente — foi o seu predecessor episcopal, o Muito Reverendo Karl Morgan Block, falecido bispo da Califórnia.

À medida que lia o obituário, a minha inquietação aumentava.

O comunicante “Block” tinha mencionado vários pormenores pequenos — até triviais — que Pike considerou especialmente probatórios, uma vez que a própria trivialidade parecia excluir a possibilidade de pesquisa prévia por parte do médium. Os pormenores que impressionaram Pike pareciam demasiado obscuros, demasiado idiossincráticos, para serem acessíveis à pesquisa. Contudo, todos e cada um desses itens supostamente impossíveis de investigar eram mencionados no obituário do *New York Times*.

Um desses factos foi que o bispo Block tinha “passado”, como Arthur Ford disse, «durante algum rito da Igreja». O obituário dizia que ele morreu a meio de uma cerimónia de ordenação.

Também impressionara Pike a menção, pelo médium, de uma alcunha que o bispo Block aplicava a si próprio: «o pedinte eclesiástico». Pike assinalou, na sua análise da sessão televisiva: «[A alcunha] pode ter sido amplamente conhecida, mas eu só a tinha ouvido de uma pessoa... um assessor sénior do Bispo.» Essa alcunha era citada no obituário do *New York Times*.

O comunicante aludira ainda a uma «escola de profetas», o que Pike considerou significativo. A referência era a um programa de formação pós-graduada em pregação para o clero da diocese, criado pelo bispo Block. Também foi mencionada uma transação imobiliária de que o bispo se orgulhara particularmente — a compra de um centro diocesano de retiros, popularmente chamado *El Rancho del Obispo*, «o Rancho do Bispo». Esta informação surgiu através de Ford como «uma das melhores peças de terra

que eu consegui foi em Obispo», ou algo do género... «um lugar quase como um mosteiro ou retiro».

Estes factos, que também impressionaram Pike (sobre a referência a Obispo, disse: «Talvez me tenha deixado convencer com demasiada facilidade, mas isto pareceu-me verdadeiramente notável.»), eram mencionados no obituário do *New York Times*. (A edição era a de 21 de Setembro de 1958.)

«Isto», murmurei para Bill Rauscher, «deita abaixo toda a mensagem do Block.»

E quanto mais?

Se, como agora parecia ominosamente possível, Arthur Ford tinha investigado antecipadamente a sessão com Pike — alguns críticos alegavam isso desde o início — todo o edifício de mensagens supostamente probatórias poderia ruir.

O meu estado de espírito era sombrio enquanto manuseava aquele recorte de jornal.

Havia uma sensação de choque, até de indignação; senti-me pessoalmente afrontado. Embora há muito tivesse consciência do problema de bebida de Ford e de outras falhas, eu acreditara — e dissera a outros — que ele mantinha a sua mediunidade sacrossanta.

«Apesar dos seus problemas pessoais», eu tinha dito mais do que uma vez, «Ford nunca comprometeu a sua mediunidade.»

Agora essas palavras soavam vazias.

Também senti um sentido de responsabilidade para com o público, para com vastos números de pessoas — milhões, talvez — que tinham sido influenciadas pela sessão Ford–Pike a olhar seriamente para as pretensões do Espiritualismo e da comunicação com os mortos. O meu juízo declarado sobre a sessão tinha sido que, quer Ford tivesse ou não demonstrado comunicação com os mortos — algo que eu via como uma questão em aberto —, ele parecia certamente ter obtido informação por vias supernormais. Embora a pesquisa prévia pudesse explicar algumas mensagens, outras pareciam praticamente imunes à pesquisa.

Agora, algumas dessas mensagens “imunes” estavam a encarar-me a partir do obituário que eu tinha na mão.

Senti que tinha uma obrigação pessoal de ir ao fundo daquele assunto turvo. Se Arthur Ford tinha enganado o bispo Pike e a mim, e um grande número de outras pessoas, a verdade devia ser dita. E, já que eu tinha sido quem tornara possível a sessão Ford–Pike, deveria ser eu a repor os factos.

Note-se que eu não assumi a culpa de Ford. O recorte de jornal era uma prova muito frágil de qualquer acto ilícito da parte dele. Ele tinha recortado um obituário, provavelmente na altura da morte do bispo Block, cerca de nove anos antes da sessão com Pike. O que provava isso? Que ele sabia, por precognição, que um dia viria a precisar de dados sobre o bispo Block para convencer Pike? Isso dificilmente seria menos notável do que comunicar com Block depois da morte. (E era sempre possível, claro, que alguém tivesse enviado o recorte a Ford.)

Os ficheiros privados de Arthur Ford revelavam que ele tinha uma propensão marcada para recortar obituários, um hábito que, embora sempre me tenha parecido ligeiramente necrófilo, não prova um motivo ulterior. Contudo, o facto de Ford ser um médium profissional, no negócio de “trazer de volta” os mortos, colocava o hábito de recortar obituários sob uma luz diferente. Ainda que nunca pudesse ser estabelecido se Ford consultara ou não o obituário antes de ir à sessão com Pike, o simples facto de todos os “factos probatórios” terem sido impressos antecipadamente destruía a sua comprovação.

E ainda havia surpresas mais inquietantes reservadas para Bill Rauscher e para mim.

Rauscher encontrou entre os papéis de Ford uma folha solta, daquelas pequenas folhas de caderno de argolas que muita gente usa para marcações. A página continha dados dactilografados (aparentemente na mesma máquina que Ford usava para a sua correspondência) que eram suspeitos.

No topo da página estava escrito o cabeçalho: «Unitarian.» Por baixo havia dois parágrafos semelhantes a entradas de um dicionário biográfico:

Dr. Everett Moore Baker of Cleveland, Ohio church
. went to M.I.T. as dean . . . dd near Cairo Egypt
in airplane ac with 50 others. . . .

Melvin Saiter has son in Shaker Hghts.

A página parecia ser um fragmento de um caderno — que, inexplicavelmente, tinha sobrevivido quando o resto do caderno, sem dúvida, foi destruído — mantido por Ford como fonte de referência para mensagens mediúnicas. Esta suposição era reforçada pelo que já tínhamos descoberto acerca da sua paixão por recortar obituários e notícias sobre figuras notáveis. (Ford tinha um dossier sobre James Pike que remontava a vários anos.)

Havia ainda outras revelações relacionadas com a questão de possível batota por parte de Ford. Entre os seus papéis encontrámos material, sob a forma de notas manuscritas, que sugeria fortemente que, num caso, Ford foi ajudado e encorajado em clarividência fraudulenta por um investigador psíquico com quem era amigo há anos. A demonstração em causa ocorreu a 23 de Maio de 1956, numa igreja em Montclair, Nova Jérсия. Um pequeno cartão traz, na letra do investigador psíquico, esta mensagem:

A. Ford: Diga ao Dr. Fletcher [nome do pastor da igreja]
Sara “Sally” Smith vem ouvi-lo pregar (Mrs. Fred).
Veio com Ed Weiss —
Além disso, David Jacobus costumava vir quando ia à igreja.
Nenhuma outra lhe servia.

Para ser justo, é possível que esta mensagem seja inocente; talvez o investigador psíquico tenha tomado notas à medida que Ford dava clarividência. E talvez também fosse inocente um postal que Ford lhe escreveu uma semana após a demonstração acima, dizendo: «Obrigado por toda a ajuda... está sempre a pôr-me em dívida consigo.»

Por outro lado, poder-se-ia deduzir, a partir da evidência, que o investigador psíquico interveio para ajudar Ford quando os seus poderes falharam. (Na altura, o médium provavelmente ainda estava nas convulsões do seu alcoolismo mais profundo.) Talvez Ford tenha pedido ajuda, por amizade, e a pessoa tenha respondido no mesmo espírito, movida por sentimentos humanos perfeitamente naturais.

Este continua a ser mais um incidente enigmático na vida de um homem enigmático.

Mais tarde, Harmon Bro, clérigo e psicoterapeuta conhecido, disse-me que Arthur Ford lhe confidenciara uma vez que, durante os dias mais negros do seu alcoolismo, recorrera à batota em clarividência pública. Presumivelmente, não seria muito difícil fazê-lo, uma vez que Ford regressava

aos mesmos acampamentos espiritualistas e igrejas repetidas vezes e enfrentava as mesmas caras familiares a olhá-lo, à espera — não, a exigir — uma mensagem, qualquer mensagem.

O Dr. Ian Stevenson disse-me que Ford lhe admitira que consultava pessoas no *Who's Who* antes de uma sessão.

Um amigo de Ford, que o conhecia bem em público e em privado, disse que, na sua opinião, o médium possuía memória fotográfica, no sentido mais completo do termo. Tinha provas, afirmava, de que aquilo que Arthur Ford uma vez ouvia ou lia nunca esquecia.

«Ele podia, e às vezes fazia isso, ir a uma festa e ver alguém que conhecia há vinte anos e que não via desde então, e podia aproximar-se dessa pessoa, chamá-la pelo nome e praticamente retomar a conversa onde a tinha deixado anos antes. A memória dele era incrível. Era um computador ambulante, sempre a fazer *click*, um banco de memória humano», disse este informador.

Dada uma memória fenomenal, somada à dissociação do estado de transe — que, como a hipnose, tende a libertar material armazenado no inconsciente —, as possibilidades são enormes para uma recordação intensificada se mascarar, até inocentemente, de clarividência.

William Rauscher e eu encontramos evidência direta — em contraste com a evidência circunstancial — que indicava fraude da parte de Ford. A evidência surgiu sob a forma de acusações feitas ao médium por um ex-secretário. Este homem — um indivíduo de meia-idade, efeminado, que se descrevia jocosamente como «um promotor» — foi secretário de correspondência de Ford após a sessão com Pike ter provocado uma avalanche de cartas. Fez acusações graves contra a integridade de Ford enquanto médium, acompanhadas de uma admissão relutante de que «ele realmente era psíquico quando queria ser». Ao ponderar as acusações deste informador, é relevante que ele e Ford se separaram em termos pouco amistosos. («Era um maricas do caraças», disse Ford do antigo secretário. «Não me importo com maricas se eles tratam da vida deles, mas ele era demais.»)

«O Arthur Ford nunca ia a uma coisa como a sessão do Pike sem uma pesquisa imensa», disse este informador. «Ele fazia a pesquisa ele próprio.

Mostrou-me como se fazia. Ia à biblioteca na Filadélfia. Eu não fui com ele quando ele pesquisou a sessão do Pike, mas sei que o fez.

Eis de onde é que o Arthur tirava a informação. Registos escolares, está a ver? Ele dizia-me sempre isto: “Descobres onde um tipo andou na escola e consegues tudo o que quiseses sobre ele.” Vais aos registos escolares do bispo Pike, ou do filho dele, e consegues descobrir muitos factos, e depois aquilo segue uma progressão natural.

Atenção: eu acredito mesmo que muita coisa do material do Pike podia ter sido obtida psiquicamente.»

«É bem verdade que algumas coisas do Ford eram fenomenais. Mas muita coisa vinha diretamente da biblioteca.

Uma mulher enviou-lhe quinhentos dólares adiantados por uma sessão. Eu estava com ele quando fez a pesquisa para essa atuação “por encomenda”. Mostrou-me onde encontrar a informação: *Who’s Who*. Diretórios escolares.

Antes de conhecer o Ford, eu já tinha ouvido falar deste tipo de coisa noutros círculos espiritualistas; contaram-me isso. E um dia disse ao Arthur: “Andas a ler os teus poemas?” Ele ficou assustado, porque supostamente mais ninguém devia saber o que eram os “poemas” dele. Era o nome de código para as notas — “poemas”.

Ele dizia, antes de uma sessão: “Acho que vou ali atrás ler um pouco de poesia.” Mantinha os seus poemas atualizados lendo constantemente os jornais e recortando obituários de todo os Estados Unidos.

Levava esses poemas numa mala do tipo *gladstone* e nós escondíamos-la debaixo do banco da frente do meu carro. O Arthur tinha medo de morrer ou de ter um ataque cardíaco num quarto de hotel, porque tinha esse material escondido.

Atenção: eu acho que ele obtinha muita coisa psiquicamente. Ele conseguia dar coisas que importavam a pessoas que importavam.

Mas o Arthur dizia-me sempre que qualquer pessoa que conseguisse atuar a cem por cento do tempo era uma fraude.»

É relevante, ao avaliar a credibilidade deste informador, que, apesar de afirmar ter conhecimento íntimo da vida privada de Ford, algumas das suas declarações eram comprovadamente falsas.

Por exemplo, introduzindo o tema da bebida de Ford, perguntei quanto disso o ex-secretário tinha visto.

«Oh, o Ford não bebia», disse ele. «No máximo, podia beber uma cerveja como bebedor social, mas só isso.»

Obviamente, Ford mantivera parte da sua vida privada escondida do secretário.

Esta série de revelações que relatei suscitou questões clamorosas que só poderiam ser silenciadas por uma reavaliação cuidadosa e crítica do material que Arthur Ford produziu na sessão televisiva com Pike. A questão crucial que passaria a dominar a investigação era: esta informação específica poderia ter sido obtida por vias normais? Se sim, onde e como?

Antes de considerar os resultados do meu trabalho de detetive psíquico, é útil recapitular brevemente a sessão Ford–Pike e como surgiu.

Soube do interesse do bispo James Pike por fenómenos psíquicos, e das suas experiências pessoais nessa área, muito antes de estes factos se tornarem públicos — através do próprio bispo.

Alguns meses antes de me falar disso, Pike tinha escrito um prefácio para o meu livro então prestes a ser publicado, *The Unexplained*. Partilhou comigo as suas experiências aparentemente paranormais em Maio de 1967, quando estávamos juntos em Genebra a participar na conferência *Pacem in Terris* (“Paz na Terra”) — ele como chefe de um contingente teológico e eu como editor de religião do *Toronto Daily Star*.

O que Pike me contou foi o relato hoje familiar de como, após o suicídio do seu filho, James Jr., de vinte anos, em Fevereiro de 1966, fenómenos estranhos e inexplicáveis eclodiram à sua volta. No apartamento em Cambridge, que Pike e o filho tinham partilhado durante cinco meses enquanto o bispo prosseguia estudos teológicos avançados, relógios paravam às 8:19 (a hora presumida da morte do filho), postais com a letra do jovem Pike apareciam misteriosamente onde não deviam estar, um espelho de barbear que pertencera a Jim Jr. executava movimentos por si mesmo e até o leite no apartamento azedava sem explicação.

Pike, homem invulgarmente consciente, suspeitou que sofria de uma reação aguda de luto. No entanto, duas outras testemunhas — o Rev. David

Barr, capelão de Pike, e Maren Bergrud, a sua secretária literária — confirmaram a realidade dos fenómenos.

Pike pediu aconselhamento ao Rev. Canon John Pearce-Higgins, antigo vice-deão da Catedral de Southwark, em Londres, e o mais célebre “caçador de fantasmas” eclesiástico de Inglaterra. (É também uma figura de proa na *Churches’ Fellowship for Psychical and Spiritual Studies*, que conta com cerca de vinte bispos anglicanos entre os seus membros.) Pearce-Higgins aconselhou Pike a procurar um bom médium e sugeriu a Sra. Ena Twigg.

A Sra. Twigg, uma espécie de Madame Arcati da vida real, é uma clarividente de sociedade consultada, entre outros, pelo bispo de Southwark, Dr. Mervyn Stockwood. Ao bispo Pike, que a procurou sem apresentação, ela transmitiu mensagens probatórias que ele considerou provenientes do seu filho falecido.

Mais tarde, já de volta a Santa Bárbara — onde Pike, após ter renunciado à sua diocese, desempenhava funções como teólogo residente no *Center for the Study of Democratic Institutions* — recebeu comunicações probatórias através de outro médium, George Daisley.

Foi neste ponto da história que o bispo Pike partilhou as suas experiências comigo, à base de cheeseburgers e café, numa longa noite que durou até às quatro da manhã. Ele obrigou-me a guardar segredo, dizendo que, eventualmente, queria escrever um relato completo das suas experiências com fenómenos psíquicos.

Dessa conversa nasceu a ideia de uma sessão televisiva que viria a desencadear a maior notícia psíquica desde que uma dona de casa do Colorado, sob hipnose, afirmara ter vivido antes como uma rapariga irlandesa chamada Bridey Murphy.

De volta a Toronto, depois de ponderar a ideia durante algum tempo, abordei a Canadian Television Network (CTV). Estavam interessados numa sessão televisiva, mas perguntavam: o bispo Pike, o teólogo “herege”, o arquirracionalista da Igreja, participaria mesmo num acontecimento tão improvável? E, a participar, haveria um médium capaz de estar à altura? O meu nomeado, o único possível, era Arthur Ford.

Contactei Ford, que então vivia no Westbury Hotel, em Filadélfia, e apresentei-lhe a ideia. Ao início, a perspectiva de um bispo Pike e de televisão pareceu intimidá-lo. Tinha setenta e um anos, já tinha visto e feito o suficiente

para duas vidas e, compreensivelmente, não tinha vontade de, a esta altura, participar no que poderia revelar-se um fracasso monumental. E se tentasse entrar em transe sob aquelas luzes ofuscantes e nada acontecesse?

Ou entrava em transe mas não surgia nada de probatório? Ou Fletcher falhava? E se chamássemos os mortos e ninguém respondesse?

«Mas», repliquei, «e se fosse um grande sucesso?»

Houve uma pausa do outro lado da linha e depois Ford concordou: «Está bem, faço.»

Confesso que fiquei descontente por ter revelado a Ford a identidade do seu futuro consulente. Idealmente, um médium não deveria saber isso, eliminando-se assim a questão de pesquisa prévia. Contudo, a minha razão para mencionar o nome de Pike era simples: era o isco para atrair o médium relutante para diante do olho implacável da câmara de televisão. Sem Pike, duvido que o envelhecido Ford tivesse sido tentado a fazê-lo. (Como ele disse mais tarde sobre a publicidade da sessão: «À minha idade, quem é que precisa disso?»)

Em retrospectiva, parece que nós os três — Pike, Ford e eu — tínhamos expectativas diferentes sobre o que iria acontecer naquele estúdio de televisão. Da parte de Pike, ele duvidava que qualquer médium conseguisse entrar em transe naquelas circunstâncias e via tudo como uma experiência interessante. Além disso, queria conhecer Arthur Ford. Se tivesse suspeitado que a sessão iria desencadear a tempestade que desencadeou, disse Pike, nunca teria aceitado participar, porque não estava preparado para uma divulgação completa das suas experiências psíquicas pessoais. «De alguma forma», confessou mais tarde, «nunca me ocorreu que, se a pequena esperança do Allen Spraggett [de uma sessão televisiva bem-sucedida] se concretizasse, isso atrairia cobertura noticiosa nacional — e até internacional...»

Da minha parte, naturalmente, eu contava com que Ford conseguisse entrar em transe, com luzes de televisão ou sem elas. Afinal, era esse o propósito do evento.

E Arthur Ford? Quais seriam as suas expectativas ao entrar naquele estúdio de televisão?

Quem pode adivinhar o que se passava na mente daquele homem impenetrável? A julgar pelo seu próprio testemunho, ele tinha um enorme talento para se mostrar baralhado, porque, segundo a versão dele, tinha apenas a ideia mais vaga de por que razão estava em Toronto.

«A sessão com Pike não foi planeada», escreveu Ford ao seu amigo Marcus Bach, três meses depois do acontecimento. «Tanto o Pike como eu estávamos em Toronto para ajudar a lançar o livro *The Unexplained* do Allen Spraggett. Não se falou de qualquer sessão. Mas ambos concordámos em tentar, com o entendimento de que não seria mostrada na TV a menos que fosse um sucesso. Portanto, foi um “acontecimento”.»

Mais tarde, no seu livro *Desconhecido Porém Familiar*, Ford apresentou uma versão ligeiramente emendada de por que razão estava em Toronto e do que aconteceu lá:

«... os acontecimentos conjugaram-se para aproximar o bispo Pike e eu. Allen Spraggett, editor de religião do *Toronto Star*, escrevera um livro sobre fenómenos psíquicos. O Pike e eu fomos convidados a falar na televisão como parte da publicidade do dia de publicação. Na estação de Toronto da Canadian Broadcasting Corporation [na realidade era a Canadian Television Network], o Pike ficou a meu lado e disse que gostaria, se fosse possível arranjar, de ter uma sessão em alguma altura. Tínhamos concordado anteriormente que uma sessão seria uma boa ideia, mas não tínhamos marcado uma data definida. “E que tal agora mesmo?”, disse eu. Fomos para o estúdio e gravámos a fita que mais tarde foi mostrada, em parte, nas principais redes de televisão dos Estados Unidos e do Canadá.»

A verdade é que, no convite a Ford, eu deixara perfeitamente claro que a sua vinda a Toronto tinha o propósito expresso de realizar uma sessão com o bispo Pike diante das câmaras de televisão. Em 28 de Agosto de 1967, escrevi-lhe:

«Apenas um resumo rápido do que iremos fazer. O conceito por trás do segmento do W-5 (W-5, significando *Who, What, Where, When, e Why*, é o nome do programa de atualidade em horário nobre da CTV) é realizar uma reportagem séria e responsável sobre a relevância dos fenómenos mediúnicos para a religião. Tal como eu o vejo, filmaremos uma sessão em transe com o bispo Pike e comigo como participantes.»

Depois, ao sair do transe, juntar-se-á a nós numa discussão em mesa-redonda sobre o que os fenómenos psíquicos significam para o cristianismo tradicional.

Encontrei uma cópia da minha carta entre os papéis de Ford, pelo que, presumivelmente, ele a teria lido. Porque é que, então, disse que «não estava planeada nenhuma sessão»? Teria sido para atenuar a crítica de que poderia ter pesquisado Pike previamente? Ou seria simplesmente que Ford, como muitos médiuns, não tinha uma ligação muito firme à realidade mundana?

Antes de iniciarmos a sessão, Ford e eu — e mais tarde Pike — sentados numa espécie de estrado, no meio do estúdio de televisão, amplo e com ar de celeiro, conversámos sobre a mediunidade e a sua relevância para a busca humana da imortalidade. Imediatamente antes de o médium colocar a venda para entrar em transe, juntou-se a nós uma mulher da equipa do programa W-5 que não tinha sido apresentada a Ford.

«A razão disto», expliquei na altura, «é que qualquer material probatório que o médium possa produzir, se disser respeito à nossa nova convidada, presumivelmente não poderá ser explicado com base em pesquisa prévia, uma vez que ele não sabia que a jovem senhora se iria juntar a nós.»

(Aconteceu que, para desapontamento, não surgiram mensagens para a convidada não apresentada.)

Consideremos agora as comunicações que pareceram mais marcantes na sessão Ford–Pike — aquelas que o próprio Pike achou mais convincentes — e avaliemo-las de novo à luz da investigação que fiz posteriormente.

A primeira mensagem teria vindo, supostamente, do filho falecido de Pike, que falou da sua origem eslava e depois apresentou o avô russo, cujo nome deu como Elijah (na realidade, Elias). Houve comentários do filho sobre o seu estado mental confuso quando tirou a própria vida, devido a «um choque no cérebro».

Nada disto foi impressionante; era suficientemente verdadeiro mas, como Pike observou, «a pesquisa mais elementar» poderia tê-lo revelado.

Depois, avançou um comunicante diferente — se é isso que estava a acontecer — e Fletcher disse:

«Agora veio outra pessoa e diz: “Quero falar consigo, porque, mais ou menos, seguiu o mesmo caminho que eu. Eu era mais velho do que você.”

Este homem diz que foi capelão numa universidade, antes de si. Suponho que você lhe tomou o lugar. Já lá vai bastante tempo. Tentaram — ou tentaram duas vezes — fazê-lo bispo, mas falharam... o nome é... Louis...»

Pike recordou Louis Pitt, durante muitos anos reitor da Grace Episcopal Church, em Nova Iorque, e capelão interino na Universidade de Columbia antes de Pike ocupar esse cargo. O que mais impressionou Pike foi a alusão a que se tentara duas vezes fazer de Pitt um bispo. Na televisão, Pike disse com cautela: «Levaria mais tempo do que temos aqui para explicar a ligação do Louis Pitt ao episcopado. Mas encaixa exatamente no que foi dito — quero dizer, sempre dama de honor mas nunca noiva, percebe?»

Mais tarde, Pike comentou que tinha sido reservado em dizê-lo na televisão, mas Pitt parecera um candidato provável a bispo pelo menos duas vezes e, em ambas, perdera por uma reviravolta inesperada. Como esta parte da história pessoal de Louis Pitt estava velada pela cortina púrpura da política eclesiástica, era extraordinário, disse Pike, que o médium a tivesse trazido à tona.

«Seria preciso uma pesquisa tremenda para descobrir isso — se é que se conseguiu», disse. «Não é o tipo de coisa que se encontra nos jornais.»

No entanto, veio a revelar-se que era, sim, o tipo de coisa que se encontra nos jornais. O obituário do Rev. Louis W. Pitt, no *New York Times* de 3 de Abril de 1959, mencionava não apenas o seu cargo de capelão visitante em Columbia como o facto de, em 1947, ter sido duas vezes um dos nomes considerados para a eleição como bispo sufragâneo de Nova Iorque e como bispo coadjutor do Oeste de Nova Iorque, respetivamente, perdendo em ambas as ocasiões para outros candidatos.

Aqui estava mais uma mensagem “probatória” demolida — não restava uma partícula.

Fletcher apresentou «uma senhora idosa que... bem, ela não parece idosa agora, é muito bonita. Costumava ser um espinho no seu lado quando era deão. Mas não nos dá mais do que isto.

«Mas o Jim diz que tem com ele uma senhora encantadora chamada Carol, que estava associada consigo de algum modo — Carol Rede, ou algo assim.»

(Aqui, em resposta a uma pergunta minha, o bispo Pike disse que não sabia que Carol Rede — ele sabia de quem o médium falava — estivesse morta. E o médium retorquiu: «Bem, ela não está. Ela diz: “Eu não estou morta, estou mais viva do que nunca.”» Nesse ponto, num momento genuinamente cómico, Pike e eu apressámo-nos a pedir desculpa ao suposto fantasma. «Oh, perdoe-me», disse ele, «eu não sabia...» E eu gaguejei: «É apenas uma maneira de falar que temos aqui.»)

O comunicante continuou com uma referência a um irmão, um major reformado, que estaria a viver em Carmel, Califórnia.

Embora Pike não o soubesse na altura, Carol Rede, que fora secretária do bispo Horace Donegan, de Nova Iorque, quando Pike era deão da Catedral de St. John the Divine, tinha morrido três anos antes.

Este facto era verificável consultando o *New York Times* de 17 de Setembro de 1964, que continha o obituário de Miss Rede. Contudo, o obituário não mencionava qualquer irmão major reformado a viver em Carmel. Mais tarde, verifiquei e descobri que, embora Carol Rede tivesse de facto um irmão, chamado Ross, ele era capitão reformado, não major, e, mais importante, morreu um ano antes da irmã — pelo que, se estivesse a “viver” em Carmel, só poderia ser em forma astral. O médium enganou-se em dois aspetos.

O elemento da mensagem de Carol Rede que foi mais probatório para o bispo Pike, porém, foi a caracterização da senhora como «um espinho no seu lado», que Pike disse ser extremamente exata. Como é que se pesquisaria uma coisa destas? A quem se perguntaria? E, interrogava-se Pike, porquê dar-se ao trabalho com Carol Rede, se ela só tocara a vida dele de forma periférica?

Estas perguntas continuam intrigantes.

Houve outras mensagens em que a informação, embora geralmente correta, dificilmente era inacessível. George Zabriskie, antigo deão do Virginia Theological Seminary, comunicou supostamente e aludiu a um curso que teria lecionado a James Pike. O facto de Pike ter conhecido Zabriskie era fácil de descobrir, mas outra coisa que o comunicante disse não o era. Disse que o curso que lecionara tinha «mais ou menos moldado» o pensamento de Pike — um exagero, pensou Pike de início, mas, ao refletir, inclinou-se a concordar. Pode isto ser objeto de pesquisa? Ou foi um palpite feliz?

Um intervalo humorístico surgiu quando um Donald MacKinnon (cujo filho, com o mesmo nome, ensinava em Cambridge enquanto Pike lá esteve para estudos avançados) mencionou, de forma improvável, «dois gatos que outrora tinham pertencido ao seu filho».

Quando verifiquei por telefone de longa distância com o Professor MacKinnon, apanhando-o em Oban, nas Terras Altas da Escócia, e lhe perguntei se alguma vez tinha tido dois gatos, ele disse: «Isso é extraordinário. Eu tive dois gatos em criança, um preto e outro cinzento. Um chamava-se Mewger. O cinzento desapareceu cerca de três anos antes da morte do meu pai, em 1933 — e o preto comportou-se de forma estranha no dia do funeral do meu pai. Saiu disparado de algum lugar em frente ao caixão quando o estavam a levar para fora de casa.»

Isto pareceu probatório. Depois, alguém apontou que o *International Who's Who* lista um dos passatempos de Donald MacKinnon como «gatos» e comentou: «Um facto nada difícil de pesquisar.»

De facto. E se o bispo Pike ou eu tivéssemos suspeitado de que a paixão de MacKinnon por felinos era de conhecimento público, teríamos pressionado o médium para obter informação mais definitiva — os nomes dos gatos, por exemplo. Contudo, enquanto a referência no *Who's Who* é apenas a «gatos», Ford mencionou dois gatos específicos que já tinham morrido. E, quando falei com ele, o Professor MacKinnon associou-o prontamente a um par de gatos que tivera em criança — um dos quais parecia ter uma ligação curiosa ao pai.

A comunicação mais probatória que ocorreu durante a sessão televisiva — uma que não cedeu os seus segredos a investigação intensiva — dizia respeito a uma pessoa que Pike encontrara uma vez, anos antes, mas que, ao início, não conseguiu recordar.

«O começo», disse Fletcher, supostamente interpretando para o filho de Pike, «foi alguém a quem ele chama Halverston... é um nome como Halverston ou Halberston? Ele está aqui agora, este Halverston. Eu já o vi aqui; parece ter “passado” mais ou menos na mesma altura que o rapaz. Lembra-se de uma pessoa assim? Espere... o nome dele era Marvin... e havia qualquer coisa sobre música moderna, ou dança moderna, ou arte, ou qualquer coisa na Igreja. E ele conhecia o bispo Pike...»

Pike, após pensar, recordou vagamente Marvin Halverson. Depois lembrou-se de que o clérigo tinha feito parte do departamento do *National Council of Churches* para religião e artes e, mais tarde, fora o primeiro diretor da *Foundation for the Arts, Culture, and Religion*. A afirmação de que Halverson «conhecia» Pike era correta; ele fora, uma vez, convidado do bispo, quando Pike era deão da catedral em Nova Iorque, num programa de televisão sobre arte na Igreja. Pike não tinha a mais pequena ideia se o filho teria conhecido Halverson.

No entanto, Pike encarregou investigadores de fazerem diligências. Mais por serendipidade do que por ciência, estabeleceram que Jim Pike Jr. e Marvin Halverson se conheciam, de facto (a informação veio de alguém que ouvira Halverson falar do jovem Pike após a sua morte, dizendo: «Eu conhecia aquele rapaz.»). Halverson aceitara um posto de ensino na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e presumivelmente foi aí que conheceu o filho de Pike. Pessoas que conheciam bem Halverson disseram que ele estava profundamente envolvido no uso de drogas psicadélicas (um dos problemas de Jim Pike Jr.) e tinha outras excentricidades pessoais que tinham sido sugeridas na comunicação de Ford.

Agora, nesta mensagem, o que poderia ter sido objecto de pesquisa por parte do médium?

Bem, em 27 de Fevereiro de 1967 — cerca de um ano após a morte do filho de Pike — o *New York Times* publicou um obituário do Rev. Marvin Pierce Halverson que mencionava o seu cargo em religião e artes, a sua preocupação com arte e dança modernas na Igreja e a mudança, «pouco antes da sua morte», de Nova Iorque para Berkeley.

O obituário não estabelece qualquer ligação com Jim Pike Jr., exceto uma ligação extremamente ténue: Halverson mudara-se para Berkeley, o que o colocava, juntamente com vários milhões de pessoas, na área de São Francisco quando o jovem Pike lá estava. A mensagem de Marvin Halverson permanece insolúvel.

Na verdade, investigação posterior mostrou que a ligação do jovem Pike a este homem foi crucial em muitos aspetos, o que dá credibilidade à comunicação da sessão.

É claro que é possível que Ford tenha sabido da ligação do jovem Pike a Halverson através de alguém que conhecesse ambos, mas isso é obviamente impossível de verificar.

Como é que, então, o material comunicado por Ford na sessão televisiva resiste a um escrutínio cético?

O quadro, infelizmente, continua confuso.

Alguns dados que em tempos se afiguravam como forte evidência de processos paranormais encolheram quase até ao nada; são as informações que se revelaram facilmente acessíveis por pesquisa. No entanto, outros dados permanecem intrigantes, curiosamente convincentes mesmo depois das revelações negativas, enigmáticos como o próprio médium e, tal como ele, em última análise para lá de qualquer prova ou refutação.

A evidência é inquietantemente forte de que Ford fazia batota — deliberadamente e também de forma inconsciente (como quando, por exemplo, a sua memória prodigiosa recuperava algum pormenor probatório enterrado durante anos no inconsciente). Mas fazia ele sempre batota? Ou tinha poderes genuinamente paranormais que, sob várias pressões, passou a complementar com pesquisa?

Pessoalmente, penso que a evidência apoia a hipótese de que Arthur Ford era um psíquico genuinamente dotado que, por várias razões, escrutáveis e inescrutáveis, recorria à trapaça quando sentia que tinha de o fazer.

Contudo, o papel de Ford no caso do bispo Pike não pode ser julgado apenas com base na sessão televisiva. Algumas semanas mais tarde teve lugar outra sessão, mais notável, em Filadélfia, e já a seguiremos, considerando a evidência que daí resultou.

Antes disso, é interessante reconsiderar a reação pública à sessão Ford–Pike — uma reação que fez do evento um marco moderno na consciência popular dos fenómenos psíquicos.

A reação foi explosiva. O bispo Pike ficou submerso pelo maior dilúvio de correio de toda a sua longa e noticiada carreira. Arthur Ford foi tão assediado por cartas, telegramas, telefonemas, por repórteres e pelo público curioso, que chegou a esconder-se temporariamente no apartamento de um

amigo em Nova Iorque. Entretanto, o correio — três mil cartas no total — acumulou-se à porta.

Os comentários de religiosos sobre a sessão foram mistos. Os críticos de Pike denunciaram naturalmente esta última «aberração». Não concordavam, porém, entre si. Conservadores teológicos — particularmente seitas fundamentalistas — acusavam a comunicação com os mortos de não ser coisa boa e de não dever ser praticada, enquanto liberais diziam que era impossível. A revista adventista do sétimo dia aconselhou editorialmente o bispo Pike: «Não era com o seu filho que estava a falar», mas com um demónio que o imitava.

Este era também o ponto de vista de um livro chamado *The Haunting of Bishop Pike*, de Merrill Unger, um demonologista batista. Para ele, não havia dificuldade em aceitar que Arthur Ford produzira informação para além do normal na sessão televisiva. «A sessão foi notável ao revelar informação que claramente veio por poderes superssensoriais», admitiu Unger. «Embora a perceção extrassensorial do próprio Ford pudesse explicar algumas das revelações, a citação de nomes obscuros e acontecimentos há muito esquecidos tornava até isso improvável. ... Não poderia, de modo algum, ter sido pesquisado previamente pelo médium, mesmo que ele fosse um impostor, o que Arthur Ford, enquanto o mais notável médium dos Estados Unidos, não é.»

Isto, porém, é uma condenação com elogio tímido, porque Unger considera que a mediunidade de Arthur Ford, embora genuína, era diabólica. Na sua opinião, Ford era o porta-voz de espíritos malignos que se faziam passar por amigos e entes queridos falecidos. O objetivo dessa mascarada demoníaca? Levar almas incautas ao inferno, que outra coisa seria?

É difícil contrariar uma visão destas por meios racionais. Uma coisa é dizer que a teoria demoníaca da mediunidade é medieval, simplista, não científica e tende a ser sustentada por pessoas que não conseguem ler sem mexer os lábios. Tudo isto pode ser verdade — mas como se demonstra que a teoria é falsa? Tal como a teoria demoníaca da doença, é, em última análise, uma fé e, como tal, é impermeável ao argumento racional ou à lógica.

Numa sessão em 1956, Peter Fleming, missionário fundamentalista, um de vários massacrados pelos índios Auca no Equador, comunicou supostamente através de Fletcher. A certa altura, o comunicante pediu que fosse transmitida uma mensagem à sua viúva. Depois lamentou:

«O problema é que não podemos falar com pessoas como a Betty sobre comunicação através de um médium; elas acham que é obra do Diabo.»

Curiosamente, há espiritualistas e “psíquicos” que defendem uma teoria não totalmente diferente da explicação demoníaca da mediunidade. Estas pessoas acreditam que os médiuns, por vezes, sobretudo se levam vidas corruptas, podem ser possuídos por entidades malignas — seres desencarnados degradados — que cobizam um corpo para atuarem os seus desejos carnis. Havia, entre os amigos de Ford, quem acreditasse que, por vezes, ele era assim possuído.

«Eu acredito mesmo», disse um investigador psíquico inteligente e experiente, que conhecia Ford bem e o admirava, «que, por vezes, o Arthur era tomado, controlado, por entidades baixas. Acho que isto pode ter sido ao mesmo tempo sintoma e causa do seu alcoolismo. Essas entidades baixas podem tê-lo levado a beber em excesso e, quanto mais ele bebia, mais vulnerável se tornava a esses ataques psíquicos.»

Sentimentos semelhantes foram expressos por um amigo de Ford que disse tê-lo visto, dominado por um impulso monstruoso, atirar-se para todo o lado, como diz o ditado, «como um possesso».

Mais típica do que a reação dos fundamentalistas à sessão Ford–Pike foi a de representantes dos estabelecimentos eclesiásticos que, tendo antes acusado o bispo Pike de ser demasiado cético quanto a dogmas como a Trindade e o nascimento virginal de Cristo, agora o acusavam de ser demasiado crédulo quanto ao Espiritualismo.

(Gracejou Pike: «Tendo estado sob suspeita por acreditar de menos, é pelo menos uma mudança ser criticado por acreditar de mais.»)

O caso do bispo Pike devolveu Arthur Ford às primeiras páginas.

O *New York Times* colocou a história da sessão de Toronto na primeira página com o título: **PIKE AFIRMA TER RECEBIDO MENSAGENS DO FILHO MORTO NUMA SESSÃO TELEVISIVA.** Arthur Ford foi identificado como «o proeminente médium americano... cujos poderes foram declarados autênticos por vários psiquiatras americanos».

As agências noticiosas pegaram na história e lançaram-na pelo país. Jornais por todo os Estados Unidos, e pelo mundo, noticiaram uma sessão na

primeira página — algo inaudito desde os dias do código Houdini. E o médium era o mesmo.

Um artigo longo no *New York Times* fez um perfil de Ford (tratando-o, no estilo do *Times*, como «o Rev. Dr.») e incluiu uma fotografia dele, de olhos vendados, em transe. O tom era sério, até respeitoso.

A *Time* foi menos respeitosa, embora a única “picada” evidente — um simples alfinete, na verdade — tenha sido a referência a que, apesar de famoso pelas suas «heresias» e interrogações, Pike «com uma certeza pouco habitual acredita que as conversas com o filho são genuínas». O jornalista da *Time* perguntou-se porque é que «uma troca com o falecido pai do teólogo britânico Donald MacKinnon produziu a útil informação de que MacKinnon em tempos tivera dois gatos». Arthur Ford foi descrito como «um médium profissional que afirma que um “controlo espiritual” chamado “Fletcher” fala através das suas cordas vocais».

A *Newsweek*, numa reportagem acompanhada por três fotografias — de Fletcher, Pike e eu na sessão televisiva, e de Ford em transe — mostrou as garras. Fez comentários sarcásticos, de novo, sobre os gatos de MacKinnon, e o autor pareceu achar algo sinistro no facto de Ford, Pike e eu nos conhecermos (embora Pike, na verdade, não conhecesse Ford antes da sessão). Havia um resumo relativamente direto da carreira de Ford como «um conhecido clarividente».

Embora o jornalista da *Newsweek* claramente não estivesse convencido de que o bispo Pike tinha contactado o outro lado, pelo menos um leitor da revista estava.

«Acredito firmemente que o bispo Pike comunicou, de facto, com o seu filho “morto”, Jim», escreveu Bob Collier, de Nova Iorque, numa carta ao diretor. «No sábado, 30 de Setembro, através do mesmo médium, o Rev. Dr. Arthur Ford, comuniquei com o meu pai — enterrado há mais de dez anos — e consegui uma reconciliação com quarenta e dois anos de atraso. Depois de considerável psicoterapia, eu estava bem ciente de um problema que afetou seriamente a minha vida. Estou feliz por ter sido resolvido — graças a Ford, ao seu controlo espiritual Fletcher e ao meu pai falecido...»

Com a fama renovada, Ford recebeu as inevitáveis propostas. Numa carta ao bispo Pike, datada de 24 de Novembro de 1967, disse: «A Trans-Lux [cadeia de cinemas] ofereceu-me um honorário muito grande se eu fizesse

uma sessão e trouxesse de volta o Humphrey Bogart. Recusei. Quem é que se importa com o que o Bogart tem para dizer, afinal?»

A 16 de Dezembro de 1967, três meses após a sessão televisiva, Arthur Ford fez uma sessão privada para o bispo Pike, a sua secretária (mais tarde esposa), Diane Kennedy, e outra mulher da equipa do bispo. A sessão fora organizada por Pike com o propósito expresso de fixar uma questão: **poderia Ford comunicar mensagens que, sem margem para dúvida, fossem impossíveis de pesquisar?** Especificamente, Pike esperava obter informação que lançasse luz sobre as últimas horas do seu filho — um período envolto em mistério que ninguém, nem sequer a polícia, conseguira penetrar.

Em *The Other Side*, Pike disse que, durante a sessão privada, chegaram mensagens extremamente probatórias através de Fletcher. Algumas delas, Pike relatou-as com bastante pormenor. A certa altura, Fletcher, supostamente a falar pelo filho de Pike, disse:

«Diga ao George Livermore — vai vê-lo em breve — que, como eu percebo, a Caroline vai passar em breve...»

O bispo Pike disse que George Livermore, seu amigo e apoiante há muitos anos, não lhe passara pela cabeça naquele momento, e Pike não fazia ideia se o veria em breve, como Fletcher previra. Pike disse ter ficado com a impressão de que «Caroline» era o nome da mãe do Sr. Livermore, uma senhora octogenária, e que a previsão, pelo que valesse, se aplicava a ela.

Pouco mais de uma semana depois, numa eucaristia da meia-noite na véspera de Natal, na Grace Cathedral de São Francisco, o bispo Pike cruzou-se com George Livermore.

Coincidência? Talvez.

Mas, cerca de um mês depois, a 2 de Fevereiro de 1968, a secretária do bispo disse-lhe que a Sra. Livermore acabara de morrer. O primeiro nome dela? «Caroline», respondeu a secretária.

No entanto, o material mais impressionante produzido nessa sessão privada não foi divulgado. A sessão cumpriu plenamente o seu objetivo de convencer o bispo Pike de que, através de Arthur Ford, processos genuinamente supernormais estavam em operação (se não comunicação com os mortos, que Pike se inclinava a aceitar, pelo menos percepção extrassensorial).

«Houve uma parte do material que foi tão probatória que não me é possível revelá-la aqui», escreveu Pike. «Lamento que a sua natureza torne necessário omiti-la, pois eu gostaria que os meus leitores pudessem julgar por si próprios a sua qualidade.»

Contudo, à luz das descobertas que apontavam para a possibilidade real de fraude por parte de Ford, parecia vital que as comunicações provenientes da segunda sessão fossem reavaliadas.

Ao discutir o assunto com Diane Pike, viúva do bispo, perguntei-lhe se, nas circunstâncias, ela estaria disposta a rever o material não publicado que surgira na sessão privada e a ponderá-lo de novo. A pergunta a que eu queria, naturalmente, obter resposta era: **poderia Arthur Ford, de alguma forma concebível, ter adquirido esta informação por meios normais?**

Em resposta ao meu pedido — e porque ela própria também queria sondar a verdade sólida — Diane Pike empreendeu uma reanálise meticulosa da parte não publicada do material que Fletcher transmitiu, supostamente da parte de Jim Pike Jr., na sessão realizada no apartamento de Arthur Ford. Sem revelar pormenores do material, que é extremamente pessoal, Diane Pike escreveu-me esta avaliação crítica do seu valor como evidência de comunicação psíquica genuína:

«Voltei a ler a transcrição dessa sessão e continuo muito impressionada — creio que teria de dizer igualmente impressionada — com a quantidade de dados pessoais que parece virtualmente impossível Arthur Ford ter pesquisado.

Na categoria desses dados pessoais, eu incluiria as seguintes mensagens, que parecem ser acertos claros: (Os itens assinalados com asterisco são coisas que poderiam ter sido aprendidas por relatos nos jornais e podem ter sido do conhecimento do próprio Ford. No entanto, os outros itens não parecem encaixar nessa categoria de todo.)

1. Que o Jim Jr. insistiu em regressar sozinho do Reino Unido para os EUA.*
2. Que ele e o pai se tinham tornado amigos pela primeira vez enquanto estavam em Inglaterra, tendo o pai estado demasiado ocupado para se dar a conhecer antes.*
3. Que ele conseguiu obter drogas em Nova Iorque.*

4. Que tentou escrever algumas coisas pouco antes da morte, mas não conseguiu dar-lhes um sentido coerente.*
5. Que se cruzou, em Nova Iorque, com algumas pessoas que faziam parte “de um grupo”.
6. Que um amigo dele em Berkeley (cujo nome e a profissão do pai ele conseguiu indicar) poderia explicar o grupo e “esclarecer as coisas”. (Verificámos isto e o amigo de facto conhecia o grupo e conseguiu esclarecer muita coisa.)
7. Que as drogas não eram a dificuldade do Jim Jr. (Ele foi explícito sobre a outra dificuldade.)
8. Que ele e o pai tinham falado sobre esse segundo problema em Inglaterra (nunca tinham falado disso antes) e que o Jim Jr. se tinha convencido de que esse segundo problema era irreversível enquanto estava na Europa. (O pai estava certo de quando teria ocorrido essa confirmação, e foi na Europa, não em Inglaterra.) E que o Jim Jr. não conseguia viver com, nem aceitar, essa confirmação.
9. Que fez referência a uma conversa que ele e o pai tiveram em Cambridge, na qual o Jim Sr. não tinha pensado desde então e da qual mais ninguém sabia. Citou algumas das coisas que o pai lhe dissera.
10. Que fez referência a outros membros da família pelo nome e disse coisas sobre a sua relação com eles que o pai sabia serem verdade.»

Esta segunda sessão reforça de forma significativa — até crucial — a hipótese de que Arthur Ford tinha poderes paranormais genuínos que, por vezes, aumentava com pesquisa “mediúnica”.

Em contrapartida, a evidência desta sessão enfraquece a teoria de que ele era apenas um embusteiro ultra-hábil, pois mesmo a trapaça ultra-hábil tem limites. É certo que esses limites são difíceis de definir; o embusteiro procura sempre manter-se um passo à frente do investigador. No entanto, ponderando cuidadosamente e de forma crítica a análise de Diane Pike da segunda sessão, parece virtualmente inconcebível que Ford pudesse ter sabido por meios normais pormenores sobre James Pike e sobre a relação

dele com o filho que, pela sua própria natureza, eram conhecidos apenas por ambos.

A única alternativa remotamente plausível, parece-me, seria argumentar — sem prova — que Ford, por acaso ou por intenção, estava em contacto com alguém que tinha conhecimento dos detalhes mais íntimos da vida e da morte do jovem Pike.

O caso do bispo Pike, como quase tudo em Arthur Ford, continua um mistério, mas um mistério cujas dimensões vão de forma convincente para lá de um mero malabarismo mental.

12

CREPÚSCULO DE UM MÉDIUM

«Deus ajude-me.»

— últimas palavras de Arthur Ford

«Algum parto... algum nascimento solene e imortal;
Nas fronteiras impenetráveis aos olhos,
Alguma alma está a passar.»

— Walt Whitman, *Whispers of Heavenly Death*

Mesmo antes de o caso do bispo Pike lançar Arthur Ford de novo para as primeiras páginas, ele era reconhecido entre os aficionados do psíquico como o maior médium vivo. E, como pode imaginar, esta reputação atraiu uma procissão de visitantes interessantes, frequentemente coloridos. Os álbuns de recortes de Ford contêm fotografias instantâneas de várias pessoas não identificadas, de aspeto exótico, que o procuravam. (Uma delas, de turbante e túnica esvoaçante, rodeada de acompanhantes e ao lado do que parece ser a versão, por volta de 1930, de um “jato executivo”, poderia ter sido um marajá.) Ao longo dos anos, Ford recebeu visitantes da Índia, do Japão, de várias nações africanas e da maioria dos países europeus.

Um dos mais curiosos foi um líder religioso coreano, aclamado pelos seus seguidores como o novo messias, chamado Sun Myung Moon. Como se veio a verificar, Ford viria a desempenhar um papel substancial — embora em grande medida involuntário — na promoção das aspirações do Sr. Moon a um estatuto cristológico. A mediunidade de Ford foi amplamente interpretada — mal interpretada, segundo Ford — como tendo acreditado as pretensões messiânicas do Sr. Moon.

Quem é o Sr. Moon?

Uma mini-biografia oficial publicada pelo seu movimento, a *The Holy Spirit Association for the Unification of World Christianity* (hoje designada simplesmente *The Unification Church*), diz que este mais recente messias do Oriente, vindo salvar o Ocidente decadente dos seus pecados, nasceu em Jung-joo, na Coreia, a 6 de Janeiro de 1920 (o que o faz Capricórnio, o mesmo signo solar de Arthur Ford). Aos dezasseis anos, o Sr. Moon «sabia que tinha sido escolhido por Deus para uma importante missão de alcance mundial». Pregou na Coreia do Norte controlada pelos comunistas e «foi preso e severamente torturado pelos comunistas em várias ocasiões, passando três anos num campo de trabalhos forçados». Mais tarde, fugiu para a Coreia do Sul onde, em 1954, começou a pregar publicamente e organizou o seu movimento.

E o que é que ele prega?

Isso é difícil de dizer. A marca Moon de pós-cristianismo parece ser uma improvável amálgama de literalismo bíblico e Espiritualismo. Proeminente no evangelho do movimento está o reconhecimento do Sr. Moon como «o novo messias» (título de uma das suas palestras). Como a maioria dos supostos salvadores do mundo, o Sr. Moon é reticente, até coquete, quanto a aplicar a si próprio os honoríficos usados pelos seus «mais de um milhão e meio» de seguidores. Eles chamam-lhe «O Nosso Líder» (todas as referências formais a ele são grafadas com maiúsculas), «O Senhor da Segunda Vinda» e, como um jovem seguidor disse a um amigo meu, «O Filho de Deus».

Uma parte importante do programa do Sr. Moon é o casamento — indissolúvel, abençoado com filhos. Ensina que Jesus tencionava casar, fazendo da esposa a segunda Eva para anular a maldição trazida sobre a humanidade pela primeira e para criar uma família como modelo divino para todas as famílias da Terra. Contudo, «porque foi rejeitado e crucificado», Jesus foi impedido de o concretizar (o que parece ser a base da afirmação frequentemente citada pelos seguidores de Moon de que Jesus foi um fracasso).

O Sr. Moon afirma que ele e a sua segunda esposa (divorciou-se da primeira), uma mulher muito mais nova do que ele, que foi Miss Hak Ja Han, e os seus dois filhos, constituem «a Verdadeira Família» que serve de modelo para toda a humanidade. Ironicamente, tendo em conta o seu próprio divórcio, o Sr. Moon proíbe o divórcio aos seus seguidores.

O Sr. Moon acredita em espíritos e em médiuns, e o seu envolvimento com Arthur Ford surgiu quando procurou uma sessão com Ford, aparentemente para obter a aprovação mediúnica deste para as suas pretensões messiânicas. A sessão de Mr. Moon com Ford foi precedida por uma sessão a que assistiu um dos mais ardentes seguidores do salvador coreano, o tenente-coronel Bo Hi Pak, então assistente de adido militar da Embaixada da República da Coreia em Washington. Essa sessão inicial ocorreu a 13 de Maio de 1964, e citações das observações de Fletcher nessa ocasião foram amplamente distribuídas pelos seguidores de Moon.

«Esta pessoa vai ter uma grande influência não só na sua vida mas na vida de muitas pessoas», terá Fletcher dito ao coronel Pak. «Ele é uma criança da nova era — a Era de Aquário. Tem um enorme poder espiritual e também poder psíquico... É um profeta.»

Fletcher, porém, ficou aquém de proclamar o Sr. Moon o novo Cristo, o Salvador do Mundo, o Ungido.

À luz da segunda sessão — na qual os seguidores de Mr. Moon claramente tentaram levar Ford/Fletcher a acreditar a messianismo do seu líder — é provável que estas palavras de Fletcher tenham sido “feedback” da mente do próprio coronel Pak. (Muitos participantes, recorde-se, relataram que Ford, em transe, muitas vezes lhes repetia os próprios sentimentos que antes lhe tinham expressado ou sentido sem os expressar.)

A sessão com o Sr. Moon, à qual os seguidores do líder coreano viriam a dar tanta importância, ocorreu no apartamento de Arthur Ford, em Filadélfia, a 18 de Março de 1965. Estavam presentes, além do Sr. Moon, a sua intérprete Miss Kim, o coronel Pak e vários outros seguidores de Moon; estavam também o Rev. William V. Rauscher, o Rev. Robert Lewis e um amigo, Walter Voelker.

Ao longo da sessão, Miss Kim e o coronel Pak pressionaram Fletcher com o que só podia ser entendido como perguntas orientadoras sobre o Sr. Moon e a sua grande missão.

«Está a falar de nova revelação», interveio o coronel Pak a certa altura. «Isso significa que está a falar de — refere-se — aos *Divine Principles* de Sun Myung Moon.»

«Isso faz parte», respondeu Fletcher, de forma um pouco demasiado hesitante para agradar ao grupo do Sr. Moon.

«Sabe que deve haver um verdadeiro pai e uma verdadeira mãe — verdadeiros pais para a Nova Era», insistiu Miss Kim.

«Deus não é nem homem nem mulher», respondeu Fletcher.

E assim continuou. Embora as declarações de Fletcher sobre o Sr. Moon fossem positivas, até elogiosas, aparentemente não eram suficientemente fortes para satisfazer os seguidores do messias coreano. Ainda assim, tiraram grande partido dessa sessão com Ford. Citações dela apareceram em numerosas publicações do movimento, geralmente citadas de modo a fazer parecer que Fletcher conferira ao Sr. Moon um estatuto singular.

«Espiritualmente, pode criar a humildade que lhe permitirá saber que está na presença da Verdade Encarnada», cita um panfleto de Moon, atribuindo a frase a Fletcher. No contexto, porém, a observação ganha um matiz um pouco diferente: «... você está», disse Fletcher, «na presença da verdade — encarnada e desencarnada.»

Fletcher descreveu o Sr. Moon como «um numa longa linha de pessoas que têm sido usadas como reveladores... O Espírito da Verdade não começou com homem nenhum — não termina com homem nenhum — serve-se de homens. Neste momento está a servir-se, de uma forma muito notável, do homem que está na sua presença.»

Após a sessão, recorda o Rev. Robert Lewis, aconteceu algo estranho.

«O pessoal do Sr. Moon perguntou-nos se podiam ir para um local ao ar livre mais recatado, onde não fossem interrompidos», disse o cónego Lewis. «Sugeri o Fairmont Park e ofereci-me para ir à frente no meu carro. Eles seguiram no carro deles. Era meados de Março e ainda estava bastante frio em Filadélfia, mas o grupo do Moon não pareceu importar-se. Deixei-os no meio do parque, por volta das dez da noite, e vi-os a caminhar com as mãos estendidas. Tenho de dizer que me pareceu muitíssimo peculiar.»

O cónego Rauscher e o cónego Lewis encontraram-se com o Sr. Moon em duas ocasiões posteriores. Nenhum deles veio a considerá-lo um candidato plausível a messias.

«A minha primeira impressão do Sr. Moon foi que ele tinha uma certa força», reflete o cónego Rauscher. «Mas não me senti atraído por ele pelo tipo de carisma que se esperaria num guru espiritual ou numa personalidade messiânica.»

Observou o cônego Lewis: «Uma coisa que me chamou a atenção foi que os intérpretes do Sr. Moon obviamente diziam, em inglês, muito mais do que ele poderia ter dito em coreano. Ele falava alguns segundos em coreano e a “tradução” podia prolongar-se durante vários minutos. Se ele fosse o novo messias, certamente deveria ter, de alguma forma, o dom das línguas, tornando desnecessárias as traduções.»

A sessão de Arthur Ford com o Sr. Moon, reproduzida em parte em *Desconhecido Porém Familiar*, tornou-se uma arma poderosa na campanha de propaganda do líder religioso coreano. Continua a repercutir-se no mundo psíquico, provocando em numerosas pessoas que tinham fé na mediunidade de Ford a pergunta: «Será que Fletcher proclamou mesmo o Sr. Moon como messias?»

Alguns que conheciam Ford há anos não acharam que o material de Moon representasse a sua mediunidade no melhor nível. O Dr. Marcus Bach, antigo professor da State University of Iowa, reconhecida autoridade em religiões comparadas e seitas contemporâneas (que traçou um retrato pouco lisonjeiro do movimento Moon no seu livro *Strangers at the Door*), e veterano de inúmeras sessões com Ford, confessou a um grupo de *Spiritual Frontiers* em Chicago, em Maio de 1971, que punha em causa pelo menos algumas das declarações de Ford sobre o Sr. Moon:

«... quando [o Arthur] fala das sessões psíquicas com Sun Myung Moon, em que a Ruth Montgomery e eu estivemos presentes... vou ser franco convosco... não acho que o Arthur tenha tido tempo de entrar em transe. Não acho que o Arthur, nessa sessão, devesse alguma vez ter sido “noticiado” e escrito... Lembro-me de dar um passeio com o Arthur depois e ele disse: “Eh pá, não sei o que aconteceu — saiu tudo tão depressa...”»

Mais tarde, o próprio Arthur Ford procurou desfazer a ideia de que tivesse pretendido endeusar o Sr. Moon. Numa carta, escrita a 22 de Julho de 1965, em resposta a uma pergunta, esclareceu os seus sentimentos sobre o culto de Moon:

«As minhas reservas em relação ao movimento do Sr. Moon são simplesmente estas: os seus seguidores tentaram, e ainda tentam, divinizá-lo. Não creio que o Sr. Moon afirme ser o Cristo reencarnado, mas alguns dos que lhe são próximos estão a seguir o método antiquíssimo de o exaltar ao lugar de suprema liderança mundial em matéria espiritual.

Se ler com atenção tudo o que veio através de mim nas ocasiões em que permiti que me entrasse em transe e Fletcher falasse, verá que tudo o que veio foi no sentido de que o Sr. Moon está a ser usado pelo Espírito Santo, mas que não é o único, e que o Espírito da Verdade, que Jesus prometeu enviar, fala através de muitas pessoas, em muitas línguas e em todas as épocas.

Fletcher afirma sempre que está a falar por outros que dizem conhecer o Sr. Moon. Disseram-me que, em alguns círculos, as comunicações gravadas têm sido editadas e cortadas para fazer sobressair apenas aquilo que apoia as conclusões de alguns dos que parecem ser porta-vozes do movimento...

O Marcus Bach, que está habituado a escrever sobre movimentos religiosos invulgares, estava comigo quando fui a Arlington [para uma sessão com o Sr. Moon]. Ele diz que o Sr. Moon tem uma mensagem boa e necessária na Coreia, entre o seu próprio povo. Mas não há indicações de que Moon tenha algum do carisma de um Messias. O Bach não conseguia compreender porque é que estavam tão ansiosos por ver o Sr. Moon e a sua missão verificados por mim, se ele próprio tinha uma revelação autêntica diretamente de Deus. Isso também me intrigou...

Em suma: acredito firmemente que Moon é um homem muito espiritual. Acredito que tem notáveis poderes psíquicos. Todas as pessoas têm essas faculdades em algum grau. Que Moon seja o Cristo regressado, não acredito...»

Curiosamente, após a morte de Arthur Ford, o culto de Moon — presumivelmente ferido pela relutância de Ford em reconhecer as pretensões messiânicas do seu líder — divulgou supostas comunicações do mundo espiritual (através de uma certa Sra. Soon Duk Kim, uma médium coreana obscura) retratando Ford como «confinado a um lugar como uma prisão» do outro lado, por ter sido morno em relação ao Sr. Moon. A Sra. Kim disse que «se os amigos e associados de Arthur Ford... se aproximarem do Sr. Moon com humildade, será possível que Arthur Ford seja elevado».

No entanto, imediatamente após a primeira sessão com o Sr. Moon, o coronel Pak caracterizara Arthur Ford como «sem dúvida um dos maiores instrumentos de Deus no nosso tempo» que «fala cem por cento através de pura comunicação espiritual».

Com a renovada proeminência de Arthur Ford após a sessão com o bispo Pike, surgiram contactos de várias figuras notáveis. Um deles foi o capitão Edgar D. Mitchell, o astronauta da Apollo 14 destinado, em Janeiro de 1971, a caminhar na Lua. Mitchell teve a sua primeira sessão com Ford a 6 de Dezembro de 1969, e seguiram-se várias outras. Sobre essas ocasiões, o astronauta disse:

«As previsões clarividentes que Arthur fez, eu registei-as e guardei-as para as verificar mais tarde. Algumas previsões foram aparentemente muito boas, mas, no momento em que ele as fez, nem sempre era óbvio a que se referia. Ford disse bastantes coisas que eram probatórias. Mas eu não fui ao Ford para o testar como médium — eu estava bem ciente da sua reputação —, mas para o estudar como médium. O que ele me disse interessava-me apenas na medida em que esclarecia o mecanismo da mediunidade. Mas ele era verdadeiramente espantoso.»

Mitchell convidou Ford para ser seu convidado no lançamento da missão Apollo 14 a partir de Cape Kennedy, a 31 de Janeiro de 1971, mas o médium morreu pouco antes dessa data.

(O amigo de Ford, Clem Tamburrino, conta que, uma vez, quando corriam rumores de que Mitchell e outros astronautas tinham tido “experiências psíquicas” no espaço, ele, por curiosidade, perguntou a Fletcher se alguma coisa sobre tais experiências tinha surgido em sessões. «Isso», disse Fletcher friamente, «não é da sua conta.»)

Um homem pelo menos parcialmente responsável por Edgar Mitchell ter contactado Ford foi o Dr. Edwin Boyle, o cardiologista de Miami que durante algum tempo serviu de consultor da NASA em telemetria cardiológica. A história de Dr. Boyle sobre como ele próprio conheceu Arthur Ford, tal como ma contou, é notável.

Em Janeiro de 1968, Arthur Ford estava gravemente doente no seu apartamento no Westbury Hotel, em Filadélfia. Tinha sofrido uma crise cardíaca e estava em coma. Como vivia sozinho, ninguém se apercebeu da sua situação.

Ao mesmo tempo, Edwin Boyle estava a participar numa reunião médica em Nova Iorque.

O Dr. Boyle disse-me que sentiu, de súbito, um impulso para procurar Arthur Ford. Ao início, tentou afastar a sensação como um capricho estranho.

Afinal, nunca tinha conhecido o médium. O seu único contacto com ele tinha sido através da leitura da autobiografia de Ford, *Nada Tão Estranho*, que o impressionara muito.

«Eu nem sequer sabia onde o Ford morava», disse Boyle, «embora me parecesse recordar que um colega médico, uma vez, mencionara que era na Filadélfia.»

O cardiologista consultou a lista telefónica da Filadélfia e encontrou a morada de Arthur Ford. Tentou telefonar-lhe. Ninguém atendeu.

A essa altura, o capricho estranho estava a transformar-se em algo mais — uma compulsão inexplicável. Era como se uma voz interior o instasse: «Vai ter com Arthur Ford; ele precisa de ti.»

O Dr. Boyle telefonou à mulher e, sem mencionar o seu impulso estranho (contra o qual ainda lutava), disse-lhe que regressaria a Miami com uma breve escala em Filadélfia. Porquê? «Ah, para ver um amigo», disse ele, sem convicção.

Apanhando um comboio para Filadélfia, Edwin Boyle dirigiu-se ao Westbury Apartment Hotel e bateu com força à porta da suite de Ford. Sem resposta.

A essa altura, embora nunca tivesse vivido algo semelhante, Boyle teve a certeza de que algo estava seriamente errado. Correu até lá abaixo e voltou com o funcionário da receção e uma chave do apartamento de Ford.

Quando abriram a porta, os dois homens encontraram o médium idoso estendido no chão, inconsciente. Havia sangue no rosto. (Mais tarde verificou-se que era devido a uma recente extração dentária e não estava relacionado com o ataque cardíaco.) O Dr. Boyle prestou tratamento de emergência ali mesmo, e Arthur Ford recuperou os sentidos.

As primeiras palavras do médium ao seu salvador médico foram:

«Quem raio é você?»

O cardiologista assumiu o caso de Ford. E, quando o doente já podia viajar, levou-o para Miami e continuou a tratá-lo lá. Na verdade, Boyle foi o cardiologista de Ford até à morte do médium.

Perguntado como explicava o que acontecera — o impulso estranho que lhe permitira salvar a vida de Arthur Ford — Edwin Boyle concedeu:

«Não consigo explicar. Nunca me tinha acontecido nada assim.»

No entanto, experiências semelhantes tinham acontecido a Arthur Ford. Na verdade, este homem estranho tinha o hábito de lançar “chamadas” psíquicas de socorro quando estava perto da morte. Os seus amigos relatam muitas ocasiões desse tipo. Jerome Ellison descreve uma delas.

Uma vez, Bill Wilson, cofundador dos A.A., caminhava rua abaixo quando foi assaltado por uma sensação poderosa: «Devia passar por casa e ver o Art Ford.» Ford vivia então em Nova Iorque. Bill, que ia em missão importante, tentou afastar a sensação. Mas ela foi aumentando, até que, contou-me Bill, «fui praticamente obrigado a ir ao apartamento do Arthur». Encontrou a porta aberta, o telefone fora do gancho e Ford inconsciente no chão, ofegante com um ataque cardíaco. Bill, naturalmente, chamou assistência médica. ...

Noutra ocasião, em Chicago, a 10 de Maio de 1966, Ford conversava com um amigo, Arthur Shefte, na sua suite do Palmer House Hotel, quando, de súbito, se projetou para a frente e perdeu os sentidos. A quarenta milhas de distância, em sua casa em Park Forest, Illinois, Marguerite Harmon Bro acordou sobressaltada de uma sesta à tarde, ouvindo as palavras: «Entre rapidamente em contacto com Arthur Ford. Ele está em grande perigo.» A Sra. Bro telefonou para o quarto de Ford no hotel e Shefte disse-lhe que o médium tinha colapsado mesmo um momento antes — ainda nem houvera tempo para chamar um médico.

Houve dificuldades em conseguir um médico, mas, graças aos telefonemas frenéticos da Sra. Bro, Ford foi levado à pressa para o Wesley Memorial Hospital de Chicago, onde o seu amigo Kenath Hartman, administrador do hospital, mostrou preocupação pessoal. Verificou-se que Ford tinha a tensão arterial acima dos duzentos e tal e um êmbolo no pulmão. Segundo o relato da Sra. Bro, ele provavelmente teria morrido se tivesse ficado mais de vinte minutos sem uma tenda de oxigénio.

Noutro relato ainda, que me foi contado por Clem Tamburrino, Ford passou o fim-de-semana de 24 de Junho de 1966 — poucas semanas após o susto em Chicago — com a personalidade televisiva John Lawrence e a esposa, em casa deles em Chestnut Hill, perto de Filadélfia. Depois de todos se terem deitado, Lawrence ouviu o cão a ladrar, a ganir e a arranhar a porta do quarto de Ford. Ao investigar, encontrou Arthur Ford inconsciente no chão ao lado da cama. Ao início suspeitou-se de novo ataque cardíaco mas,

segundo Tamburrino, a verdade era que Ford, um diabético borderline, tinha comido dois quilos e meio de chocolates mais cedo nessa noite e entrara em coma. Em todo o caso, se o anfitrião não tivesse sido alertado pelo comportamento estranho do cão, o desfecho poderia ter sido grave para o médium.

Estas experiências, confirmadas por testemunhas reputadas, indicam certamente que Arthur Ford tinha uma capacidade extraordinária para ser resgatado de uma morte aparentemente iminente ou de danos sérios por — quê? Uma aptidão para emitir mensagens psíquicas de S.O.S.? Ou alguma “sincronicidade” invulgar pela qual as pessoas simplesmente apareciam quando ele mais precisava?

Manifestações espontâneas deste tipo sustentam com força a ideia de que Arthur Ford, apesar de alguns episódios duvidosos na sua mediunidade profissional, possuía de facto poderes genuinamente paranormais.

Fraude, nestes casos, parece fora de questão. E a mera coincidência, como teoria para os explicar, parece mais maravilhosa do que a ideia de que Ford pudesse emitir, inconscientemente, um sinal telepático. (A literatura da investigação psíquica contém inúmeros casos de tal “telepatia de crise”).

No outono de 1969, Arthur Ford voltou a surgir nas notícias ligado ao bispo Pike. A 1 de Setembro de 1969, o controverso líder religioso desapareceu no deserto da Judeia, a cerca de seis milhas a oeste do Mar Morto. O Ford Cortina branco alugado, conduzido por Pike e pela sua esposa de nove meses, Diane, ficou atolado numa vala de barro seco. Começaram a caminhar, mas, após duas horas, Pike, então com cinquenta e seis anos, teve câibras nas pernas. A esposa decidiu seguir sozinha para pedir ajuda. As últimas palavras de Pike para ela foram: «Se eu morrer aqui, estou feliz e em paz e não tenho arrependimentos.»

Após uma caminhada de dez horas, Diane Pike foi encontrada, com cortes e nódoas negras, por trabalhadores árabes da Faixa de Gaza, que a levaram a Jerusalém. As autoridades israelitas lançaram imediatamente uma operação de busca ao marido.

Dois dias depois do desaparecimento de Pike — na quarta-feira, 3 de Setembro de 1969, por volta das 14h30 — telefonei a Arthur Ford, que estava escondido da imprensa no apartamento de um amigo em Manhattan.

Perguntei-lhe se tinha alguma impressão psíquica sobre o paradeiro e o destino de Jim Pike.

«Tive o que acredito ter sido uma comunicação telepática do Jim Pike às duas da manhã», disse-me Ford. «Sinto que ele está doente mas ainda vivo, deitado numa gruta — não longe de onde a Diane o deixou — cuja entrada está quase coberta por arbustos.»

Em resposta a uma pergunta, Ford acrescentou: «Se ele não for encontrado até ao amanhecer de amanhã, hora de Nova Iorque, temo que seja tarde demais.»

Ford acrescentou que pedira a um amigo no departamento de notícias da American Broadcasting Corporation que fizesse chegar a informação a Diane Pike em Jerusalém, na esperança de que pudesse ser útil.

À luz dos acontecimentos posteriores, é difícil avaliar a “comunicação telepática” de Ford vinda de Jim Pike. Na manhã de domingo, 7 de Setembro, os socorristas encontraram o corpo do bispo perto do fundo de um desfiladeiro. Perto havia dois poços de água potável que o teriam mantido vivo até à chegada de resgate, mas ele parece ter tentado subir para sair do desfiladeiro e colapsou. Havia sinais de queda e a autópsia apontou como causas da morte lesões devido à queda, fome, exaustão e sede.

Um relato jornalístico citava autoridades israelitas dizendo que «o relatório do patologista indicava que o bispo Pike aparentemente morreu poucas horas depois de se separar da esposa», embora fosse possível, acrescentava a notícia, que tivesse morrido até setenta e duas horas antes de o corpo ser encontrado. Esta última estimativa de hora da morte coincidiria com a previsão de Ford. Se Pike, como Ford sugeriu, se tinha abrigado do sol numa gruta, era plausível, mas impossível de verificar.

Ford, e outros psíquicos que Pike consultara no passado, foram criticados por muitos por não terem conseguido localizar o bispo desaparecido. Porque, perguntavam alguns, não entrou Ford em transe e não deixou Fletcher tentar seguir o rasto de Pike?

«Eu não podia muito bem», disse-me Ford. «Não havia ninguém comigo para questionar o Fletcher e acompanhar as respostas. Sem outra pessoa presente, eu não podia saber quais eram as respostas do Fletcher. Além disso, naquela altura, eu tinha ordens médicas para não entrar em transe

porque as alterações fisiológicas envolvidas eram perigosas para a minha condição cardíaca.»

Uma história reveladora que Ford me contou sobre o desaparecimento de James Pike, e para a qual não vejo motivo de dúvida, foi que um assessor de um certo bispo episcopal disse ao telefone que «o Pike vai aparecer — é só uma manobra de publicidade». Ao que Ford rosnou: «Vá para o inferno!» e desligou com estrondo.

Em Miami, onde Arthur Ford — salvo breves períodos — passou os últimos três anos de vida, começou por ter um apartamento próprio e depois ficou em casa de uma amiga, a Sra. Susan Graham. Nesta última fase, a Sra. Graham, e a filha e o genro, Pat e Harry (Bud) Hayes, foram as pessoas mais próximas de Ford. Talvez ainda mais próximo dele estivesse um cão, meio caniche, meio dachshund, chamado «Zero» por Ford «porque é um pequeno nada». Pat Hayes recorda que Ford era escandalosamente dedicado a esse cão sem grande distinção.

Para Arthur Ford, o crepúsculo antes de chegar o escuro começou às nove horas da manhã de sábado, 2 de Janeiro de 1971. Foi internado no Baptist Hospital, em Miami, a sofrer dores agudas no peito. A sua condição melhorou por um breve período e, depois, por volta das 4 da manhã de domingo, piorou, sendo colocado na unidade de cuidados intensivos coronários do hospital.

Quando os Hayes e Susan Graham o visitaram no domingo, encontraram-no deitado na cama, ligado a um osciloscópio — um dispositivo que projeta o eletrocardiograma do doente num ecrã — e com uma agulha enorme no braço esquerdo. (Ligados à agulha havia cinco “alimentadores” para que vários medicamentos pudessem ser introduzidos simultaneamente na corrente sanguínea do doente sem ser necessário procurar, de cada vez, uma nova veia.)

Enquanto os Hayes estavam com ele, o ECG de Ford enlouqueceu subitamente. Um médico e várias enfermeiras correram para dentro e colocaram no peito dele o que os Hayes descreveram como «dois instrumentos pretos»; depois houve um estalido surdo e o corpo de Ford ergueu-se vários centímetros da cama numa espécie de espasmo. O médico estava a administrar choques elétricos para tentar normalizar o ritmo cardíaco errático de Ford.

Entre as 4 da manhã e o meio-dia de domingo, Arthur Ford recebeu 52 desses choques elétricos; do meio-dia até às 15h30 recebeu mais 128. Os choques foram administrados, num crescendo de frequência, sempre que o coração de Ford entrava em «fibrilação» — batimento descontrolado e selvagem que, se não for corrigido, significa morte. Nessas alturas, o pulso disparava de uma lentidão anormal de quarenta para mais de duzentos; os olhos viravam-se para trás, de modo que só se viam os brancos. Depois, o choque — 250 volts de eletricidade — atravessava-lhe o coração, desencadeando uma convulsão em que todo o corpo arqueava e se erguia cerca de quinze centímetros da cama. O rosto de Ford ficava arroxeadado e um grito de dor escapava-lhe dos lábios. Depois, ele caía numa letargia atordoada.

Depois de cada uma dessas terríveis crises induzidas eletricamente, Pat ou Bud Hayes chamavam pelo nome de Arthur até ele responder, abrindo os olhos e indicando que os reconhecia. Várias vezes disse, em voz fraca: «Caí da cama?» E, em tom suplicante: «Não me disparem, não deixem que me disparem.»

À medida que o estado de Ford se deteriorava inexoravelmente, a frequência dos choques aumentou — de um de cada vez, para dois, depois três e, por vezes, foram precisos até cinco para restaurar uma aparência de normalidade ao batimento frenético do seu coração. Por fim, havia uma queimadura feia, com cerca de vinte e cinco centímetros quadrados, no peito de Ford, onde os elétrodos tinham sido aplicados.

As fantasias de Ford de estar a ser baleado, de estar a ser atacado cruelmente por razões que não conseguia compreender, chegaram a um ponto em que ele deu um pontapé com o pé e atingiu uma enfermeira no estômago. Gritou: «Eles estão a tentar matar-me!»

Nesse momento, o médico deu-lhe uma injeção e Ford caiu num sono provocado por sedativos.

Quando acordou, por volta das 20h30, o seu estado de espírito tinha mudado por completo. Estava calmo, atento, lúcido. Pediu desculpa às enfermeiras por ter dado tanto trabalho. Falou baixinho, com profunda emoção, a Bud Hayes, que passara a maior parte do domingo ao seu lado.

«Tenho sido muito egoísta», murmurou Arthur. «Perdoa-me, Bud. Amote a ti e à Pat.»

«O que há para perdoar?», respondeu Bud, baixinho. «Nós também te amamos, Art.»

Quando Bud Hayes, exausto da sua vigília de dez horas, saiu do hospital na noite de domingo, a esposa, Pat, e a mãe dela, Susan Graham, substituíram-no junto à cama de Arthur Ford.

«O Arthur esteve racional e lúcido até ao fim», disse Pat Hayes. «Falava do futuro, não do passado. Disse-me para eu tratar do correio dele, para garantir que respondia primeiro às cartas das universidades. Isso era tão característico dele.»

Após outra crise de fibrilação e uma série de choques elétricos, Ford arquejou: «Ó Deus, não aguento mais.»

Às 00h45 de domingo, 4 de Janeiro, acendeu-se a luz vermelha no osciloscópio de Arthur Ford, indicando paragem cardíaca. Desta vez, não respondeu aos choques elétricos.

As suas últimas palavras, perfeitamente articuladas, ditas em voz baixa, foram: «Deus ajude-me.»

Arthur Ford deixou instruções para que o funeral fosse simples, sem flores e sem velório do corpo. Insistiu também em ser cremado porque, como disse o seu amigo Clem Tamburrino, «tinha esse horror de ser metido numa caixa; dizia que não queria que os vermes o comessem nem mesmo depois de morto».

Houve, no entanto, velório, e os amigos de Ford enviaram doze arranjos florais que emolduraram o caixão barato onde ele jazia antes de ser cremado. («O caixão barato que ele teria querido», observou Tamburrino. «O Arthur dizia que funerais caros e caixões elaborados eram um esquema.») Antes da cremação, os olhos de Ford foram doados à ciência médica.

Na noite anterior ao funeral de Arthur Ford, realizou-se uma vigília na casa funerária de Miami onde os seus restos mortais estavam depositados. Juntou-se um bom número de pessoas, algumas delas bastante estranhas. «Havia uma senhora idosa que estava apaixonada pelo Arthur», disse uma fonte, «e, no dia anterior à vigília, sentou-se ao piano e tocou a “Marcha Nupcial”. Acredita?»

A certa altura, durante a vigília, realizou-se uma sessão à volta do caixão de Arthur Ford. As luzes foram baixadas e acendeu-se uma vela. Uma pessoa

presente recorda que se ouviu um som breve — «um som estranho, perfeitamente audível, como a batida abafada de um coração gigante, a pulsar suavemente na escuridão. Era assustador, sim, mesmo assustador».

O serviço fúnebre de Arthur Ford realizou-se na quinta-feira, 7 de Janeiro, na Christ Congregational Church de Miami, conduzido por dois amigos próximos do médium, o Rev. Theodore Tiemeyer e o Rev. William Rauscher.

O *Miami Herald* noticiou que, no elogio fúnebre, William Rauscher disse: «Arthur Ford nunca pregou as formas menores do psíquico, como o oculto. Deu um contributo valioso para a Igreja em geral, para o panorama religioso.»

Annie Vanderbilt, membro do capítulo de Miami da *Spiritual Frontiers Fellowship*, comentou após o serviço: «Arthur Ford era um homem simples e bom — devo dizer: ele é um homem simples e bom.»

E Pat Hayes disse do Arthur Ford que conhecera tão bem: «Ele era um homem invulgar.»

Na manhã de sábado, Clem Tamburrino alugou um barco e saiu para o Oceano Atlântico levando uma pequena urna com as cinzas de Arthur Ford.

«Ele disse que queria ser espalhado no oceano», comentou Clem, «não na Baía de Biscayne porque já estava poluída que chegasse.

«E assim, com um nó na garganta, confesso, espalhei as cinzas sobre o oceano. O que se diz numa altura dessas? Eu disse: “Arthur, salve e adeus.”»

Na morte, como na vida, Arthur Ford foi notícia. O *New York Times*, assinalando a sua passagem, descreveu-o como «um clérigo dos *Disciples of Christ* e médium psíquico que deu palestras amplamente sobre percepção extrassensorial». O obituário resumiu a sua carreira, notando as primeiras experiências psíquicas no exército, a controvérsia com os mágicos nos anos 20, o seu papel na controvérsia do código Houdini e o período de pregação na Church of the Divine Paternity, bem como a célebre associação com o bispo Pike.

O *Philadelphia Evening Bulletin* intitulou: **REV. ARTHUR A. FORD MORRE, ALEGAVA CONTACTO COM OS MORTOS**. E o *Philadelphia Inquirer*, no seu longo obituário, destacou o papel de Ford em trazer os fenómenos psíquicos de volta às igrejas principais.

A *Spiritual Frontiers Fellowship* publicou uma edição memorial especial de Arthur Ford do seu jornal, *Spiritual Frontiers*, que continha tributos de muitos que tinham conhecido, admirado e amado o homem que acreditavam realmente falar com os mortos.

Marcus Bach, numa «Carta a um Velho Amigo», escreveu:

Querido Arthur:

Agora que estás aí, o que tens para nos dizer que não podias dizer enquanto estavas aqui?

Enquanto estavas aqui, preso à fisicalidade, limitado pela autoconsciência, atormentado como tantas vezes estavas pelo vaivém do poder psíquico, disseste uma vez: «Nunca sabemos tudo sobre estas coisas até chegarmos lá [à vida depois da morte] e talvez nem então saibamos tudo.»

Então o que tens para nos dizer?

Como é realmente o Fletcher? Quais foram as primeiras palavras dele para ti e as tuas para ele? Em que sombra etérea ou clarão de aurora se deram a conhecer e, nessa hora sem tempo, qual foi o laço mais forte que sentiste com ele: amor, realização, uma unidade de espírito, ou simplesmente o arrepio de uma aventura em que ele se juntou a ti durante tantos anos, procurando provar o fascínio interligado da vida?

Pergunto-me se lhe disseste: «Gostava de viver isto tudo outra vez, sabendo o que sei agora»? Ou se disseste: «Raios, Fletcher, ainda bem que acabou. Terminado. Arranja-me um canto sossegado. Preciso de descansar.»

Em palavras sem dúvida proféticas, Marcus Bach concluiu:

Haverá conversa sobre ti durante muito tempo, a favor e contra. A favor e contra sobre quem e o que foste realmente e qual será o teu lugar na história em desenvolvimento, sempre em frente, da investigação psíquica. Escrever-se-ão livros e artigos sobre ti, a favor e contra. Ninguém melhor do que tu percebeu o quão controverso eras — o que acontece quando se é celebridade em qualquer área e quando se relata honestamente, como tu tantas vezes fizeste, tanto a fraqueza como a força. Quem entre nós tem a coragem de viver atrás de janelas abertas, em vez de se esconder atrás de portas bem fechadas?

Arthur Ford costumava dizer: «Depois de eu morrer, vou voltar como um poltergeist e assustar à brava todos aqueles que não acreditavam em mim.»

Era previsível que, após a morte de Ford — como após a morte de qualquer figura notável — a sua presença astral fosse relatada em sessões do Maine ao Alasca. Em poucos dias — horas até — houve alegações de que Ford comunicava para lá do túmulo.

Um casal na Florida disse que estava a ouvir dele por escrita automática. Várias solteironas disseram ter recebido mensagens dele no tabuleiro ouija. Mais do que um médium deu a entender que Arthur, e por vezes também Fletcher, tinha passado para dizer olá. Estas supostas comunicações eram uniformemente inócuas — coisa que Arthur Ford nunca tinha sido enquanto esteve na Terra.

Houve um episódio curioso que Clem Tamburrino considerou convincente e que me contou.

«No dia seguinte a eu espalhar as cinzas do Arthur no oceano, fui à igreja com a Pat e o Bud Hayes. Durante o serviço, senti de repente uma sensação avassaladora de que a Susan Graham estava em perigo de alguma forma, que eu devia sair imediatamente e ir a casa dela. Lutei contra isso, mas assim que o serviço acabou, disse à Pat Hayes: “Vamos a casa da tua mãe.”

Quando chegámos a casa da Susan Graham, encontrámo-la no meio de um ataque cardíaco e ela não conseguira chamar ajuda. Chamámos uma ambulância e ela foi levada para o hospital e recuperou.

Ora, mais tarde nessa tarde, recebi um telefonema, em casa da Pat e do Bud Hayes em Miami, vindo de Chicago. Era Dorothy Moore, uma médium a quem o Arthur me tinha apresentado um ano antes, mais ou menos. Ela disse: “Clem, a Susan Graham teve um ataque cardíaco?”

Eu disse: “Meu Deus, Dorothy, quem te disse?”

Ela disse: “O Arthur Ford.”

Depois explicou. “Clem, o Arthur tem-me estado a ‘chatear’ desde as dez da manhã. Veio durante o meu período de meditação e disse que tentou chegar até ti, mas tu estavas demasiado perturbado e ele não conseguiu. Por isso veio até mim para te telefonar e avisar sobre a Susan.”»

«E isso», declarou Clem Tamburrino, «era mesmo o Arthur, o verdadeiro Arthur — preocupar-se com outras pessoas.»

EPÍLOGO

Arthur Ford foi muitas pessoas, como todos nós. Só que mais intensamente.

Tudo nele era mais intenso.

Era um feiticeiro, um Merlin moderno. Só que mais ainda. Porque os seus truques não eram truques (nem de perto nem de longe todos eles).

Era um pregador. Só que mais ainda. Porque afirmava ter experimentado pessoalmente tudo o que pregava — como morrer de cada vez que entrava em transe e regressar para falar disso.

Era outras coisas também. Um homem culto. Um contador de histórias maravilhoso. Um companheiro de uma simpatia essencial, sempre que queria.

E também, quando queria — ou talvez quando não queria —, era outras coisas. Um alcoólico, por vezes. Um maníaco-depressivo. Um homem impelido, habitante do seu próprio coração de trevas.

E era também um pouco santo. Caloroso. Bondoso. Generoso até ao excesso. Ainda perplexo, e um pouco maravilhado, com os seus próprios poderes genuinamente inescrutáveis.

Com todas as suas virtudes e vícios, dedicação e trapaça, momentos humorísticos e momentos de assombro, santidade e pecaminosidade e, acima de tudo, os seus poderes misteriosos, em última análise indefiníveis, Arthur Ford foi único — um grande original.

Não voltaremos a ver alguém como ele.